

Mais um clichê de Omegaverse

SÓ QUE NÃO!



Nick Blezeira

Mais um Clichê de Omegaverse

Só que Não!

Livro 1
Primeira Temporada

Nick Blezeira

Mais um Clichê De Omegaverse

Só que Não!

Livro 1
Primeira Temporada

Edição
Nick Blezeira

Revisão
Nick Blezeira

Capa
Nick Blezeira

Publicação
2023

Copyright © 2023 Nick Blezeira
Todos os direitos reservados.

Sobre a Autora e a Novel

Olá!



Sou uma ávida leitora de Novels Coreanas, Chinesas e Tailandesas, além de viciada em Manhwas e Séries BL (Boys Love, vulgo amor e sexo entre Homens, mas nem sempre nessa ordem, rs).

Nesse meu caminho de Blezeira, descobri essa vertente apaixonante chamada Omegaverse! Um Universo fictício onde homens podem engravidar e tals.

Simplesmente me apaixonei pela ideia e devorei uma enormidade de obras que encontrei pelo caminho.

Masssss, e sempre tem um mas, rs. As obras ABO, na maioria das vezes, trazem um aspecto meio tóxico e abusivo por parte dos personagens.

Sendo eu, uma pessoa questionadora e fã de um empoderamento despudorado, resolvi me meter a exercitar minha escrita numa novel com foco em Romance, temperada no empoderamento de personagens, na diversidade e em boas ideias sobre o caminho de uma relação saudável e amorosa nos pequenos detalhes.

Mais um Clichê de Omegaverse... Só que Não! É uma novel leve, divertida e relativamente fofa. Ela parece ter o roteiro de outras obras, mas não tem, tal como também aparenta trazer plot twist's já conhecidos, mas daí, rola um salto invertido e tudo muda de rumo.

Sempre trazendo boas reflexões e ótimos questionamentos, além de teorias mirabolantes e, claro, elas não poderiam faltar: as tretas!

Espero do fundo do meu Coração que você se divirta e passe bons momentos acompanhando a estória de Solie e Ricardo e toda gangue que os acompanha.

Fique à vontade para me seguir nas Redes, meu nome é nickblezeira em todas.

Caso sinta vontade de compartilhar suas ideias sobre os capítulos, abri um grupo no Telegram onde converso com os leitores.

Essa é a **Primeira Temporada**!

Nick Blezeira

ATENÇÃO

Essa é uma obra com
Conteúdo Homoafetivo + 18.

Caso não seja do
seu agrado por gentileza,
descontinue a leitura.

Índice

Introdução: O que é Universo ABO ou Omegaverse?

- Alphas
- Ômegas
- Betas
- Feromônios
- Rut
- Cio
- Dar Nó ou Atar
- Marca
- Inibidor
- Neutralizador de Odores

Capítulos:

1. Solie
2. O Bate Papo
3. O Encontro
4. Ricardo
5. Caindo na Real
6. O Contrato
7. Informando os Amigos
8. 60% de Verdade
9. Intervenção
10. Onde está Solie?
11. Virando a Chave
12. Prazer, Solie!
13. Nossas 7 Regras
14. Primeiro-Pequeno-Grande-Problema
15. Como Lidar com esse Ômega?
16. Como Lidar com esse Alpha?
17. Desistir ou Não?
18. Então Vamos?
19. O Jantar
20. Quase Irmãos
21. Uma Proposta Inusitada
22. Fazeções
23. Perguntas ainda Sem Respostas
24. Um Dia que Não Acaba
25. Complexidades
26. Uma Forma de Relaxar...
27. Entre Amigos
28. Uma Noite Quase Tranquila...
29. Contenção...
30. Inacreditável, Absurdo e Odiável

31. O Jantar 2
32. Tudo Muito Estranho
33. Aliviando a Pressão
34. Frenesi
35. Situações Inusitadas
36. Missão Cumprida
37. Descontrole
38. Borrão
39. E Foi Assim...
40. No Final das Contas...
41. Seguindo em Frente
42. Enfim, Casados!!!

EXTRAS

Extra 1 – Roteiro Original do Capítulo 36 – Missão cumprida
Extra 2 - Ricardo e suas Comprinhas
Extra 3 - Um dia antes do Casamento…

Introdução:
O que é Universo ABO ou Omegaverse?

Nessa Sociedade fictícia há duas camadas de Gênero:

1º Gênero: Homem ou Mulher.
2º Gênero: Alpha, Ômega ou Beta.

O Universo ABO fala de uma sociedade fictícia de híbridos humanos, advinda dos lobos.

Muitos dizem que a origem desse universo é uma ideia pós apocalíptica, onde os sobreviventes das duas espécies, a fim de preservarem ambas, acasalaram e deram início aos Alphas, Betas e Ômegas.

Uma outra teoria é de que, por volta dos anos 3000, com os humanos ameaçados de extinção, alguns cientistas criaram em laboratório híbridos de humanos e lobos, formando, a partir daí, os Alphas, Betas e Ômegas.

Cada classe de híbridos possui suas particularidades.

É importante esclarecer que, de obra para obra, algumas especificidades podem mudar ou novas podem ser implementadas.

Mas, há um padrão geral.

ALPHAS
Como em uma matilha, os alphas são os líderes, os mestres da sociedade.

Geralmente são agressivos, impiedosos e mais másculos, mesmo quando é uma alpha mulher. Seu comportamento é quase sempre selvagem e seus feromônios são mais densos.

Alphas Comuns, Dominantes ou Recessivos
Existem subcategorias dentro da classe Alpha.

Os Alphas Comuns, correspondem ao padrão acima. Mais altos, mais fortes e mais agressivos do que os Ômegas ou Betas.

Já os Alphas Dominantes, estão um nível acima dos Alphas Comuns, pois possuem um tipo de "encantamento" na voz, um timbre acionado que pode afetar as demais pessoas, deixando-as com medo ou persuadindo-as a fazerem o que os eles desejam, independente do que for.

Normalmente, também possuem feromônios mais letais do que os Alphas Comuns e os Recessivos.

Outra característica importante dos Alphas Dominantes, é que eles têm total controle sobre a própria fertilidade em seus espermatozoides.

O Alphas Recessivos, são aqueles que receberam a identificação de Alphas, porém, ou não se manifestaram, por meio de um ciclo de Rut (período fértil de um Alpha), ou tem algum tipo de atrasado ou deficiência na sua formação.

Em algumas obras ABO, alphas não se relacionam com alphas, somente com Betas ou Ômegas. Aqui na nessa novel, não há tal tipo de limitação.

Observação Importante:
Aqui na minha novel, as mulheres alphas são hermafroditas.

ÔMEGAS
Ômegas são, geralmente os submissos, ou aqueles mais susceptíveis ao poder dos Alphas.

São retratados na maioria das obras como mais frágeis, acanhados e pequenos.

Existem ômegas masculinos e femininos, e mesmo num homem, o Ômega possui feições mais delicadas e um aroma (feromônio) mais leve, frutado ou floral, sendo esse último muito importante na descrição dessa classe.

Ômegas tem seu ciclo de Cio (período fértil), onde se tornam susceptíveis aos feromônios Alphas com o objetivo de engravidar, seja ele homem ou mulher.

Alphas e Ômegas são basicamente o par perfeito nesse universo.

Obs.: Dentro desta novel não abordo outras categorias de Ômegas, tais como Dominantes ou Recessivos, porém, é comum em outras obras.

BETAS
Os Betas são considerados os "normais" no Universo ABO.

Ao contrário das outras duas classes, Betas não tem Cios, nem feromônios.

Podem se relacionar tanto com alphas quanto com Ômegas, mas não conseguem satisfazer por completo nenhuma das outras duas classes, por causa da ausência de feromônios.

Geralmente, Betas casam-se com outro Beta e vivem uma vida normal, sem estresse.

FEROMÔNIOS
Outra peculiaridade do Universo ABO, é que Alphas e Ômegas possuem uma glândula, localizada na nuca, por onde expelem seus Feromônios.

Os Feromônios de Alphas e Ômegas, são como um tipo de característica pessoal, já que eles possuem seu próprio aroma, o que lhes dá uma identidade.

Geralmente, Ômegas possuem aromas mais leves e Alphas, os mais densos.

É como um perfume pessoal, que se pode sentir quando se está próximo, porém, eles tornam extremamente fortes nos períodos de Rut/Cio, para que exerçam a função de atrair um parceiro para o ato sexual, com fins de procriação. É puro instinto.

RUT
É o período fértil dos Alphas, que acontece de seis em seis meses.

Nesse período, é liberado um hormônio denominado feromônio em seu sangue, e eles

basicamente ficam cheios de tesão e loucos por sexo.

Nessa fase, Alphas ficam constantemente excitados, mesmo que se masturbem o tempo todo (a masturbação não sacia praticamente nada). Obviamente, eles só conseguem se saciar de verdade quando conseguem o que querem, ou seja, quando transam.

Na maioria das vezes, desejam passar seu rut principalmente com um Ômega, pois estes têm uma resistência natural para aguentar longos períodos transando, além da troca e do estímulo causado pelo feromônios de ambos, mas com Betas também funciona. Não tão bem, mas funciona.

Mesmo depois de gozar várias vezes, a vontade do ato sexual volta com toda a sua força, e os períodos de rut em alphas tendem a durar de dois dias à uma semana.

Importante dizer, que normalmente o excesso de hormônios e a excitação nos Alphas, geralmente os leva a perder a racionalidade.

CIO
É o período onde o ômega está mais fértil.

Seus feromônios se tornam mais fortes, basicamente para atrair Alphas - não que isso seja algo que eles queiram -, mas faz parte do seu metabolismo, por conta dos hormônios liberados no sangue.

O Cio provavelmente é o período mais difícil para um Ômega.

Geralmente é acompanhado de um sentimento de dor, pois é realmente angustiante o desejo de ter um parceiro para transar.

Todo seu organismo se prepara em ansiedade para o ato sexual, logo, todo seu corpo se torna sensível, o interior se contraí como um reflexo da falta em ser preenchido, além de uma intensa lubrificação.

Se forem ômegas femininas, a lubrificação é vaginal, se masculinos, lubrificação anal. E ambos podem engravidar durante o Cio.

Esse período costuma durar uma semana e acontece de três em três meses nos Ômegas.

DAR NÓ ou ATAR
Esse procedimento só pode acontecer numa relação Alpha-Ômega.

Na hora da ejaculação a cabeça do pênis do alpha incha e ele se prende/ata (faz um nó) no útero do ômega, ficando ali um tempinho, expelindo esperma.

É um ato extremamente doloroso para o ômega. Isso acontece para aumentar as chances de uma gravidez.

MARCA
É a união mais forte entre um alpha e um Ômega.

Quando um Ômega é marcado por seu alpha com uma mordida em sua Glândula de Feromônios localizada na nuca, durante seu Cio/Rut, suas almas se interligam, formando uma espécie de laço inquebrável invisível.

É uma conexão para vida toda e significa que um pertence ao outro para toda a eternidade.

Quando essa conexão acontece, o casal em questão passa para um nível absurdo de ligação, onde, entre outras coisas, um pode saber o que o outro está pensando sem perguntar, saber onde o outro está, se está passando mal ou em perigo e, até se está em período de cio.

INIBIDOR
São remédios que Alphas e ômegas tomam para inocular a ação dos feromônios.

NEUTRALIZADOR DE ODORES
São sprays utilizados por Alphas e Ômegas para mascarar e/ou neutralizar o próprio aroma ou diminuir ação de seu feromônio.

Características da Sociedade dessa Novel

Houve um período sombrio de caos e horror, onde o comportamento violento e destrutivo de Alphas em relação aos Ômegas, reforçado pela não ação do Governo, levou a Sociedade à calamidade.

Famílias inteiras tinham que se refugiar, para proteger seus filhos ômegas de serem levados como se fossem objetos.

Vivendo num mundo praticamente sem lei, os betas que sempre foram o campo neutro nessa guerra do segundo gênero, se reuniram, tomaram as ruas e exigiram atitudes adequadas para a boa convivência de todos.

Foi uma guerra civil, mas necessária.

Alphas que se mantinham no poder há anos, que se protegiam e isentavam seus comparsas das leis, foram depostos e presos.

Essa loucura caótica de limpeza e deposição do sistema vigente, durou uns alguns anos.

Na sequência, betas assumiram cargos importantes. Novas leis foram criadas, para além delas, foi instaurado um novo sistema de educação que conscientizava os alphas desde pequenos, para que o respeito mútuo fosse garantido.

Pais de Alphas, dos mais velhos aos mais jovens, eram obrigados a se reeducar e fazer um curso sobre como educar seus filhos, afim de construir um senso de auto responsabilidade e conscientização da importância de cada segundo gênero na sociedade.

Uma grande reforma foi feita na polícia, que foi revista e reeducada, novas drogas foram desenvolvidas para além dos inibidores, entre outras tantas mudanças.

E nisso, foram gastos muitos anos, para que se chegasse num estado de equilíbrio mínimo.

1. Solie

Há um vazio.

Solie rola seu feed... Vê fotos dos amigos, de ex colegas e da vida em geral. Tudo parece bonito e brilhante. Parece...

Ele sabe que quase tudo é falso em praticamente 90% daqueles momentos. Sabe que a maioria daquelas fotos são fabricadas e que muitas daquelas pessoas estavam imersas no mesmo vazio e solidão que ele.

Mesmo sabendo disso, e por causa disso, se sente deprimido, desanimado e desmotivado. Ultimamente acordar para um novo dia tem sido desanimador, ele tem a certeza que seu dia terminará tão medíocre quanto começou.

Depois de terminar a faculdade de Moda, ao contrário dos colegas que almejavam fazer parte de renomadas empresas do setor, Solie tinha o sonho de viver seu estilo de vida único e livre, fazendo dele seu ganha pão.

Há algum tempo, naturalmente começou a viver como um "influenciador", dando dicas de cuidados, looks, compras boas e baratas, skin care e todo tipo de coisas de consumo e estilo que tanto adorava. Mas, as coisas não estavam caminhando como tinha sonhado. Aos 24 anos, devido a depressão, estava um pouco acima do peso.

Antes desse período nebuloso, desfrutava do sexo livre, ficando com um aqui e outro ali, intercalando passeios com os amigos e auto cuidados eternizados em forma de feed nas suas redes.

Uma de suas formas para se sentir bem, era pintar os cabelos de castanho claro a fim de realçar o tom de sua pele branca. Seus 1,68 eram bem distribuídos para um ômega comum sem muitas curvas. De forma geral, adorava seu próprio corpo, suas pernas esguias e macias, seus pés e mãos.

Uma vida leve, fugindo dos paradigmas e auto obrigações que cercam os ômegas, era isso que queria passar em suas redes.

No começo foi natural, postava seus gostos e como vivia, exceto claro, seus relacionamentos e vida privada. Se sentia leve, dono da própria vida, de sua sexualidade livre e independente.

Aos poucos, foi ficando dependente da atenção e interagindo com as críticas e julgamentos externos, o que o fez se perguntar se era ok um ômega ser como ele era. Essa dinâmica foi minando sua autoestima, o deixando cada vez mais desanimado em interagir e se expor.

Depender da admiração e dos likes alheios se tornou sufocante, além de desgastante e caro. Não tinha alcançado ainda um status real de "influenciador", para que as oportunidades fluíssem como retorno do seu empenho. Então, ele mesmo tinha que bancar a maioria das coisas exibidas em seu perfil.

Agora, tudo tinha que ser planejado e o pior, havia perdido a naturalidade. Suas escolhas eram pautadas em não ser rejeitado ou cancelado por qualquer deslize que pudesse cometer. Não se

sentia mais tão "livre".

Nesse momento, não tinha o suficiente para se bancar e estava postergando para procurar um extra, a fim de fechar a conta no final do mês.

"Porque preciso dessas pessoas olhando para mim dessa forma?", "Como saio disso?", "O que fazer?", "Como, e do quê vou viver?"...

Ele estava em crise, depressivo e sem dinheiro. Se sentia num abismo.

Nunca foi um modelo de pessoa, mas sempre gostou de si mesmo. Mas agora, se via como uma pessoa feia e sem vida.

Sua família sempre o apoiou, seus amigos eram entusiastas de suas escolhas e estavam sempre presentes a cada fase que ultrapassava. Com tanta coisa a seu favor, não conseguia entender como pôde se deixar oprimir por comentários de pessoas que nem o conheciam.

Por que sua alegria e liberdade incomodavam tanto as pessoas? Por que como ômega ele tinha que ser recatado ou dedicado a achar um parceiro, casar e ter filhos? Esse pensamento era tão, tão opressor!

Não que ele não quisesse casar ou ter filhos. Na verdade, nem tinha refletido sobre isso, logo, não era nem contra ou a favor. Nos últimos anos, estava muito focado em viver e curtir sua juventude da forma mais plena e livre possível, e tinha a ilusão de que, da mesma forma que enxergava essas infinitas possibilidades, os outros também comprariam a ideia.

Foi uma doce, doce ilusão. Se sentia tão perdido! Perdido de si mesmo.

Não queria compartilhar essa angústia com seus amigos, sabia que ia escutar que era tudo besteira, que as pessoas são isso e aquilo e que nada importa. Ele já sabia disso, mas, se nada importa, porque ele se importava ao ponto de se sentir inadequado?

Se isolou de seus contatos há algum tempo, ao ponto de preocupá-los. Sentia vergonha.

Mas, mais do que isso, se achava sem saída. Sem saber o que fazer para mudar as coisas e a si mesmo.

"Quero voltar, quero me sentir bem de novo. Eu era livre, tinha tesão na vida, em mim e nas coisas... Como faço? Como volto? Como mudo isso? Não tenho dinheiro para nada, nada, nem para terapia"- esse pensamento repetitivo o consumiu ao ponto de cair no sono pelo cansaço de tanto pensar.

2. O Bate Papo

Depois de dormir uma tarde inteira para fugir do tédio e cansado de dialogar com pensamentos sem fim e sem nenhuma solução aparente, Solie queria se distrair daquela realidade.

Um dos meios que gostava de se comunicar com pessoas aleatórias, eram pelos chats públicos. Devido ao anonimato, ficava mais à vontade online. As redes sociais tinham um peso, pois sendo ele mesmo, se sentia avaliado e julgado o tempo todo. Já no chat, seu único compromisso era achar alguém disposto a um bom papo sem precisar corresponder a nada, aliviando a tensão constante que o oprimia ultimamente, ao esquecer os boletos vencidos e o saldo negativo.

Escolheu o nick de sempre "sol_24" e entrou.

A dinâmica inicial era sempre um saco, tirando isso, já tinha feito bons amigos em salas de bate papo, fora os peguetes para as noites de solidão.

homem_objetivo: Boa noite, procuro um ômega masculino...

sol_24: Me chamou? ;-)

homem_objetivo: Olá, tudo bem?

sol_24: Qual é a desse "objetivo"? Do tipo que vai direto ao ponto? Propostas indecentes? Rssss

homem_objetivo: Exatamente isso! Proposta indecente, mas não é do tipo que vc está pensando.

sol_24: Não? De qual tipo então?

homem_objetivo: Ok. Tenho um objetivo prático e pessoal que preciso implementar na minha vida e entrei aki buscando uma solução para isso.

sol_24: Buscando solução numa sala chat? Tipo, conselhos????

homem_objetivo: Não, um pouquinho mais complexo. Entrei com o objetivo de encontrar um ômega masculino para me casar.

sol_24: Ah! Esse é o objetivo de muitos por aki! Mas no final, é só enganação para levar para cama.

homem_objetivo: Não, não me faltam pessoas pra ir para cama, não preciso desse tipo de artifício. O que procuro não é um casamento convencional, nada de romance, é um casamento por conveniência.

sol_24: Uau... Que doido! Meio louco procurar isso numa sala de bate papo, não? Deve existir algum tipo agência ou mesmo os aplicativos de match são melhores, não acha? Daí, vc já vê o nipe da pessoa. :-D

homem_objetivo: Sou impulsivo às vezes, me deu vontade de entrar aqui e entrei, se não der certo busco outras plataformas, mas acredito no meu feeling...

sol_24: Tá bom! Te desejo boa sorte!

homem_objetivo: Vc parece uma pessoa inteligente, com um bom discernimento, nós poderíamos conversar um pouco mais? E vc, me fale de vc.

sol_24: Eu?

homem_objetivo: Sim, vc... pq não? É ômega? Homem? Tem namorado, namorada, caso, essas coisas.

sol_24: Sim. Sim. Não.

homem_objetivo: Que sorte a minha logo no primeiro! Então...

sol_24: Mas não me imagino casando por conveniência. Aliás, pq conveniência? Até agora só entendi ser conveniente para vc.

homem_objetivo: Depende do ponto de vista, a única coisa que tenho para oferecer é: DINHEIRO.

sol_24: Aff... Que papo doido! Parece ter saído de uma fanfic, kkkkkkk.

homem_objetivo: É... Ele é tão real que chega parecer um pouco doido.

sol_24: Um pouco???

homem_objetivo: No início até eu achei meio fora de lugar, mas depois pensei que poderia ser viável e aqui estou eu! Vc sabe, não me faltam mulheres, mas não quero me casar com nenhuma delas. Elas pegariam no meu pé, iam querer um marido, amor e tals e eu não nasci pra isso!

sol_24: Nossa! Por um acaso vc tem ideia de que acabou de falar como um verdadeiro cafajeste?

homem_objetivo: Estou acostumado a esse tipo de julgamento. Mas sou sempre transparente nas minhas relações e não iludo as pessoas com quem saio. Por isso mesmo, não quero misturar alguém que eu já tenha me relacionado para não alimentar expectativas.

sol_24: Entendi... Só por curiosidade mórbida, rs, porque um ômega masculino?

homem_objetivo: Por que sinto pouca ou nenhuma atração por homens. Já tive umas duas experiências, mas não foi algo que eu queira repetir. Além disso, penso numa pessoa que possa viver sua vida independente de mim. Onde estaremos como um casal nos eventos sociais, mas que ele viva a própria vida e eu a minha. Ah, sou uma alpha dominante.

sol_24: Uau! Isso é um daqueles roteiros de drama de romance clichê! Tipo mora na mesma casa, se apaixona e tals, hahahahaha.

homem_objetivo: Não tem nada de clichê. Quanto a morar junto, isso eu ainda não sei, vou ter que falar com meu advogado primeiro para ver as implicações.

sol_24: Ohhhh, vc está realmente decidido a fazer isso, hein?!

homem_objetivo: Mas pq o espanto? E além do mais, é só por um determinado período.

sol_24: O espanto é que, é muito surreal vc estar num bate papo a procura de algo assim, mas, vc é quem sabe.

homem_objetivo: Como vc eh?

sol_24: Oh! Vamos pular esse tópico, prefiro não me candidatar ao cargo, rs.

homem_objetivo: Porque não?

sol_24: Minha vida já está complicada o suficiente, gosto de coisas leves, simples, boas e livres.

homem_objetivo: Então, estamos emparelhados nos objetivos. Mesmo que eu não saiba o porquê da sua complicação, de repente, posso te ajudar a resolvê-la, quem sabe? Quanto às coisas leves, simples, boas e livres, sou 100% adepto. Vamos trocar fotos?

sol_24:...

3. O Encontro

Ele não estava acreditando no que tinha acabado de fazer. Tinha marcado um encontro com aquele homem, um estranho, se é que era um homem.

Solie surtava em ansiedade - "Será verdade isso o que ele quer? E se for uma armação, um tarado... Mas um tarado não teria esse papo, seria algo mais pervertido... Não, mas tem tarados que não tem esse perfil... Será um maníaco... um policial... uma investigação para ver se descobrem alguma coisa?... Mas alguma coisa do que? Sou um simples mortal endividado e falido... Será verdade?... Eu quero me casar?... Por dinheiro?... Porque eu aceitei esse encontro assim?"

Lá no fundo da sua mente, mesmo não querendo admitir, a palavra que gritava era... Curiosidade, atrelado a uma fantasia de conto de fadas.

Pensou em ligar para seus amigos, mas se achou tolo em fazer isso, já sabia o que ia escutar. Deixou um bilhete dentro da gaveta da escrivaninha do quarto com o endereço de onde tinha ido naquele dia e hora, só não quis escrever o motivo. Vergonha.

Ligou o localizador do celular atrelado a um aplicativo ligado ao seu computador e programou uma tecla de ligação de emergência para um de seus amigos. Melhor se prevenir de qualquer possibilidade estranha.

Lavou e arrumou o cabelo, tomou um banho esfoliante demorado e hidratou o corpo. Fez tudo que ele normalmente faria no seu dia de ritual pessoal. Fez uma maquiagem leve, escolheu um estilo simples e despojado, usando uma calça jeans, camiseta em algodão branca com uma bota preta estilosa. Estava casual e bonito. Mas não sabia se seria interessante o suficiente.

Estava preparado para descobrir que tudo aquilo era mentira. Mas, se rolasse pelo menos uma transa com um cara gostoso, já teria valido à pena se arrumar e sair de casa, afinal, ele não transava há mais de um mês e seu cio estava próximo. Sempre teve uma libido em alta, mas ultimamente não tinha nem vontade de se masturbar.

O fato é que, aquela estória doida o tirou do poço de auto comiseração, elevando sua adrenalina nas alturas!

Só que, a insegurança e a ansiedade o estavam matando!

"Eu sairia comigo?" - perguntou dando meia volta enquanto se auto avaliava - "Não. Ah que auto estima de merda! Como você foi ficar assim Solie?"

Estava arfando, ansioso e sem saber o que pensar. De repente estava imerso num turbilhão, participando de um filme ou uma história torpe de quadrinhos. Parecia qualquer coisa, menos sua realidade.

"Você está tão desesperado que se deixa levar por qualquer coisa que te digam?"- pensou quando já estava no meio do caminho, ficara tão enigmatizado por aquela história louca, que não conseguiu cogitar a possibilidade de voltar para casa.

.

.

Enquanto isso, no restaurante...

"Ah! Tomara que isso dê certo!" - apreensivo, Ricardo também estava ansioso - "Seria muita sorte acertar logo de primeira. Com certeza ele está vindo pela curiosidade, mas é assim que as coisas funcionam. As pessoas são levadas pelo novo, pelo diferente ou por quilo que não compreendem, seja para o bem ou para o mal. É da natureza humana", refletia olhando para os lados procurando pela imagem da pessoa que tinha visto.

"Embora tenha dito que não me faltam mulheres, acredito que ele tenha outra expectativa além da minha proposta... ou talvez só queira me conhecer? Pela foto, parece uma pessoa simpática. Homem, ômega, mas simpático! O que é ótimo, daí não tenho chances de me envolver e ter problemas depois. Será uma ansiedade até lá. Vou ligar para o Carlos, meu advogado".

Eram 18:10 e ele ainda não tinha chegado. Eles marcaram num restaurante chinês no Centro, final do expediente, muita gente na rua, para que Solie se sentisse mais seguro.

Ricardo tinha chegado 17:55, e esses quinze minutos estavam parecendo uma eternidade.

.
.

Ali estava, a curiosidade o levou até lá. Ele tinha visto sua foto e logo o reconheceria. Precisava se lembrar que, segundo ele, independente do que visse, aquele homem não estava em busca de uma paixão, um romance ou algo do tipo. Embora tivesse lhe dito o que desejava, Solie se recusava a acreditar. Foi quando do lado de fora o avistou já sentado no restaurante, um homem, visivelmente um alpha, com as descrições que havia lhe passado.

"Meu Deus! Meu Deus! Que homem lindo!", pensou num misto de tontura e desespero, não sabia mais o que pensar e nem o que fazer, "Isso não é possível!".

Rememorou toda conversa que tiveram e de quando ele falou que mulheres não lhe faltavam. Era impossível faltar, moreno, alto, esguio de ombros largos, parecia um daqueles homens que são moldados pelas braçadas nas piscinas, de tão perfeito era seu porte. Vestia terno pespontado slim que marcavam suas formas e davam um ar de homem de negócios. Pele morena, cabelo espesso curto, olhos de um castanho escuro profundo, nariz fino, num rosto com traços certos e fortes, que ostentavam sua masculinidade.

Quem não gostaria de beijar, transar, ou qualquer coisa com um homem daquele, nem que fosse para exibi-lo? E casar? Casar... Não, ele não queria casar, mas com certeza queria experimentá-lo.

Sentiu seu chão tremer, suas pernas perderam as forças. Toda forma de estória erótica passou pelo seu cérebro em instantes imaginando seu peito, suas coxas, bunda e... tamanho do pau. Sentiu uma leve ereção em imaginar.

Todo aquele misto de coisas: o papo que tiveram, a proposta e a aparência daquele homem, o faziam se sentir excitado ao extremo agora. Seu tesão vinha do combo de coisas que estavam no ar, mesmo que ele soubesse que era completamente inapropriado se sentir dessa forma.

"Preciso me controlar e acalmar minha mente" - pensou repetidas vezes - "Mas, porra! É sério que um homem desses estrou num chat com esse papo de casamento? Com certeza, isso é algum tipo de fetiche... Não, pensando bem, parece mais um golpe! Sim, com certeza é um daqueles golpes de caras bonitos que fingem estar apaixonados e tiram toda grana da pessoa".

Milhões, milhões de pensamentos e possibilidades surgiram para que Solie justificasse aquele homem sentado à sua espera baseado num papo muito doido.

A aparência daquele homem fazia com que se tornasse impossível para ele acreditar que estivesse em busca de uma aventura de bate papo, e a proposta maluca de casamento por interesse, se tornou quase verossímil aos seus olhos e, ao mesmo tempo, era uma realidade muito insana de acreditar.

Ele chegou na hora exata, mas levou uns 10 minutos para conseguir manter o controle, afinal não é todo dia que acontece um evento desses.

.
.

Ricardo pôde vê-lo de longe entrando, e instantaneamente deu um suspiro de alívio.

O pensamento foi automático: Bonito, simples e elegante, nem gordo, nem magro, ótimo! Parece tímido, ótimo! E, não faz meu tipo, perfeito!

- Obrigada por vir! - Agradeceu estendendo a mão para cumprimentá-lo e se movimentou para puxar a cadeira para ele - Imagino que tenha sido difícil decidir se vinha ou não de encontro à essa proposta maluca - sorriu enquanto falava.

- Tenho que admitir que não vim pela proposta, e sim pela curiosidade de saber se isso era realmente verdade, se era uma forma louca de conhecer alguém, ou se você era um tarado com uma história muito doida para convencer um ômega. A propósito, qual seu nome? - perguntou nervoso.

- Ricardo Hullen e o seu?

- Solie Bian... - respondeu pegando o celular e buscando o nome na rede social mais conhecida. Imediatamente apareceu o perfil - Desculpe, antes de continuarmos preciso saber se você realmente existe.

- Prazer Solie. Sem problemas, pesquise à vontade. Bom, voltando ao que você disse, se fosse a última opção, seria um tarado muito esperto porque obtive êxito com a primeira.

- Ou eu sou muito fácil! - falou largando o celular, pensando: "E desesperado".

- Não, de forma alguma, não quis dizer isso.

- Ok, eu entendi. Então, você realmente pensa nessa história louca?

- Sim, estou realmente decidido em fazer o que for possível para alcançar meus objetivos, mas preciso da pessoa certa. O que acha de pedirmos alguma coisa pra beber e quem sabe um aperitivo?

Ele não tinha um tostão sequer, somente o dinheiro da passagem, essa também foi uma das

preocupações com o encontro.

- Não obrigada, eu prefiro somente conversar.

- Olha, eu saí do trabalho agora, estou faminto, vou pedir um aperitivo e depois escolhemos o que comer, ok? - falou olhando com um sorrisinho de canto.

Solie se sentiu pequeno, deslocado e totalmente vulnerável, não tinha dinheiro para pensar em pedir nada.

- Tudo bem com você?

- Não sei. Desculpe, ser tão sincero, mas não sei. Não sei porque vim aqui. Você parece estar com um projeto realmente sério na sua cabeça, e não sei o que estou fazendo aqui, eu não me encaixo nele. Você entende?

Era quase um pedido de socorro, seu mundo estava desabando, e no meio do nada, ele encontrou aquilo que parecia ser uma aventura incrível com um homem lindo. Mas aquilo não lhe cabia e o homem não lhe pertencia. Toda aquela situação estava muito além das suas expectativas de vida. Era como se não houvesse lugar para ele, em lugar algum. E agora só queria ir embora, se fechar em seu quarto e voltar ao seu vazio.

Pegou sua bolsa e quando ia levantar ele o segurou.

- Por favor, fique! Vamos conversar amenidades, tomar um vinho e rir um pouco. Não estou lhe pedindo nada, somente um pouco do seu tempo. Me faça companhia, por favor.

"Preciso convencê-lo, sei que é ela a pessoa perfeita, meus instintos nunca falham", pensou Ricardo.

- Você bebe vinho? Eles têm ótimas escolhas aqui.

- Não entendo de vinhos, sou mais da cerveja - riu desconcertado.

- Ok, eu escolho, daí relaxamos e conversamos à vontade.

Ficou em dúvida se seria bom beber. Receoso que a bebida o deixasse transparecer a excitação e nervoso que sentia por estar numa mesa com um homem daqueles.

Ricardo abriu o cardápio e com destreza escolheu o vinho, os aperitivos e na sequência passou o pedido ao garçom, enquanto Solie o observava com olhos atentos a cada movimento.

- Me dê um momento para responder uma mensagem enquanto trazem a bebida...

Ele abriu o celular e mandou uma mensagem ao seu secretário particular: "Pare tudo que está fazendo e pesquise toda ficha de 'Solie Bian'. Me passe tudo que encontrar o mais rápido possível. É urgente, estou aguardando".

- Pronto. Então, agora vou lhe contar minha história e por que tomei essa decisão e também por que estou fazendo dessa forma...

4. Ricardo

Tinha 32 anos. Com uma longa jornada no setor financeiro, há cinco fazia parte de uma agência de investimentos.

Com uma personalidade arrojada, essa qualidade se refletia na forma como administrava as contas de seus clientes.

Reconhecido como "agente do capital de risco", era a estrela da empresa quando se tratava de tal tipo de investimento.

Porém, recentemente, seu gerente e chefe, o demandava para outros tipos de capitais que pediam uma postura mais conservadora, o quê em todos os parâmetros, era algo que ele não almejava até então.

Ricardo apreciava a adrenalina dos riscos, sensação essa indisponível em capitais conservadores. Mas, para que alcançasse cargos mais altos, como uma gerência de contas, precisava começar a variar sua atuação.

E não só isso. A vida dos agentes como um todo, era um portfólio de credibilidade, temperada por uma agenda de lobbies a fim de captar e manter clientes.

A vida dinâmica, boêmia e solteira de Ricardo, sempre foi motivo de elogios por alguns, inveja de muitos e crítica por outros tantos. Porém, essa mesma dinâmica, se tornou um empecilho para que ele catapultasse a promoção.

Agora, o alto escalão da empresa estava fazendo pressão para que Ricardo mudasse seu estilo e se tornasse um produto vendável também para os investidores conservadores, e isso incluía uma mudança de vida.

Há um ano, vinha estagiando em reuniões intermináveis sobre como e por que fazer tal mudança.

Sim, há um ano, vinha lidando com aquele bando de caras lhe olhando de forma enviesada, como se ele fosse alguém inescrupuloso, irresponsável ou até mesmo sem resultados, o que nada tinha relação com a realidade em si. Dentro da sua especialidade era um sucesso e um modelo a ser seguido. Então porque raios aquilo estava acontecendo?

A situação o estava levando às raias da loucura. Queria esmurrá-los.

Todos aqueles lobbies, reuniões e confraternizações se tonaram um lugar chato de ode às esposas ou a vida de casado. Sempre observador, frio e calado, não tinha o que compartilhar. Cronometrava o tempo e saia com exatos 60 minutos, partindo para o que realmente lhe dava prazer.

- Onde está indo Ricardo? - perguntou seu chefe frente aos seis potenciais clientes que se reuniam - Fique um pouco mais! Minha esposa está trazendo uma comida deliciosa feita especialmente para essa reunião.

- Obrigado. Me desculpe, mas todo esse papo, só tenho fome de adrenalina agora. Vou indo, se divirtam!

Na pista ensolarada por aquele dia incrivelmente lindo, lhe esperavam lindas mulheres ômegas e alphas e uma boa corrida com seus colegas solteiros. E mais tarde, quem sabe, se embrenharia em algum esporte que fizesse suar e expurgar o estresse causado por aquele bando de velhos sedentários invejosos de uma vida que não podiam ter mais.

De saco cheio e não querendo mais lidar com a pressão, resolveu mais uma vez, aplicar uma ação de risco, só que agora dentro da própria vida, fingindo ser casado, porém, vivendo como solteiro.

Tudo tinha que ser bem planejado, não poderia partir para um casamento de uma hora para outra. Contrato, cláusulas, possibilidades, impossibilidades, situações inusitadas, perdas, ganhos, tempo de duração, tudo tinha que ser previsto e calculado minuciosamente.

Entre reprimendas e considerações de seu amigo e advogado Carlos, eles discutiram os termos do contrato à exaustão.

- Eu realmente não entendo, porque você tem que fazer isso? É completamente desnecessário! Você tem a mulher que quiser, só escolha uma, case com ela ou mude de emprego, não lhe faltam propostas de agências de renome!

- Não estou com disposição de construir tudo de novo numa nova empresa.

- Como assim? Você sempre foi um cara de riscos e desafios, porque isso agora virou um problema?

- Não sei. Só não quero.

- Ricardo, seu plano tem absolutamente tudo para falhar! Envolver outra pessoa, um contrato e um casamento de mentira. Olha quantas coisas envolvidas? Você já pensou que se descobrirem que você deu o golpe do casamento falso, só para se promover, vai perder a cara com as pessoas?

- Eu? Eu vou perder a cara? De forma alguma! A única coisa que irá acontecer, é provar para aqueles velhos ridículos o quanto são hipócritas e limitados! Desde quando ter uma esposa faz de um homem um cara estável?

- Ah, então o que está acontecendo, é que você quer desafiá-los, fazendo todos de otários para provar que você é tão foda, tão foda, que pode enganá-los e se sair bem? Tipo uma vingança que se volta contra você?! Isso é burrice! A mais idiota das burrices!

- Para começar, não é meu objetivo que alguém descubra, mas se isso acontecer, eles verão que meu trabalho e vida pessoal não estão relacionados com meu desempenho de forma alguma.

- Vou te falar, se descobrirem, todo seu esforço e trabalho ao longo dos anos não serão nada perto da imagem de mentiroso e enganador que terão de você. Quem vai confiar num gerente que mente e engana para alcançar seus objetivos?

- Se por todos esses anos, por todo portfólio que construí e todos resultados que entreguei, ninguém me conhece, então, que assim seja!

- Ricardo! - gritou Carlos com raiva - Deixe de ser teimoso e irracional!

- Minha pergunta para você é: vou ter que procurar outro advogado ou você vai me assessorar

nesse processo?

- Meu Deus! - Carlos senta, suspira e coloca a cabeça entre as mãos - Ok, só mais uma coisa.

- Fale.

- Você já pensou nos sentimentos da pessoa que você irá envolver nisso? Os amigos, os familiares, toda a encenação que ele terá que passar? E se ele se apaixonar por você? Já pensou nisso?

- Para isso quero um contrato o mais minucioso possível.

- Ricardo, o contrato não inibe que uma pessoa desenvolva sentimentos! E as outras pessoas em torno?

- Minha proposta foi, e é a mais clara possível em relação a ele, e Solie está ciente. Da mesma forma que sou claro com as pessoas que durmo. Se todas as mulheres que dormi desenvolveram sentimentos por mim, tendo eu sido claro com elas, qual é a minha responsabilidade sobre isso? É a mesma coisa.

- ... - Incrédulo, Carlos não sabe o que falar - Ricardo, somos amigos e eu sempre respeitei suas escolhas de vida, mas antes de ser um advogado, sou uma pessoa, e como pessoa que já sofreu muito em relacionamentos, te digo: espero que você consiga encontrar na sua vida, uma pessoa que te dê a verdadeira dimensão de suas palavras.

- Você está me amaldiçoando, é isso?

- Por que você acharia isso? Você acabou de me dizer que é um cara transparente e fiel aos seus princípios, e que não há responsabilidade ou consequência por eles. Por que ter a dimensão daquilo que você prega seria uma maldição? Então, aquilo que você faz aos outros não serve para você?

- Você está mudando as coisas!

- Não, não estou!

- Enfim, foda-se! Vai fazer o contrato ou não vai? E não quero mais ouvir suas contestações.

- Não sei se fico mais tranquilo fazendo ou dando para alguém fazer! Sinceramente!

5. Caindo na Real

Solie chegou em casa após o encontro, completamente atordoado. Uma imensidade de pensamentos inundou seus sentidos ao ponto de se sentir perdido.

Frente aquele homem de tirar o fôlego, um bom vinho e um papo descontraído, ele aceitou participar do casamento encenado. Mas agora a realidade da situação caiu como uma pedra em sua cabeça.

"Eu vou realmente fazer isso? Devo fazer isso? Porquê vou fazer? Pelo que entendi não há possibilidade de envolvimento entre nós, como vou lidar com esse homem pelo tempo que estivermos juntos? Misericórdia, fiquei excitado só de vê-lo, como vou conviver numa casa com ele? Ele é tão além das minhas possibilidades que me dá um nó no peito! Péra, eu já estou apaixonado sem nem conhecê-lo? Não! Não é possível! E minha vida, minhas coisas, minha casa e meu trabalho?"

Estava surtando com a enxurrada de dúvidas, pensamentos dúbios, aleatórios e desconexos. Não conseguia digerir, nem processar a seriedade da situação.

"Bom, todos os meus problemas financeiros serão resolvidos, mas vale a pena fazer dessa forma?"

Todas as perguntas que se fazia, caíam num abismo nebuloso, onde as próprias respostas não adicionavam qualquer diferença, pois no fundo, bem lá no fundo, ele já havia se decidido. Embora ainda pairassem dúvidas se a proposta era verdadeira.

Será que estavam lhe pregando uma pegadinha? Mas, quem faria isso?

"E esse Ricardo, quem é ele?"

Abriu o computador e digitou "Ricardo Hullen". Dezenas de artigos sobre negócios e investimentos apareceram. Olhou as datas dos artigos, se as revistas eram verificadas e sim, tudo era real.

Achou seu perfil numa rede social. Gostava de comer bem, beber bem e ao contrário do que imaginava, que aquele homem insanamente bonito fosse um tanto narcisista, não tinha uma única selfie, mas sim uma pegada mais bucólica com fotos de paisagens, praias, montanhas, gosto por viagens, jogar tênis e alguns esportes ao que parecia.

Foi nas marcações. Marcado em reuniões de negócios, jantares de negócios, capas e referências de artigos. Seu perfil era alimentado há anos, tinha comentários de várias mulheres, inclusive algumas pareciam meio stalkers, se repetindo ao longo dos anos em várias publicações e tantos outros que pareciam ser amigos próximos.

Nada sobre vida pessoal ou relacionamentos e somente duas marcações sobre família.

Ele realmente existia. Ele existia, era um fato.

Será que deveria contratar alguém para descobrir mais? Mas não tinha dinheiro para isso. Deveria pedir aos seus amigos que o fizessem? Não tinha coragem. Ele sabia o que seus amigos iam dizer e não! Não queria ouvir a voz da razão.

Enquanto ainda pensava em como descobrir se esses fatos eram verdadeiramente reais, seu telefone tocou.

Ricardo: Olá, chegou bem? Podemos agendar a conversa sobre o contrato com o advogado?

Um arrepio percorreu sua coluna e ele começou a tremer de ansiedade e medo.

Ricardo: Oi! Solie! Espero que você não tenha desistido!

Solie: Oi... Hum...

Ricardo: Então, vamos agendar para amanhã?

Solie: Amanhã??? Porque tão rápido assim?

Ricardo: Por que meu advogado está com agenda apertada, então resolvi aproveitar sua disponibilidade e a minha para amanhã. 15hs é bom para você?

Solie: Um momento...

Colocou o telefone no mudo, procurou um lugar para sentar, respirou fundo algumas vezes, estava muito nervoso e tremendo.

Como sua realidade pirou de um dia para o outro? Não estava sabendo como lidar com aquilo.

"Merda! O que eu faço agora? Não sei o que fazer! Não sei o que fazer!".

Pegou o celular novamente e respondeu: Preciso pensar um pouco.

Ricardo: Solie, fique tranquilo, você não precisa se comprometer com nada amanhã, só venha a reunião para pensarmos como seria nosso acordo, ok?

Solie: Para pensar? Não preciso assinar nada amanhã?

Ricardo: Não. Vamos só falar sobre e ver todas possibilidades para que seja bom para você e para mim. O que acha?

Solie: Só falar sobre?

Ricardo: Sim.

Solie: Então tá, ok.

Ricardo: Fechado, às 15hs então. Segue o endereço xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx.

Respirou aliviado, pois não teria que se comprometer com nada, era só mais um bate papo a respeito de uma pseudo proposta que ainda não acreditava ser verdade.

Mal sabia ele que a forca já estava montada. E agora, o horário e local da execução estavam agendados.

6. O Contrato

Ricardo estava tenso e receoso com a possibilidade de Solie desistir na última hora. Sendo assim, não quis dar tempo para que ele pensasse, por isso agendou o contrato para o dia seguinte logo após o encontro.

Já tinha recebido o relatório de Solie. Ele parecia ser simples e transparente. Recém formado, vivia das redes sociais, mas ainda não tinha base, nem recursos suficientes para se sustentar, logo, fazia pequenos freelas por fora como personal stylist. Tinha bom gosto, era rodeado de amigos, boêmio, aparentava ter alguns casos sem compromisso e parecia ter uma família leve e progressista que lhe dava liberdade, por outro lado, estava submerso em pequenas dívidas como cartões e empréstimos, itens fáceis de serem resolvidos.

Já tinha discutido todas as cláusulas e as coberturas para todos os tipos de situações possíveis com Carlos, agora só faltavam as considerações de Solie.

Como garantia do contrato, se comprometeu em pagar todas as dívidas de forma imediata, o que para ele não era nada em questão valores, mas para Solie, era o alívio de um grande fardo e a certeza de comprometimento imediato.

Sua intenção era aproveitar a adrenalina do momento e sacramentar as coisas num fluxo natural de decisões no mesmo dia, evitando possíveis desistências.

Era assim que fazia nos negócios, não seria diferente na vida.

.
.

Solie chegou no prédio de vidros espelhados, que de tão alto não tinha fim. Parecia que toda nata financeira da cidade se reunia ali.

"Uma realidade surreal!”, era o que se passava pela sua mente. Como uma coisa assim aconteceu com ele? Destino? Karma? Dharma? Que loucura era aquela que tinha batido à sua porta?

Se era Karma ou Dharma, só o tempo diria. Até o momento, todos os benefícios e mudanças pareciam plausíveis e em certo aspecto até positivos, se relacionados com a forma na qual estava vivendo antes, mesmo diante da proposta louca de casar de mentira.

Ricardo tinha o talento de tornar aquela situação descabida em algo natural.

Tudo foi exposto num papo informal e tranquilo, tendo Carlos como advogado e mediador entre os dois.

Fora o pagamento das dívidas, receberia um valor mensal como se fosse um salário, que estava muito acima do que poderia imaginar. Além disso, uma quantia seria depositada e aplicada ao longo do falso casamento, que teria um mínimo de três de duração. Ao final, tudo dando certo, e se, ambas as partes estivessem de acordo em desfazê-lo, receberia todo o montante.

As condições e termos pareciam algo extremamente simples, ninguém poderia saber que seu relacionamento era falso, caso contrário, seria quebra de contrato com uma multa exorbitante. Casos e relacionamentos, seriam de cunho pessoal, porém seguiam a mesma premissa da

primeira regra, se expostos, quebra de contrato mais multa exorbitante para ambos.

Cada um teria que lidar com o próprio cio ou rut, sem que isso incomodasse o outro. Lobbies, reuniões sociais, de negócios ou familiares quando solicitadas previamente eram obrigatórias.

Por sugestão de Carlos, decidiram fazer um período de experiência, como num contrato de trabalho. Durante três meses simulariam um namoro para se conhecerem melhor. Solie se mudaria para a casa de Ricardo, para que ambos experimentassem como seria a convivência entre os dois.

Nesse período, combinariam gestos públicos necessários tais como, abraço e mãos dadas, entre outras demonstrações de afeto para passar naturalidade e intimidade no relacionamento.

Após essa fase inicial, caso ambos concordassem, decidiriam pela data do casamento. Ricardo queria uma cerimônia pomposa para mostrar a todos sua opção à estabilidade emocional, mas Solie exigiu somente uma cerimônia no cartório. Seu compromisso seria selado somente em papel e perante mais ninguém. Ricardo aceitou.

- Tenho uma exigência - falou Solie, ainda relendo o contrato.

- Sim, do que se trata? - perguntou Ricardo, tenso.

- Quero ser eu mesmo. Nada de comportamento de esposa/marido modelo.

- Como assim? - Carlos ficou curioso com a questão.

- Normalmente, as pessoas impõem que ômegas sejam dessa ou daquela forma, principalmente quando são casados. Não sou assim e não quero isso. Se tiver que desempenhar algum tipo de personagem de ômega fofo e perfeito, não dá para mim.

- Oh! - Carlos ficou espantado com a questão - Nunca tinha pensado nisso como uma exigência, mas posso colocar no contrato, tudo bem Ricardo?

- Sem problemas, não precisamos ser um casal padrão. Só precisamos ser um casal. Quanto mais pudermos ser livres e naturais, melhor. Pode colocar no contrato.

Sem se dar conta, Solie se deixou envolver em todo processo, dando suas opiniões quando Ricardo pedia e sugestões quando ele mesmo achava conveniente. E em pouco tempo, sua assinatura estava naquele bolo de papéis. No final, tinha se rendido à proposta.

Ele tinha uma semana para arrumar suas coisas e conhecer a nova casa.

Agora vinha o mais difícil, tinha uma semana para contar a novidade a seus pais. Ambos contariam a verdade às suas famílias, mais uma sugestão de Carlos.

Segundo Ricardo, seus pais moravam fora e pouco se metiam em sua vida, mesmo assim, não queria iludi-los e fazê-los criar expectativas desnecessárias.

Já para Solie, a possibilidade de mentir ou enganá-los nunca foi cogitada. Confiança e transparência sempre foram uma regra na relação com seus pais. Sabia que ficariam chocados, mas também o respeitariam, ainda que fossem contra.

Seus amigos? Ah! Seus amigos com certeza saberiam a verdade, ele não poderia passar por toda

essa situação sozinho. De qualquer forma, seria impossível esconder daquele grupo de loucos, pois em algum momento descobririam tudo!

Saindo do cartório, com tudo finalizado, o processo foi intenso, rápido e insano até certo ponto.

Ele estava oficialmente namorando um cara rico e lindíssimo. Só que, de mentira.

7. Informando aos Amigos

SOLICITO REUNIÃO PRESENCIAL DE EMERGÊNCIA!!!

- Tem um mês que você está sumido! Um mês! Não atende ligações, visualiza mensagens, dá ok, mas não responde se está tudo bem ou o que está acontecendo, daí do nada, solicita uma reunião presencial emergencial?! Tá morrendo ou pegou dinheiro com agiotas???

Ele já sabia que seria complicado o papo com os amigos. Vinha negligenciando suas amizades há algum tempo, porque sabia que haveria perguntas e preocupações daqueles que sempre estavam ao seu lado, mas, seu estado de desgaste era tal, que não tinha energia para lidar com tantos questionamentos, quando nem ele tinha as próprias respostas.

- Primeiro! Não estou doente e está tudo bem. Segundo! Não peguei dinheiro com agiotas, até precisava, mas agora não preciso mais. Terceiro! Só precisava ficar na minha, quieto e calado para entender e sentir a mim mesmo. Respondido?

- ...

Seus amigos se entreolharam sem compreender o todo, ainda com dúvidas que não sabiam como formular no momento, mas tentando entender o contexto por trás.

- Dito isso! Tenho observações antes de falar o que vim dizer, ou melhor contar. Bem, tomei algumas decisões não convencionais, mas já estão decididas, assinadas e carimbadas, literalmente falando. Então, coisas como esporros, lição de moral, tipo "ah, seu maluco", e tals... Não tô afim.

- Oi? Você quer amigos ou robôs? - já irritada, Lissa falou pelos dentes.

- Amigos-robôs, que vão de me falar: "Estamos ao seu lado não importa o que aconteça e tals", seguindo aquele princípio que rege nossa amizade: "Cada um, escolha o que escolher, ainda que não concordemos, apoiamos! Mesmo que tudo dê errado, não tripudiamos!"

- Qual a merda que você se meteu dessa vez? Hahaha- falou Alisson gargalhando.

- Eu realmente estou nervosa e preocupada agora. O que houve? Fala logo! - murmurou Lissa.

- Bom... Conheci-um-cara-num-bate-papo-que-me-fez-uma-proposta-de-casamento-fake-como-estou-precisando-de-dinheiro-e-desesperaaaaado-aceitei-até-porque-ele -é-muito-lindo-e-gostoso-então-não-resisti-e-assinamos-um-contrato-de-namoro-temporário-de-três-meses-e-no-final-se-der-certo-nos-casamos-por-no-mínimo-três-anos-me-mudo-semana-que-vêm-para-a-casa-dele.

- O quê? Repete!

- Como assim, desesperado?

- .... Não sei se entendi, ahn? Acho não que entendi.

Falaram em sequência Alisson, Lissa e Morgan.

- Sim, eu vou me casar daqui três meses num casamento fake e preciso de vocês para me apoiar e

dizer que está tudo bem ao longo dos próximos três anos, pelo menos.

- ...

- Uau!!! Você! Você realmente conseguiu me deixar sem palavras! - Morgan estava em branco, sem conseguir digerir a quantidade de informação.

- Bom, tanta gente se casa amando e separa com pouco mais que alguns meses! Você pelo menos vai durar com certeza três anos, e pelo que entendi vai receber por isso. Gostei! Mais objetivo e vantajoso do que muito relacionamento por aí! - sorriu Alisson segurando o queixo de forma pensativa.

- Não é?! - gritou Solie com os olhos brilhando pelo pensamento positivo do amigo.

- Você está maluco?! Quem é esse cara? De onde ele é? Com certeza é um golpista tentando tirar dinheiro de você que cai em qualquer anedota que te contam! Deixa eu ver esse contrato! - já era de se esperar tal reação de Lissa. Ela sempre foi uma guerreira super protetora de seus amigos, sempre disposta a tomar a frente e as dores pelos seus.

- Hahahahaha, tirar dinheiro meu? A única coisa que ele conseguiria era se frustrar ao constatar meu saldo devedor no cheque especial!

- Mas existem empréstimos! Cartões de Crédito!

- Usei todos os limites que tinha!

- Solie!!! Quando isso aconteceu? Por que não falou sobre sua situação? - Lissa tinha um olhar triste e preocupado para Solie.

- Ah, já chega, não quero falar mais hoje sobre minha derrocada. Estava mal, agora está resolvido.

- ...

- É sério, você vai se casar? E de mentira? Ainda não consegui processar... - Morgan estava com dificuldade de organizar seus pensamentos diante das informações.

- Então... Para completar, ele é um tesão, um gostoso em níveis estratosféricos, e P R O V A V E L M E N T E um puta dum pirocudo, masssssssssssss que nunca vou poder pegar.

...

...

...

Eram quatro amigos:

Lissa, mulher, alpha, 28 anos, solteira, administradora, pegadora, objetiva, pavio curto e ao mesmo tempo, a mãezona do grupo.

Morgan, ômega, homem, 25 anos, casado com um alpha, com um filho, sensível e reflexivo.

Alisson, homem, beta, 22 anos, solteiro, sempre bem humorado, meio non sense, também

estilista e namorava há 8 anos uma garota beta desde jovem.

Os quatro se conheceram na faculdade e desde então, estreitaram laços, criaram memórias que fincaram raízes de uma amizade intransponível. Cada um com suas particularidades, cada um com suas escolhas.

O lema para que tudo fluísse e perdurasse era o respeito mútuo, não importando a escolha esdrúxula que cada um fizesse. Eles acreditavam que a consequência natural de suas escolhas seria punição suficiente para os erros da vida. Logo, a função do grupo não era a de algozes e sim, uma rede de apoio.

Mas é claro que críticas diretas e ácidas nunca faltariam.

- É sério que depois de sumir por mais de um mês e aparecer com essa notícia maluca sobre um casamento fake de uma hora para outra, você está preocupado com o pau do cara? - perguntou Lissa sem paciência, achando o questionamento totalmente frívolo.

- Sim, isso me preocupa e muito! O contrato já foi assinado, logo, não há sobre o que vocês pensarem sobre. Já pensei, já me preocupei o suficiente e agora tenho que lidar com as consequências dele, que é estar sob o mesmo teto com um gostoso com pinta de modelo de revista de negócios, estando eu em abstinência há mais de um mês, sem previsão e nem saber como irei saciar minhas vontades a partir de então.

- ...

- Ah, eu não sei o que fazer com você... - falou Lissa segurando o rosto entre as mãos.

- Lissa, eu quero que você se lembre que iniciei essa conversa dizendo que não queria sermão. Eu realmente não preciso disso agora.

- Olha, eu realmente continuo sem saber o que dizer ou fazer... - Morgan ainda estava em branco sem saber como encaixar aquelas informações na realidade.

- Bom, já que está tudo acordado, qual é o combinado a respeito da relação de vocês durante esse tempo? - perguntou Alisson, meio que se divertindo com a novidade.

- Somos independentes, cada um cuida de si, das próprias necessidades, ciclo de calor e etc, de forma privada sem interferir com o outro.

- Então, não há problema, você pode continuar com seus casos e vida que segue! - concluiu Alisson.

- Não, casos levam à intimidade e a longo prazo podem se tornar problemáticos. Ele mesmo disse que já terminou com os dele para que não houvesse problemas com a dinâmica do casamento. Além do mais, há uma multa absurda caso haja quebra de contrato em relação ao sigilo. Não há orgasmo que vale a pena me deixar endividado dessa forma.

Lissa observava incrédula o diálogo.

- Solie...

- Sim Morgan.

- Olha, eu realmente não compreendo porque você está fazendo isso. Nesse grupo, entre nós quatro, você sempre foi a pessoa mais livre, leve e calorosa, então realmente tenho dificuldades em entender o que te levou a entrar nesse acordo caótico. Mas, como pediu inicialmente, vou respeitar sua escolha sem mais questionamentos.

- Morgan, como você pode acei... - interrompeu em fúria Lissa.

- Lissa, ainda não terminei - Morgan falou de forma firme olhando para Lissa.

Morgan era uma pessoa sempre dócil, ao mesmo tempo, muito direto e firme em seus posicionamentos, além de ser o mais experiente entre eles quando se tratava de relacionamentos.

- Pelo que acabei de entender, você escolheu nos contar sobre esse acordo, mesmo sabendo que se algum de nós vazar a verdade, você ficará eternamente endividado. Para mim, isso é mais do que suficiente para entender o quanto você confia em cada um de nós.

- Tenho plena confiança em cada um de vocês, quando se trata de segredos e cuidados uns com os outros. Já passamos por muitas situações difíceis, e não poderia passar por isso sozinho sem tê-los ao meu lado. Mas, já fiz minha escolha e não quero mais debater sobre ela, mas sim sobre como lidar com as situações de agora em diante.

- Ok Solie, estamos aqui para te apoiar nas suas doideiras! - piscou Alisson - Não será diferente agora.

- Antes de falarmos sobre a questão do rapaz bonito, o que foi todo esse mal estar que te levou a aceitar esse contrato? - Morgan queria entender como ele tinha chegado nessa situação.

- Eu não contei a vocês. Mas estava passando dificuldades e me sentindo muito mal há um tempo, estava deprimido, falido e endividado. O mal era tanto, que não conseguia compartilhar. Não tem nada a ver com vocês, só não conseguia falar sobre, sabe? Era uma sensação de derrota e vergonha que me consumia. Daí veio essa situação inusitada, foi uma coisa atrás da outra e é isso.

- Entendi. Então, conta como vocês se conheceram e como isso aconteceu - Morgan estava fazendo um grande esforço para compreender como o amigo foi levado a fazer tal escolha maluca.

Solie contou toda a linha do tempo de menos de 24 horas entre conhecer e assinar o contrato, que mudou completamente sua perspectiva dos próximos três meses, pelo menos.

- Uaaau! Essa história é muito insana!!! Ao mesmo tempo muito inacreditável e também estranha - Alisson estava incrédulo e excitado pela história do amigo.

Lissa queria voar no pescoço de Solie, arrastá-lo pelos cabelos e cancelar aquele contrato maluco na marra, além de dar uma surra no tal Ricardo. Mas só pôde ficar calada em modo furioso, mesmo que seus feromônios descontrolados pudessem contar todo espectro de pensamentos que a consumiam.

Solie escolheu ignorá-la, ele já sabia que isso aconteceria. Só o tempo a acalmaria.

- Entendi... Bom, não há o que fazer - falou Morgan de modo reflexivo - Bem, quanto a questão do cara bonito, toda a resposta está na convivência.

- Não entendi - Solie estava confuso.

- Vocês irão conviver a partir da semana que vêm, correto?

- Sim.

- Todo esse lance de cara bonito e gostoso pode vir abaixo em questão de dias. A convivência tem esse poder... - continuou Morgan - Você ainda está impactado com a primeira impressão dele, mas, ao longo do dia a dia, quando começar a ver seus defeitos e qualidades, toda essa admiração e desejo podem simplesmente vir abaixo, ou não.

- Hummm, entendi.

- Se, ele se tornar uma pessoa desinteressante fica mais fácil de contornar as coisas, caso o contrário ocorra, você terá que trabalhar muito para lidar com o desejo e a frustração, mas, se isso acontecer, podemos bolar um plano de ação para te distrair desses sentimentos. Vamos ver, só o tempo vai dizer.

- Ahhh Morgan, obrigada!!! Estava tão preocupado com isso!

- E o dinheiro? Fala! Quanto você vai ganhar? O que vai fazer com ele? - Alisson estava entusiasmado com a vida fanficada do amigo.

Enquanto Morgan e Alisson já estavam resignados e dialogando sobre a questão, Lissa ainda estava calada, apenas ouvindo.

Nos últimos cinco minutos, já tinha entendido que não podia fazer nada, mas ainda se recusava a recuar na ideia fazê-lo desistir na marra.

"Ahhh Solie! Merda! Você é tão brilhante! Por que fez isso?", ela amava muito o amigo como se fosse seu irmão mais novo e queria vê-lo realizado e feliz, principalmente por ser ele um ômega emocionalmente diferente dos outros.

O admirava por desde sempre se lançar em suas próprias ideias e bancar as próprias vontades. De forma indireta e sem intenção, ele a ensinou a ser uma alpha melhor e mais desconstruída.

Mas de todas as iniciativas e ideias de Solie, nada se comparava com essa loucura de contrato de casamento falso. Mais uma vez teria que aprender uma lição que nem ela entendia qual era, começando por não abrir a boca para criticá-lo.

Enfim, agora era tarde demais...

8. 60% de Verdade

A casa de Ricardo ficava afastada do Centro, num condomínio antigo e luxuoso de muros altos, com espaço suficiente entre os vizinhos para que o dia a dia não fosse compartilhado.

Diante da fachada vitoriana, Solie pensou se tratar de uma casa densa, antiga e escura, porém ao cruzar a porta pesada, se surpreendeu ao se deparar com um ambiente moderno, claro e amplo.

Depois de entrar com suas duas malas, pode observar a sala de estar aberta, onde era possível contemplar o pé direito alto e portas infinitas envidraçadas que davam vista para um jardim extenso e bem cuidado. Passando pelos sofás e mesinhas confortáveis, descia um degrau indo em direção à parte de trás da sala, onde ficava a sala de jantar compartilhada com uma espaçosa cozinha modernizada e aparelhada. No andar de cima ficavam 4 quartos e o escritório.

Mais uma vez se surpreendeu com algo vindo de Ricardo, sua casa era realmente única.

Percebendo o quanto Solie estava encantado com o ambiente, Ricardo se sentiu impelido a falar sobre.

- Essa casa era originalmente dos meus avós, depois de meus pais e há dois anos quando decidiram viajar pelo mundo, passou a ser minha. Ano passado fiz uma reforma geral e a modernizei. Com exceção da fachada, não sobrou quase nada do projeto original.

- Realmente achei interessante a mudança de ambiente da fachada para o interior, é completamente inusitado. Acredito que você foi bem radical na transformação - comentou Solie admirado - Não teve pena de mudar as coisas e perder a memória dos seus avós e dos seus pais?

- Hummmm, tanto para meus pais, quanto para mim, essa casa nunca foi fonte de boas memórias.

- Oh... A história é tensa então.

- Sim. Meus avós, quer dizer, na verdade meu avô era rígido e absurdamente controlador. Ele tinha essa mentalidade de que os filhos tem que seguir o caminho dos pais e queria que seu único filho herdasse sua empresa de compra e venda de imóveis, mas meu pai não tinha essa intenção.

- Entendo. E seu pai queria fazer o quê?

- Ele conta que na época em que começou a sofrer pressão do meu avô para fazer faculdade de Administração de Empresas, conheceu minha mãe e ela o levou a se questionar se era aquilo que queria. Meu avô obviamente foi contra.

- A outra faculdade?

- A tudo! A possibilidade do meu pai escolher o próprio caminho e também ao relacionamento com minha mãe, pois já tinha negociado um casamento que era do seu interesse.

- Uau!!!

- Ele já tinha traçado o caminho e futuro do meu pai.

- E seu pai?

- Resumindo uma história muito longa, depois de muita guerra, chantagem, brigas e ameaças do meu avô, meu pai juntou os panos e fugiu com minha mãe mochilando pelo mundo, sem paradeiro, sempre fugindo dos detetives que meu avô colocava atrás deles.

- O quê? Hahahahahaha, seu pai era muito louco!!! E sua mãe também! Mas... e a família dela?

- Minha avó materna também era contra. Os dois, meu avô paterno e minha avó materna já tinham casamentos arranjados para meus pais. Por isso, eles fugiram viajando de país em país por dois anos. Só pararam quando minha mãe engravidou de mim.

- Então você nasceu fora?

- Não, nasci aqui. Perto do parto, meus pais voltaram ainda escondidos e foram morar num bairro do subúrbio.

- E seus avós descobriram?

- Sim, mas os dois ignoraram meus pais quando souberam que minha mãe estava grávida.

- Sério? Nossa, que triste.

- Mas meus pais dizem que se sentiram aliviados por não precisarem mais fugir. Com isso, firmaram diversos negócios internacionais com os amigos e contatos que desenvolveram nas viagens e meu pai foi fazer Faculdade de Relações Internacionais. Ele trabalhava, estudava e ajudava minha mãe e ela trabalhava e me criava. Depois que terminou a faculdade, entre um emprego e outro, contatos importantes e indicações, meu pai virou Diplomata.

- Caramba! Que história!

- Mas a história dessa casa é que meu avô deserdou meu pai, como se isso fizesse alguma diferença! - Ricardo falou rindo - Daí deixou essa casa, já depredada e abandonada por ele há anos, como uma forma de punição.

- E a empresa? Faliu, alguém herdou?

- Os executivos assumiram. Hoje em dia é um grande conglomerado. A ironia disso, é que no fim, meu avô deixou boa parte das ações dele em meu nome.

- Agora meu coração apertou um pouquinho mais por omitir algumas verdades dos seus pais, eles parecem ser muito legais.

- São. De uma forma que nem mesmo eu compreendo.

.
.
.
.

Alguns dias antes...

"Definitivamente, definitivamente não tem como contar que em menos de 24 horas conheci um homem num bate papo aleatório e assinei um contrato de namoro seguido de casamento falso. Sem chance. Não tem como".

Solie podia contar todo tipo de asneiras e doideiras para seus amigos, porém, por mais que quisesse manter a promessa de confiança e transparência mútua com sua família, não conseguia abrir a boca para contar esses pequenos detalhes muito relevantes, que deixariam seus pais estupefatos ou mesmo decepcionados com ele.

Perder o apoio e o respeito de sua família, o deixava em pânico.

Ele teria que arcar com as consequências de sua escolha. Dessa forma, resolveu criar um enredo parcial, omitindo a parte sórdida e floreando o contexto para que ficasse palatável.

- Só 60% de verdade Ricardo! Vamos excluir que nos conhecemos num bate papo e também que temos um contrato.

- E como nos conhecemos então? - Ricardo de braços cruzados, estava aborrecido com a proposta de Solie, ele queria falar a verdade a seus pais para que não alimentassem ilusões desnecessárias sobre casamento e filhos.

- Humm, deixa ver... - Solie sentou para pensar uma versão que fosse menos absurda para ambas as famílias - Ah! Digamos que você me contratou para ser seu Personal Stylist, ficamos amigos, rolou esse lance na sua empresa, você me fez a proposta e eu como sou muito legal resolvi te ajudar. O que acha? Ah! Mas tem que ser a mesma história para nossos pais, sem tirar nem pôr!

- Hum, pensando bem, acho que omitir essa história do bate papo é bom para ambas as partes - respondeu Ricardo ainda refletindo.

- O contrato também!!! E nada de falar sobre dinheiro.

- Ok, tudo bem. O importante é saberem que nosso relacionamento é falso.

- Fechado!

.
.
.

Com a desculpa de que há muito não via seus pais, Solie viajou para sua cidade natal a fim de contar a novidade.

- Mas Solie, por quanto tempo vocês vão fingir isso?

- Ah, ainda não pensamos nisso, mas não é nada demais e não quero que fiquem preocupados, nem nada do tipo. Só vim aqui falar sobre, porque vou passar um tempo entre minha casa e a casa de Ricardo.

- Mas ele não é um alpha? - muito preocupada perguntou Sara, mãe de Solie - Como você irá viver na mesma casa que um alpha?

- Mãe, nós já pensamos em tudo! Ficaremos fora quando eu estiver já próximo do ciclo de calor e ele no rut. Ah! E também, Ricardo gosta de mulheres alphas, além disso, ele não faz o meu tipo, mãe! - mentiu tentando acalmar sua mãe - Como te disse somos amigos. Por favor, não fique preocupada, nada irá acontecer - falou abraçando a mãe e lhe dando um beijo na bochecha.

- Não acho isso certo - Sara o afastou aborrecida e ainda preocupada - Alphas e ômegas

convivendo juntos sem um relacionamento é algo perigoso meu filho, por mais que vocês não se sintam atraídos.

- Mas mãe, sempre tive meus casos com alphas e betas mesmo sendo ômega e isso nunca foi um problema, por que um relacionamento falso para ajudar um amigo é problemático?

- Você por um acaso sai com algum dos seus casos quando está no ciclo de calor? Que eu saiba, você foi educado para ter liberdade com responsabilidade, então não faz isso! Por que não? Porque além de correr o risco de ser violado contra sua vontade, pode ficar grávido. Você sabe o que significa conviver com um alpha sem ter um relacionamento ou estar marcado? Seu ciclo pode ser alterado devido aos feromônios do alpha e vir quando menos esperar! E aí, não importa se ele gosta de mulheres alpha ou você de outros caras, os feromônios farão a escolha por vocês e uma gravidez indesejada pode vir dessa situação!

-... - Solie se encolheu sem saber o que responder.

- E além disso, vocês vão se casar no papel? Quer dizer, quando você encontrar além que ame, já será um divorciado!

Enquanto isso, seu pai ainda estava calado.

- Pai? - Solie olhou para seu pai com um olhar especulativo, querendo saber o que se passava.

- Pelo que te conheço, você já tomou a decisão e só está nos comunicando. O que você quer que eu fale? - ele se levantou, lhe deu as costas, se retirou para o quarto e de lá não saiu mais. Seu pai estava profundamente aborrecido com a notícia.

- Pai! Pai!!! - Solie angustiado o chamou, mas não obteve resposta. Seu pai não retornou até que fosse embora naquele dia e nem mesmo suas mensagens nas semanas seguintes.

9. Intervenção

Faziam duas semanas que estava morando naquela mansão enorme, luxuosa e solitária.

Trouxe algumas roupas, mas tinha deixado todos os seus pertences em sua casa fechada. Eventualmente fugia para seu espaço aconchegante e seguro, não pretendia abrir mão do seu espaço pessoal, se algo desse errado, tinha para onde ir.

No início, foi empolgante mudar, descobrir novos espaços, se ambientar e estar num novo lugar com belas paisagens, conforto e natureza revigorante.

Passado o frenesi da proposta e a novidade dos primeiros dias, lentamente aquele vazio que sentia antes de toda a reviravolta se reinstalou. E agora, adicionado a isso, havia um tempero sabor 'angústia' alimentado pelo silêncio reprovador de seu pai, desde que os visitou.

Com o passar das semanas, Solie se viu caindo em novo abismo de abstração. Seus dias eram como um filme em preto branco em constante pausa, aguardando que o personagem principal aparecesse para que a trama ganhasse cor e sentido.

Sua função como coadjuvante, era aguardar no sofá da sala enquanto observava o verde, as árvores e o tempo passar, até que o barulho do trinco da porta abrindo, o trouxesse de volta à realidade, a fim de desempenhar o papel pelo qual foi contratado: interagir com o protagonista.

Era o único momento colorido do seu dia. Um momento raro, escasso e passageiro.

A convivência com Ricardo era... Nenhuma. Ele chegava, cumprimentava, perguntava se estava tudo bem e entre sim's, nãos, ok's e tudo bem, subia para seu quarto e era isso, tinha chegado ao fim a interação do dia, ponto final, função cumprida. Mundo cinza modo 'on' novamente.

Era isso? Seriam três anos de uma relação interpessoal insípida?

Solie se perguntava se seria possível conviver dessa forma por tanto tempo. Ricardo levantava muros altos, muros esses, que não se sentia forte o bastante para escalar.

Era manhã de sábado e Ricardo já tinha saído para o trabalho ou sei lá para onde, sem que ele o tivesse visto.

Estava imerso e a mercê dessa nova situação, além de totalmente perdido sobre como se portar dentro dela.

Seu telefone tocou. Era Lissa.

- Alô!

- Onde você está?

- Na casa de Ricardo.

- Se arrume, daqui 30 minutos estarei passando aí.

- Ok.

A ideia de sair de casa com sua amiga soou como um bálsamo para os sentimentos angustiantes

que persistiam em seu peito. Há muito tempo não interagia de forma íntima com seus amigos, então, sentia saudades de Lissa, da sua objetividade e energia vibrante de alpha, que mais o confortava que oprimia.

Se arrumou casualmente e foi encontrá-la na porta do condomínio de luxo. Mesmo que tenha se mudado há quase duas semanas, ainda não estava confortável o suficiente para receber pessoas na casa de Ricardo.

- Vamos a um café? - perguntou Lissa, abrindo a porta do carro e fazendo uma varredura nas expressões e aparência de Solie.

Desde que se encontraram há quase três semanas e soube desse contrato maluco, se sentia preocupada e impotente. Não podia interferir nas decisões de Solie, mas de alguma forma queria protegê-lo de qualquer possível infortúnio.

Instinto protetor Alpha? Talvez. Para ela, Solie era um ômega especial, vê-lo se rebaixar perante um alpha qualquer que não o conhecia, nem valorizava sua existência, fazia seu coração doer de preocupação.

Quem olhasse de fora, poderia achar que ela tinha uma queda, senão uma paixonite mal resolvida por Solie. Mas, não era esse o caso. Lissa, era uma ávida apreciadora das delicadas curvas e doçuras que só as lindas ômegas femininas têm.

Por mais que Solie fosse leve, lindo e apaixonante, tais qualidades só foram capazes de despertar na alpha de pavio curto, uma profunda empatia, admiração e um tipo de irmandade desconhecida entre ômegas e alphas.

Desde sempre, Solie a desafiou como uma Alpha. Ele, transparente, questionador e livre das amarras que normalmente envolvem os ômegas, a deixava escandalizada. Ela, sempre muito rígida e controladora como a maioria dos alphas, o rotulava e tentava enquadrá-lo em seus pobres conceitos, para em seguida, se sentir ultrajada quando Solie rejeitava suas titulações e agia fora dos padrões, por sua própria conta e risco.

A relação inicial deles era basicamente de atrito. Lissa o contestava e julgava, enquanto Solie sempre sorridente e educado, a rebatia com perguntas óbvias, lhe dando as costas e fazendo o que bem queria.

Dentro do processo dos dois de aceitação mútua, Lissa em suas várias fases de desaprendizado, se sentiu irritada, desrespeitada como alpha, ignorada e rejeitada até conseguir compreender que, sua dificuldade em aceitá-lo, não era sobre as regras de um "ômega respeitável", mas, sobre que tipo de Alpha ela aprendeu que deveria ser, e mais do isso, se gostaria de se tornar aquela versão aprendida de si mesma ou não.

Sua rica família de Alphas, era embasada em antigos códigos de conduta e dinâmicas de alta performance. Cresceu sob grande pressão para que fosse a melhor em tudo.

Conhecer Solie, fez com que ela se sentisse chutada para fora de seu pedestal ancestral, lugar esse, aprendido ser seu por natureza e direito.

Diante de tamanha desconstrução, nos últimos anos, vem travando guerras internas com sua família, levantando questionamentos e acumulando desmandos.

Como herdeira, assumiu a liderança da empresa de Gestão de Seguros de seus pais, performando como uma excelente administradora, fazendo renovações no quadro de funcionários e abrindo espaço em diversas áreas para betas e ômegas, o que causou grande conflito com aqueles ainda apegados aos próprios preconceitos.

Tudo isso, por que um dia ela conheceu esse ômega alegre, estiloso, cheio de truques, criatividade e muita libido, com pais muito especiais que o criaram como uma alma livre, cheia de coragem e vitalidade.

Ah sim! Lissa ama de paixão os pais de Solie, como se fossem sua segunda família. Aliás, todo o grupo, Morgan e sua família, Alisson e sua namorada, todos no coração de Lissa, eram cada um à sua maneira, responsáveis por ajudá-la a perceber um tipo de realidade mais doce, conciliadora e com espaço para o respeito entre as diferenças e escolhas pessoais.

Não por acaso, nas duas últimas semanas, a mãe de Solie, ainda preocupada, procurava saber sobre as particularidades do tal 'namoro-casamento-de-mentira' por meio de Lissa, Morgan e Alisson, já que não conseguia obter mais do que um 'está tudo bem' de seu filho. Porém, seu instinto materno dizia que algo não ia tão bem.

Em off, Lissa, Morgan e Alisson se movimentaram e pesquisaram todo histórico e antecedentes de Ricardo. Após conseguirem seus dados, Lissa foi eleita para fazer contato. Já que era a Alpha do grupo e administradora, teria mais facilidade em lidar com Ricardo e entender os termos do contrato assinado.

Já avisado por Solie do que poderia acontecer, Ricardo foi cordial ao telefone e sem muitas explicações passou o contato de Carlos, seu amigo e advogado.

Na mesma semana, Lissa se reuniu com Carlos e ficou ciente de tudo o que havia sido acordado. Pôde respirar com mais tranquilidade, após conhecer todas as cláusulas e ter a certeza que seu amigo não tinha assinado um contrato cheio de letras miúdas que o prejudicasse.

Agora vinha a parte mais difícil: descobrir o que estava acontecendo com Solie.

Há meses, seu amigo sempre alegre e sorridente, tinha se tornado soturno e inacessível, e de repente, veio com essa história absurda. Agora, ela, Morgan e Alisson estavam preocupados que algo ruim estivesse acontecendo.

- Fazem duas semanas que se mudou?

- Sim... - respondeu mexendo no café gelado sem muito ânimo.

- E o que tem feito?

- ... - Solie não sabia como responder - Nada realmente, só me ambientando com a casa e esperando Ricardo chegar para conhecê-lo melhor.

- Hummmm... Então, quais seus planos agora?

- Ahn? Como assim? - com olhos vazios, Solie pela primeira vez levantou a cabeça olhando para Lissa com uma expressão questionadora.

- Sol, você não tem planos futuros? - ao observar aqueles olhos vazios e sem esperança, Lissa

sentiu um aperto no peito ao constatar pela primeira vez, que seu amigo estava nitidamente perdido.

- Planos futuros? Que tipo de plano futuro eu poderia fazer agora?

- Sol... Por favor, me diga o que está acontecendo ou o que você está sentindo... - usando uma voz suave e tentando ser o máximo compreensiva e acolhedora possível, Lissa estava controladamente seguindo as instruções de Morgan, para não criar mais questionamentos ou fazer Solie se sentir inadequado. Caso contrário, poderia afastá-lo novamente.

- Não sei. Me sinto vazio. Sem ânsias ou expectativas. Meu único objetivo é que o dia passe para encontrar Ricardo e desenvolver alguma intimidade.

- Você passa o dia esperando? - Lissa estava assustada com aquela situação.

- Sim... - respondeu Solie envergonhado. Nem ele se reconhecia.

- E como Ricardo te trata?

- Bem. Mas é rápido. Ele chega, me cumprimenta, pergunta se estou bem, como foi o dia e se recolhe para o quarto.

- Ahhh, entendi - "Esse filho da puta! Isso é quebra de contrato, já que ele não está se esforçando para cumprir a parte dele na interação pessoal!!!", gritou internamente já irritada, porém, mantendo a calma externa - Sol, o que acha de mudar a dinâmica para ter mais resultados?

- Mudar o quê?

- Tudo!

- ...

- Veja só... Você teve essa sorte única de receber uma proposta vantajosa de um cara muito rico por um tempo determinado, certo? - "Não acredito que estou falando isso!", buscando uma forma sutil de persuadir Solie, Lissa estava admitindo verdades, que nem ela gostaria de afirmar.

- Hum...

- Então, ao invés de ficar à espera de uma interação com Ricardo, o que acha de criarmos um plano de ação, para que ao final desse contrato, você esteja completamente estabilizado em todos os aspectos?

- Mas durante esses três meses, o objetivo é desenvolvermos um certo nível de intimidade para saber se vamos conseguir administrar os três anos de casamento. Como vou fazer planos, se nem sei se vamos passar dessa fase?

- Sol, vamos pensar juntos alguns pontos. Primeiro, interação é um esforço de ambas as partes, mas pelo que está me falando, só você está se esforçando.

Lissa procurava palavra por palavra em seu vocabulário, para que as questões fossem as mais claras possíveis ao entendimento Solie.

- Mesmo eu não sendo uma expert em relacionamentos como o Morgan, até eu sei que vocês

precisam sentar e conversar sobre isso para alinhar essa dinâmica. Logo, minha pergunta é: você se sente capaz de levar esse questionamento até ele?

- ...- refletindo sobre as palavras de Lissa, foi difícil para Solie visualizar de que forma levaria tal questionamento àquele Alpha que julgava poderoso. Se sentia fraco, pequeno e impotente - Não sei... - respondeu timidamente.

- Sol... Sol, olhe para mim - respirou fundo e com delicadeza, Lissa alcançou o queixo de seu amigo, levantando seu olhar para que pudesse olhá-lo profundamente.

"Ah desculpe Morgan! Sei que prometi tentar ser a mais delicada possível e blábláblá, mas cheguei ao limite da minha tolerância ao gastar todo meu estoque de docilidade! Não aguento mais vê-lo como um rato acuado num canto escuro!", depois tomar decisão de mudança de atitude, Lissa sutilmente direcionou seus feromônios a Solie como um estimulante natural, para fazê-lo sair do torpor no qual estava submerso.

- Sol, não sei o que aconteceu para você se refugiar nesse lugar triste, mas eu realmente, realmente sinto falta do meu amigo alegre, corajoso e destemido.

- ... - com olhos lacrimejantes, Solie sentiu um leve tremor interno devido ao estímulo dos feromônios que tinham o doce objetivo de trazê-lo à tona.

- Sabe, na faculdade, tinha esse ômega pequeno e atrevido que me tirava do sério todos os dias porque não tinha medo de me desafiar, logo eu, uma alpha de primeira linha!!! Me pergunto onde ele foi parar? - com isso aumentou a emissão de feromônios, estimulando a circulação e os hormônios de Solie, o agitando internamente - Esse ômega atrevido, já teria me mandado recolher os feromônios me chamando de alpha desprezível, entre outros palavrões nada bonitos.

- Ah ah ah - Solie estava ofegante e tremendo, mas não excitado, era um tipo diferente de estímulo exercido por Lissa. Era uma forma de "sacode" emocional por meio de feromônios - Já entendi Lissa, pode recolher.

- Tem certeza? Eu acho que ainda não, hein.... Hum, devo ir um pouco mais fundo para fazê-lo sair desse lugar de merda onde se enfiou? - falou afiando os olhos enquanto buscava uma atitude mais reativa de Solie.

- Chega Lissa! - murmurou entre os dentes, a encarando desafiadoramente, demonstrando sua indignação.

Todo deserto e vazio tinham se esvaindo de seu olhar. Seu corpo, antes pesado e entorpecido, agora estava vibrando e em alerta.

- Toc toc, quem está aí? - brincou Lissa, batendo no ombro de Solie.

- Fala sério! Não acredito que jogou seus feromônios em mim!

- Ah! O que a gente não faz para trazer um amigo de volta à realidade, né? - falou sorrindo e piscando.

Sim, seu pequeno choque de feromônios tinha surtido efeito e uma ponta do Solie que conhecia estava de volta.

MENSAGEM AO GRUPO:

Lissa: Intervenção bem sucedida! 💪🏻🎉

Alisson: 👊🏻🎉

Morgan: 🙏🏻❤

10. Onde está Solie?

Mais um dia e sem sinal da presença de Solie. Há três dias não o via.

Lidar com uma pessoa estranha dentro de casa inicialmente foi bastante estressante para Ricardo. Estava acostumado a chegar em casa e desfrutar do silêncio e da solitude, porém, nas últimas duas semanas foi recebido gentilmente por Solie ao chegar do trabalho.

É certo que acordaram interagir para desenvolver proximidade, mas Ricardo não sabia como fazê-lo sem soar artificial e forçado. E assim, buscava uma estranha gentileza ao cumprimentá-lo ou demonstrar um falso interesse em seu dia. Mais do que isso seria forçar a barra.

O que mais deveria fazer ou falar?

Não tinha tato para conversas sobre amenidades, sua personalidade direta e objetiva não via sentido em papos aleatórios que não fossem do seu interesse ou não tivessem uma finalidade.

Se perguntava como era possível ser filho de seus pais, pessoas sempre tão sociáveis e dispostas a longas horas de lobby desinteressado?

Talvez por ter crescido entre reuniões e recepções de durações infinitas, tenha desenvolvido certa aversão a esse tipo de relacionamento social. Ou, tenha puxado as características obstinadas e objetivas de seu avô.

Hoje, de forma estranha, algo parecia diferente ao entrar em casa, o ambiente parecia mais estéril como se algo estivesse faltando, algo muito sutil. Olhou os espaços com detalhe para ver se algo faltava, mas tudo parecia igual e em seu devido lugar.

Deixou sua bolsa no sofá, caminhando pela sala em busca de algo que não sabia o que era. Olhou em volta, nos cantos e na cozinha. Nada. A sensação permanecia. Algo que estava ali antes, não está mais. Mas, o quê?

Tendo gasto tempo demais numa busca infundada, pegou suas coisas e subiu. Tinha outras coisas mais importantes para pensar.

Ainda estava aborrecido com Carlos pela sugestão dos três meses de experiência, achava que essa poderia ser uma brecha para Solie repensar e desistir do contrato. Agora que tinha dado um passo sério em seu planejamento, seria um grande problema se isso acontecesse. Logo, esses três dias sem retorno o preocupava.

Tirando essa preocupação que habitava seu plano de fundo diário, precisava planejar sua vida sexual.

Desde a adolescência era extremamente ativo sexualmente, sendo esse um grande problema para os alphas dominantes, a libido extrema.

Nunca lhe faltaram parceiras e ainda assim, se sentia constantemente insatisfeito e faminto por sexo.

Com seus encontros e casos, mantinha uma frequência mínima de três vezes na semana, alternando boas transas com outras nem tanto, sendo mais importante transar e liberar

feromônios, do que garantir a qualidade do ato em si. Era quase um escravo da cama, embora isso nunca tenha sido um problema até agora.

Como lidar com essa dinâmica nos próximos três anos? Era a questão que vinha ocupando boa parte de sua mente nos últimos dias.

Já tinha apagado boa parte de seus contatos e nas últimas semanas fez uso do serviço de acompanhantes, mas seria suficiente?

Teria que separar uma boa quantia de seu orçamento para bancar sua sanidade sexual. A fim de economizar e proteger sua privacidade, decidiu alugar um apartamento numa cidade litorânea próxima, zerando o custo com diárias de hotel e diminuindo a possibilidade de ser visto numa interação fora do casamento.

Valia a pena tamanho sacrifício somente para se manter numa empresa que não o valorizava pelo que era? Estava sendo infantil, mimado, teimoso, burro ou tudo junto?

Na verdade, há algum tempo estava gerenciando novos negócios fora da empresa de forma independente, porém ainda não estavam consolidados, por isso, precisava se manter ativo e estável até que pudesse bancar seu empreendimento pessoal, além do chamado constante para gerir as ações que seu avô tinha deixado. Eram muitos panoramas financeiros a gerenciar.

Analisando friamente, Ricardo tinha visto uma grande oportunidade no gerenciamento de contas fixas, era uma experiência que ainda não dominava completamente e que talvez, fosse importante futuramente, frente aos projetos que tinha em mente.

Sobre Solie... E casamento... Só se deu conta da real gravidade da situação, há duas semanas atrás, ao abrir a porta de casa e acomodar seu futuro marido de mentira.

É fato que, tinha sido impulsivo tomando uma decisão extrema e seria incoerente desistir agora, tendo investido tanto ao pagar as dívidas de Solie como garantia, além do pagamento mensal acordado.

Para agravar sua avalanche de pensamentos, nos últimos dias, Carlos se mostrava constantemente preocupado e discorria sobre diversas possibilidades e situações onde tudo podia dar errado, principalmente após a visita de Lissa. Mesmo Solie avisando que iria compartilhar o "segredo" com seus amigos, muito provavelmente eles tentariam se inteirar da situação.

Com tantas considerações de seu amigo e advogado, se sentiu tenso e receoso em certo momento, mas obstinado como era, resolveu seguir em frente. Já tinha tomado sua decisão no momento em que entrou naquele chat e o universo o congratulou com a pessoa adequada na primeira tentativa. Tudo lhe dizia que estava no caminho certo, mesmo que todos dissessem o contrário.

Foi um contrato de risco, porém, se tudo corresse de acordo, e todas as variáveis financeiras que estava gerindo dessem certo, o investimento em Solie seria um valor irrisório frente a todo retorno que obteria.

Para sacramentar o processo sem deixar pontas soltas ou a possibilidade de voltar atrás, há uma semana fez uma videoconferência com seus pais e informou aos dois que estava fingindo um relacionamento com um amigo para alavancar sua carreira. Contou os pormenores da empresa e

por que tinha tomado tal decisão. Com olhares indecifráveis, seus pais, sempre falantes e opinativos, não fizeram nenhum questionamento ou mesmo alguma observação. Algo o incomodava com essa atitude antinatural de seus pais.

Se jogou na cama soltando a gravata. Fechou os olhos. Sua mente estava um turbilhão. Entre tantos pensamentos sobre tudo que tinha a fazer e decidir, uma pergunta não parava de se repetir: Onde está Solie?

11. Virando a Chave

Desde o encontro com Lissa na Cafeteria, aquela nuvem de auto depreciação que cercava Solie tinha se dissipado completamente. O choque de feromônios tinha sido bem sucedido.

Para felicidade geral do grupo, seu amigo tinha voltado "ao modo Solie de ser".

Após a sessão de intervenção, Lissa o convenceu a voltar temporariamente para casa e se refazer. Seria mais fácil se alinhar internamente no seu espaço pessoal e seguro.

A caminho de casa, Solie enviou uma mensagem curta para Ricardo avisando que precisaria resolver alguns problemas, e assim, saiu de cena daquele teatro para reorganizar sua bagunça emocional.

No dia seguinte, reunido com seus amigos em sua casa, conversaram sobre os fatos dos últimos meses que o levaram aquele estado depressivo. Falaram a respeito de seu trabalho, os comentários maldosos e sobre como Solie se deixou influenciar negativamente por pessoas que não o conheciam, nem queriam seu bem.

Ser autêntico, é um desafio à auto estima de qualquer um que expõe sua vida nas redes, já que a maioria das pessoas tem pouca ou nenhuma tolerância à originalidade alheia, transformando o comportamento de quem é diferente e único, em afronta pessoal.

Numa sociedade onde ômegas e alphas tem regras implícitas de conduta a serem correspondidas, fugir do roteiro pré estabelecido traz à tona o pior das pessoas.

É uma plateia que finge interação com o conteúdo postado, mas que no fundo se concentra em julgar, difundir rótulos e ditar regras na vida alheia de forma violenta e maldosa. Dar crédito a opinião de tal público, fez com que Solie perdesse a referência sobre si mesmo.

- Realmente não consigo entender por que as pessoas são tão maldosas e virulentas quando se relacionam com um conteúdo que não gostam. Caramba, cada um gosta de uma coisa! Tudo bem se não gostam das minhas roupas ou sugestões, mas precisam me xingar e me diminuir por ser ômega? O que tem uma coisa a ver com outra?

- Você ainda é gentil quando diz que elas se "relacionam" Sol! E sempre tem tudo a ver com esse enquadramento limitante sobre ser beta, ômega ou alpha - falou Alisson irritado.

- Bom, isso é algo que você terá que aprender a lidar, caso ainda queira continuar a divulgar seu trabalho. Já pensou no que vai fazer? - questionou Morgan.

- Ah! Sabe o que percebi agora?! - gritou Alisson agitado - Já pensou que você e esse alpha Ricardo tem uma coisa muito interessante em comum?

- Em comum? O que seria? - perguntou Solie curioso enquanto dava um gole em sua cerveja.

- Você e ele foram... Humm, como posso dizer... Rejeitados? Julgados pela escolha pessoal? Não sei bem a palavra correta, mas pensa aí, você foi massacrado pelos seus pseudo-fãs por ousar se tornar estilista sendo um ômega, quando as pessoas acham que ao invés de seguir seus sonhos, deveria correr atrás de alphas para casar, ser dócil e ter filhos. Já ele, foi julgado como um alpha não confiável pelos velhos invejosos, broxas e casados, por ser um bon vivant, mesmo que,

segundo você disse, seja um dos melhores da empresa quanto aos resultados e lucros. Percebe a similaridade?

- Wow! Pensando dessa forma, até que faz sentido!!! Que doido!!! - exclamou Solie surpreso pela ficha caída trazida à tona por Alisson.

- Só que... Enquanto você se refugiou e se deprimiu, ele partiu para o ataque.

Clap! Clap!! Clap!!!

Morgan, Lissa e Solie aplaudiram divertidamente o poder de percepção alargada da realidade de Alisson. Ele, que normalmente parecia sempre tão desconectado e aleatório, vez em quando tinha certas sacadas pontuais, que por diversas vezes tiraram cada um dos amigos de enrascadas.

- Toma aqui!!! - gritou Lissa abrindo uma lata de cerveja - Depois dessa você merece uma geladinha!

- Será que, por Solie ter uma personalidade mais aberta e sociável, ele se torna mais vulnerável? Já esse alpha aí, parece bem fechadão, né não? - ainda refletindo sobre as similaridades e contradições que uniam alpha e ômega, Alisson estava curioso.

- Nada! Momentos assim são importantes e necessários para Solie amadurecer, colocar os pés no chão e ficar mais casca grossa. Com o tempo ele vai tirar de letra! - Lissa estava confiante no poder de recuperação de seu amigo.

- O que acontece é, que até hoje Solie tem lidado com um núcleo pequeno de pessoas que gostam dele e consequentemente de suas criações. Mas, como um bom criador fora dos padrões, você terá que aprender a lidar com críticas sem cair na auto depreciação, Sol - concluiu Morgan.

- É... Entendi que preciso aprender a lidar com as críticas. Mas, é engraçado, né? Não posso reclamar de falta de apoio, pelo contrário, meus pais, vocês e vários colegas sempre foram muito bons comigo, me dando conselhos e corrigindo quando errava. Sempre entendi e segui em frente. Até os clientes, quando diziam que não tinham gostado de alguma sugestão minha, sempre aceitei que tinha que melhorar, ouvir mais e tal. Então, até agora não entendo porque fiquei tão mal com esses comentários.

- Por mais seguro ou bem sucedido que alguém seja, ninguém está imune de se questionar até o ponto de se perder. Acho que foi o que aconteceu com você... - explicou Morgan carinhosamente.

- Mas nos reunimos aqui para falar de planos!!! - era só no que Lissa pensava: Planos! - Vamos pensar no que você irá fazer de agora em diante?

- Hum, planos. Eu realmente não pensei sobre nada ainda - refletiu Solie ainda perdido sobre o que fazer.

- Minha mente de administradora pensa o seguinte: Ricardo está te usando e pagando para alcançar os próprios objetivos, e acho que você tem que fazer o mesmo, usar o dinheiro, poder e status para desenrolar seus projetos, já que nos próximos três anos terá segurança financeira. Quando esse contrato terminar, você tem que estar seguro na sua profissão e no que mais tiver inventado. O que acha?

- Acho ótimo! - respondeu Solie entusiasmado e já viajando em diversas possibilidades que antes nem habitavam sua mente.

- Nossa! Nem tinha pensado por esse lado. Gostei da ideia! Tem algum projeto que queira colocar em prática, Sol? - perguntou Morgan interessada na ideia. Até então, ele só se preocupava com a relação entre alpha e ômega e quanto isso poderia desestruturar Solie, que nunca tinha tido um relacionamento fixo ou convivência com um alpha, exceto por seu pai, o que não contava.

Como não tinham como demovê-lo da ideia de aderir a um casamento de mentira, todos os amigos refletiam cada um a seu modo, numa forma de Solie ter um retorno positivo da situação.

- Ah! Também é importante vocês sentarem e terem uma conversa direta sobre como será o relacionamento e a interação ao longo desse tempo. As coisas precisam ficar claras e perder esse gelo, caso contrário, essa história não vai colar quando estiverem em público - acrescentou Morgan.

-Sim, eu sei que isso tem que melhorar.

- Não, não é só melhorar, vocês precisam construir uma parceria. Se continuarem se tratando como estranhos que nunca se tocaram, será desperdício de tempo, dinheiro e empenho - concluiu Morgan pensando em como poderia ajudá-lo a direcionar a interação.

- Acho que Morgan tem razão, essa forma de desenvolver o relacionamento está capenga - falou Lissa e continuou - Imagina o seguinte: um evento de negócios do Ricardo, para os outros vocês são recém casados, logo estão no auge da paixão e pegação, se abraçam toda hora, tem aqueles olhares fofolentos que espalham diabetes para quem está em volta, fazem aquele lance escroto de ficar falando sei lá o quê no ouvido um do outro, tipo "estamos no nosso mundinho colorido" e por aí vai! - Lissa revirou os olhos fazendo uma expressão de nojo em sua livre demonstração de desprezo às relações românticas e as dinâmicas de casais apaixonados que tanto a irritavam em eventos da própria empresa - Me diz, como vocês vão fazer um mínimo dessas cafonices interagindo como estranhos em casa?

- Hahahahahahaha! - todos riram em conjunto diante da explanação caótica e cômica de Lissa, oxigenada por seu desapreço.

- Entendi o recado, Lissa! - exclamou Solie ainda rindo.

- Mas Solie, só uma ideia, acho que você precisa ressignificar esse alpha aí dentro na sua cabeça. Eu sei que ele faz seu tipo e tals, mas ficar preso no quanto ele é lindo e gostoso, pode tirar sua objetividade, não acha? - e assim, Alisson mais uma vez deu um golpe certeiro na questão-problema do momento.

De fato, essa tinha se tornado sua maior fraqueza: o desejo por Ricardo.

Solie já tinha se relacionado com vários alphas, mas nenhum chegava aos pés da estirpe de Ricardo. Um alpha lindo de todas formas e ângulos, másculo, de alta classe, com uma presença tão poderosa, que uma simples troca de olhares, o fazia perder a força nas pernas, a fala e o rumo. Se transformava em um gatinho ronronante e indefeso. Ainda que não deixasse transparecer.

Esse estado de completa vulnerabilidade perante um alpha, era um aspecto completamente desconhecido de si mesmo. Desde o início de sua vida sexual, era seguro de seus atributos e sempre objetivo na satisfação dos próprios desejos. Além disso, nunca tinha se apegado a ninguém. Logo, essa era uma experiência completamente nova, como tudo relacionado a Ricardo.

Naquela fatídica tarde do primeiro encontro, quando viu Ricardo sentado de pernas cruzadas, imponente e deslumbrante no Restaurante, um estado de profunda ansiedade foi despertado dentro dele. Estado esse, que o levou a assinar um contrato de relacionamento falso em menos de 24 horas, só pela expectativa de desfrutar um pouco mais da presença daquele alpha enigmático e inacessível.

Nas últimas semanas enquanto aguardava Ricardo em casa, mesmo perdido em sua apatia, tentava desesperadamente diminuir as expectativas que o oprimiam, repetindo para si mesmo diversas e diversas vezes: "Eu sei que esse relacionamento não tem futuro, Ricardo só me enxerga como um meio para alcançar um fim. E é só isso. É só isso".

Mas, toda vez que aqueles feromônios de floresta profunda alcançavam seu nariz, todo seu esforço se transformava num estado de euforia e puro deslumbramento.

Ele estava ciente da sua confusão emocional em relação ao alpha que estava além do seu alcance, e mesmo não entendendo o que sentia, nem sabendo lidar com todas aquelas novas sensações, já tinha decidido empreender o esforço necessário para mudar a postura e lidar com a situação de forma objetiva, passando por cima dos próprios desejos.

Afinal, alimentá-los seria o mesmo que assinar um outro contrato paralelo de sofrimento contínuo pelos próximos três longos anos.

Direcionar seus objetivos, desenvolver seu trabalho, criar novas ideias, cuidar de si mesmo, cumprir com as demandas do contrato, essas eram algumas das muitas demandas que começavam a ganhar vida e espaço dentro da mente e coração de Solie.

- Sim, passei esse tempo todo me contorcendo de ânsia, desejo e frustração por ele, mas decidi que isso acaba agora. Vou planejar meu caminho para me tornar o profissional reconhecido que almejo ser.

Vrrr vrrr vrrrr

Olharam todos ao mesmo tempo para a tela piscante que vibrava o nome "ANTONY". Já o conheciam como aquele alpha bonito, alto, moreno, definido, Advogado Internacional, admirador declarado de tudo que se relacionava a Solie, sempre o tratando como um príncipe precioso, mesmo tendo sua proposta de namoro rejeitada diversas vezes. Era o melhor dos seus casos, atencioso, carinhoso e dono do melhor sexo que poderia desejar nesse momento.

- ATENDE!!! - gritaram em uníssono!

12. Prazer, Solie!

MENSAGEM

Solie Bian: Estou de volta, nos vemos à noite?

Ricardo: Ok.

Oito dias. Foram oito dias de tensão e expectativa.

- Bae...

- Sim, Sr.

- Desmarque a reunião do final do dia, vou para casa mais cedo hoje.

- Mas é uma reunião importante.

- Tenho algo mais importante, reagende para amanhã no horário que for possível, então pode remanejar os compromissos para encaixá-la.

- Ok.

Bae, era seu secretário há alguns anos. Nos últimos dias tinha notado Ricardo um pouco mais tenso e disperso, diferente do normal sempre relaxado e assertivo. Não sabia ainda o que era, mas algo o incomodava.

.
.
.

A possibilidade de cancelamento do contrato por parte de Solie, deixou Ricardo fora do seu normal. Seria um grande problema e afetaria todas as decisões a serem tomadas, logo, nenhuma reunião era mais importante do que assegurar o acordo entre os dois.

Estando tudo ok, poderia continuar com a progressão de contas que estava assumindo.

Sim, havia a multa caso Solie resolvesse voltar atrás, mas qualquer um poderia conseguir o valor e cobrir o cancelamento. Mesmo se obtivesse o retorno do valor investido, nesse momento, não era mais vantagem para Ricardo, já tinha empreendido bem mais do que somente dinheiro.

Agora, era de suma importância manter Solie ao seu lado durante os próximos três anos.

Dirigiu para casa pensando no que poderia comprar para agradá-lo, se isso fosse possível, porém não fazia ideia de seus gostos.

Naquelas duas semanas anteriores, ele não foi capaz de perguntar o mínimo sobre o outro, enquanto foi questionado diversas vezes se queria comer, o quê gostava ou como gostava e não só não respondeu às questões, como também, não se interessou em saber sobre Solie. Estava falhando miseravelmente no próprio projeto de forma deliberada.

Se deu conta de que precisava corrigir seu comportamento.

Abriu a porta de casa em expectativa, estaria Solie no sofá esperando como sempre fazia? Acomodou seu casaco no armário de entrada e se direcionou para a sala.

Foi recebido por um delicado e sutil aroma de Flores do Campo, tão sutil que qualquer um que não fosse um alpha dominante com um olfato extremamente apurado, não seria capaz de sentir.

Instantaneamente entendeu aquele vazio de "algo faltando" sentido nos últimos dias, que deixava a casa com uma estranha vibração estéril. Por diversas vezes, de forma inconsciente, se viu procurando o que faltava achando ser algum objeto.

Olhando agora, aquele aroma sutil fazia com que o ambiente interno da casa, se integrasse com o jardim externo, proporcionando uma leve sensação de harmonia.

O lugar que mais gostava em sua casa era o jardim. Toda vez que a exaustão e estresse o tomavam, tinha como terapia andar entre as flores fazendo profundas inspirações. Tinha tanto apreço, que posicionou estrategicamente uma espreguiçadeira no local, para esses momentos que tanto o acalmavam trazendo o mínimo de paz.

Agora, parecia poder desfrutar da mesma sensação dentro de casa, além de transportá-lo para doces lembranças infantis.

Sua mãe, sempre alegre e sorridente, tinha o hábito de espalhar flores por toda casa, e essas naturalmente deixavam o ambiente sempre leve e acolhedor. Porém, desde criança, Ricardo não gostava de vê-las murchar. Logo depois que seus pais se mudaram, preferiu mantê-las vivas e em contínuo desabrochar no jardim e não economizava em pagar o exímio jardineiro do condomínio, que mantinha seu belo campo de flores sempre limpo, florido e longe de pragas.

"Como não percebi isso antes? Eram os feromônios de Solie? Onde estou com a cabeça?", Ricardo estava consternado com seu nível de desatenção e abandono de uma situação que ele mesmo escolheu entrar. Estava muito aborrecido consigo mesmo.

- Boa noite! - cumprimentou Solie do alto da escada, sorrindo gentilmente.

- Olá, boa noite - subitamente interrompido de suas sensações e pensamentos de auto crítica, Ricardo respondeu de forma automática, olhando para cima em busca da voz que o saudava - Tu.. tudo bem com você? - titubeou surpreso ao constatar que a pessoa que enxergou, em nada se parecia com aquela dos últimos dias.

Enquanto Solie descia calmamente a escada, Ricardo o observava surpreso com a mudança.

Seus delicados traços faciais, agora pareciam chamar mais atenção emoldurados pelo corte de cabelo curto e liso, deixando expostas suas orelhas adornadas com delicadas argolas e um piercing de cristal dando tom de atrevimento. Todo conjunto ornava majestosamente com a camisa branca estilizada, larga e afofada, presa à sua cintura fina com um cinto duplo de couro, contrastando com a calça de cetim preto, que a cada movimento de Solie, dava foco às nádegas perfeitas, se estendendo pelas pernas esguias, combinando com a bota preta de salto fino.

E ainda, usava joias delicadas e finas no pescoço, mesclando uma gargantilha com dois cordões prateados e pequenos anéis que traziam o olhar para seus dedos finos, completando o visual.

Era um estilo simples, porém sofisticado, que exaltava a beleza natural daquele ômega que

perfumava o ambiente com Flores do Campo.

Quem era aquele? Ricardo tinha visto várias fotos de Solie em suas redes sociais e todas mostravam seu gosto por vestir-se bem, entre outros hobbies. Afinal, ele era formado em Moda e trabalhava como estilista pessoal, nada seria mais óbvio do que isso. Porém, as fotos em nada se comparavam com a presença que descia a escada.

"Sim, foi esse o potencial que vi nele desde o início para ser meu parceiro nesse projeto. Mas... ele parece ter mudado? Está com uma espécie de "aura" diferente?", Ricardo estava positivamente intrigado com a mudança.

- Sim, agora está tudo bem! - respondeu Solie ao descer da escada - E você, como tem estado esses dias?

- Bem também.

- Que bom. Vamos sentar? - convidou se direcionando para o sofá.

- ... - ao observá-lo andar até o sofá, Ricardo admirou sua silhueta esguia… Ele tinha emagrecido? Se sim ou se não, aquilo não era importante agora e logo dissolveu aquele pensamento. Se perguntava sobre o que se tratava aquela situação, ainda acreditava que Solie poderia ter voltado apenas para cancelar o acordo.

- Peço desculpas por ter ficado fora esses dias, mas precisei de um tempo para repensar os últimos acontecimentos.

- Sem problemas, e correu tudo bem? - perguntou se mostrando compreensivo, porém sentia sua mente se agitando com diversas questões e traços de culpa, por não ter feito o mínimo necessário nas duas semanas que antecederam a ausência de Solie.

- Sim. Bom... Indo direto ao ponto, acontece que, desde que nos conhecemos, aliás, desde um pouco antes de nos conhecermos, eu estava num momento muito ruim internamente, meio perdido e fora de mim.

- Entendo.

- Mas eu, Solie, normalmente não sou uma pessoa apática ou que se deixa levar pelos outros. Tenho certeza que tudo que aconteceu e como aconteceu, foi por estar num mal momento e fora do meu normal.

Ricardo sentiu todo seu corpo estremecer. Sua expectativa do pior cenário parecia tomar forma.

- Minha falta de clareza, me levou a tomar decisões sem pensar - notando um olhar de dúvida em Ricardo, Solie se adiantou - Mas não se preocupe, embora você tenha sido beneficiado pela minha ausência, tenho plena consciência que não é, de forma alguma, culpado pelas minhas escolhas.

- Acho que você está se esquecendo que não fui o único beneficiado.

- Ricardo, sejamos honestos, eu não estava tão endividado ao ponto de me casar para pagar as contas, certo? Não foi por dinheiro, só me deixei levar pela situação por estar muito perdido. Mas não estou lamentando e vou assumir a responsabilidade.

Solie fez uma pausa tomando uma respiração profunda.

- Além disso, sei que tem um projeto sério em andamento e acho que já passamos do timing para retorno.

Ele sabia que estava falando uma mentira. Podia cancelar o contrato a qualquer momento, inclusive agora. Tinha como conseguir a quantia da multa e a devolução dos valores investidos com a ajuda de seus amigos. Mas, internamente havia uma força que o impedia de voltar atrás. Desde o início, desde o primeiro encontro, ele sabia que queria entrar naquela história maluca de casamento de mentira. Porém, agora precisava de uma mudança de postura. Ele não era mais aquele ser amorfo, sem vontade e atitude de dias atrás.

- Então, vou assumir a responsabilidade pelo nosso acordo, porém, quero começar do zero.

- O que significa isso exatamente? - perguntou Ricardo respirando aliviado.

- Significa que aquela pessoa que você conheceu, fechou o contrato e que ficou aqui te esperando por duas semanas, não existe mais e nada tem a ver com quem eu sou.

- ... - uma pontada de mal estar surgiu em Ricardo com a última sentença. Será que se ele tivesse tido uma postura diferente, eles estariam tendo essa conversa?

- Se você quer que esse contrato dure esses três anos e que seus planos tenham sucesso, precisaremos nos esforçar muito mais para construir uma relação e história de amor que os outros acreditem.

- E o que você sugere?

- Tenho uma lista de regras, hábitos e afazeres para implementarmos, mas para começar, vamos nos apresentar novamente - falando isso, se levantou e estendeu a mão - Prazer, Solie Bian.

- ... - consternado, Ricardo teve a real sensação de que estava conhecendo outra pessoa.

13. Nossas 7 Regras

"Uau! A última semana foi realmente intensa... Tantas coisas para refletir e decidir", depois de oito longos dias, Solie estava de volta àquela casa.

Nos últimos dias, toda forma de perspectiva e possibilidade foram pensadas.

Que rumo daria a sua profissão?

Como lidar com a insegurança perante Ricardo e se posicionar de forma direta e transparente?

Será que ele aceitaria todas as propostas que tinha em mente?

Como fazer daquela casa seu lar?

E seu pai que ainda não tinha retornado, o que faria?

"Preciso preencher esses espaços com foco e produtividade", refletiu ao abrir sua agenda vazia de projetos e compromissos. Começou ligando para o personal trainner indicado por Alisson e depois para a terapeuta sugerida por Lissa.

Estava passando por várias mudanças e segundo ela, amigos e família são importantes nesses momentos, porém não substituem a ajuda profissional. Era de suma importância encarar suas vulnerabilidades, e não lidar de forma leviana com aquele breve momento de depressão pelo qual tinha passado, para que não acontecesse de novo.

Tinha percebido o quão importante seria cuidar de si mesmo de forma mais profunda, não só profissionalmente, mas também física e emocionalmente.

.
.
.

Dias antes...

"Se existe uma ou mais pessoas legais e gentis que gostam e querem estar com você, mas só tem olhos para aquele que te despreza, algo está muito errado dentro de você".

Essa era uma frase repetida por sua mãe desde que Solie se entendia por ômega. Ela mesma na juventude, foi vítima da própria baixa autoestima, ao se apaixonar por um beta que desprezava sua existência. Foi preciso conhecer seu pai para ressignificar a palavra amor. Com isso, aprendeu a importante lição de sempre buscar o olhar daqueles que a respeitavam e lhe guardavam sincera consideração, e ignorar quem a desprezava deliberadamente.

Solie desde de cedo aprendeu a respeitar e valorizar os conselhos de sua mãe ômega.

Segundo ela, existia uma tendência inconsciente de ômegas sempre se atraírem por aqueles que não os valorizavam, um reflexo da própria sociedade. Preocupada com tal aspecto, ao dar à luz a um menino ômega, o educou para ter a melhor auto estima possível, atrelada a um senso de auto respeito.

Tal educação, permitiu à Solie dar vazão a sua personalidade exuberante.

Mas aquele não era o momento, nem o local para pensar nessas coisas. Estava sendo abraçado, beijado, lambido e mordido dos pés à cabeça com apreço e carinho por aquele alpha que o venerava, enquanto pensava na imagem de Ricardo, se questionando se estava certo ou não em desfrutar desse prazer, quando lembrou da frase de sua mãe.

Antony parecia pressentir ser aquela uma despedida. Estava mais ávido e sedento que o normal, o agarrando apaixonadamente como se fosse fugir.

Solie também já tinha se apaixonado duas vezes durante a adolescência e conhecia seu "click" ao se encantar.

Ele observava o alpha com carinho, se perguntando por que não teve o "click" em relação a Antony? Se fosse possível, queria querer aquele alpha, mas não tinha acontecido.

Sentia um pouco de tristeza em se despedir silenciosamente de Antony e um tanto de culpa, por usá-lo para se desprender do desejo por Ricardo.

Resolveu fechar os olhos, se desfazer daqueles pensamentos e deixar seu corpo de ômega fazer seu trabalho de entrega e desfrutar do prazer que não sentia há meses. Antony merecia sua total atenção e presença.

Foi uma noite maravilhosa, como era de se esperar. Seu corpo e mente adormecidos pela breve depressão, foram reanimados por orgasmos consecutivos, um mais intenso que o outro. Antony conhecia seu corpo, suas zonas erógenas e seu gosto. Alternava carinho com estocadas ferozes e certeiras em seu ponto de prazer. Ele era perfeito.

Não sabia quando teria outra interação sexual novamente, então se entregou o máximo que pôde.

Ao amanhecer se sentiu completamente exorcizado de toda aquela energia negativa que o enredou nos últimos meses. Como despedida, deu um beijo suave nos lábios daquele alpha gentil que ainda dormia profundamente e saiu silenciosamente.

.
.
.
.

.
.
.
.
.

Depois de se refazer e reassumir sua personalidade, resolveu retornar e dar um novo rumo a história com Ricardo, agora mais seguro de si e consciente dos seus objetivos.

Tendo sido relativamente passivo e soturno desde que conheceu Ricardo, se perguntava se ele lidaria bem com sua mudança de comportamento repentina.

Foi estranho voltar aquela casa. Tudo era lindo e luxuoso, porém, vazio e sem calor. Teria que mudar algumas coisas para se sentir em casa, então abriu sua lista e anotou.

Tinha chegado no início da tarde trazendo mais duas malas. Adicionou mais de suas roupas, seus amados acessórios e vários novos brinquedos para aplacar seu desejo recorrente.

Somente depois de se ambientar, mandou mensagem à Ricardo avisando sobre seu retorno.

.
.
.

E ali estava aquele alpha que tirava seu fôlego, o observando de cima a baixo com um olhar questionador. Ele estava mais bonito? Seus feromônios pareciam mais fortes hoje, será que era por que ficou vários dias sem senti-los?

Agora, olhando diretamente para Ricardo como nunca tinha feito antes, se deu conta que não conseguia ler suas reações, talvez por isso ele fosse tão enigmático?

Ele era sempre sério e pouco deixava transparecer suas emoções. Entre educado e polido, a segunda opção se encaixava melhor. Ricardo tinha uma aura que exalava decisão e poder na forma de se expressar. Sua objetividade nas questões, criava um muro sutil que imprimia a ideia de limite.

Sentia que poderia questionar, mas até certo ponto. Essa foi sua impressão desde o primeiro encontro. Talvez por isso, estivesse inseguro em abordar os temas que tinha em mente.

Solie nunca foi uma pessoa que se deixava intimidar facilmente, sempre questionador, fazia frente às suas ideias a quem quer que fosse. Tinha decidido que mesmo um pouco inseguro, seria direto e bancaria a própria mudança, caso contrário, seriam três anos de concessões insuportáveis.

- Trouxe uma lista, podemos discuti-la agora?

- Posso olhá-la?

- Não. Eu mesmo vou falar tópico por tópico, explicando o porquê e de que forma faremos. E você diz se concorda ou não e se deseja alguma alteração.

Ricardo sentiu um baque ao receber um "não" tão direto.

- E se eu não concordar com alguma delas?

- A única coisa que te peço, é que não coloque resistência antes mesmo de discutirmos os tópicos. E se ainda assim não gostar, me dê uma boa justificativa para não concordar e irei repensar.

"Irá repensar?", não estava acostumado a esse tipo de negociação onde não tinha os dados em mãos previamente para analisar os pormenores e avaliar os riscos inclusos.

E estava sensivelmente em desvantagem para argumentar, pois durante todo tempo, não tinha se dado ao trabalho de refletir sobre tais dinâmicas e nem mesmo tinha reconhecido a necessidade em tê-las como tópico.

- Ok - respondeu oscilando entre aborrecido e redimido.

- Primeira: Numa semana de sete dias, iremos sair para jantar três dias.

- Sair para jantar?

- Sim. Não faz sentido tentarmos desenvolver interação dentro de casa, quando na verdade, só a usaremos quando estivermos em público. Ao jantarmos fora, seremos um casal.

- Então a função desses jantares é treinar o teatro?

- Não só isso, mas primeiro me diz se está de acordo em reservar três noites na sua semana?

- Ok, sem problemas.

- Então vamos à segunda: Durante os jantares, iremos dessensibilizar o toque e desenvolver intimidade.

- Explique.

Solie tremia por dentro em ansiedade, mas fazia todo possível para se mostrar calmo e seguro.

- Sim. Todo casal normal quando se apaixona, se toca mais livremente e tem uma intimidade natural que obviamente vem do sexo, além de desenvolverem trocas de carinho e afeição constantes.

- Hum - esse era um tema complexo para Ricardo que, como regra, mantinha uma distância preventiva de seus casos e evitava qualquer tipo de afeição ou intimidade pública, evitando reforçar qualquer esperança da outra parte. Fora a dinâmica de troca sexual, ele era um iceberg social.

Paixão, amor? Nunca tinha vivenciado isso.

- Então, precisamos desenvolver toques com naturalidade, como se fôssemos um casal real e um nível de intimidade saudável, sem parecermos estranhos um ao outro - explicou Solie.

- Como pretende fazer isso?

- Vamos testando na prática. Teremos que descobrir como estender nossos limites em relação um ao outro, sem nos sentirmos constrangidos ou invadidos. Como não o conheço intimamente, não consegui pensar em nenhuma dinâmica que não fosse aquela com base no erro e acerto, até ficarmos confortáveis um com o outro.

-...

- Você concorda com o segundo tópico?

Uma respiração profunda e silêncio vieram de Ricardo. Tinha plena consciência que era uma dinâmica importante e essencial para que passassem a ideia de casal apaixonado, mas ainda sentia resistência.

- Ok.

- Muito bem, Terceiro: Conversa. Precisamos deixar de ser estranhos. Esses jantares também serão uma oportunidade para falarmos sobre nossos gostos, personalidade, passado, história pessoal e toda e qualquer informação que acharmos necessária. Um casal normal, tem

curiosidade um pelo outro e trocam essas informações como forma de entender o outro para agradá-lo e etc. Nós teremos que fazer isso, para deixarmos de ser estranhos que moram numa casa e sermos parceiros que compartilham objetivos.

Ricardo estava surpreso com a objetividade e eloquência de Solie em explicar o motivo e objetivo de cada regra, o fazendo compreender a importância dos tópicos, sem saber que cada um deles tinha sido discutido à exaustão com Morgan e Alisson.

- Estou colocando os jantares como meio de fazermos isso, para que a gente não fique preso no dia a dia, mas nada nos impede de trocar mais informações em casa.

- Entendo.

- De acordo com o terceiro?

- Tudo bem.

- Quarto: Sei que você pratica diversos esportes e quero conhecer cada um deles, então de 15 em 15 dias ou quando você julgar possível, quero ir junto para conhecer ou praticar junto.

- E qual a finalidade disso?

- Não serei um marido do lar. Sendo homem, independente de ser ômega, serei um marido que curte tanto quanto você curte, logo, quando seus chefes ou sei lá quem, falar sobre seus hobbies, terei conhecimento para conversar sobre. Não preciso ir sempre, fique tranquilo, só uma vez para conhecer e você me explicar como funciona. Se eu gostar, posso fazê-lo sozinho depois.

Mais uma vez Solie o surpreendeu.

- Sem problemas, não há problema em me acompanhar.

- Ah, mas só irei com você depois que tivermos o mínimo de intimidade, afinal, vou te acompanhar como namorado e futuro marido. Seria ideal você começar a anunciar nosso relacionamento para o casamento fazer sentido.

- Hum, mais alguma coisa?

- Com certeza. Quinto: Iremos começar a usar neutralizadores de feromônios, nós dois.

- Hã? Por quê? - Ricardo imediatamente se antagonizou com a ideia de deixar de sentir aqueles feromônios que davam vida ao ambiente.

- Ricardo, sejamos sinceros, eu e você enquanto ômega e alpha, somos reféns de feromônios. Mesmo tendo acordado que passaríamos nosso ciclo de calor cada um à sua maneira, a convivência de um ômega e um alpha, é perigosa. Seus feromônios podem estimular ou adiantar meu ciclo de calor e o contrário também pode acontecer. E mesmo você não gostando de ômegas masculinos, um cio inesperado meu poderia nublar sua racionalidade, nos levando a uma situação desagradável.

Esse foi um tópico muito difícil de Solie colocar em sua lista, pois tinha verdadeiro apreço aos feromônios profundos de Ricardo, porém, levando em conta as preocupações de sua mãe, as advertências de Morgan que também era um ômega casado com um alpha, adicionado às críticas de Lissa, resolveu ceder.

Há semanas atrás, quando estava perdido em seu mar de baixa autoestima, tinha tido um princípio de fantasia de entrar no cio e seduzir Ricardo. Porém, só em pensar na possibilidade de recorrer a um golpe tão comum entre ômegas para dormir com um alpha, o fez se sentir baixo e desprezível.

Logo voltou à razão. Qual a função de seduzir alguém que naturalmente não se interessa por quem ele é? Se felicitou por ainda haver um resquício de senso.

E mais do que isso, desde a sua primeira manifestação de ciclo de calor, sua mãe indo na contramão do senso comum, sempre o orientou a não passá-lo com alphas, até que encontrasse o "seu parceiro ideal". Era um momento de vulnerabilidade ômega, onde poderia ser violado ou mesmo marcado contra sua vontade.

Relutante. Ricardo estava relutante. Mais uma vez entendeu que era realmente necessário, mas irracionalmente se sentia relutante.

- Minha sugestão é usarmos somente dentro de casa e em eventos sociais. Você, por exemplo, só tomaria o inibidor ao sair do trabalho quando estivesse a caminho de casa. É um recurso para nos protegermos um do outro, já que nossa natureza pode nos trair.

- Tá, entendi - respondeu concordando de forma ainda relutante.

- Então você concorda, certo?

- Ok. Acabou?

- Não.

- Quantos itens tem essa lista? - Ricardo se sentia sobrecarregado, não imaginava que precisariam de tantas regras.

- Por que a pergunta? Por um acaso você achou algum desses itens desnecessário ou fútil? - inesperadamente e pela primeira vez, Solie se sentiu irritado com a impaciência daquele homem.

Ele teve o trabalho de pensar e refletir sobre tudo aquilo sozinho, quer dizer, seus amigos fizeram grande parte do trabalho, pensando em questões relevantes e o orientando, logo, não houve nenhuma colaboração ativa de Ricardo, então que raios de impaciência era aquela?

Será que só ele se importava em fazer as coisas funcionarem?

- Não é isso. Só não pensei que precisaríamos de tantas regras.

- Eu também não achei que seria tão complexo. Acontece que eu e você, somos dois boêmios que só querem saber de transar sem se relacionar e assinamos um contrato de casamento falso, sem nem mesmo entender as dinâmicas de um relacionamento real, para enganar as pessoas com propriedade.

- Não sou um boêmio. Não vivo em noitadas.

- Hahahahaha, lembra do nosso primeiro papo? Concordamos que gostamos de coisas leves, simples, boas e livres... O significa uma certa dose de hedonismo na forma de viver, um aspecto importante que configura uma espécie de boemia, que não necessariamente tem a ver com noitada.

- ... - Ricardo estava sem chão. Como lidar com esse Solie direto e sarcástico?

- Bom, você escolhe, ou implementamos regras, mesmo não gostando delas, ou podemos desistir desse contrato. Nos deixamos à sorte por duas semanas e não passamos de "oi", "boa noite" e "como foi seu dia". Acha que vamos enganar seus chefes só com isso?

Ricardo sentiu uma apunhalada na culpa que já o incomodava, além de uma certa irritação pelo tom de Solie e a verdade implícita nele.

- Ok, então o que mais?

- Muito bem, o sexto não é uma regra, é uma ferramenta importante. Precisamos que você sintetize seu feromônio.

- E qual a finalidade disso?

- Você, meu alpha dominante, que me ama profunda e apaixonadamente faz questão de me encher com seus feromônios quando estamos transando loucamente, para demarcar seu território fazendo com que outros alphas saibam que tenho dono e não cheguem perto de mim - falou de forma sarcástica, olhando profundamente em seus olhos.

Solie estava ligeiramente irritado, se perguntando se aquele alpha cafajeste nato, alguma vez tinha tido aula sobre a fisiologia de alphas e ômegas.

A verdade é que, como nunca tinha tido o desejo de "possuir" alguém, aquela dinâmica de pura possessividade de um alpha em relação ao parceiro, não fazia sentido para Ricardo. E por isso mesmo, não se deu conta da importância daquele recurso.

- Ok, entendi. Irei resolver isso.

- Sétimo e último: Serei seu estilista pessoal.

- Hum? - não quis abrir a boca para perguntar qual a necessidade daquilo, então aguardou alguma explicação que fizesse sentido.

- A história que contamos para nossos pais e que será a mesma divulgada no seu círculo social, conta que nos conhecemos por que você me contratou como seu personal stylist, correto? Então, nada mais natural que você tenha um toque meu no seu visual. O que também será um sinal sutil para as pessoas à sua volta, que com certeza o observam atentamente, de que há algo novo na sua vida.

"Ahhh, porra, faz sentido!", Ricardo se sentia frustrado por não ter conseguido contestar nenhum dos tópicos.

- Entendo e faz sentido, mas gosto do meu estilo de tons sóbrios e acho que seria estranho você escolher minha forma de vestir.

- Não fique preocupado, não vou mudar seu estilo, nem forçá-lo a usar nada que não goste. Só vou adicionar mais elegância com alguns pequenos detalhes. Você não precisa de muito - "Por que já é perfeito", pensou para si.

- E pequenos detalhes vão fazer diferença?

- Ah! Muita! - respondeu Solie entusiasmado - Eu sei que você sabe que muitas pessoas o observam detalhadamente, certo? Então, só com alguns toques vamos criar uma fofoca quente no seu meio social!

No íntimo, aquele último item foi uma jogada criada por Solie. Tinha decidido transformar Ricardo em sua obra de arte ambulante.

Afinal, aquele alpha alto, imponente, poderoso, com um porte físico grande e alinhado, era a vitrine perfeita para divulgar seu trabalho. E além disso, ele seria o "marido de Solie Bian", logo, não poderia se vestir como qualquer um.

Ainda resistente à ideia, Ricardo não queria ser grosseiro, porém não estava nada confortável em ter sua aparência alterada, nem mesmo que minimamente.

- Se eu não concordar com suas sugestões, não vou usar.

- Tudo bem por mim!

Solie não tinha a menor pretensão de tentar convencê-lo agora, já tinha previsto que haveria resistência. Concordou sem se preocupar, se tinha algo pelo qual ele era seguro, era seu trabalho.

- Amanhã depois que você sair para o trabalho vou fazer um tour pelo seu closet, ok?

"Ahhhhhhhhhhh! Que dor de cabeça isso!", pensou Ricardo sem poder dizer não ao pedido de permissão.

14. Primeiro-Pequeno-Grande Problema

Solie andava de um lado para o outro dentro do quarto, enquanto esperava ansiosamente aquelas passadas largas que significavam a saída do alpha.

Ao contrário de antes, a partir de agora ele não sairia do quarto para recepcioná-lo pela manhã, tinha mais o que fazer, além de não ter sentido algum. Nos primeiros dias, estava em estado crítico, praticamente babando pela presença do alpha, porém agora tendo os pés no chão, abandonou esse aspecto patético de si mesmo.

Não tinha porquê aplaudir um homem que não era seu, mas fazia todo sentido usar aquele espécime de alpha como sua vitrine.

Se fosse possível, queria tirar as medidas de Ricardo, mas achou que talvez ele não fosse tão receptivo nesse primeiro momento, então resolveu pesquisar seu guarda roupa, encontrar brechas em suas vestimentas e implementar pequenas mudanças para que o alpha pegasse o gosto.

Ganhando seu apreço, tiraria suas medidas e projetaria os novos looks que pipocavam em sua mente.

Ricardo era o modelo perfeito!

.
.
.

Após a conversa na noite anterior, teve seu primeiro banho relaxante naquela casa. Estava tão tenso, que chegou no quarto já suado e extremamente cansado pelo esforço em se manter direto e conciso diante de Ricardo e seus feromônios profundos, que o faziam se perder continuamente.

Precisava urgente que ele implementasse os inibidores.

Entrou no quarto e se jogou na cama. Ainda não tinha desfrutado da maciez e conforto daquele espaço. Agora se deu conta de como era bom. Agarrou os travesseiros se acomodando confortavelmente, aproveitando para olhar o entorno do quarto em detalhes pela primeira vez.

"Lindo, confortável e frio, como tudo aqui. Preciso trazer vida a esse espaço e fazê-lo meu. Afinal, serão três anos vivendo aqui. Vou desfrutar de tudo da melhor forma que puder, começando pelo status de Ricardo", pensou sorrindo de forma maliciosa como se estivesse mirabolando grandes planos.

Levantou, foi ao banheiro, olhou a banheira vazia e se decidiu:

- Vou começar por você, hoje vamos tomar um banho majestosamente relaxante e perfumado!

E assim fez, empolgado por seus novos planos de reconquista da própria carreira.

.
.
.

Abriu uma fresta da porta para conferir se Ricardo tinha realmente saído. Para ter certeza, correu

até a janela e viu o carro tomando distância, enquanto saía do condomínio.

Tinha autorização para entrar em seu quarto, mas ainda assim, não queria ser pego enquanto fuçava seu armário.

A relação deles ainda era fria e distante o suficiente para ficar constrangido, caso algo do tipo acontecesse.

Imaginava aquele olhar frio e inquisidor de Ricardo que falaria sem palavras 'o que está fazendo aqui?', sendo assim, até que estivessem mais próximos e fluidos, preferia estar sozinho em suas pesquisas.

Seus amigos lhe perguntaram: "Em duas semanas sozinho naquela casa, nunca entrou no quarto dele?", não, não entrou. Tinha como princípio básico, o respeito à privacidade alheia. A menos que recebesse permissão, nunca invadiria o espaço do outro.

Convicto de que não seria interrompido, foi ao quarto de Ricardo.

Toda a decoração tinha um tom cinza e impessoal, além de limpo e detalhadamente arrumado. Com exceção do retrato em família em sua cabeceira, tudo era pálido em cores que trouxessem alguma forma de calor ao ambiente.

Era um espaço muito maior que o seu, preenchido com uma cama king size, um sofá de três lugares e poltronas no estilo clean. A parede de fundo dava acesso ao closet e no fim desse, estava o banheiro tão grande quanto.

Observou seu guarda roupa arrumado de forma linear entre ternos, camisas e calças. Cinza, preto e azul marinho eram suas cores predominantes, tal como as blusas.

Calças de corte reto que faziam par com os ternos em exposição. Suas escolhas de conjuntos eram nítidas. Sentiu falta de coletes que dariam foco ao tórax musculoso. Encontrou dois muito simples e a seu ver, sem graça.

Procurou seus acessórios e achou uma pequena coleção de quatro relógios, e só. Nenhum cordão ou anel.

Não havia muita criatividade ali. Sua escolha pela praticidade sem errar no visual, era óbvia.

A única coisa que chamava sua atenção naquele closet, eram os feromônios que pendiam no ambiente, dando um ar de conforto e sobriedade aconchegantes. Embora Ricardo parecesse frio e distante por fora, seus feromônios diziam o contrário.

Inebriado naquele aroma, Solie se perguntava "Como implementar mudanças numa pessoa tão básica?". Deitou no puff comprido disposto no centro do closet, enquanto tirava uma fotografia mental daquelas araras de roupas repetitivas.

Por ser tão básico, seria muito fácil criar novos perfis de roupa, o problema era o nível de resistência do alpha em relação às mudanças. Esse era seu maior desafio no momento.

Solie esperou umas duas horas para enviar uma mensagem a Ricardo. Ele precisava ir às compras, mas antes tinha que falar de dinheiro, afinal não gastaria do seu para incrementar o alpha.

MENSAGEM
Solie: Bom dia! Dei uma olhada em seu guarda roupa. Já fiz uma lista de itens. Como fazemos? Compro e você me reembolsa?

Ricardo: Que itens?

"Tão previsível!", Solie tinha certeza que ele faria essa pergunta. "Controlador no último nível esse alpha!".

Solie: Qual a finalidade da pergunta? - resolveu desafiá-lo.

Ricardo: Você me pede dinheiro e não quer que eu saiba no que ele será gasto?

Solie: Você sabe exatamente no que ele será gasto ou esqueceu nosso combinado de ontem? Ah, e os itens que não gostar posso pedir reembolso.

Ricardo: Não sei o que vai comprar, logo não sei no que será gasto.

Solie: Ricardo, da mesma forma que não cabe a mim, dizer a você quais investimentos ou de que forma aplicá-los, não cabe a você decidir quais itens devo comprar. Sua escolha está entre usá-los ou não.

E perdendo a paciência Solie continuou.

Solie: Mas sinceramente, se for para lidar com esse nível de resistência da sua parte, prefiro parar por aqui e investir meu tempo e criatividade em alguém que goste do que faço.

Ricardo: Não precisa ser tão reativo.

Solie: Você duvida do meu trabalho, questiona minhas escolhas e eu sou reativo? Já se olhou no espelho?

Agora Ricardo estava realmente irritado com aquele ômega e abandonou a conversa sem responder. Já não tinha conseguido dormir direito depois daquela conversa cheia de regras da noite anterior, agora não podia perguntar nada? Que pessoa difícil!

Estava muito mal humorado. Por isso, evitava relacionamentos. E pelo visto, mesmo os falsos eram um problema.

.
.

E ali, naquela ausência de resposta, Solie encontrou o primeiro-pequeno-grande problema entre eles.

15. Como lidar com esse ômega?

Onze da manhã e até agora nenhuma resposta de Ricardo.

"Merda! Isso parece um maldito deja vu! É tão cansativo!", Solie estava furioso com aquele alpha difícil.

Parecia lidar com uma versão masculina de Lissa quando mais jovem. Será que todos os alphas eram assim quando se relacionavam?

"Foda-se!", furioso, resolveu fazer o que tinha em mente.

.
.
.
.

- É amigo, essa é a vida real das coisas! Você geralmente lida com parceiras que babam e acatam suas vontades sem questionamentos e achou que com ele seria o mesmo?

- Tenho a sensação que negociei com uma pessoa e agora estou cumprindo o acordo com outra! - falou Ricardo irritado.

Sem saber o que fazer desde a noite anterior, Ricardo chamou Carlos para um almoço e relatou as últimas novidades daquele relacionamento falso que tinha comprado para si.

- Fala sério cara! É totalmente sem noção o que você está falando, vocês se conheceram num bate-papo numa tarde e assinaram um contrato no dia seguinte! Onde acredita que há possibilidade de conhecê-lo dessa forma? Mesmo estando apático, como ele mesmo te falou, de qualquer forma, conhecer a personalidade de alguém leva tempo.

- Ainda assim, desde ontem à noite me sinto num pesadelo!

- Ahhhhhhhhhh, você é um puta alpha mimado, hein!!!

- Quê??? Tá me sacaneando com essa?

- Não! É tão absurdamente mimado, que não é capaz reconhecer o esforço que o cara fez de pensar situações que nem você ou eu nos demos conta. E ainda se coloca como vítima! - e fazendo caras e bocas sarcásticas Carlos continuou - Oh pobre coitado de você em ter que cumprir regras que vão beneficiar a si mesmo!

- Eu nunca fui mimado pelos meus pais, pelo contrário! E reconheço o esforço dele sim.

- Ah, mas não parece! Desde que chegou aqui, está pintando Solie como o vilão-das-regras! E outra, pode não ter sido mimado pelos seus pais, mas só em ter qualquer pessoa à sua disposição para uma noitada de feromônios, e mais um monte de empresas babando e coçando seu saco para tê-lo, fizeram o trabalho que seus pais evitaram. Até comigo, você pira quando digo o que penso!

- ... - mesmo vendo verdade no que seu amigo falava, Ricardo não queria admitir aquele aspecto em certa parte infantil de si mesmo.

- Além de mimado, tu é um puta de um sortudo!

- Só por causa de mulheres e empresas? - perguntou irritado.

- Não! Por que mesmo fazendo uma merda sem tamanho em fechar contrato com um completo desconhecido, conseguiu encontrar um que é direto e transparente. Mas, nem isso você consegue perceber.

- Você realmente acha isso bom? Não posso falar nada que ele vem com a porra de um arsenal de discurso!

- Sim! Definitivamente isso é a melhor coisa que poderia ter acontecido, seu burro! Imagina se você pega uma pessoa dissimulada, um psicopata ou sei lá o quê?

- E quem garante que ele não é um desses tipos?

- É sério? Você viu alguma dessas vibes nele e está deixando uma pessoa dessa na sua casa? Ahhhh meu amigo! Você pode ser mimado, mas não é alienado, disso eu sei! O problema é que descobriu que seu fantoche, não só não segue seus comandos, como está cortando os barbantes na tesourada! Melhor, esses barbantes nunca existiram, você só se auto enganou e não quer aceitar a verdade.

- Que ele não vai seguir meus comandos, é óbvio.

- Ricardo, por mais apático ou sei lá o quê que estivesse, no ato do contrato, ele pediu para incluir uma cláusula que garantisse a liberdade de ser 'ele mesmo', lembra disso? Tem certeza que foi enganado? Ninguém pede algo assim num contrato, se não for algo extremamente importante.

- Não atentei para isso - respondeu refletindo sobre a observação pontual de seu amigo e advogado.

- Vou te dar uma dica porque sou um alpha legal, gostei do Solie e não quero que ele perca a paciência com um teimoso sem noção como você.

- Puff! - bufou Ricardo de forma sarcástica.

- Preste atenção: a melhor forma de lidar com pessoas diretas e sinceras, é cortar o melindre e atuar da mesma forma. Outra, pelo que você me falou, ele não só é transparente, mas tem base no que fala, então nunca conteste só por que você é um alpha e tem que ter a última palavra, além de não funcionar, irá piorar a situação. Tenha argumentos. Argumentos válidos, sólidos e que façam sentido não só para você, mas também para ele.

- Isso não é diferente das negociações ou tentar convencer meus clientes a investirem em algo que não entendem.

- Não vá por esse caminho! Você pode sustentar essa ideia numa reunião e numa tomada de decisão profissional, mas não pode mantê-la com alguém que irá conviver com você e compartilhar as letras pequenas do projeto e a produção por trás dos bastidores. Solie não é um cliente, é seu parceiro. Se jogar com ele, só você sairá perdendo - e passando as mãos no rosto expressando sua indignação falou - Essa sua falta de noção me deixa maluco!!!

.
.
.

MENSAGEM:

Ricardo: Estou em casa, pode descer?

Solie: Ok.

Vestindo uma calça e blusa largas estilosas na cor creme, Solie desceu a escada calmamente. Caminhou até o sofá e se sentou olhando diretamente para Ricardo.

Ricardo abriu sua pasta e retirou um cartão preto.

- Toma - estendeu o cartão à Solie - Assim, quando precisar gastar com algo para as roupas ou para a casa, pode fazer uso desse cartão.

Solie pegou o cartão e o colocou sobre a mesinha de centro.

- Eu já comprei tudo que queria. Ou você achou que eu estaria das 9:45 da manhã, até agora 19:30 esperando você me responder o que deveria fazer?

- ... - Ricardo sentiu uma certa hostilidade naquela resposta, e refletindo rapidamente sobre tudo o que Carlos tinha dito, preferiu não criar uma justificativa falsa. Ele de fato não respondeu de propósito e acreditou que ao entregar o cartão estaria tudo bem.

- Obrigada pelo cartão, com certeza vai agilizar em compras futuras, mas, quero esclarecer um ponto com você. Toda vez que eu te fizer uma pergunta importante para uma tomada de decisão, e você resolver não me responder, saiba que não vou esperar. Vou tomar como resposta o que melhor me convier, seja para bem ou para mal.

- Isso é uma ameaça?

- Não, isso é comunicação. Toda vez que você deixa uma resposta em aberto para alguém, você dá ao outro a brecha para interpretar a resposta por ele mesmo - olhou Ricardo nos olhos e continuou - Além disso, expõe de forma muito clara, a sua noção de importância sobre o tema ou a pessoa, que no caso de hoje, foi 0.

"Céus! Como vou lidar com esse cara?!, pensou Ricardo enquanto buscava dentro de si todo tipo de argumento que pudesse apaziguar aquela situação que ele mesmo tinha criado.

- Se fosse dessa forma, por que me preocuparia em trazer o cartão?

- Muito provavelmente você fez por culpa já no final do dia, afinal, seria muito mais fácil me responder. Tenho pena do seu secretário.

Pegando o cartão, levantou e caminhou em direção a escada, mas se lembrou de algo e virou para falar.

- Ah! Espero que a partir de amanhã, possamos de verdade começar a nos comunicar com mais leveza, facilidade e fluidez - e com um meio sorriso continuou - Tenha uma boa noite.

E subiu para o quarto, enquanto Ricardo se perguntava: como ele sabia que o cartão foi feito às pressas no final da tarde?

16. Como lidar com esse Alpha?

- Olá! - cumprimentou Solie com um largo sorriso - Obrigada por me receber e desculpe ocupar seu tempo assim tão de repente.

- Ah que nada! É um prazer te receber, agora sem aquela tensão toda sobre cláusulas e tal - respondeu Carlos entusiasmado com a visita daquele ômega que parecia uma versão gêmea vinda de um universo paralelo, se contrastado com a pessoa tímida e soturna de menos de um mês atrás.

Carlos teve a sensação de que Solie irradiava uma luz aos seus olhos. Cabelos lisos e curtos, rosto e pele perfeitos, lábios carnudos, uma blusa amarela esvoaçante caindo sobre uma calça jeans rasgada nas coxas e joelhos que combinavam com a bota preta de cano alto e salto.

"Lindo! Puta que pariu! Lindo pra caralho!", pensou enquanto buscava controlar seu espanto e fascinação.

Carlos era um alpha que não tinha preferência entre homens, mulheres, se ômegas ou betas. Gostava de se relacionar com pessoas interessantes. E ali estava uma.

"Uau! Uaaaaau! Ele mudou mesmo! Não tem nada a ver com a pessoa que esteve aqui".

- Me responde uma coisa, você sempre foi assim? - perguntou fazendo um círculo envolta de Solie, fazendo alusão a sua aparência como um todo.

- Hahahahahahahaha, é tão chocante assim a mudança?

- Muito!!! Mas muito mesmo!!! - respondeu gargalhando.

- Mas sim, sempre fui assim. Quer dizer, sou assim, embora não entenda bem o que você entende como "ser assim".

- Vibrante! Bonito! Com presença! Dessa forma que vejo.

- Ahhh sim, é. Hum, não me vejo vibrante, mas entendo o que você quer dizer - parando para refletir por alguns segundos, Solie concluiu - Acho que foi uma questão de primeira impressão às avessas, você conheceu um aspecto apático meu, por isso agora pareço vibrante, não?

- Hummm, pode ser, pode ser! Mas o que devo a honra de recebê-lo?

- Então, desculpe incomodá-lo, mas estou tendo algumas dificuldades com seu amigo alpha. E como ainda estamos no modo "0 intimidade x 100% reatividade", preciso que alguém me oriente sobre seu jeito de ser.

- Wow! Se vocês não tivessem assinado um contrato de relacionamento falso intermediado por mim, eu ia achar que estão tendo uma briga de casal, hahahaha!

- Não acho que seja muito diferente disso. Mas bom, desde que voltei do intervalo de uma semana e trouxe algumas ideias para melhorar a interação, ando me sentindo a bruxa do oeste! Ele faz caras e bocas de desgosto à tudo que falo, daí perco a paciência, e nessa dinâmica, ele acaba lidando com meu pior! Nem começamos e já me sinto cansado dessa situação. Então resolvi te ligar. Foi isso.

Já ciente de toda questão diante das reclamações de Ricardo no dia anterior, Carlos ficou ainda mais fascinado com o esforço de Solie em tentar entender o alpha mimado e sem noção que era seu amigo, mesmo ele estando certo nas dinâmicas.

"Ah Ricardo, você definitivamente não merece esse ômega!", pensou sem poder falar sobre sua conclusão.

- Posso fazer uma pequena piada?

- Cl-claro...

- Por que não deu um golpe de jiu jitsu nele para mostrar com quem ele estava falando? - perguntou gargalhando em sequência.

- Fiquei em dúvida agora! Você realmente é amigo dele? - Solie respondeu também rindo.

- Desculpe, eu realmente estava muito curioso sobre isso, por que eu e sua amiga Lissa conversamos bastante, aliás, gostei muito dela! Uma alpha de respeito! E também, nunca vi uma amizade assim, entre um alpha e um ômega! Ah, desculpe, são tantas informações, que estou me perdendo! - Carlos estava muito empolgado e curioso com todos os fatos que já sabia sobre Solie e Ricardo ainda não. Aquelas informações não estavam nas redes, nem nos relatórios pessoais de Solie.

- Mas então, você é realmente faixa preta em jiu jitsu?

- Oh! Não acredito que Lissa contou isso!!!

- Então, é sério!?

- Sim, faço luta desde pequeno. Sou faixa preta em jiu jitsu e praticante de aikidô há 3 anos, mas estou parado há uns três meses.

- Uaaaaau! Você é realmente surpreendente!

- Hummm sabe, não acho surpreendente, é mais uma questão de necessidade do que qualquer outra coisa.

- Necessidade?

- Você é um alpha, certo? - perguntou com um pequeno sorriso.

- Sou sim.

- Então - falou abrindo sua bolsa tirando um tubo vermelho e um pequeno aparelho elétrico - Na sua rotina de alpha, alguma vez pensou não poder sair de casa caso não tivesse um spray de pimenta ou um aparelho de choque?

- Ohhhhhh - Carlos ficou envergonhado pela sua ignorância.

- Essa é a realidade de qualquer ômega, não importa sua classe ou idade - falou sorrindo de forma amigável, pois sabia que era muito difícil um alpha compreender a complexidade da existência de um ômega.

- Minha mãe, me colocou numa escola de luta para ômegas desde de pequeno, por que sem auto

defesa, não existe liberdade para um ômega. E mesmo fazendo isso tudo, posso ser pego desprevenido por ataque de feromônios e por vai. A beleza que você elogiou mais cedo, num outro alpha de mente retrógrada é motivo de assédio, pois ele pensa que me arrumei, não para me sentir bem, mas porque quero ser violado.

- Oh, desculpe! Sua amiga falou com tanto orgulho que você é capaz de derrubar um alpha enorme com alguns golpes, que fiquei impressionado.

- Ahhhhhhhhhhh! Hahahahahaha, essa Lissa! Esquece isso!

- Ok! Ok! - concordou Carlos, mas ainda curioso sobre se era verdade ou não o fato.

- Me fale do seu amigo.

- Hum, deixa ver... - respondeu pensando no que deveria falar, se sentindo mais um cupido do que amigo e advogado - Então, Ricardo é um cara gente boa. É um alpha consciente, não agressivo, o que é bem raro sendo ele um alpha dominante. É respeitoso com os outros e bastante mente aberta, acho que por causa dos pais que viajavam muito e passearam por muitas culturas e tal. Então, eles ensinaram ao Ricardo a entender e respeitar pessoas e suas diferenças, o que acho fantástico nele e até aprendi muito ao longo da nossa amizade, só que, até hoje não entendo a quem ele puxou.

- Em qual aspecto?

- Assim, os pais de Ricardo são super gente boa, chegados a festas e reuniões, sempre conversando e ele... Bem, ele é esse cara fechado à relacionamentos.

- Ah, entendo. Ele nunca namorou ninguém?

- Nunca. Acho que se ele não tivesse que liberar feromônios para manter a sanidade, seria ainda pior.

- Ele precisa liberar muitos feromônios?

- Ohhhhh, eu como um alpha comum, acho muito angustiante essa dinâmica de Ricardo. Ele precisa, O B R I G A T O R I A M E N T E ter relações sexuais, pelos menos três vezes na semana para não ficar maluco pelo acúmulo de feromônios.

- Uau!!! Isso é, isso é muito, não? Para quem não tem um parceiro?

- Exatamente! Esse é o real problema, ele não se permite ter uma parceira fixa, namorar ou se envolver de forma alguma. Está sempre se esquivando da intimidade.

- Mas pera... - Solie falou refletindo por um momento - Ele me disse, aliás, você também estava presente, foi aqui nessa sala que ele disse que iria apagar seus contatos para não ter problemas futuros, certo?

- Isso aí.

- Então como vai manter essa frequência?

- Hummm, não sei... - Carlos falou coçando o queixo, enquanto se esquivava do olhar de Solie, ele sabia toda a dinâmica armada por Ricardo, mas não se achou no direito de contar o esquema

íntimo do amigo, seria melhor Solie descobrir por si mesmo.

- Preciso saber disso, porque se torna perigoso para mim, já que estou vivendo na mesma casa que ele.

- Ah, não se preocupe, Ricardo é muito responsável com isso. Ele não teria falado para você morar lá se não tivesse um plano. Agora, uma dica: se você o perceber mais sem paciência que o normal, beirando a irritação, isso pode ser sinal de acúmulo de feromônios. Por que em geral, ele é sempre calmo e frio.

- Ah, sei como é esse lance de frio - falou revirando os olhos - Mas pelo que percebi, ele é normalmente sem paciência, como diferenciar?

- Hahahahahaha, que início esse o de vocês, hein? Mas então, foi o que eu disse "mais sem paciência que o normal, beirando a irritação".

- Ahhhhhhh, ok. O problema é que ainda não conheço os níveis de "sem paciência" dele para saber a diferença. Mas a irritação é ok. Acho que ontem ele estava irritado, sei lá!

- Olha, tenho certeza que essa semana ele estava no limite, ontem ele estava mais impaciente que o normal sim.

- Humm... É, ontem não foi um bom dia - internamente Solie se perguntava se foi por isso que não o respondeu adequadamente, estava fazendo um esforço para compreender as dinâmicas daquele alpha.

- Então é assim, a sensação que tenho quando isso acontece, é que os feromônios roubam a fantástica inteligência dele, daí ele fica parecendo meio burro para questões simples. É triste, realmente triste ver um cara com o nível de inteligência e perspicácia que ele tem, ser subjugado pelos próprios feromônios.

Solie se sentiu triste ao imaginar aquele homem forte e imponente naquela situação descrita por Carlos. Não importa se alpha ou ômega, ninguém merece viver sendo oprimido por qualquer situação. De repente começou a compreender um pouco sobre todos aqueles muros levantados.

- Vou te falar, eu como alpha, jamais gostaria de ser um dominante, qual a finalidade? Ah, você tem muita energia, um super físico, inteligência e pode subjugar os outros com os feromônios e tal. Mas quando olha para a realidade, usar os feromônios dessa forma hoje em dia é crime, e se não liberar a pressão interna, todo aquele bônus é aniquilado pela animalidade que vêm à tona. Sinceramente? Isso é como ter uma arma apontada para si mesmo.

- Uau! Que tenso!

- Ah, mas tenha certeza que hoje ele foi resolver esse problema!

- Espero que sim. Bom, amanhã será nosso primeiro jantar, vou refletir sobre como melhorar e ter mais paciência.

- Boa sorte para vocês - falou rindo por dentro.

"Ah Ricardo, vou ficar aqui só na pipoca doce assistindo essa novela".

17. Desistir ou não?

Foi uma noite nebulosa e intensa. Tomado pelo acúmulo de feromônios, estava cego e sedento. Tinha ficado quase uma semana sem liberá-los, pois teve que priorizar as solicitações de Solie.

Estava no limite, irritado, impaciente, se sentindo sob pressão em diversos aspectos como trabalho, regras, roupas e os tais feromônios que tornavam tudo mais intenso e urgente.

No meio de toda aquela confusão instalada em sua mente, chegou a cogitar em determinado momento, simplesmente desistir dessa história desnecessária de casamento. Com certeza, voltar atrás simplificaria sua vida ao máximo.

Abriria mão daquela promoção coercitiva na empresa e se colocaria à disposição no mercado novamente, ou, poderia focar em seu projeto solo, que atualmente só contava com algumas poucas horas de dedicação ao final do dia.

Começar do zero... Por que ele sentia tanta resistência em desistir agora? Desistir do seu portfólio, dos clientes conquistados, de todas aquelas noites de trabalho e mais do que isso, deixaria seus frutos para outros, já que não poderia trazer seus clientes, caso não se reposicionasse numa empresa de renome, tal como a que trabalhava agora.

Literalmente, teria que começar de novo, mesmo sendo reconhecido por seu trabalho e tendo recebido diversas propostas ao longo dos últimos cinco anos.

Se soubesse dessa dinâmica de promoção retrógrada há tempos atrás, poderia ter saído sem ter construído tanto naquele lugar.

Sim, tinha apego às suas conquistas e detestava que outras pessoas recebessem o mérito por aquilo que tinha lutado para conquistar. Afinal, foi ele quem alavancou e deu cara para a vertente de Capital de Risco e a tornou tão importante quanto os outros tipos de investimentos disponíveis.

Olhando para trás, se sentia irritado. E de repente, lembrando do chefe e seus amigos emergentes, percebeu ao interagir com aqueles velhos, que parecia enxergar a mesma arrogância e ignorância irradiada por seu avô.

Imediatamente teve um choque ao se dar conta dessa correlação. Conseguiu entender por que eles o irritavam tanto.

Muito provavelmente, só conseguiu refletir daquela forma, por estar calmo e de volta a seu normal.

Ainda nu, se levantou, abriu as cortinas do quarto em seu apartamento recentemente alugado, vislumbrando o mar revolto daquele dia nublado. A acompanhante da vez, tinha se retirado há algum tempo. Tentou lembrar seu rosto, mas sua memória a configurou como um borrão. Suspirou se sentindo patético.

Dinheiro, reconhecimento profissional, beleza, aparência... Nada disso teria valor se algum dia perdesse o controle, pois ainda se tornava uma besta pelo acúmulo de feromônios ao ponto de não lembrar nitidamente com quem tinha passado a noite.

Acúmulo de feromônios, talvez essa fosse uma informação importante a compartilhar com Solie. Ele era um ômega e não queria que algo inadequado ocorresse.

"Que pensamento incongruente! Acabei de cogitar desistir mais uma vez, para logo depois, pensar em compartilhar informações com ele... Que confuso".

Ao pensar na correlação entre seu avô e aqueles velhos que acreditavam mandar no mundo, voltou a ficar irritado. Talvez por isso, queria tanto desafiá-los de forma ultrajante.

Seu avô fez da sua infância e adolescência um inferno, ao descobrir que ele, seu neto, era um alpha dominante. O assediou continuamente para obter a guarda de seus pais, abandonando sua família, com o intuito de herdar a empresa.

Ainda criou todo tipo de empecilho para seus pais, que sempre foram amorosos e diplomáticos ao mesmo tempo, pois nunca o impediram de conhecer o avô. Ele por sua vez, ao ter ciência de toda história pregressa, detestava tudo que se relacionasse com aquele senhor controlador que em nada lhe agradava.

Cresceu conhecendo o mundo e pessoas de todo tipo, aos seus olhos, aquele senhor era o exemplo da tirania. Mesmo afastando o próprio filho, que foi bem sucedido sem um centavo vindo de seu império, não foi capaz de aprender a respeitar as escolhas dos outros.

O mesmo se dava agora, porém, numa escala menor. Suspirou, se dando conta do quão infantil estava sendo ao usar seu tempo, habilidades e dinheiro para enganar aqueles senhores ignorantes.

Ricardo reconhecia que, um dos seus pontos fracos era o orgulho e por quê não, um tanto de arrogância? Se negava a entregar de mãos beijadas todo seu trabalho àqueles sanguessugas ultrapassados. E foi isso que o levou à impulsividade em tomar decisões inusitadas.

Esse mesmo orgulho, o impedia de voltar atrás. Mesmo se achando patético e infantil, como aquele menino que fazia birra com o avô controlador, ao ponto de fazer coisas desagradáveis somente para chocar e fazê-lo desistir de importunar seus pais.

- Como o orgulho e a ilusão de poder nos torna pessoas patéticas! - vociferou seus pensamentos inquietantes e ao ouvir as próprias palavras, sentiu vergonha de si mesmo.

Pegou o telefone e apertou: Mãe.

- Olá querido! Que saudade do meu filho lindo! Como você está? - falou sua mãe o recepcionando com a mesma docilidade de sempre.

- Mal. Estou mal mãe - concluiu ao telefone, ainda nu, sentando novamente na cama.

- E o que te faz sentir assim, querido?

- Me dei conta do quão patético estou sendo em armar esse casamento falso por causa de uns velhos e me sinto ainda mais deplorável, porque meu orgulho não me permite abandonar essa ideia depois que ter metido tanta gente nisso - falou expondo sua vergonha à única pessoa que acreditava ser capaz de orientá-lo.

- Concordo com sua patetice ao cair na provocação dos velhos, já quanto ao segundo item, acredito que se trata mais de responsabilidade do que de orgulho, não acha?

- Não acho.

- E por que não?

- Porque quando penso em desistir, me inquieto com o que as pessoas envolvidas vão pensar sobre.

- Entendo... E o quanto está adiantado nisso?

- Bastante. Solie se mudou para minha casa e está empenhado no processo.

Conscientemente deixou de fora Carlos e Lissa, caso contrário, teria que falar sobre o contrato e toda história omitida.

- Hum... O que você terá que abrir mão, caso escolha desistir dessa ideia?

- Bom, posso continuar onde estou, sem possibilidade de promoção, ou desistir e abandonar todo trabalho que desenvolvi nesses últimos cinco anos, deixando os frutos dele na empresa.

- Esquecendo os velhos, o quanto essa promoção é importante para você?

- Ela vai me dar o know how no gerenciamento de contas que ainda não tenho experiência.

- E você não pode conseguir essa oportunidade em outro lugar?

- Em princípio não, porque meu portfólio é todo baseado em capitais de risco.

- E porque esse conhecimento é tão importante para você?

- Estou construindo uma nova plataforma de investimentos de forma independente e com certeza essa experiência irá me ajudar a expandir minha base de atuação.

- Então, você já tem sua resposta. Esqueça os velhos e foque no seu objetivo. Você não está roubando, nem causando danos a ninguém e a única pessoa importante nesse esquema, é o rapaz ômega, que está ciente da situação. Depois que alcançar seu objetivo, usando a ignorância deles como ponte, reúna os velhos, conte a verdade e esfregue na cara deles a própria hipocrisia.

- Hahahahahahaha, mãe, eu te amo!

- Eu sei!

Sua mãe era a voz da sensatez e a conciliadora por trás das grandes decisões de seu pai. Desde pequeno aprendeu a ouvir seus conselhos.

- Abra essa câmera que quero dar uma olhada na beleza do meu filho.

- Não posso, estou nu.

- Vejo isso desde pequeno, só mudou o tamanho.

- Não mãe! Obrigada por me ouvir, tenho que tomar banho e sair.

- Só seu rosto!

- Não! Vou desligar! Manda um abraço para o pai.

- Não. Mande você mesmo.

- Hahaha, tá bom, ligo no final de semana então.

- Vou esperar. Ah! Quero conhecer o rapaz, como é mesmo o nome dele?

Ela já sabia seu nome: Solie. E tudo que era possível saber sobre aquele belo ômega. Mesmo a distância, acompanhava a vida do filho de perto, sem que ele soubesse.

Tinha uma frequente preocupação com seu filho avesso a relações e intimidade. Se sentia parcialmente responsável por ele ter se tornado assim.

Mesmo fazendo o possível para resguardá-lo, desde pequeno ele era o centro das atenções nos encontros e reuniões que empreendia com o marido diplomata, pois todos queriam conhecer o menino alpha dominante.

Ricardo sempre calmo e quieto, com o tempo se tornou ainda mais introspectivo. Toda aquela atenção indesejada, onde o colocavam num pedestal, somada ao assédio indiscriminado de seu avô, fez com que ficasse ainda mais avesso ao contato social.

Famílias emergentes, políticos, mulheres e pessoas interesseiras de todo tipo, frequentemente o cercavam, tentando aproximação com interesses em ganhos próprios.

Diante de tal histórico, Alexandra estava curiosa para conhecer o rapaz ômega, que nunca tinha ouvido falar antes, mas que foi capaz de furar a bolha de auto proteção de seu filho.

- Mãe, não crie histórias na sua cabeça. Te falei no outro dia, ele é somente um amigo que aceitou me ajudar.

- Eu entendi, por isso quero conhecê-lo, da mesma forma que conheço Carlos, seu amigo de anos.

Diplomática, Alexandra era essencialmente diplomática, jamais admitiria que estava fanficando sobre o filho alpha e o amigo ômega, vivendo um casamento falso que se tornaria uma história de amor verdadeira. Jamais!

- Vocês vão viver algum tempo juntos, nada mais natural do que conhecê-lo. Aliás, vocês estipularam um tempo mínimo desse casamento?

- Mãe, estou atrasado, vou desligar. Nos falamos no final de semana.

- Ok, guarde a resposta até lá e me diga. Te amo querido!

- Também.

Sendo a raposa que era, Alexandra sabia que havia algo mais nesse combinado. Nenhum amigo, por mais gente boa que fosse, aceitaria casar e fingir um relacionamento só por lealdade ou broderagem, ainda mais sendo um ômega. Amizade entre alphas e ômegas, era um feito raro segundo sua experiência de vida.

"Ah! Eu quero conhecer esse ômega! Ohhh! Esqueci de perguntar quando será o casamento!"

18. Então vamos?

"O que vestir? O que vou vestir?", Solie tinha feito várias combinações e nada parecia adequado o bastante. Estava ansioso e por isso indeciso.

Após tirar e colocar diversas peças, decidiu por uma calça de brim preta justa de corte reto e uma blusa lilás solta com babados. Cordões, brincos e seus amados anéis. Simples e estiloso.

Ricardo o aguardava no andar de baixo. Sempre calmo e alinhado, hoje se sentia ligeiramente inquieto. Era somente um jantar, o primeiro de muitos que viriam, porém trazia uma dinâmica desconhecida.

Eventualmente, jantava com suas acompanhantes. Fazia parte de um ritual que tinha como único objetivo a relação sexual e nada mais. Por isso, nunca se empenhou em demonstrar qualquer tipo de afeto ou interação íntima de forma pública, pelo contrário, sempre os evitava como forma de deixar claro seu desinteresse em relações futuras.

Ainda assim, haviam aquelas que se apegavam e nutriam esperanças sem fundamento.

Para relaxar, resolveu tomar um pouco de vinho. Foi o tempo necessário para que Solie estivesse pronto.

- Desculpe a demora! Como hoje é nossa primeira vez saindo juntos, não sabia o que vestir. Com o tempo pego o jeito - falou Solie sorrindo enquanto descia.

"Bonito e estiloso...", observou Ricardo de forma rápida enquanto se virava para pegar a garrafa.

- Sem problemas, aceita uma taça de vinho?

- Claro! - respondeu ao se aproximar, aproveitando para observar o conjunto azul marinho de terno e calça combinados com uma blusa branca escolhidos por Ricardo para aquela noite.

Percebendo a avaliação de sua escolha, Ricardo resolveu provocá-lo.

- Estou bem?

- Está. Todas as combinações do seu guarda roupa o deixam bem.

"Simples demais para meu gosto, com mais alguns detalhes estaria perfeito", Solie omitiu seus pensamentos, escolhendo não criticá-lo. Não queria começar a noite atiçando a resistência do alpha orgulhoso.

- Que bom. Aqui... - falou oferecendo a taça.

- Onde iremos? Ah, podemos alternar? Uma vez você escolhe e na outra é minha vez?

- Pode ser - respondeu percebendo o brilho e o entusiasmo de Solie.

- Ótimo! Assim, você me leva nos lugares que gosta, para que eu possa conhecer seus gostos, e na minha vez faço o mesmo.

- Bom, o lugar de hoje não é necessariamente um local da minha preferência pessoal, é somente um bom restaurante.

- Podemos trocar, já que ainda não saímos.

- Já está reservado.

- É só cancelar.

- ...

- Entendi. Você já está mentalmente confortável com a escolha de hoje. Ok então! - falou sorrindo, terminando o vinho de sua taça.

Ricardo o observou beber o resto do vinho, aguardando para recolher sua taça enquanto refletia.

- Não é isso. Só acho que é um bom restaurante para irmos.

- Tudo bem. Então vamos? - falou estendendo a mão.

Ricardo ficou parado olhando para o gesto, que parecia ser íntimo demais para a relação que tinham até então.

- Vai me deixar com a mão estendida? - falou se divertindo.

- Precisamos dar as mãos?

- Ao sairmos por aquela porta, seremos um casal - falou recolhendo sua mão e apontando para a porta - E casais que se gostam andam de mãos dadas.

- Entendo.

- Dar as mãos, segurar na cintura, abraços, tocar o rosto, os ombros e beijos do tipo selinho. Teremos que dessensibilizar esses toques, certo?

- Você vê necessidade de beijo também? Não precisamos nos beijar em público.

- Bom, se for demais para você, podemos deixar de fora.

- Você fala como se eu fosse o único que precisa ser convencido disso.

- Mas não é dessa forma?

- Sério? Realmente não se importa de me beijar em público?

"Céus! Ele parece um virgem de 32 anos! Não, eu não me importo, na verdade, faria muito mais que isso", extravasou Solie em pensamentos, respirando fundo em busca de um comportamento conciliador.

- Ricardo, tudo é uma questão de mentalidade. Minha alma e emoção não estarão no beijo, nem no abraço. Eles são somente o meio para um fim.

- Ok, mas vamos deixar beijos de fora.

Na verdade, Ricardo não era um grande beijador. Achava beijo algo extremamente íntimo, ao ponto de só compartilhá-lo quando estava completamente fora de si pelos feromônios. De forma consciente, jamais.

- Veja... Eu realmente quero ter uma noite agradável com você. Sem embates ou aborrecimentos. Se quiser então, podemos não nos tocar de forma alguma hoje, vamos só tentar desenvolver um bom papo. Não seria bom se nos tornássemos bons amigos? Sem melindres ou não me toques?

Mais uma vez Ricardo se sentiu patético.

- Não. Vamos fazer o que foi planejado. Temos menos de dois meses para alinhar isso.

- Tudo bem por mim. Vamos então?

Sem falar nada, Ricardo caminhou em direção a Solie parando à sua frente. Com uma expressão interrogativa, Solie observou o alpha calmamente alcançar sua mão antes estendida e entrelaçar seus dedos com os dele.

De frente para o tórax musculoso que exalava um leve aroma de floresta profunda, sentiu o toque quente em seus dedos, fazendo com que aquele calor se espalhasse por todo seu corpo. Era sua primeira vez sendo tocado por Ricardo e ainda tão próximo.

Imediatamente se recompôs e tirou sua atenção de todo aquele cenário, caso contrário, deixaria sua excitação exposta e com isso, tudo iria água por abaixo.

- Ótimo! - falou sorrindo - Vamos então!

- Hum.

E saíram pela porta de mãos dadas, enquanto Solie se esforçava para conter a avalanche de sensações que aqueles dedos fortes despertavam.

19. O Jantar

De pé numa varanda, Solie desfrutava a vista de um lindo pôr do sol quando sentiu braços fortes o puxarem pela cintura, enquanto o corpo forte e alto o abraçava por trás. Inebriado pelo aroma denso de floresta, sentiu o toque suave do sol de final de tarde se transformar em excitação, enquanto era empurrado pelo volume que roçava entre suas nádegas.

De olhos fechados, ouviu seu nome ser murmurado ao pé de seu ouvido, entremeado com mordidas em seu pescoço.

- Solie...

- Ahhhh, sim... - murmurou fechando os olhos ao sentir o roçar dos dentes em sua nuca, fazendo sua entrada formigar com a pressão daquele volume perfeitamente encaixado que a empurrava por cima do pijama de seda.

- Sooolie... Não aguento mais...

.
.

- Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh porra!!! - gritou Solie ao acordar e constatar suas calças molhadas de gozo e fluido lubrificante.

- Ah, fala sério!!! Voltei a ser adolescente agora com sonhos molhados? Foi só um jantar merda! Que imaginação fértil é essa a minha? - esbravejou sentindo uma pontada em seu cérebro - Ah, porque bebi tanto? Ah sim, aquele vinho era realmente delicioso... Droga, minha cabeça está me matando!

A noite anterior foi suave e pela primeira vez tinham conseguido conversar como adultos sem atritos, nem resistências. Porém, se empolgou pelo clima descontraído, pelo sabor do vinho caro e acabou se embebedando.

Tonto pela bebida e rodeado por aquele aroma de floresta que se misturava ao ambiente invadindo seu olfato ainda que de forma sutil, devido ao efeito dos inibidores que ambos tomaram, se sentiu instigado a divagar em fantasias que ele mesmo não queria alimentar, resultando mais tarde naquele sonho.

.
.

Começou a divagar ao entrar no carro de Ricardo.

"Como pode um homem ser tão atraente dirigindo?", Solie o observava de canto de olho, delineando o perfil daquele alpha perfeito. As mãos grandes, o ante braço definido, as coxas grandes e torneadas que se contraiam quando se mexia. Tudo se encaixava perfeitamente.

"Eu certamente lamberia e morderia esse homem da cabeça aos pés... Merda! Tenho que tirar meu pensamento disso", refletiu enquanto observava a paisagem noturna brilhante.

- Você dirige? - perguntou Ricardo.

- Não.

- O que acha de começar? Pode te dar mais autonomia no seu trabalho.

- Pode ser... - respondeu ainda perdido em seus pensamentos.

- Quando vou poder ver os itens que comprou?

- Ah sim, ia te perguntar, você se sentirá desconfortável de me passar sua agenda de reuniões para que eu possa planejar?

- Vou pedir para o Bae, meu secretário, para entrar em contato com você.

- Obrigada.

Ricardo observava Solie que estava estranhamente quieto, enquanto buscava em seu retrovisor a luz de uma moto que parecia fazer o mesmo percurso que eles há momentos atrás e que subitamente desapareceu do seu radar.

- Está tudo bem? - perguntou achando estranho aquela quietude.

- Está sim.

- Ok - respondeu sem saber como dar continuidade a conversa, ainda buscando sinais do farol da moto.

Ao constatar que não era nada, aproveitou para inspirar algumas vezes e sentir um pouco mais o aroma sutil que tinha o poder de acalmá-lo.

Há pelo menos uma semana aquele aroma de Flores não brindava seu olfato. Há minutos atrás, de frente para Solie, enquanto buscava sua mão, respirou fundo em busca de armazenar o máximo dentro de si. Era tão relaxante que logo, toda aquela inquietude de antes havia se esvaído.

Era estranho andar de mãos dadas com alguém, mas estava cansado de resistir e parecer patético. Decidiu se esforçar tanto quanto Solie, afinal a ideia e proposta vieram dele, logo, não havia sentido sua postura relutante.

Chegaram ao restaurante de estilo moderno que oferecia um cardápio internacional e foram encaminhados para o espaço reservado.

Assim que se sentaram, Ricardo notou um homem com luvas de moto se acomodar no fundo do salão.

Os anos em que se viu obrigado a lidar com os assédios de seu avô e a constante sensação de estar sendo seguido, desenvolveram em Ricardo um certo tipo de sexto sentido e o fizeram expert em perceber cenários fora de contexto. E, aquele homem, naquele restaurante, àquela hora, definitivamente estavam fora de lugar.

- Um momento, vou responder uma mensagem... - falou pegando o celular, de forma despretensiosa abriu a câmera, tirou uma foto do ambiente com o homem ao fundo, deu zoom pegando o perfil e no momento seguinte conseguiu o clique perfeito ao captar seu rosto, quando mesmo olhou para a mesa onde estavam.

Abriu o aplicativo de mensagens, anexou as fotos para seu secretário e exímio detetive.
Ricardo: Bae, estou no restaurante xxx. Pesquise a placa da moto e a identidade desse homem, está nos seguindo desde a saída de casa. Chame o Tom e peça que o monitore a partir de agora 24 horas por dia, relate seus contatos e o que mais encontrar.

Bae: Ok, vou buscar as câmeras. Mando informações quando tiver. Precisa de segurança?

Ricardo: Envie um disfarçado e o deixe do lado de fora.

Bae: Ok.

Tão bom quanto um Gerente de Investimentos de Alto Risco, Ricardo era um excelente chefe de equipe, perspicaz e estratégico.

Aprendeu com seus pais, que uma boa negociação só aconteceria ao descobrir com quem e com que tipo de pessoas estavam negociando, logo, tinha construído junto com seus pais toda uma equipe que pesquisava de forma profunda a vida de quem mantinham ou pretendiam desenvolver negócios pelo mundo afora. Atrelado a isso, contavam com todo um arcabouço tecnológico de investigação e segurança.

Finalizando o contato com Bae, voltou sua atenção para Solie.

- Esse restaurante tem uma grande variedade de pratos, dê uma olhada no cardápio e me diga o que mais lhe agrada, se tem algo que não possa comer e aquilo que não tolera - falou Ricardo enquanto oferecia o cardápio as vistas de Solie.

- Ok, você pode fazer o mesmo?

- Sim... Mudando de assunto, quero falar sobre algo importante - falou Ricardo enquanto percorria o cardápio, mesmo já sabendo o que pedir.

- Estou ouvindo.

- Tenho uma dinâmica um pouco complexa em relação aos feromônios. Sendo um alpha dominante, preciso liberá-los com certa frequência e como estamos morando juntos, acho necessário que você saiba disso para evitarmos situações desagradáveis.

- Que tipo de situações desagradáveis? - perguntou omitindo já saber sobre sua dificuldade na questão dos feromônios, pois achava importante que o próprio Ricardo compartilhasse a situação e seus detalhes.

- Bem... Posso ficar sensível pelo acúmulo de feromônios.

- Por sensível, você quer dizer excitado?

- Não exatamente, fico um pouco impaciente e intolerante para dizer a verdade. Então, em média três vezes por semana passarei a noite fora para equilibrá-los.

- Oh, isso é bastante - falou fingindo espanto - Hum... tenho uma curiosidade.
- Qual?

- Você disse que iria excluir seus contatos, então como pretende fazer isso?

- Hum... Contratei uma agência de acompanhantes que tem esse fim.

- Uau! Isso não sai caro? Não seria mais fácil intercalar com próteses e masturbadores?

- O qu... - se calou frente a atendente que se aproximava.

- Posso anotar os pedidos? - perguntou a morena de olhos amendoados explicitamente interessada no prato escolhido por Ricardo.

Cada um fez seu pedido, enquanto Solie a observava em seu descaramento. Assim que a mulher saiu retomaram a conversa.

- O que você falou? - perguntou Ricardo.

- Falei sobre o uso de prótese ou masturbadores, para aliviar sua tensão sexual.

- Não sei do que se trata, mas acredito que não seja algo que me agrade.

- Hahaha - riu de forma contida para não chamarem atenção sobre o assunto - São réplicas em silicone das partes íntimas para você usar quando estiver "necessitado". E veja, se você não usou, não tem como saber se é bom ou não, certo?

- Por que eu usaria uma réplica, quando posso ter o real? Isso parece deprimente.

- Oh! Eu uso com prazer dildos, vibradores que são do mesmo material e não acho nada deprimente, muito pelo contrário, eles me dão autonomia no meu prazer. Então, por que o fato de que eu posso usar um dildo é ok, e você usar um masturbador seria deprimente?

- ... - Ricardo estava chocado com o rumo da conversa e aquela exposição de intimidade inusitada - Hum, não sei. Entendo sua colocação, mas não me sinto confortável com a ideia.

- Uma pena, ia te economizar muito dinheiro.

"Ele usa dildos? Porque usaria dildos se tem parceiros?", Ricardo não compreendia o porquê de se auto estimular quando existiam pessoas dispostas a troca pessoal, logo resolveu perguntar.

- Você me disse que eu e você somos "boêmios", o que me levou a entender que tem parceiros, então por que se auto estimula?

- Bom, primeiro, tal como você, abandonei meus parceiros por causa do nosso acordo, para que não haja complicações futuras. Segundo e mais importante, por que às vezes, só quero desfrutar do prazer que meu próprio corpo me dá, gozar e relaxar.

- Oh... - a resposta de Solie foi tão direta que ele não sabia para onde olhar ou como reagir.

- É... Uma pena que você não se dê essa liberdade. Acaba ficando escravo de corpos alheios.

Aquela foi uma frase estranha de assimilar. De fato, ele era escravo de corpos alheios, por vezes, corpos que não tinha qualquer vontade de tocar. Seus pensamentos foram interrompidos pela atendente que retornou com as bebidas.

Usando a distração causada pela presença da atendente, aproveitou para monitorar a presença do homem ainda sentado ao fundo do salão, que eventualmente olhava em direção a sua mesa.

Imediatamente voltou sua atenção para o serviço em andamento, quando sentiu o calor da garçonete invadir seu espaço pessoal.

Encantada com a presença e beleza daquele alpha, a moça beta resolveu investir se fazendo presente ao servir o vinho na taça de Ricardo, e sem perceber, se colocou perto o suficiente de tal forma, tapando a visão de Solie.

- Minha pergunta é: Senhorita, você está me vendo aqui ou só escolheu me ignorar? - falou Solie levantando a voz um tom acima, enquanto cruzava as pernas e bebia o restante do vinho em sua taça.

- O quê? - perguntou assustada enquanto saía do transe causado por seu flerte descarado - Não senhor, já irei servi-lo.

- Não é sobre isso que estou falando. Desde que chegamos, você está descaradamente flertando com meu companheiro.

- Oh, oh desculpe, desculpe, pensei que fossem amigos!

- Não cabe a você julgar a qualidade da nossa relação e que eu saiba, você está trabalhando e não numa boate ou num encontro às cegas - falou Solie sério, a olhando de forma desafiadora.

Pegando a garrafa da mão da atendente, Ricardo ordenou:

- Por favor se retire e peça para outra pessoa vir nos atender.

- Desculpe senhor, isso não irá acontecer novamente.

Assustada, a mulher rapidamente se retirou.

- Me desculpe, não percebi o comportamento dela, estava refletindo sobre nossa conversa - falou Ricardo se sentindo responsável por compartilhar sua atenção com o homem do outro lado do salão.

- Sem problemas, é ótimo saber que nossa conversa captou totalmente sua atenção. Mas essa atitude dela, deixa claro o quanto parecemos estranhos um ao outro.

- É o primeiro jantar.

- Tudo bem, tenho certeza que iremos chegar num ponto onde as coisas vão fluir naturalmente.

Entre uma taça de vinho e outra, Solie falou sobre sua preferência por doces, morango com chocolate meio amargo, geleias, doces caseiros que sua mãe fazia e seu apreço por saladas dos mais diversos tipos. Não era afeito a massas, nem frituras, preferindo ensopados, refogados e grelhados de todas as coisas possíveis. Suas preferências eram o reflexo de anos de treinamento em luta e outras atividades físicas, porém deixou essa pequena observação fora da lista.
Já Ricardo rejeitava itens açucarados, tinha gosto por frutos do mar, massas, assados, pão e tudo que levasse à degustação de temperos e o uso de pimenta.

De forma descontraída e aleatória, falaram quase toda noite sobre comida, um assunto fácil e agradável para Ricardo que conhecia e apreciava a culinária de diversos países, enquanto Solie bebeu quase duas garrafas de vinho.

- Ohhh, não vou negar, porque não sou desses bêbados que negam... Estou bêbado! Mas, é uma ótima bebedeira essa!

- Eu sei, você é sempre bem sincero - falou sorrindo ao observar aquele ser lânguido que ora se debruçava na mesa, ora tentava manter a postura - Mas, de que forma ela é boa?
- Oh, você não sabe? Glub! Um vinho de ótima qualidade é uma ótima bebedeira! Glub!
- Entendo - falou se levantando para segurar o ômega bêbado, que certamente não se sustentaria sobre os próprios pés.

Segurou na cintura fina e macia de Solie, o conduzindo para fora do restaurante até o carro que os aguardava, enquanto percebia o homem no fundo do salão manipulando o próprio celular. Desconfiou que provavelmente estivesse tirando fotos.

Antes de entrar no carro, manejou a cabeça de forma sutil para o homem do outro lado da rua para assinalar que estava ciente de sua presença. Acomodou Solie no banco de trás e sentou no banco do motorista conferindo o celular.

Bae: Uma pessoa já está na porta. Deseja que ele monitore o homem ou te siga até em casa em segurança?

Ricardo: O monitore.

Bae: Ok.

Antes de sair de casa, Ricardo tinha contratado um motorista para trazê-los de volta, porém, mediante aquela situação, resolveu dirigir ele mesmo.

Ao contrário do que imaginava, o homem não os seguiu no trajeto de volta.

"Ele é muito leve", pensou ao sair do carro carregando o ômega que dormia profundamente em seus braços.

Dar as mãos, pegar na cintura, carregar... Numa só noite cumpriu várias metas. Com certeza, o fato de Solie ser despojado e aberto sobre diversos temas, dava à Ricardo a confiança necessária de que não estaria ultrapassando qualquer limite.

Nunca tinha abraçado ou andado de mãos dadas, nem pego na cintura e muito menos carregou nenhuma das suas acompanhantes. Mas, com exceção daquele primeiro momento antes de sair de casa, todo o resto foi natural e fluido. Ainda que fosse estranho subir as escadas com o ômega em seus braços, não era incômodo. Estava mais para uma situação divertida, como se estivesse cuidando do irmãozinho mais novo bêbado e ainda lhe permitindo desfrutar o aroma de flores misturado ao vinho.

Chegou ao quarto de Solie empurrando a porta. Gentilmente o acomodou na cama, tirou seus sapatos e o cobriu com um edredom branco acolchoado, desconhecido da sua coleção, provavelmente trazido da casa de Solie.

Olhou à sua volta e viu velas aromáticas na mesinha de centro, no criado ao lado da cama haviam varetas com um cheiro desconhecido, mas que de forma delicada reforçavam a intenção de conforto do ambiente. Mini lâmpadas em forma de estrela pendiam das cortinas escuras dando um ar romântico, uma manta felpuda lilás conferia um toque de cor e suavidade no sofá preto,

entre outros pequenos detalhes que deram uma nova cara ao quarto anteriormente decorado no estilo clean.

"Você certamente tem uma presença marcante", concluiu caminhando pelo quarto conferindo as mudanças sutis. Se sentiu curioso sobre o closet. Entrou no espaço observando o cabideiro que exibia alguns ternos em estilo despojado, blusas e blusões de quase todas as cores, lisos, com babado, simples e outros tão complexos que não conseguia imaginar como seria para vesti-los. Do outro lado estavam expostas diversos tipos de calças, algumas em tecidos estranhos, além de vestidos e uma diversidade interessante de macacões.

Com exceção de quando era criança, não lembrava ter visto alguém mais velho usar macacão, se perguntou se aquilo era conveniente para um ômega adulto. Ao final, uma estante com muitos sapatos de vários estilos, com e sem salto, sandálias e botas de todos os tamanhos com diferentes designers.

"Ele realmente gosta de botas", pensou consigo mesmo, para logo em seguida se interessar pelos dois pares de tênis de marcas que sabia serem especializadas em corrida para atletas e na execução de esportes.

"Ele pratica algum esporte?", fez uma anotação mental de tarefa de pesquisa para seu secretário, ou, seria melhor somente perguntar diretamente?

Quando estava quase saindo do espaço, duas gavetas lhe chamaram atenção. Evitando qualquer tipo de ruído, puxou a primeira de forma gentil e se deparou com rendas, látex, corpetes e outros tipos de roupas íntimas que não eram do seu conhecimento. Rapidamente fechou a gaveta, pois sentiu ter ultrapassado os limites da intimidade de Solie.

Receoso, mas ainda curioso, abriu lentamente a segunda gaveta se deparando com uma coleção de dildos com tamanhos, formatos e cores diferenciadas. Como se tivesse levado um choque, a fechou abruptamente e saiu do quarto se desculpando mentalmente por ter invadido o espaço alheio sem consentimento prévio.

"Céus, ele realmente faz uso disso!", pensou ainda impactado com a descoberta inesperada dos itens. Antes de sair, voltou à cama para conferir o ômega que ainda dormia, agora totalmente aninhado entre travesseiros e almofadas que também lhe eram desconhecidos.

Fez mais uma anotação mental, a de que aquele ômega gostava de texturas suaves e fofas. Se despediu silenciosamente deixando o ambiente.

"É, não foi tão difícil. Foi até uma noite agradável", concluiu enquanto fechava a porta atrás de si.

20. Quase Irmãos

- Você está em um relacionamento? - perguntou Bae surpreso.

- Não exatamente, mas sim - respondeu Ricardo de forma desinteressada enquanto folheava o relatório apresentado por seu secretário.

- Com um ômega masculino?

- Algum problema nisso? - perguntou levantando o olhar para Bae.

- De forma alguma, só... - interrompeu o questionamento refletindo sobre como se colocar sobre a notícia - Só é algo diferente das suas preferências.

- Já disse que é falso.

- Ainda assim, um ômeg...

- É para não haver envolvimento, escolhi alguém que não me interessa.

- Ah, entendo - mesmo se esforçando muito, Bae não conseguia entender o que se passava na mente de Ricardo com todo aquele teatro.

- Encontre Carlos para assinar um termo de confidencialidade.

- Eu preciso?

- Todos os amigos de Solie assinaram, porque você não assinaria?

Há alguns anos Bae era o secretário pessoal de Ricardo. Era um alpha perspicaz, eficaz em suas tarefas, versado em administração, segurança pessoal, logística e tecnologia.
Desde o início, Alexandra e Tommas Hullen, pais de Ricardo, deixaram claro que o tinham contratado com a finalidade de acompanhar seu filho. Por um tempo, atuou junto aos Hullen nas questões diplomáticas, fazendo todo tipo de serviço e pesquisa ligado aos mais diversos assuntos como forma de treinamento, enquanto estudava o ramo financeiro na qual Ricardo fazia formação.

Tinha respeito e apreço por aquela família única e despojada que mesmo à distância mantinha seus laços familiares, ao contrário da sua. Vinha de uma situação familiar onde as relações tinham um contexto de abuso emocional e violência.

Logo após terminar o Ensino Médio, foi em busca de um trabalho que desse dinheiro suficiente para bancar a própria independência, tendo como meta sair de casa. Teve a sorte de ser aceito pelos Hullen, que logo o incentivaram e ajudaram a continuar seus estudos fazendo uma boa Faculdade de Administração e outros cursos Superiores de especialização.

Eles o ensinaram sobre a vida, as pessoas, seus interesses e redefiniram sua percepção sobre família. Logo, era extremamente leal à Ricardo e seus pais. Os tinha em seu coração como sua verdadeira família.

Nos últimos anos, buscava uma forma mais profunda de amizade com aquele que poderia ser chamado de "irmão", caso Ricardo tivesse aberto sua guarda para desenvolver tal

relacionamento. Embora até agora não tenha conseguido ultrapassar essa barreira, tinha plena consciência que, apesar de Ricardo demonstrar frieza e indiferença na relação entre ambos, por trás havia afeição e apreço não explícitos, sempre expressos em cuidados sutis e constantes.

Também compreendia que, talvez por ser muito fiel aos seus pais, Ricardo, que já havia passado por períodos de perseguição de seu avô, tinha dificuldade em confiar e poderia percebê-lo como um agente duplo, fato que não era de todo errado.

Há pelo menos um mês vinha percebendo pequenas diferenças no comportamento de Ricardo e, embora fossem próximos, seu chefe e irmão alpha dominante, não era aberto sobre suas relações pessoais, cuidando ele mesmo da própria agenda pessoal. Era a primeira vez que falava de algum relacionamento, e não qualquer um, mas um namoro, e não um namoro aleatório com alguma de suas parcerias, mas um namoro falso com um ômega masculino.

- Ah e entre em contato com Solie - falou Ricardo enquanto digitava no celular - Acabei de te mandar o número dele, se apresente e passe minha agenda de reuniões... Se não me engano tem uma no final dessa semana?

- Sim, a reunião semestral para apresentação do Relatório e Planejamento do próximo semestre.

- Ótimo! Passe para ele então.

- Posso saber porque ele precisa saber da sua agenda de reuniões?

- Ele é meu estilista.

- Hum?

- Ele é meu estilista pessoal. Lembra? Você pesquisou o perfil dele.
- ... - Bae, estava em branco.

"Como assim? Ele nunca foi interessado em moda, sempre optou pelo básico". Já tinha esquecido daquele fato e achou que o tal ômega se tratava de algum cliente buscando investimento, ainda que, pelas suas constatações, não tivesse capital suficiente para qualquer negociação.
- Ok - respondeu enquanto ponderava se o tal ômega poderia ser um golpista que tinha enfeitiçado Ricardo, embora uma de suas qualidades era ser um exímio julgador de carácter.

No mundo dos negócios, era quase impossível alguém enganá-lo. Mas, quando se tratava de relações pessoais somadas a feromônios, tudo poderia se tornar nebuloso, até por que, essa também era sua maior fraqueza.

- Algum retorno do cara da noite passada? - perguntou Ricardo.

- Tom descobriu o nome e endereço dele, mas até agora ele não fez nenhum movimento que o ligasse a qualquer pessoa.

- Algum histórico de trabalho?

- Ainda estou no processo de acessar outras informações.

- Ok.

- Tem certeza que ele estava te seguindo ontem?

- Absoluta.

- Estranho... Quem poderia seguir você? Com qual intuito?

- Também quero saber - falou ainda folheando os papéis.

- Mudando de assunto, parece que na reunião de sexta vão participar uns três magnatas de algumas indústrias, quer que eu pesquise quem são?

- O que três magnatas têm a fazer numa reunião interna de relatório da empresa? Ao invés de pesquisá-los, veja como estão as ações e o capital da empresa, e se tem algo fora do lugar.

- Ok - respondeu anotando a tarefa e adicionando a pesquisa aos magnatas, não custava nada saber quem eram.

- Ah, sábado que vêm reserve o espaço de escalada e também avise a Solie.

- Avisá-lo?

- Sim, ele vai comigo. Melhor, toda vez que agendar eventos esportivos avise a ele.

- Isso... Isso é uma mudança e tanto! - falou espantado.

- Não crie ideias na sua cabeça, é só parte do processo.

- Falando sério, você realmente vai se casar com ele?

- Bae!

- O que foi? Não posso ficar espantado? Do nada você me conta que está num relacionamento falso, vai se casar e que isso já está rolando há quase um mês. Como seu secretário e quase irmão, sou o último a ser comunicado, sendo que provavelmente serei eu a resolver todos os problemas caso algo dê errado! Daí você quer que eu assimile em cinco minutos e diga ok para tudo?

- Pelo visto você não vai precisar assinar a confidencialidade, já que está falando tão alto que a agência toda já deve saber!

- Ricardo, eu realmente não entendo porque você pode confiar em mim para lidar com toda sua vida profissional, mas quando chega nessas questões me empurra para fora.

- Ahhhhhhh... Bae, por favor... Não há como eu deixar de compartilhar nada com você, só que algumas escolhas da minha vida quero ter 100% de gerência sobre elas, sem perguntar o que as pessoas acham, mesmo as mais próximas.

- Ok, mas saiba que você está diferente, de alguma forma você está estranho.
- ...

.
.
.
.

.
.
.
.
.
.
.

Naquele mesmo dia, final da tarde Carlos convidou Ricardo para um restaurante de comida japonesa.

- Ricardo, porque você não conta ao Bae sobre o contrato?

- Não posso, ele vai contar para nossos pais.

- Por que você acha isso? Ele já foi X9 alguma vez?

- Não sei, mas não confio.

- Olha, ele sabe exatamente como você é, logo, também sabe que se te trair, irá perder o que conquistou.

- Não sei... Acho melhor não.

- Cara, isso não está certo! Ele é praticamente seu irmão! Ele está há anos tentando se aproximar de você e só leva toco! Já te perguntei diveeeeeeersas vezes e não consigo entender porque você faz isso.

Ricardo sabia exatamente porque fazia isso.

Há vários anos atrás, quando tinha 18 e Bae 17 anos, foram abordados pelo pai de Bae ao sair de uma Lan house, onde frequentemente se divertiam jogando entre um curso e outro.

O pai de Bae, era um alpha mal encarado e com aparência de gangster. Ao colocarem os pés do lado de fora da loja, o homem o puxou pelos cabelos ordenando que voltasse para casa.

Entre puxões, palavrões e gritos, arremessou Bae no chão de um beco lhe dando chutes no estômago e onde mais seus sapatos batessem, enquanto o xingava de filho ingrato.
Aquela visão de seu amigo inocente sendo agredido, despertou um ódio visceral, até então desconhecido em Ricardo, que era sempre calmo e apaziguador.

Uma nuvem nebulosa de feromônios agressivos e opressores envolveram o homem que ainda chutava seu amigo e começaram a sufocá-lo, enquanto Ricardo se aproximava passo a passo, com seus olhos brilhando num dourado profundo.

Sem dizer palavra alguma, olhava para o homem com uma ferocidade irracional, enquanto o via gritar e se contorcer de dor pelo cérebro que parecia derreter.

Bae, se arrastou desesperado até os pés de Ricardo gritando para que parasse. Seu desespero não gritava por seu pai, mas sim por seu amigo-quase-irmão-alpha-dominante, pois sabia que se ele fizesse um mal irreversível a quem quer que fosse em seu descontrole de raiva, jamais se perdoaria. Atrás daquela nuvem de feromônios fria e violenta, havia uma pessoa gentil e

empática, que não seria capaz de lidar com as consequências do próprio poder.

Ao se dar conta de que Bae chorava aos seus pés, Ricardo voltou a realidade indo em seu socorro, enquanto observava ao longe o homem que se arrastava e choramingava de dor. Aquela foi a última vez que Bae viu seu pai.

Depois do ocorrido, ele, Bae e seus pais se mudaram para outro país.

Até hoje, ele lembra nitidamente da completa ausência de sentimentos em relação àquele homem e o desejo bestial de destruí-lo. Seu racional lhe diz que a culpa seria o sentimento adequado para nutrir pelo que fez, porém, ela nunca se fez presente. Aquele aspecto adormecido em seu interior, é brutalmente impiedoso e implacável.

Então, Ricardo tinha medo de si mesmo e de seu descontrole em relação às pessoas que amava.

- Eu e Bae nos entendemos - falou tentando finalizar o tópico.

- Ah, eu que o diga! Duvido se mais tarde meu telefone não vai tocar com Bae querendo detalhes sobre esse acordo.

- Por falar nisso, todos assinaram a confidencialidade?

- Sim. Mas e os pais de vocês? Vão ter cara de pedir para assinarem isso?
- Não sei...

- Há! Duvido que sua mãe assinaria, até porque nem precisa, acho que ela prefere fantasiar você casado! - deu uma gargalhada e um pequeno gole no saquê, molhando a garganta para continuar a importunar seu amigo - E me diz, como vai a vida de casado?

- Vida de casado?

- Ué! Vocês não estão vivendo juntos há um mês?

- O que tem isso de vida de casado? Quase não nos vemos, somos independentes.

- Hummmm... Sabe, eu estava pensando... Se você puder, eu gostaria que aceitasse um conselho meu que vai facilitar a vida de Solie: não deixe ninguém saber de vocês antes de formalizarem o casamento.

- Não é minha intenção anunciar antes disso, mas por que essa preocupação?

- Ricardo, você não percebe, pois está sempre focado em seus projetos, alheio a dinâmicas que não te interessam, mas existe a sua volta, uma gama de pessoas com todos tipos de intenções: admiração, respeito, amor platônico, raiva, desprezo e a meu ver a pior delas, desejo de posse. Você é o solteiro mais desejado na sociedade hoje em dia.

- ... - de onde saiu tudo aquilo? Era o que Ricardo se perguntava.

Não, ele não era completamente alheio, mas ao longo dos anos aprendeu a ignorar olhares e intenções que não lhe interessavam, porém, nunca cogitou que seu entorno tivesse aquele tom de intensidade.

- Até hoje, Bae tem administrado tudo isso, limpando e banindo todo tipo de pessoa e intenção

que tenta chegar até você, porém, no momento que apresentar Solie, tudo será jogado de forma virulenta em cima dele.

- Você realmente acha isso?

- Não acho, tenho certeza. E também estou convicto que Solie tem capacidade suficiente para lidar com isso, mas você precisa prepará-lo porque, mesmo sendo um relacionamento falso, ele vai lidar com todo o peso de um verdadeiro.

- ...
- Mas me fala, como foi o jantar?

Carlos tinha aquela dinâmica estranha de trazer questões intensas à tona, para em seguida, mudar de tópico como se tivesse perdido o interesse no assunto anterior. E assim, depois de todo aquele papo tenso, viraram a página.

- Tranquilo.

- Só isso?

- O que você espera que eu responda? Foi tranquilo, saímos, conversamos e trocamos informações.

- Robótico assim?

- Não robótico, mas já está menos constrangedor.

- E sobre o que falaram? - Carlos estava curioso com aquela relação forçada e em expectativa sobre como seu amigo avesso a intimidade ia reagir aos avanços com Solie.
- Sobre isso... O que você sabe sobre masturbadores?

- Wowwwwww, vocês falaram sobre masturbadores no primeiro encontro?!

- Falei sobre a questão do acúmulo de feromônios, que estaria fora três vezes por semana e ele me perguntou por que eu não fazia uso de masturbadores.

- Wow, ele é realmente algo mais, hein! Que figura! - falou rindo enquanto bebia mais um gole do saquê.

- Solie não parece ter barreiras para abordar assuntos constrangedores, ele faz com uma naturalidade que ainda não aprendi a lidar, mas estou tentando aprender a... - parou para buscar uma palavra que pudesse refletir sua intenção de criar menos resistência às mudanças - Como chama? Fluir? Isso, estou tentando fluir...

- Mas até que é um bom conselho, iria te economizar uma grana.

- Mas o que você sabe sobre isso?

- Masturbadores?

- Hum.

- Claro, até tenho um! - falou criando um espaço entre as mãos exemplificando o tamanho do seu "negócio".

- Você, você usa masturbadores? - perguntou espantado, não esperava que seu amigo fizesse uso de tal recurso - Solie disse que eles são a réplica de partes íntimas, você usa isso?

- Oh não!!! Esse é um dos tipos, existe uma enormidade de modelos e formatos, o meu é só um tubo de silicone que quando usado com um gel maneiro, dá aquela sensação quente e apertada que se aproxima de quando se está "lá", seja o "lá" que você gostar, entende? - falou piscando de forma sarcástica.

Ricardo estava confuso sobre por que seu amigo usaria masturbadores.

- Ei! Você não tem parceiras? Quer que eu te arranje alguma?

- Qual é Ricardo! Você me pergunta se tenho masturbador e em seguida me oferece parceira, tá querendo dizer que tô encalhado?

- E não tá? E não perguntei se você tinha, mas se sabia sobre.

- Não! E o que masturbador tem a ver com ter parceira ou não? Você não se masturba por um acaso?

- Eu transo pelo menos três vezes por semana, não sobra espaço para isso.
- Ah, não mete essa! Você me disse há pouco tempo atrás, que queria foder todos os dias se pudesse! Como não sobra tesão para tocar uma?

- Não vejo graça nisso.

- Ahhhhhh... Como pode isso? Você é um alpha dominante que mete freneticamente pelo menos três vezes por semana com pessoas aleatórias e ao mesmo tempo um hipócrita puritano do caralho!

- Ohhhhhhhhh, só por que não uso masturbadores sou hipócrita?

- Não, por que você valoriza mais uma foda, mesmo que seja uma foda merda, com uma pessoa que nem está afim, do que um puta orgasmo intenso pra caralho de um "fapfap" com ou sem masturbador.

- O que é *fap fã?*

Carlos respondeu com o movimento de sobe e desce da mão feito na masturbação masculina.

- Ahhhhhhhh...

- Cara, você é um alpha de 32 anos, com energia sexual de 20, mas com uma mente de 60! Tu é limitado para caralho sexualmente!

- ...

- Ah, e hoje você paga a conta. Fala sério!

21. Uma Proposta Inusitada

Todo de preto, Ricardo estranhou a própria imagem no espelho.

- Eu realmente tenho que ir todo de preto?

- Você sabe a coisa que mais estranhei no seu armário? - falou Solie com um pequeno sorriso de canto, enquanto arrumava a gola de Ricardo - Um homem de negócios como você não ter uma única blusa preta, sendo um item tão básico.

- Gosto de blusas brancas. Acho o preto muito fechado.

- Então, você vai super, mega, blaster fechado hoje para sua reunião! - exclamou rindo ao posicionar o lenço de cetim vermelho bordô no bolso superior do paletó.

Calça preta reta alinhada, blusa preta, gravata preta transpassada por um broche de prata em formato de flecha, que tinha suas pontas brilhantes destacadas, novas abotoaduras pratas personalizadas, que combinavam com o broche. Um novo colete preto mais justo que realçava seus músculos peitorais, coberto por um paletó preto alinhado.

Olhou para si mesmo no espelho e se sentiu especialmente elegante. Não fazia ideia que apenas alguns pequenos toques podiam dar um ar totalmente diferente à própria presença.

- Eu fiz de você um homem inacessível.

- Como assim? - perguntou com uma expressão argumentativa, buscando a expressão divertida de Solie naquele momento.

- Sua personalidade é naturalmente fechada. Estar todo de preto reforça essa percepção nas pessoas, porém, quando colocamos alguns acessórios que chamam atenção no meio dessa escuridão, eles te transformam num ponto de atração. Você, está todo de preto, masssss, no seu bolso, na altura do seu coração tem um lenço de cetim vermelho bordô que denota paixão - enquanto falava, Solie exalava uma certa euforia, demonstrando o quanto tinha se empenhado em montar todo aquele cenário no estilo de Ricardo.

“Ele realmente gosta do que faz”, refletiu satisfeito por dentro enquanto apreciava a descrição de seu estilista, compreendendo a intenção por trás de cada detalhe daquela roupa.

- Embora tenha ficado surpreso por não ter achado uma blusa preta em seu armário, achei fantástico poder usar esse recurso simples, como um ponto de mudança no seu visual.

- Achei interessante sua descrição, mas me pergunto se as pessoas irão entender dessa forma - argumentou enquanto conferia o look final, concluindo que tinha gostado do conjunto.

.
.
.

Ricardo nunca se viu como um homem imponente, tal como um alpha dominante deveria ser naturalmente, mas hoje, estava curtindo sua auto exposição e os olhares de admiração e espanto.

Emanava um certo poder e segurança que iam um pouco além do que lhe era usual. Talvez pela

roupa? Pela descrição e a intenção de Solie? Ele não sabia o por que exatamente, mas de fato sentia que aquela roupa estava de acordo com sua personalidade, exalando poder e testosterona a cada passo, lhe conferindo um certo ar de imponência.

Sim, se sentia muito bem. Diferente do usual, os olhares não o incomodavam, muito pelo contrário, traziam feedback positivo sobre as intenções de Solie, demonstrando o quanto foi assertivo.

‘Uau, ele está sempre lindo, mas hoje está deslumbrante’, ‘É um brinde aos olhos, mas uma tristeza ao coração por saber que nunca vou ter um homem desse’, ‘Ele não está diferente? Tem algo realmente diferente, não tem?”, ‘Ohhhh, aquele lenço vermelho parece o meu coração sangrando de paixão por ele!’.

Esses e outros comentários eram ouvidos aos montes por onde passava e Ricardo sempre se perguntava, porque as pessoas não tinham vergonha de falar aquelas coisas, sabendo que ele podia ouvir perfeitamente.

- Wowwwww!!! Wow! De onde saiu essa roupa chefe? - perguntou Bae espantado com o look soturno e chique de Ricardo.

- É trabalho de Solie - respondeu enquanto tirava o paletó.

- Oh, você está usando abotoaduras? Uau!!! Você já é bonito, mas ele transformou esses detalhes em coisas que dão um nível diferente à sua aparência. Viu? Eu sempre te falei que você era muito básico! - exclamou entusiasmado - Quero que ele mude meu estilo também!

- Seria ótimo, ele é muito bom no que faz.

- Percebi!

- Separou os dados que pedi para a reunião?

- Sim, mas o senhor Bardon pediu para vê-lo antes da reunião. Disse para ir à sala dele assim que chegasse.

- Ok, arrume tudo e leve com você, te encontro lá depois - falou enquanto vestia o paletó novamente.

- Ei! Volta aqui! - Bae chamou enquanto corria se colocando à frente de Ricardo - Seu lenço especialmente bonito saiu do lugar - e o consertou alertando - Cuidado ao tirar e colocar o paletó, esse lencinho dá um toque especial no figurino.

“O que seria tão importante ao ponto de me chamar antes da reunião? É somente para a entrega dos relatórios do semestre…”, se perguntava enquanto caminhava pelos corredores, deixando rastros de olhares e murmúrios por onde passava. Aquela atenção indesejada sempre o incomodou profundamente, mas hoje não.

Desde que entrou na empresa, tinha um relacionamento amigável com seu chefe, Sr. Bardon, um alpha de 56 anos, estrategista e um lobista que sempre o presenteava com uma infinidade de adjetivos e virtudes.

Já Ricardo, só o enxergava como mais um sanguessuga hipócrita, que fazia apologia ao

casamento, enquanto se refastelava em orgias organizadas para alphas endinheirados ou em clubes com mulheres betas e ômegas nuas, sempre acompanhado de seus amigos investidores, tão cretinos quanto ele.

- Ricardo! Wow! Olhando para você me pergunto quem é o chefe aqui! - falou enquanto o recebia - Venha, vamos sentar.

De posse de sua xícara de café, saiu de trás de sua mesa e o direcionou para o lado oposto da sala onde havia um conjunto de sofás confortáveis, divididos por uma mesa de centro em vidro, sentando um de frente para o outro.

- Café?

- Não obrigado… Algo te preocupa na reunião de hoje? - perguntou Ricardo de forma séria, sem dar atenção ao elogio vazio de seu chefe.

- Oh, não! Fique tranquilo, não há nada a qual devo me preocupar, todos os relatórios estão de acordo. É uma reunião somente para formalizar os dados e expor as informações para todos, e também parabenizar aqueles que se esforçaram e excederam as expectativas do semestre. Você, como sempre, está entre eles.

- Entendo. Do que se trata então?

- Bom, vou direto ao assunto - falou se recostando no sofá ao tomar um gole de café, fazendo uma pausa estratégica - Sei que é muito de repente e nunca conversamos sobre nada do tipo, mas acredito que você saiba que Hana, minha filha, é apaixonada por toda essa sua aura de alpha dominante, não é? - falou dando uma gargalhada.

- … - Sério, Ricardo não tinha o que falar sobre aquele assunto inesperado.

Sim, ele tinha percebido que em toda festa onde a empresa se reunia, Hanna o perseguia de forma invasiva, abraçando e forçando uma intimidade não conquistada. Também achava muito inconveniente que ao visitar o pai na empresa, tinha como hábito invadir sua sala, estivesse ele numa reunião ou tomando decisões importantes. Resumindo, todas essas atitudes fizeram com que Ricardo desenvolvesse verdadeiro asco em relação a menina ômega pegajosa, soberba e sem noção. Ele a tratava no limiar entre cordialidade e a frieza, já que não podia ser direto em seu desgosto, sendo ela a filha mimada de seu chefe hipócrita.

- O que isso tem a ver com a reunião de hoje? - perguntou de forma objetiva, a fim de encurtar aquela introdução desagradável, prevendo que tal assunto levaria à alguma questão profundamente desconfortável para ele.

- Oh, não tem a ver necessariamente.

“Então por que da urgência?”, se perguntou enquanto aguardava a conclusão do assunto.

- Há algum tempo venho pensando, ou melhor, desejando tê-lo como genro.

- …

Não tendo recebido nenhuma reação de Ricardo, continuou.

- Se pensarmos bem, todos os aspectos são favoráveis. Você está solteiro, é um homem e alpha

de respeito, bem sucedido, desejável não somente por minha filha - deu uma pausa dando mais gole em seu café, observando as reações de Ricardo, que eram… Nenhuma.

Com um ar de quem tinha uma grande proposta irrecusável, afinal, ele era seu chefe e dono da empresa, prosseguiu sem perder a linha de raciocínio.

- Acredito que saiba que, desde a recepção até o último andar do prédio, incluindo as esposas e filhos dos nossos clientes, todos desejam pleitear um lugar na sua cama, visando um casamento. Caso não saiba, é só perguntar ao Bae, por que claro, ninguém em sã consciência ousa se aproximar de um alpha dominante tão fechado como você, com medo da sua reação.

Aquela era uma descrição inusitada vinda de seu chefe, sobre um panorama que ele mesmo achava inacreditável.

- O que acho realmente louvável é sua retidão. Desde que chegou aqui, você trabalha e alcança os objetivos seus e os da empresa com louvor, sem fazer uso do benefício de ser um alpha bem nascido e requisitado, e claro, isso me fez desejar tê-lo como genro, aproveitando que minha filha já o ama.

- Senhor…

- Deixe-me acabar… - falou colocando a mão no joelho de Ricardo, demonstrando uma atitude não de um chefe, mas a de um pai - Estou ficando velho e cansado, então, pensei que caso você aceite o coração da minha querida, me sentiria muito feliz em torná-lo um acionista majoritário, logo, meu sócio, para enfim no futuro me substituir.

Bardon acreditava com todos os seus botões, que tinha uma proposta irrecusável, pois, da recepção ao topo do prédio, incluindo as esposas, filhas e filhos betas ou ômegas de clientes, ele era quem tinha a melhor proposta, já que sabia o que Ricardo mais almejava no momento: a promoção dentro da empresa.

Foi presenteado por sua filha ter se apaixonado loucamente por aquele alpha dominante de quase dois metros, extremamente bonito e apresentável, mas o melhor nem era isso, ele era herdeiro da maior empresa do setor de Marketing, mesmo se recusando a assumi-la. E ainda teria como parentes, sua família diplomata que trazia em seu portifólio contatos internacionais, incluindo VIPS de todo o mundo.

Aquele alpha, que era inclusive dominante, era um pacote mais que completo. Tê-lo como genro, era como ganhar na loteria.

Ciente disso, há algum tempo vinha planejando como chegar nesse dia.

E assim, objetivando deixá-lo sem alternativa, há mais de um ano inventou aquela regra elitista que dizia que, para ascender as contas mais altas com clientes fixos de grandes investimentos, era necessário um perfil de homem conservador, incluindo o requisito de "homem casado" para passar a ideia de estabilidade e seriedade aos VIPs da empresa.
Criou toda essa invencionice, querendo encurralar Ricardo, elevando sua proposta ao status de ‘irrecusável’.

Sendo a raposa velha que era, há meses vinha vigiando a rotina pessoal do alpha dominante, com objetivo de prevenir que um caso eventual, ascendesse a um relacionamento. Logo, tinha em sua

posse o perfil de todas as acompanhantes de Ricardo dos últimos oito meses.

Na verdade, quem começou a vigiá-lo em suas trocas noturnas de feromônios, foi sua filha Hanna, curiosa para descobrir as preferências pessoais do alpha, a fim de moldar a si mesma para agradá-lo.

Ao descobrir que sua filha perseguia o alpha de maneira descuidada, correu para impedir, culminando em vê-la esbofetear uma das acompanhantes, após uma noite quente com seu objeto de paixão, e logo, a interditou. Ricardo era um alpha extremamente reservado sobre seus relacionamentos, caso descobrisse que o vigiavam, seus planos nunca se concretizariam, afinal, confiança era o maior ativo de seus negócios.

Há quase um mês, vinha notando uma diferença no comportamento do alpha. Tinha parado de sair com suas amigas de uma noite, fazendo o velho se perguntar sobre como ele estava lidando com o excesso de feromônios nesse período.

Sentiu que se não o tornasse seu genro agora, não teria outra oportunidade. Algo o perturbava, para além dos constantes choramingos de sua filha ômega.

“Esse velho hipócrita acha que me engana”, pensou Ricardo enquanto refletia sobre como rejeitá-lo da forma mais diplomática possível.

Nada, absolutamente nada em sua proposta lhe interessava. Desde sua filha insuportável e mimada, até sua empresa. Ele só precisava daquele espaço por um tempo finito e pretendia sair dali sem levar nada, além do conhecimento necessário de contas estáveis.

E para esse conhecimento não precisava de sua filha, nem dele, mas de Solie. Solie era seu trunfo, não só para preencher o requisito de “homem casado”, mas também para dar um tapa na hipocrisia daqueles alphas sujos e hipócritas.

O velho que se achava muito esperto, acreditava que Ricardo era cego em relação aos detetives e capangas que o seguiam aqui e ali. Em realidade, Ricardo se auto administrava mostrando somente o queria que o velho soubesse.

Sua mente estava em turbilhão pensando em todas as possibilidades, quando lembrou do aviso de seu amigo Carlos, em relação à Solie. Lembrando disso, resolveu usar outra justificativa, escolhendo omitir a existência de seu estilista pessoal e futuro marido, até que estivessem oficialmente casados.

Enquanto conjecturava sobre a melhor forma para se posicionar usando aqueles poucos segundos de pausa, o homem o interrompeu em seu momento de reflexão, não deixando brechas.

- Então! - falou em exclamação levantando em direção a própria mesa - Espero ter a sorte de obter um sim seu hoje e poder anunciar sua posição na empresa para os nossos colegas e principalmente, aos novos investidores que irão conferir os relatórios e em seguida decidir em qual setor fazer um aporte inicial.

- Senhor - começou Ricardo também levantando e se colocando de frente para o chefe - Realmente me sinto lisonjeado por receber tal consideração e, com muito respeito, vou declinar da sua proposta.

- Como? Mas você nem pensou nela direito! Te dou alguns dias!

- Senhor - falou Ricardo sério e monocórdico - Eu realmente levo o casamento à sério. Veja, venho de uma família onde meus pais são muito apaixonados até hoje, o que admiro muito e tenho como objetivo pessoal.

- Mas por que então não marcamos um encontro ou vários encontros para você conhecer Hanna mais intimamente, tenho certeza que ela irá encantá-lo!

- Peço desculpas, mas esse não será o caso.

- Qual o problema com Hanna? - perguntou quase irritado, se sentindo ultrajado.

- Não há nenhum problema com sua filha, exceto que a enxergo como se fosse uma irmã, o que significa, que ela não desperta nenhum tipo de “instinto” em mim, requisito primário para uma relação.

- …

O que fazer mediante aquela justificativa? Pensava o velho em desespero, vendo todo seu planejamento desmoronar, e pior, como iria lidar com sua filha?

- Peço desculpas por não poder atender suas expectativas e mais uma vez agradeço pela consideração - falou abaixando o olhar, para logo em seguida concluir - Nos encontramos daqui a pouco na reunião.

E se retirou deixando o velho sentado em estado de choque.

22. Fazeções

- Até que eu esteja parecendo uma aranha subindo nessa parede, tenho que treinar!
- Você e suas furadas! - exclamou Alisson ofegante - Por que não chamou seu personal para essa forma de tortura moderna que chamam de diversão?

- A função do personal é outra! Se eu não fizesse o trabalho de condicionamento físico com ele, não teria como subir aqui, fiquei três meses só comendo, dormindo e engordando - falou Solie enquanto esticava seu pé tentando alcançar o apoio seguinte, subindo mais um degrau.

- Você sabia que não tenho personal e nem condicionamento?

- O quê? Você é um atleta! Corre e faz musculação!

- Isso é bem diferente de fazer escalada! - argumentou bufando - Seu corpo acostumado a lutar, é mais preparado que o meu, que só faz maromba!

- Ah! Me diz se não está gostando?

- Estou odiando. Chega! - e começou a descer a parede de escalada, deixando o outro ainda pendurado.

Vendo o amigo desistir, Solie subiu mais três obstáculos para sentir que tinha concluído pelo menos a metade do percurso e desceu.

Sentando no chão, exaurido e arfando, Alisson continuou a contestar sobre a atividade surpresa a qual tinha sido convidado.

- Olha só para você! Nem andar direito consegue! - exclamou rindo, ao observar o amigo que mal conseguia se levantar e caminhar adequadamente - Me explique exatamente por que há três dias está treinando escalada que nem um doido?

- Não estou treinando há três dias, mas sim pela terceira vez, em dias alternados.

- Que seja! Tá todo ferrado da mesma forma!

- Te-tenho que aprender para acompanhar Ricardo no domingo - falou Solie, buscando fôlego e se esparramando no chão.

- Isso tudo para não passar vergonha perto do alpha?

- Não… Para não ser uma daquelas donzelas ômegas em perigo na selva…

- Ninguém merece! Então toda vez que ele te levar para um esporte vai ser essa doideira?

- Basicamente!

- Só deixando avisado: não me chame mais!!! Baita esforço desnecessário! Prefiro gastar minha energia com coisas mais proveitosas e prazerosas.

- Ahhhhhhhhh, mas só posso contar com você para isso! - Falou enquanto agarrava o amigo pela cintura.

- Nem pensar! Sai! - riu o empurrando, para logo em seguida ganhar uma chave de perna - Seu filho da puta, me larga!!!

- Não!!! Fala que vai vir! - e apertou a cintura do amigo.

- Seu insano, como ainda tem essa força nas pernas, se nem consegue andar? - gritou tentando se desvencilhar do aperto.

- São esforços diferentes e esse já está no sangue! Me responde!

- Ah porra! Tá bom! Agora me solta! - e logo foi solto.

- Conto com você! - falou e deu um beijo estalinho na bochecha do amigo emburrado.

- Ahhhh, vamos tomar banho e comer antes de ir para a reunião.

- Ooooook!!! Mas me ajuda a levantar!

- Quero saber como vai fazer para andar sem mancar até a reunião.

.
.

Num Café a algumas quadras dali.

- Luta, terapia, academia, plano de negócios e agora esse projeto. Achei que sua agenda estivesse cheia, mas ainda me veio com essa de escalada, não acha que está exagerando? - falou preocupado observando seu amigo ainda agitado.

- Sim, tenho que lidar com bastante coisas agora… Mas, são todas necessárias, muitas delas estão um pouquinho mais pesadas, como a luta e a academia, mas é só porque fiquei parado muito tempo, daqui a pouco fica tranquilo. Outras, como o plano de negócios que Lissa está me ajudando a desenvolver, são parte de um projeto de longo prazo para alavancar minha carreira - falou pegando seu laptop - Por outro lado, tem sido bom preencher minha mente, caso contrário, fico de pau duro e não consigo parar de pensar em sexo.

- Hahahahahahahaha, o alpha está te deixando doido assim? - falou se divertindo com a expressão de desespero de seu amigo.

- Não acho que ele seja o real problema. O lance é que… - enquanto abria a tela do laptop, degustava alguns petiscos que foram servidos, estava faminto - Nunca passei por uma situação de privação. Acho que isso é o que está me deixando mais tenso… O fato de que não posso usar dos meus recursos usuais, para transar a vontade e quando quiser - comeu mais um bolinha de petisco continuando - Aliás, a ideia de não saber como ou quando poderei transar me deixa ansioso, começo a pensar em sexo, nas minhas transas mais gostosas e fico excitado que nem um louco - parou seu relato angustiante para um gole no suco - Daí, vejo aquele homem enorme, lindo que nem um inferno encarnado! E para completar, meti essa de ser personal dele, então tenho que medir os ombros, os braços, a cintura, as coxas, o quadril… Enfim, tô atolado na merda!

- Já viu o tamanho da tora?

- Não! E não me faça imaginar, só de medir o quadril fiquei molhado lá atrás! Daqui a pouco vou

ter que usar absorvente dentro de casa para esconder a bunda encharcada!
- Sol, você realmente acha que vai conseguir conviver três anos com esse alpha?

- Quero dessensibilizar essa coisa toda de convivência e aproximação, até que ele seja lugar comum.

- Assim… - com ar de deboche, girando o canudo dentro do copo de forma aleatória, Alisson deu continuidade a pergunta que queria fazer há algum tempo - Não acha que você está meio apaixonadinho pelo Sr. Dominante?

- Nah! Nada! Tenho um fraco ridículo para pessoas bonitas, você sabe… - concluiu se acomodando no encosto do sofá da lanchonete, enquanto refletia sobre a questão - E ele não é só bonito, é lindo de uma forma muito fodida! Me faz ter todos os pensamentos pornográficos possíveis e outros inimagináveis. Lembro que fiquei simplesmente hipnotizado quando o vi pela primeira vez.

- Algum ponto negativo?

- No início, achei que ele tinha uma personalidade de merda, agora parece estar tentando melhorar, mas ainda é muito fechado e formal, fico pisando em ovos, buscando um meio de lidar com as resistências. Enfim, tudo é um sacrifício.

- Hummm, ainda assim, acho que você vai acabar atacando o cara quando estiver perto do cio - falou rindo.

- Ah não, conto com você para me ajudar a criar alternativas para lidar com isso!

- Eu?

- Sim! Quem mais poderia ser? Você é de longe a pessoa mais fora da caixa que conheço!

- Hahahahaha, não vem com essa! Tu não é santo Sol!

- Tem nada a ver com santidade, você e Luna, são doidos comparado as minhas pegações!

- Que doidice que nada, fomos feitos um para o outro… E também para o mundo que é vasto, colorido e cheio de gente linda e interessante.

Alisson era um bom vivant e tinha encontrado uma pessoa que curtia a vida tanto quanto ele, sua namorada Luna, também beta. Eram apaixonados um pelo outro e por seu relacionamento aberto. Ambos curtiam homens e mulheres, quer fossem alphas, ômegas ou betas, o importante era a química do momento.

Tanto ele, quanto ela, tinham parceiros de transa aleatórios e também em conjunto. Para quem via de fora, parecia uma vida regada a putaria, mas a realidade era sobre uma rotina de casal comum, com trabalho, afazeres, projetos e contas para pagar. Como moravam juntos, dividiam as tarefas, participavam de campeonatos de jogos online, iam ao cinema nos fins de semana ou planejavam um jantar durante a semana, e às vezes, cada um tinha um encontro aleatório, voltando com histórias engraçadas e novidades que os motivavam a brincar entre eles.

Eram o casal perfeito perante a família de ambos, que sonhavam em vê-los casados e com filhos.

- Ahhhh, eu me pergunto como deve ser, ser beta? Não ser refém de feromônios… - falou Solie

suspirando.

- Você sabe, quando eu era pequeno também achava que ser beta era ruim, por que toda atenção sempre estava voltada para os alphas e ômegas, mas a vida me ensinou a apreciar essa liberdade. E tendo Luna ao meu lado, só melhorou.

- Então, vocês pretendem se casar? Já fazem oito anos de namoro!

- A pergunta é: para quê? Estamos tão bem assim! Somos jovens, cheios de tesão, curtimos várias pessoas e por enquanto iremos continuar nessa. Estar junto, cuidar um do outro, se amar, fazemos isso tudo, e não vemos necessidade de mais do que isso.

- Ah! Me diz uma coisa, você já saiu com algum alpha dominante?

- Ainda não. Os dominantes homens que conheci, que aliás são bem raros, não eram chegados a ficar embaixo*, daí não rolou. Mulher dominante, ainda nenhuma. Mas acho que Luna saiu com um dominante uma vez, porque quer saber?

- O amigo e advogado dele me disse que, por Ricardo ser dominante, ele precisa trocar feromônios pelo menos três vezes por semana, senão fica meio doido. Ele mesmo me disse também, mas amenizou dizendo que fica só impaciente.

- Hum, bom, lembro que Luna disse que não gostou, que era vibe para ômega, algo de pesado e tals.

- Vibe para ômega? Pesado de que forma?

- Sim, você sabe, né…Ômega aguenta mais horas por causa de feromônios, lubrificação e tals. Beta fica excitado, goza e acaba a excitação. Depois disso é tortura transar por horas.

- É verdade! Tem isso! Às vezes esqueço desses detalhes.

- Haja gel lubrificante para transar com alpha! - parou de falar quando seus pedidos chegaram.

- Pois então, Ricardo me disse que está usando um serviço de acompanhantes, queria eu que tivesse um desses para ômegas!

- Mas tem! É uma Agência de Alphas, especializada em atender ômegas.

- Wowwww!!! Como eu não sabia disso?

- Por que você sempre foi bem sucedido pelas vias normais.

- Aí, que delícia! Quero me cadastrar, como faz?

- Mas o lance é conseguir passar pelo processo de seleção. Enquanto estiver solteiro acredito que conseguiria, mas no momento que casar, vai dar ruim e será banido da plataforma.

- Que merda! - exclamou batendo na mesa - Preciso de alternativas criativas!

- Então - interrompeu enquanto dava uma garfada em sua salada - Quando estiver entediado de se masturbar sozinho, tem um aplicativo de transa online e tals… Pode ser uma alternativa para mudar a rotina.

- Hummm, como funciona?

- Você coloca uma máscara, cobre qualquer tatuagem, sinal ou cicatriz e brinca de se exibir e dividir a tara com alguém.

- Ah! Como é bom ter um amigo beta 100% pervertido!!!

- Meus “conhecimentos” estão sempre à disposição! – disse estufando o peito de maneira brincalhona.

- Mudando de assunto, sobre esse cliente de hoje…

- Ah sim, você falou que ele queria vitrine?

- Pois é, ele me procurou para vitrine, eu disse que não faço vitrine, que meu lance é mais personal stylist, mas ele quis agendar mesmo assim para conversar. Como você tem alguma experiência nisso, achei melhor pegarmos juntos se rolar de fechar.

- Entendi.

.
.

- Eita porra!!! - exclamou Alisson boquiaberto.

A sua frente estava um conjunto de arranha céus, que faziam parte de um Centro Empresarial pertencente a um Grupo que reunia várias sub empresas.

- O cara falou de onde era?

- Não perguntei - respondeu Solie tão espantado e boquiaberto quanto seu amigo.
Se direcionaram à entrada do prédio principal, indo até a recepção.

- Boa tarde, tenho um horário com Sr. Paul Norman.

Após alguns minutos e vários telefonemas…

- Sr. Solie Bian…

- Sim.

- Aqui - respondeu a recepcionista enquanto o direcionava a um saguão privativo - Por gentileza, é só entrar e ele (o elevador) o levará ao andar, Sr. Paul o aguarda.

- Sim, o-obrigada… - ainda indeciso e envergonhado, Solie virou para recepcionista - Desculpe, você pode me dizer quem é o Sr. Paul?

- Você não sabe quem é o Sr. Paul Norman?! - perguntou com uma expressão incrédula.

- Desculpe, ele pediu uma reunião, mas não sei quem é.

- Ohhhh! Ele, é só o CEO do Grupo MY Enterprise.

- O quê??? - exclamaram os dois amigos ao mesmo tempo.

Após o momento de espanto, entraram no elevador em silêncio.

- Só me ocorre a seguinte pergunta: por que o CEO de um grupo multi milionário entrou em contato pessoalmente para você ser o vitrinista deles?

- Também me pergunto isso…

- Você entrou numa depressão e saiu dela com cú virado para a lua? Que porra tá acontecendo? Primeiro um alpha foda, te dá dinheiro e quer casar com você, agora um CEO quer te ver pessoalmente para um trabalho que você nem faz?

- Ah, pára com isso que eu tô nervoso pra caralho!

Chegaram ao andar destinado e foram recebidos por um senhor com aparência sisuda, que os olhou de cima abaixo com ar de soberba.

- Sr. Solie Bian?

- Sou eu - respondeu levantando a mão.

- E o senhor? - perguntou direcionando o olhar a Alisson.

- É meu sócio - Solie se adiantou em responder.

- Não me avisaram que o senhor tinha um sócio.

- Mas tenho.

- Creio que somente o senhor poderá entrar.

- Então não entrarei - respondeu resoluto.

- Como?

- Tenho um sócio e não faço negócios sem a presença dele, se ele não pode entrar, voltamos os dois.

- … - Com uma expressão que exalava irritação, o homem suspirou como se estivesse buscando algo de paciência dentro de si - Por gentileza - e apontou para o conjunto de sofás dispostos na recepção, insinuando para que sentassem, se retirando em seguida.
- Por que você não entrou sozinho?

- Pense bem, uma pessoa séria que deseja falar de negócios, vai se importar se alguém que nem conhece ainda, veio com sócio ou não?

- É… faz sentido.

- Algo não me cheira bem - falou enquanto todos os alarmes gritavam de forma ensurdecedora dentro de si.

Alcançou sua bolsa tirando a cartela de inibidores, separando duas unidades.

- Isso é inibidor? - perguntou Alisson atordoado.

- Sim - respondeu Solie sério.

- Por que está tomando dois?

- Meus instintos estão dizendo para tomar três.

- Por quê? O que está acontecendo? - argumentou Alisson, já aflito pela expressão do amigo.

- Por que a vida de um ômega, meu amigo, é uma constante guerra…

**Ficar embaixo: passivo na relação sexual.*

23. Perguntas ainda sem respostas

- Vamos embora - falou Solie levantando.

- Algum motivo específico? - perguntou Alisson, inseguro diante da tensão ambiente.

- Estamos aqui há mais de trinta minutos esperando, sem nem mesmo recebermos uma satisfação. Não importa se ele é um CEO e está no topo do mundo, respeito ao trabalho e tempo dos outros é o mínimo que se espera de alguém que deseja fazer qualquer tipo de negócio.

- Ok - respondeu se levantando.

Sem que ninguém os abordasse ou impedisse, caminharam em direção ao elevador que logo chegou.

Ao entrarem, Alisson queria fazer uma lista de perguntas sobre por que seu amigo estava tão tenso e com aquele aspecto soturno, mas se conteve.

Ao chegarem ao saguão térreo, perto das roletas de saída, dois seguranças os abordaram.

- Sr. Solie Bian? - perguntou um dos guardas.

- Sim.

- Acabei de receber ordens para levá-lo ao Sr. Paul Norman.

- Não vou subir novamente - respondeu Solie irritado.

- Senhor Solie, o Sr. Paul está solicitando sua presença nesse momento.

- Se ele quisesse minha presença, teria me atendido quarenta minutos atrás. Estou indo embora.

- Senhor, não posso deixá-lo sair.

- Como? - perguntou Alisson assustado - Você não vai nos deixar sair?

Uma corrente de adrenalina inundou o cérebro e músculos de Solie. Instintivamente apertou sua mochila, dobrou as mangas da blusa larga que vestia, enquanto Alisson o observava em estado ansioso.

Com a mão dentro do bolso, alcançou o celular e manteve a tecla de emergência apertada, fazendo uma ligação de urgência para Lissa, seu contato cadastrado.

Já arfando, enquanto a raiva tomava conta da razão, se voltou ao segurança, falando de forma séria e pausada.

- Veja o que vou te falar, não há pessoa alguma aqui que possa impedir que eu saia desse prédio. Então, se vocês não me deixarem ir por bem, pelo simples fato, do direito de ir e vir ser algo garantido a todo cidadão adulto e pagador de impostos, eu com certeza, vou sair da pior forma possível. Mas acredite, eu vou sair.

O segurança que o escutava com ar de deboche e desdém fazendo sinal aos colegas, teve seus movimentos paralisados ao ouvirem algum comando desconhecido em seu ponto de

comunicação. E logo o telefone de Solie tocou.

Acreditando ser Lissa, atendeu sem olhar.

- Alô!

- Sr. Solie Bian… - falou a voz grave e profunda do outro lado do telefone - Fui buscá-lo para nossa reunião e Sr. não se encontrava mais.

- É o Sr. Paul Norman? - respondeu Solie incrédulo.

- Ele mesmo.

- Sr., aguardei mais de quarenta minutos para que pudesse me receber, sem qualquer resposta. Tenho outro compromisso e não pude aguardá-lo mais.

- Entendo, você pode subir rapidamente para falarmos?

- Não posso, acabei de lhe falar que tenho um compromisso.

- …

- Sr. Paul, por gentileza, pode pedir aos seus seguranças para liberarem minha saída?
- Você realmente não vai subir?

- Sr. Paul, de qualquer forma, não acredito que seja possível fazermos negócios.

- E por que não haveria tal possibilidade? - Solie notou certa hostilidade no tom de voz.

- Por que não faço negócios com quem não me escuta. Já falei duas vezes que o tempo que tinha disponível para nossa reunião acabou e que tenho um compromisso, porém o Sr. continua ignorando minhas palavras. Não há possibilidade de fazer negócios quando não há entendimento mútuo.

- Farei contato novamente.

- Como quiser.

Já do lado de fora…

- Que situação toda foi essa? - perguntou Alisson.

- Isso? É quando um alpha no topo da cadeia alimentar, acredita que tem toda e qualquer pessoa à sua disposição na hora que bem entender.

- Mas, que lance estranho foi aquele de não nos deixar sair? Que porra doida!

- É exatamente sobre isso que te falei.

- E o que vai fazer? Pretende voltar quando ele ligar?

- De forma alguma. Não há dinheiro que compre minha liberdade. Não quero saber do nome desse homem, ele é com certeza, o tipo de alpha que minha mãe lidou na juventude dela, quando os tempos ainda eram sombrios.

- Caramba! Nós nem o encontramos pessoalmente e a situação ficou tensa desse jeito.

- Pois é…

- Vem cá, você parecia estar se preparando para a guerra, por um acaso pretendia quebrar aqueles guardas na porrada? - falou rindo enquanto recordava os quadros da situação anterior.

- Se fosse preciso sim, embora não goste de fazer isso em público com minha identidade exposta.

- Hahahaha, eu adoro quando os caras fazem cara de deboche para você, para minutos depois chorarem de desespero!!! Hahahahaha…

- Você!!! Vê se toma vergonha na cara e faz alguma prática de auto defesa pelo menos!
- Me leva na sua academia então!

- Não posso, a minha é fechada, você sabe… E exclusiva para ômegas.

.
.

Do outro lado da cidade, a reunião de Relatórios semestrais ocorria.

A equipe de Investimentos de Alto Risco de Ricardo, mais uma vez, foi a primeira em retorno de lucros, excedendo as expectativas de clientes e acionistas.

Os três forasteiros, donos de grandes empresas que compareceram à reunião com fins misteriosos, se sentaram com privilégio nas primeiras cadeiras.

- Sr. Ricardo, é prazer conhecê-lo - falou um dos três senhores das primeiras filas.

- O prazer é meu, esperamos tê-lo como cliente - respondeu Ricardo de forma cordial.

- Com os resultados que vi aqui hoje, é quase certo!

- Assim espero e lhe desejo sucesso - falou Ricardo, adiantando em se despedir do homem que pretendia tietá-lo - Com licença, preciso rever algumas informações com certa urgência.

- À vontade… - respondeu o homem abrindo passagem.

Enquanto caminhava cumprimentando e acenando aos grupos que se reuniam nos pós reunião, Ricardo chamou Bae e logo estavam a caminho do escritório.

- Entre e tranque a porta - ordenou Ricardo.

- Sim - respondeu Bae, atendendo ao seu pedido.

- Tom relatou alguma atualização sobre o homem daquela noite? - falou retirando o paletó preto estiloso, que agora parecia o sufocar.

- Sim, nos últimos dias ele tem ido constantemente a um escritório que, segundo Tom, parece uma empresa de Telemarketing, mas conversando com os trabalhadores, descobriu ser uma organização que faz hate na internet.

- Faz hate na internet? Com que fim?

- Cancelar perfis, alinhar tendências? Ele não sabe ainda.

- Estranho… - respondeu enquanto refletia sobre a informação, desencaixando o broche e afrouxando a gravata preta.

- Sinceramente, o que achei mais estranho até agora, é que ele não voltou a segui-lo.

- Sim, também pensei nisso. Bom, peça ao Tom para descobrir quais pessoas ou tendências estão tentando cancelar, e principalmente, qual empresa está solicitando isso. Com certeza, alguém ou alguma empresa faz uso dos serviços.

- Ok… E mais cedo… O que Sr. Bardon queria falar com você?

- Ele me ofereceu sua filha em casamento - respondeu Ricardo indiferente.

- O quê?! E o que você respondeu? - gritou Bae agitado com a notícia bombástica.

- Que não.

- Assim, na lata? Nem considerou?

- Considerar o quê? Você enxerga alguma possibilidade de me ver casado com Hanna? - impaciente, Ricardo olhou para Bae, desacreditando que o outro tenha pensando em tal possibilidade.

- Com certeza essa não é uma possibilidade, mas o Sr. Bardon é muito orgulhoso, uma recusa imediata não seria ultrajante para ele? Você poderia esperar uns três dias pelo menos e então recusá-lo.

- De forma alguma! Não quero que ele tenha o mínimo de esperança nisso.

- Ohhh Ricardo, no quesito lobby você às vezes…

- Não faço lobby com minha vida pessoal - respondeu sério enquanto abria o laptop.
- Hummm, mas não deve ter sido só isso, sendo do jeito que ele é, deve ter te oferecido algo para te comprar, não?

- Sociedade e presidência da empresa quando se aposentar.

- … - Bae estava literalmente com a boca aberta - Ricardo… Ricardo, aquele velho… Ele deve ter planejado isso há muito tempo, você sabe que ele é todo cheio das estratégias!
- Eu sei… Ligue para o Carlos e peça para ele agendar o casamento para o início do mês que vem.

- Início do mês que vem? Mas isso são menos de 20 dias! Vocês fizeram um contrato de três meses… Você já falou com o rapaz Solie?

- Não, ainda vou falar.

- Fale com ele antes.

- Ligue para o Carlos.

- Fale com Solie antes Ricardo…

- Ligue para o Carlos! - gritou levantando da cadeira.

- Irmão, você está com medo do que para estar apressando as coisas?

- Você não sabe que aquele velho anda me seguindo? Não sabe o que Hanna fez com uma das acompanhantes? Não quero que eles descubram sobre Solie antes do casamento, e acredito que não conseguirei mantê-lo escondido por tanto tempo - sentou expressando o quão estressado e tenso estava - E não sei o que aquele velho vai inventar, agora que rejeitei seu pedido.

- Você não acha que tudo isso se resolveria, se você escolhesse sair dessa empresa? Qualquer outro lugar irá te aceitar imediatamente.

- Bae, me responda… De quantas situações já tive que fugir, por causa de perseguições ou das intenções levianas de outros em relação a mim?

- … - Sim, essa era uma dinâmica triste e cansativa na vida de Ricardo e Bae não podia negar a verdade em suas palavras.

- Não quero mais fugir, decidi que agora vou fazer o que quero, da forma que quero, usando todos os recursos que tenho à minha disposição para chegar onde desejo.
- Entendi irmão… - Bae tinha vontade de abraçá-lo para demonstrar sua solidariedade e que entendia sua escolha, mas não podia.

- Ligue para o Carlos.

- Ok.

.
.
.

No topo daquele arranha céu, Paul Norman fumava seu cigarro, observando as luzes da cidade em movimento.

“Ele é mais difícil do que pensava… Ahhhh! Não acredito que o perdi quando estava bem debaixo do meu nariz”, refletia enquanto se movia entre os destroços do próprio escritório, que havia destruído para extravasar sua raiva.

- Estou saindo - falou ao secretário que aguardava ordens sobre o que fazer.

- Sim Sr., chamarei a equipe de limpeza, amanhã estará tudo organizado. Alguma ordem?

- Me mantenha informado caso haja alguma mudança.

- Ok Sr.

24. Um dia que não acaba…

Exausto, Solie se jogou no sofá da sala, ansiando por um banho demorado naquela banheira maravilhosa que o aguardava.

“Ahhh… Que dia foi esse? Estava crente que ia fazer um grande negócio e quase caí numa situação sinistra”, refletia revendo os acontecimentos.

Após saírem do prédio, ele e Alisson foram até um café tomar um chá para acalmar os ânimos, enquanto escutavam meia hora de surto de Lissa ao telefone: ‘Por que não pesquisaram o homem antes de ir?’, ‘Como ela iria resgatá-los de um prédio com segurança máxima?’, entre outras considerações infinitas.

Para completar, recebeu uma mensagem de Ricardo dizendo que precisavam conversar, enfim, aquele dia tenso parecia ainda não ter acabado.

De olhos fechados, Solie relaxava enquanto se alongava, planejando tomar um banho quente e demorado com uma espuma perfumada, quando ouviu Ricardo abrir a porta. Logo se sentou alinhando a postura para recebê-lo.

- Olá… - falou o recepcionando.

Após tirar o paletó, Ricardo se aproximou ainda em silêncio como se estivesse inspecionando o ambiente.

- Aconteceu algo? - questionou com uma expressão de estranheza.

- Não, por que pergunta? - respondeu Solie sem entender o porquê da pergunta.

- Seus feromônios… Estão mais fortes e agitados hoje.

- Oh! Desculpe! Esqueci de tomar o inibidor quando estava a caminho de casa - falou envergonhado pelo lapso.

- Sem problemas, também esqueci. Vou fazê-lo agora - respondeu buscando sua pasta - Ainda assim, eles parecem anormais, está perto do cio?

- Oh não, talvez seja porque tive uma situação um pouco estressante hoje? Não sei… - concluiu Solie.

- Deseja falar sobre? - perguntou Ricardo curioso sobre o assunto.

- Hummm… Por um acaso você conhece o CEO de uma empresa chamada MY Enterprise?

- Sei que é um grande conglomerado que atua em vários setores da indústria da moda e entretenimento, mas não conheço o CEO. Porquê?

- Ah ok então, só queria saber um pouco mais…

- Mas o que tem esse CEO?

- Nada demais, ele me ligou para fazer umas vitrines, sendo que não faço esse tipo de trabalho. Fui hoje para a reunião, mas acabou não acontecendo de qualquer maneira.

- Você disse que ele te ligou, quer dizer que ele te ligou pessoalmente?

- Sim.

- Isso é estranho - falou Ricardo demonstrando certa preocupação.

- Por que seria estranho?

- Sendo ele o CEO de um grande conglomerado, não é sua atribuição recrutar trabalhadores para pequenas tarefas, existem pessoas especializadas para isso.

- Entendo… - falou Solie refletindo sobre a questão já abordada por Alisson anteriormente - Mas bom, sobre o que deseja falar? - perguntou mudando de assunto, já que não queria contar detalhes do ocorrido. Cada um com seus problemas.

- Vamos tomar algo? Um vinho? - falou já caminhando em direção à pequena adega refrigerada localizada no canto da sala de jantar.

- Com certeza um vinho vai cair bem! Mas, porque esse mistério?

- Não tem mistério, só me parece que o seu e o meu dia, foi mais tenso do que deveria.
- Ah sim, com certeza. Aliás, você não tinha dito que hoje estaria fora para se harmonizar?

“Quer dizer, transar! Liberar feromônios”, pensou com seus botões, observando Ricardo pegar as taças, abrir o vinho, para logo depois servi-las com cuidado e maestria. Ele exalava um charme indiferente a cada movimento, enquanto o aroma de floresta preenchia o ambiente. Era um fato, ele ainda parecia bonito e atraente mesmo depois de um dia de trabalho, segundo ele, cansativo.

- Resolvi priorizar nossa conversa… - respondeu sem mais detalhes.

Perdido em sua apreciação, Solie de repente teve um estalo.

- Oh! Já ia esquecendo! E como foi a repercussão do seu estilo? Algum feedback? - perguntou ansioso.

- Foi exatamente como planejou. Foi bem até demais… - respondeu trazendo as taças.

- Foi ruim então?

- Não, de forma alguma. Você é realmente muito bom no que faz. Obrigado - falou sem expressar qualquer exaltação, mas enfim, aquele era o jeito de Ricardo.

- Ok.

- Ah, Bae quer algumas dicas suas - falou e tomou um gole do vinho tinto que parecia saboroso.

- Será um prazer! Embora eu ainda não o conheça.

- É só uma questão de oportunidade… Não vai beber? - perguntou Ricardo notando o olhar de expectativa de Solie.

- Oh sim! - e pegou a taça, dando um longo gole, fechando os olhos para apreciar o sabor da bebida que descia quente em sua garganta - Ahhh isso é realmente bom!

- Hoje, recebi uma proposta do meu chefe direto, o dono da empresa.

- … - Solie se recostou no sofá segurando a taça, observando o alpha atentamente.

- Ele tem uma filha ômega e me propôs casar com ela - falou e parou para observar a reação de Solie.

- Oh… Isso… - Solie parou para processar as palavras que acabara de ouvir - Isso… É uma coisa boa, não? - falou enquanto sua mente disparava em pensamentos especulativos.

“Oh! Ele conseguiu o que queria! Então, irá cancelar o contrato…”, “Ah! Isso é ótimo! Estarei livre então!”, concluiu em questão de segundos.

- Oh, isso é um baita plot twist! Parabéns! - falou esbanjando um sorriso sincero.

- Não, não vou casar com ela, já rejeitei a proposta.

- Como? Não? Mas por que não? - argumentou Solie sem entender.

- Primeiro, nunca foi meu objetivo me casar com qualquer pessoa, segundo, ela não é o tipo de pessoa que eu gostaria de casar.

- E que tipo de pessoa você gostaria de casar, então?

- … - Ricardo nunca havia refletido sobre tal questão, logo, não tinha resposta para a pergunta - Não sei, mas nunca poderia ser com Hanna.

- Ah, Hanna é o nome dela…

- Sim, é uma menina mimada e sem limites. Sem possibilidades.

- Hum, entendo - falou tomando mais um gole do vinho.

- Então… - falou servindo mais vinho às duas taças - O problema, é que meu chefe com certeza vem planejando isso há algum tempo, ao ponto de monitorar minha vida pessoal.

– Oh! - exclamou Solie começando a ficar assustado com o rumo da conversa - É tenso desse jeito?

- Sim… Eu já sabia disso e estava gerenciando a situação para saber o que ele queria, então hoje…

- Nossa, isso está parecendo um puta drama de novela!

- Isso não é novidade para mim, a vida toda lidei com várias situações parecidas, só que agora não quero mais fugir delas.

- Entendo - respondeu Solie, começando a ficar ansioso - Então, o que vai fazer?

- Quero adiantar o casamento… Claro, se você concordar.

- … Adiantar? Mas por quê? - Solie ficou confuso.

Estava internamente auto convencido que iria poder sair daquele contrato, sem que fosse responsabilizado pelo rompimento, mas de repente, o que ele queria era adiantar?

- Ahhhhhh…. - suspirou Ricardo, recostando no sofá como se estivesse buscando energia para continuar - Muito provavelmente, ele vai aumentar a pressão de alguma outra forma para obter o que quer, e tenho receio de não conseguir manter nossa relação em segredo até o prazo que combinamos.

- Mas por que tem que ser segredo? Você pode dizer que está namorando.

- Solie, é mais complicado que isso.

- Como é complicado?

Ricardo não queria dizer a Solie, que corria o risco dele ser ameaçado ou perseguido por Hanna, ou quem sabe, sofrer algum tipo de coerção por parte de seu chefe. Não tinha certeza do que poderia acontecer, mas também sabia que pessoas com poder, dinheiro e sem escrúpulos, não tinham limites quando queriam algo.

Além disso, não queria se colocar como um produto altamente desejável, ao ponto de seus pretendentes não conseguirem desistir de tê-lo pelos meios que fossem. Era vergonhoso se exibir dessa forma.

- Não quero assustá-lo com essa situação e também não desejo que você desista do nosso acordo, mas meu receio, é que tentem afetá-lo de alguma forma, caso descubram nosso relacionamento antes do casamento.

- Fique tranquilo, não sou frágil assim - falou de forma imponente, alcançando a taça - E além do mais… Você não é meu alpha?

Cof!
Cof!
Cof!

Ricardo que estava bebendo vinho, engasgou ao ouvir a frase que saía de forma singular da boca de Solie.

- Se-seu alpha?! - falou quase gritando - Cof! Cof! Cof!

- Ai, ai, ai… - falou Solie com certo escárnio - Como você pode querer adiantar o casamento, se nem mesmo sabe se colocar como o alpha do seu ômega?

- …

- Veja, eu nunca tive um alpha para chamar de meu, óbvio, que é por que nunca quis… Mas, meu amigo Morgan tem um! E ninguém mexe com o ômega dele! Então, como vamos adiantar esse casamento, se você nem mesmo virou essa chave na sua mente?!

- ...

“Meu ômega?”, era um pensamento ainda muito estranho para Ricardo.

- Enfim… Para quando quer adiantar o casamento?

- Cof… Início do mês…

- Menos de quinze dias para termos o mínimo de intimidade e sermos um casal?

- … - o que poderia responder? - São vinte dias na verdade.

- Bom, se comprometa em, ao final desses vinte dias, estar totalmente familiarizado com o “seu ômega”.

- Ok… Cof!

- Ah! Mesmo eu não sendo uma pessoa frágil, é seu papel como “meu alpha”, me proteger com unhas e dentes desse seu chefe maluco.

- Hum, eu já ia fazer isso.

- Mas faça de forma apaixonada! Nós somos “namorados” e logo, seremos recém casados, sabe… Sua mente, emoções, corpo e feromônios estão todos voltados para mim nesse momento…

- De forma apaixonada? - perguntou Ricardo sério e sem ação diante daquelas requisições inesperadas.

Solie estava se divertindo por dentro ao ver o desespero no olhar do alpha de quase dois metros, que parecia uma criança assustada quando solicitado a demonstrar intimidade e emoções desconhecidas. “Oh! Ele vai surtar! Hahahahaha!”

Ding dong, ding dong!

- Está esperando alguém? - perguntou Ricardo.

- Eu não!

Ricardo levantou e atendeu o interfone…

- Olá… Boa noite… Sim… Qual nome? Sr. Gilbert Bian?

- Pai??? - gritou Solie, dando um pulo do sofá.

25. Complexidades…

- Ricardo! - gritou Solie nervoso.

- Sim…

- Não esqueça, nos conhecemos por que você me contratou como Personal Stylist!

- Já não combinamos isso? - respondeu Ricardo parado observando Solie andar de um lado para outro.

Que situação era aquela? Se perguntou enquanto refletia como lidar ou se portar perante o senhor que estava a caminho de sua casa. Ele não era de fato seu sogro, já que não tinha um relacionamento real com Solie, mas de alguma forma estranha, também era.

Todos ritos ditos normais de: conhecer, namorar, apresentar à família para depois casar foram ignorados, por não se tratar de um relacionamento real e agora aquele senhor estava batendo à sua porta e Ricardo não tinha referências ou qualquer experiência para lidar com aquilo.

Na verdade, todos esses pormenores foram completamente ignorados por ele. Na sua alienada concepção inicial, aquele casamento de mentira seria um teatro a ser armado somente quando estivessem frente a seu chefe e colegas de trabalho, porém, a estratégia que antes parecia vantajosa e simples, estava se tornando cada dia mais complexa.

Não havia motivo para estar nervoso, mas estava. Tanto quanto Solie, ainda que por fora, se mostrasse frio e indiferente.

- Olha, minha mãe é super séria, já meu pai… Ahhh, meu pai é como uma raposa, sabe… - falou suspirando de nervoso.

Nem Solie imaginou que seu pai teria tal atitude.

- … - “E o que eu faço com essa informação?”, pensou Ricardo, enquanto tirava as taças e o vinho da mesinha, onde antes estavam bebendo e as levou para a cozinha.

- Ah! Em hipótese alguma diga que você é um alpha dominante!

- Ok.

- Nem que precisa ficar fora para liberar feromônios!

- Ok. - “Mas uma coisa não decorre da outra? Se não vou falar de uma, não tem por que falar da outra…”, pensou mais uma vez para si mesmo.

- Ah! Vamos tentar não ser tão estranhos um ao outro e ser mais íntimos, como bons amigos, ok?!

- Hum? E como vamos fazer isso?

- Oh Ricardo! Sem formalidades!

- …

Ding Dong!

Nervoso, Solie abriu a porta, recepcionando seu pai, que não respondia suas mensagens há pelo menos quinze dias.

- Oi pai! Se-seja bem vindo… Aconteceu alguma coisa? Como você sabe esse endereço?

- Posso entrar ou tenho que responder ao seu interrogatório do lado de fora?

- Oh! Claro, por favor entre… - falou abrindo espaço para que entrasse.

Gilbert Bian, era um homem e alpha simples, minimalista e objetivo. Com seus 57 anos, era respeitado entre os seus como um requisitado avaliador de obras de arte. Por vezes, também era negociante.

Viveu tempos difíceis quando o mundo se parecia com uma selva, e foi nesse contexto de dificuldades que conheceu sua esposa. Estava casado com Sara, mãe de Solie há 30 anos.

- Boa noite Senhor, me chamo Ricardo Hullen, é um prazer conhecê-lo - falou direcionando Sr. Gilbert ao sofá.

Olhando Ricardo de cima a baixo, percebeu uma diferença significativa de pelo menos 10 centímetros na altura entre eles.

- Céus, você é quase um poste! - falou sério, girando e olhando de volta para seu filho novamente, como se comparasse a diferença ou compatibilidade entre Solie e o alpha.

- … - atônito, Ricardo não sabia o que estava acontecendo.

Na verdade, ele estava calculando se seu filho seria capaz de nocautear aquele alpha enorme numa situação de emergência.

- Você parece diferente das fotos que vi - concluiu Gilbert se sentando.

- Oh… - Sem saber como responder ao que foi dito, Ricardo resolveu usar sua cordialidade - O senhor aceita algo? Uma água, um chá ou quem sabe um vinho?

- Vinho? Vinho é bom… - falou olhando a casa e seu design moderno, que a seu ver, em nada conversava com a linda fachada vitoriana.

- Pai… Quase nunca estamos em casa nesse horário, porque não avisou que vinha?

- Por que resolvi vir há dez minutos atrás, depois da última mensagem de preocupação de sua mãe. Aproveitei que estava aqui perto, então, se não estivesse, não teria problema.

- Ah… Mamãe está preocupada? Com quê? Falo com ela todos os dias praticamente e ela não me disse nada.

- Sua mãe não vai lhe dizer nada por causa daqueles negócios da cabeça dela de “invadir a privacidade”, “dar liberdade” e não sei o quê.

- Da cabeça dela, pai? - falou Solie questionando o próprio pai.

- Sim, da cabeça dela. Por mim, já teríamos vindo aqui desde que contou essa história estranha

de casamento de mentira.

- Pai… Estou esperando você falar comigo a respeito disso há quase quinze dias.

- Diante do fato que você tomou sua decisão e só nos comunicou, eu não tinha nada a falar. Agora minha única obrigação, é vir aqui ver com quem e como você está vivendo para tranquilizar sua mãe.

- Desculpe, não queria preocupar vocês…

De longe, enquanto preparava a taça e abria outra garrafa de vinho, Ricardo escutava a conversa entre pai e filho.

Retornando ao recinto compartilhado, ofereceu a taça ao senhor que o avaliava descaradamente. Escolheu ignorar o olhar perscrutador e o serviu educadamente em silêncio.

- O que você faz da vida? - indagou Sr. Gilbert de forma direta.

- Sou Agente de Capital de Risco - respondeu Ricardo também diretamente.

- O que raios é isso?

- Investimentos pai! Ele trabalha com investimentos de risco! - correu Solie para esclarecer.

- Ah, então você arrisca o dinheiro dos outros e ganha com isso?

- Praticamente…

- Pai, isso não é importante, somos amigos!

- Amigos… - falou em tom de descrença ainda observando Ricardo em detalhes, enquanto cheirava o aroma do vinho para em seguida bebê-lo.

- Senhor, entendo suas preocupações e as respeito - falou Ricardo, resolvendo tomar frente a situação - Eu e Solie tomamos todos os cuidados, tomamos inibidores e garanto ao Senhor, que nada de ruim se passará com seu filho.

- Minha dúvida é, esse seu trabalho é tão valioso assim, ao ponto de fazê-lo ter uma Certidão de Divorciado após alcançar seu objetivo? E o que meu filho ganha com isso, a não ser a mesma Certidão?

- … - Ricardo não sabia o que responder, já que não tinha avaliado a situação sob aquele prisma.

- Pai, eu não me importo com isso! Não vejo esse problema da forma que você vê! Hoje em dia, as pessoas não ligam para quem está divorciado ou não.

- Não faz sentido essa história de vocês! - falou apontando para os dois.

- O que não faz sentido? Por que não? - perguntou Solie, exasperado.

- Um: não faz sentido você ter uma amizade com um alpha desse - e apontou para Ricardo - Dois: não faz sentido você casar no papel com esse tal amigo sem ganhar nada em troca, só porque ele é legal e três, eu e sua mãe conhecemos todos os seus amigos, então, que amigo é esse que nunca ouvi falar e que de uma hora outra, você resolve fazer um casamento de mentira?

- Vocês não conhecem todos os meus amigos!

- Fale o nome de algum que você acha que eu não conheço! - falou seu pai o desafiando.
- … - essa era uma resposta que ele não podia dar, nem inventar.

- Pelo perfil e aparência, ele se encaixa mais como um caso seu, do que como um amigo seu!

- Pai! Por favor! - murmurou Solie envergonhado.

- Fale a verdade… - falou e bebeu do vinho mais uma vez.

- Senhor, me desculpe… - interrompeu Ricardo sem saber o que falar para contornar o questionamento que fazia todo sentido - Não há nada que eu possa falar para convencê-lo - respirou fundo e continuou - Eu realmente desejo uma promoção na empresa que trabalho, mas não quero me comprometer com um casamento real e vi no seu filho, um parceiro compatível, já que ele, tanto quanto eu, também não deseja um relacionamento sério.

- Pai… - falou Solie desanimado.

- Não acredito em nada disso que vocês estão contando, mas… Você é quem sabe… Você sabe da sua consciência e também das suas responsabilidades.

- …

- …

Nem Ricardo, nem Solie tinham nada o que falar em resposta à persistência e descrença de seu pai.

- Você, Ricardo, né?

- Sim senhor… - respondeu assentindo com a cabeça.

- Você irá ajudá-lo financeiramente com seus projetos?

- Vou… - respondeu Ricardo diretamente, resolvendo admitir subsidiar algum tipo de recurso a Solie, para dar ao senhor alguma justificativa a qual acreditar.

- Oh! Mas não é por isso que estou ajudando! - correu Solie para se justificar.

- Hum… Isso ainda não explica muita coisa… - murmurou seu pai tomando mais um gole do vinho - Pegue uma água para mim - falou para Solie.

- Sim, pai… - respondeu se levantando a caminho da cozinha.

Olhando diretamente para Ricardo, Gilbert se aproximou e o chamou com o dedo indicador. Sem entender, Ricardo se aproximou a fim de escutar o que o senhor tinha a dizer.

- Vejo que você é um alpha do tipo fofo… - sussurrou Gilbert, falando para que somente Ricardo ouvisse, numa inusitada mudança de comportamento.

- Fofo??? - repetiu Ricardo sem entender de onde tinha saído tal percepção sobre sua personalidade.

- Sim, desses que só tem tamanho, mas são uma gelatina por dentro… - completou ainda sussurrando.

- … - em branco, Ricardo não sabia como contestá-lo ou mesmo se deveria.

- Vou te falar rapidamente, preste atenção… - se colocou numa posição como se fosse compartilhar um fofoca muito importante - Minha esposa, diferente de mim, parece dócil mas é um tanto assustadora, ela viveu uma realidade difícil na infância e adolescência, então, ela pessoalmente, educou nosso filho com todas as ferramentas e técnicas possíveis, para lutar numa possível guerra apocalíptica de zumbis ou o que for…

- Hummm? - murmurou Ricardo sem entender sobre o quê se tratava aquela conversa.

- É… Tsc tsc tsc… Como imaginei você não sabe onde está se metendo… Ele não te contou, não é? - concluiu dando pequenos tapinhas no joelho do alpha mais novo e ainda perdido na conversa.

- Contar o quê? - perguntou Ricardo transpirando dúvida e expectativa.

- Deixa quieto… - e se reacomodou ao seu lugar, já que Solie estava voltando com o copo de água.

“Com todo esse tamanho e beleza, ele não passa de um pequeno coelho caindo na armadilha de um ômega… Coitado…”, refletiu Gilbert se sentindo momentaneamente solidário ao alpha jovem e claramente inexperiente, frente a seu filho.

Não conseguindo encontrar uma justificativa adequada para aquela situação de casamento falso, Gilbert concluiu para si mesmo, que Solie nutria interesses amorosos pelo alpha e tinha aceitado tal proposta, com objetivos de conquistá-lo. Era a única justificativa que fazia sentido para a situação.

- Desde quando se conhecem? - perguntou Sr. Gilbert, enquanto alcançava o copo com água.

- Há uns seis meses - se adiantou Solie em responder.

- Hummm… Ok… Não vou perguntar mais nada… Não vai fazer sentido mesmo.

- …

- …

- Vou falar a sua mãe que seu amigo alpha parece responsável e que vocês estão se prevenindo.

- Sim pai… - falou Solie respirando aliviado.

- Só tenho mais uma pergunta para você… - falou Sr. Gilbert, olhando para Ricardo.
- Pois não Senhor…

- Três anos certo, o combinado de vocês?

- Sim. - responderam os dois ao mesmo tempo.

- Mas pode terminar antes - completou Ricardo.

- Bem, não parece, mas, um ou três anos é muito tempo e muita coisa pode se desenrolar no dia a dia… Quero saber, se algo como uma gravidez acontecer com meu filho, você vai se responsabilizar?

- Pai! Isso não vai acontecer!

- Quieto! Estou falando com o Sr. alpha ali!

“Gravidez?”, pensou Ricardo em pânico.

- Senhor, eu e seu filho não teremos relações sexuais - respondeu tal como um robô.

- Eu quero que você me responda: se acontecer, você irá se responsabilizar, sim ou não?! - indagou Sr. Gilbert de forma séria.

- Sim Sr. - falou Ricardo sem pensar - Eu jamais fugiria da minha responsabilidade. Mas deixo claro que não tenho essa intenção.

- Ok, era o que eu queria ouvir - falou se levantando, como se tivesse concluído o propósito daquela visita - Quanto a intenção meu jovem rapaz, você irá descobrir que ao longo do tempo, ela pode se tornar algo muito nebuloso e distorcido - se virando e pegando sua bolsa completou - E é por isso, que quero esse seu comprometimento por escrito.

- Como?! - gritou Solie assustado.

- É isso mesmo, quero uma declaração assinada e registrada em cartório de que se algo acontecer, ele se responsabilizará - falou apontando para Ricardo.

- Pai!

- Isso não é problema senhor, eu farei em três cópias, uma para mim, outra para Solie e mais uma para o senhor e sua esposa.

- Faça em quatro e inclua seus pais - falou e deu as costas saindo pela porta sem se despedir.

Sr. Gibert estava convicto que seu filho, embora não fosse um ômega frágil, estava à mercê de novos sentimentalismos e tinha perdido a clareza diante da gravidade da situação. Acreditando que Solie estava apaixonado pelo alpha, concluiu que a única forma possível de protegê-lo, era um compromisso legal por parte do alpha.

Enquanto os dois, alpha e ômega, estavam ainda se recuperando da visita inesperada.

- Ricardo… - murmurou Solie - Vou conversar melhor com meu pai…

- Não… Vou pedir ao Carlos para formalizar a declaração.

- Não precisamos disso!

- Solie, são seus pais e compreendo a preocupação deles, afinal sou um alpha que nunca ouviram falar - concluiu complementando - E vamos adicionar esse item no novo Contrato, de qualquer forma irei quebrá-lo, já que iremos adiantar a formalização do casamento, certo?

- Mas… Mas você disse que não gosta de ômegas homens!

- Você mesmo falou na semana passada, que somos reféns de feromônios, nada mais apropriado do que colocar mais uma cláusula de garantia. Não me importo com isso. Quero que tenha certeza de que nunca irei fugir de qualquer responsabilidade dentro do nosso acordo.

- …

- Quando discutimos o contrato, dentro da mentalidade que tínhamos no momento, elencamos diversas possibilidades para garantir um ao outro, um acordo onde nenhum de nós estaria em desvantagem, porém, novas possibilidades continuam se apresentando e não podemos negar a importância delas.

Fazendo uma breve retrospectiva da noite em que Solie trouxe as sete regras, Ricardo acrescentou:

- Vamos adicionar também as regras que estamos implementando, o que acha?

- Ok, já que será dessa forma, então coloque também cláusulas sobre minha segurança em relação ao seu chefe ou quem mais for… - falou Solie resoluto.

- Bem lembrado… - concordou Ricardo, enquanto tirava seu tablet da bolsa de trabalho.

Abriu sua caixa de e-mails, direcionando uma nova mensagem à Carlos, solicitando a confecção da Declaração e enumerando os novos itens a serem adicionados ao novo Contrato.

- Ahhhh… Quanta complicação! - exclamou Solie.

Mal sabiam eles, que esse era só o começo das inúmeras complicações que encontrariam ao longo de seu pretenso falso relacionamento.

26. Uma forma de relaxar…

“Que porra de dia foi esse? Foram 365 em um? Escalada, reunião estressante com alpha doido, adiantamento de casamento e para fechar, meu pai ensandecido!”, xingava Solie subindo as escadas, louco para se refugiar no quarto e finalizar aquela sucessão de acontecimentos estressantes.

Depois de toda aquela conversa, deixou Ricardo sozinho arrumando a sala. Tinha chegado em seu ponto de exaustão para um só dia.

Fechou a porta do quarto, jogou sua bolsa no sofá e começou a se despir com urgência, se sentia preso e sufocado pelas roupas depois daquele dia intenso.

Abriu o cinto que pendia em sua cintura fina e prendia a blusa branca afofada, desabotoou a blusa, a jogando em outro canto do mesmo sofá. Arrancou a calça estilo legging preta, e em seguida começou a desafivelar seu cinto de utilidades.

Aquele cinto de couro, cheio de repartições, era quase como um apêndice de seu corpo desde a juventude. Fita adesiva, canivete, clips, alguns tipos de chaves de encaixe em miniatura, uma mini corda de material reforçado, spray de pimenta compacto e bandagens eram alguns dos muitos itens estrategicamente armazenados em pequenos bolsos acessíveis a um simples toque.

Aquele era um cinto que não poderia ser deixado em qualquer lugar, pois segundo seu treinamento, estar sempre a vista ou nas proximidades era essencial. Foi colocado na segunda gaveta do criado mudo de sua cama.

Enfim, tirou a meia e sua cueca box preta. Parou em pé nu, fechou os olhos e respirou fundo, sentindo ar ambiente tocar sua pele.

Por usar seu corpo desde muito jovem para lutas e treinamentos extremos, aprendeu a também tirar dele o relaxamento necessário.

A maioria dos ômegas tinham uma relação de servidão com o próprio corpo, já que a entidade “ômega” que os habita, tinha vida própria em certas situações. Diante disso, uma boa parcela de ômegas via seu corpo como uma maldição, alguns como se fossem uma mercadoria, e tinha ainda aqueles que se sentiam um “buraco quente” para alphas, sendo desprovidos de emoções ou vontades pessoais.

Já Solie, tinha construído outra forma de se relacionar com sua natureza. Foi educado e ensinado a aceitar e amar, quem e como era, já que viver odiando a si mesmo, não era uma realidade aceitável.

Conhecia suas fraquezas, fragilidades e aprendeu sob treinamento duro, doloroso e cruel sobre as próprias capacidades, o que o levou a compreender de forma profunda termos como, auto superação.

Superar o cio sozinho desde jovem também o ensinou a controlar e lidar melhor com seus feromônios, além da pressão de feromônios alphas.

Hoje, seu corpo era uma fonte de amor próprio. Gostava de transar com seus parceiros, mas

apreciava tanto quanto, dar prazer a si mesmo. O que para outros poderia ser algo triste, solitário ou depreciativo, para Solie, era uma forma natural do corpo compensar e equilibrar as tensões e estresses da vida.

- Ahhhh, puta que pariu! Quero um banho! - exclamou enquanto expirava como se quisesse colocar todo o estresse armazenado em seu corpo para fora.

Foi ao banheiro, ligou a água quente da banheira para encher enquanto lavava seu corpo rapidamente no chuveiro, tirando o grosso do suor acumulado. Enquanto se ensaboava, um pensamento passou por sua mente.

“Por que não?”, pensou sorrindo em malícia para si mesmo.

- Nada melhor para zerar um dia estressante, do que uma boa dose de orgasmo! - falou sozinho, enquanto acendia algumas velas em seu quarto, ao som de uma música suave.

Abriu a gaveta de dildos e vibradores, refletindo sobre qual seria o melhor em satisfazê-lo naquele momento. Como estava muito cansado, optou pelo resultado mais rápido, logo escolheu a versão com vibrador. Higienizou e deixou em sua cama com o lubrificante.

Banheira cheia, água quente, espuma perfumada, Solie estava no paraíso do relaxamento e da auto recompensa.

Imerso na água que o acariciava enquanto perfumava sua pele, começou a tocar os próprios mamilos naturalmente pontiagudos e sobressaltados, eles eram uma de suas zonas erógenas mais sensíveis. Os apertou soltando pequenos gemidos de prazer e relaxamento conjuntos.

“Hummm, quem vou usar hoje…”, pensou buscando em sua memória alguma situação que potencializasse a excitação. Lembrou de um alpha que conheceu numa boate. Alto, forte, tatuado com cabelos castanhos presos num coque, era um deleite aos olhos.

“Ah porra, por que não meti com ele, merda!”, esse era um de seus grandes arrependimentos, ter deixado aquele alpha escapar.

Lembrou da pista de dança, os dois trocando olhares, o olhar afiado que o observava enquanto bebia cerveja, o desejo exposto no flerte, o trajeto em direção ao banheiro como uma forma de convite, a mão do alpha em sua cintura seguida do sussurro ao pé de ouvido “Posso?”, o aroma de terra molhada que o rodeou sutilmente, o corredor escuro para onde se esgueiraram e o melhor de tudo, aquele beijo absurdamente erótico e perfeito.

Solie repassou toda situação diversas vezes, focando nos detalhes do alpha, massageando seu membro, enquanto estimulava sua entrada.

“Ah, aquele maldito beijava tão fodidamente bem! Ahhhhhhhhh… aquela língua…”, chegou ao orgasmo ao lembrar do homem que encaixou a coxa forte e torneada entre suas pernas pressionando sua entrada, perto o suficiente para esfregar de forma descarada o volume indecente em sua barriga, enquanto agarrava seus cabelos com ambas as mãos e chupava sua língua como se estivesse faminto.

“Ahhh porra, aquele homem!”, gemeu derramando seu gozo na água perfumada.

Leve e relaxado, fechou os olhos desfrutando da sensação pós orgasmo e concluiu que foi bom,

mas queria algo mais profundo, mais intenso, algo que fizesse seu corpo tremer de excitação.

Saiu da banheira secando o corpo já livre das tensões do dia, desejando seu encontro com o vibrador que o esperava na cama. Vestiu uma camisa de dormir comprida feita em algodão, para manter o corpo aquecido.

Curtindo o ambiente a meia luz de seu quarto aromatizado, entrou embaixo das cobertas trazendo seu amigo estimulador de próstata junto.

Espalhou um pouco de lubrificante, criando uma realidade paralela em que ele e aquele alpha estavam nus em sua cama aconchegante. Deitou de lado encaixando o apetrecho entre suas nádegas, massageou sua entrada visualizando aquele membro enorme forçando seu buraco já úmido.

- Hummm… - excitado com a própria imaginação, rebolava sentindo o objeto se acomodar ao canal.

Ao inserir por completo, apertou o botão externo que ativava a função vibratória.

- Oh!

Devidamente encaixado, sentiu a vibração atingir seu local de prazer fazendo com que uma pequena onda de eletricidade se espalhasse em seu sistema nervoso. Deitou de barriga para cima apoiando os pés na cama para que pudesse mexer os quadris, aprofundando a sensação cada vez mais intensa.

Mentalizando as tatuagens que deixavam o homem ainda mais sexy e viril, se viu contorcer debaixo do corpo enorme enquanto era estocado de forma feroz.

- Ahhh, porra!!! Mete! Mete! - murmurou sentindo todo o corpo tremer quando o vibrador atingiu uma camada mais profunda de seu canal.

Toc
Toc
Toc

- Solie! Podemos falar rapidamente?

Ainda perdido em sua realidade paralela, achou ter ouvido a voz de Ricardo.

Toc
Toc

- Já dorme?

- Hum! - respondeu sem conseguir pronunciar uma resposta adequada.

- Posso entrar?

- Hãn?! - deu um quase grito, que foi entendido por Ricardo como uma resposta afirmativa.

Submerso em ondas elétricas que ocupavam parte de sua capacidade em racionar, Solie viu a claridade entrar pela porta, enquanto a figura do alpha enorme que coabitava a casa com ele, se

fez presente.

Rapidamente puxou o edredon para cobrir o próprio corpo que tremia descontroladamente devido ao estímulo interno.

- Desculpe incomodar. Mas acabei de falar com Carlos e ele pediu para irmos encontrá-lo amanhã à tarde, você está disponível?

Sem entender exatamente o que era dito, Solie oscilou entre excitação, desespero e vergonha, enquanto sentia seu traseiro se derreter em fluídos lubrificantes ao receber uma rajada de feromônios que o remetiam a floresta.

- Grrr - fechou os olhos se esforçando para responder, mas só conseguiu soltar um grunhido.

- Você está bem? Estava dormindo? - perguntou Ricardo preocupado, de pé na porta.

Como Ricardo tinha tomado seus inibidores assim que chegou em casa, não pôde sentir a intensidade dos feromônios excitantes que pendiam no ambiente. Ainda assim, se sentiu levemente perturbado pela visão do ômega em estado lânguido deitado na cama.

- Hum… Es-estou bem… O-o que você di-disse? - gaguejou quase gemendo de forma inconsciente, enquanto sua bunda vibrava de forma cada vez mais intensa.

- Carlos pode nos receber amanhã à tarde, você pode?

- Po-posso… Hummm… - respondeu com dificuldade.

- Ok, vou confirmar então, volte a dormir - falou fechando a porta.

“Ahhhhhh pooooorra!!!”, se contorceu gozando de forma intensa e descontrolada, enquanto inspirava os feromônios que adicionaram um tempero inusitado a sua auto estimulação.

Fechando a porta, Ricardo se sentiu estranho, como se tivesse invadido a intimidade de Solie ao atrapalhar seu sono.

Antes de bater em sua porta, estava há pelo menos dez minutos refletindo se deveria mandar mensagem ou falar pessoalmente. Concluindo que ele deveria se esforçar para construírem a tal intimidade, resolveu falar pessoalmente, já que estavam na mesma casa.

“Droga, fui invasivo?”, se perguntava incomodado por acreditar ter atrapalhado o sono do ômega, sem desconfiar da real situação.

27. Entre amigos!

- Hahahahahahahahahahahahahahaha!!!

Reunidos na casa de Solie, os quatro amigos faziam sua reunião semanal para compartilharem as fofocas da semana e traçar os rumos da carreira de Solie, já que todos resolveram se engajar nos projetos do amigo.

Ainda chocado e envergonhado por quase ter sido pego na auto estimulação, Solie resolveu contar o fato.

- Cara, isso parece coisa de novela! - gritou Alisson, enquanto quase chorava de tanto rir.

- Por que você não trancou o raio da porta?! Hahahaha! - falou Morgan entre gargalhadas.

- Como ia adivinhar que ia abrir a porta? Ele nunca fez isso! - se justificou Solie, também rindo da própria vergonha.

- O que importa é que você gozou! - concluiu Lissa - E ele ainda apimentou seu orgasmo!

- Ahhhhh, isso de você gozar com os feromônios dele foi demais!!! Sério que ainda ficou excitado naquela situação? Eu teria perdido o rumo do tesão na hora! - acrescentou Morgan.

- Quero ver você falar isso com um vibrador atochado na bunda, no nível 5 de vibra! Seu cérebro não funciona Morgan! - exclamou Solie rindo - Simplesmente não funciona! E além do mais, eu já estava perto de gozar…

- Ainda não entendi como ele não percebeu! - falou Lissa.

- Primeiro: ele tinha tomado dois inibidores assim que chegamos, então, provavelmente não conseguiu sentir a densidade, nem a qualidade dos meus feromônios. Segundo: já tinha mais de uma hora que tinha subido e estava deitado na cama, logo ele concluiu que tinha me acordado - explicou Solie - E assim… Nós não temos ainda o mínimo de intimidade para ele saber ou intuir coisas sobre mim. Fora o fato de que, mesmo se esforçando, ele ainda é bem tacanho na interação. Me pergunto como ele consegue meter três vezes por semana?

- Mas você não disse que ele paga para ter sexo? - lembrou Alisson.

- Agora! Antes ele tinha ficantes, saintes, casos, sei lá! E pelo que o amigo dele me falou, nunca, nunca faltaram pessoas para ele transar, crê nisso?

- Ah, então ele não deve ser tão tosco na meteção! - brincou Lissa - Por que esse tipo de coisa se espalha!

- Você não tem vontade de saber qual é a fama dele? - falou Morgan, instigando a curiosidade de Solie.

- Fama? Você acha que ele tem algum tipo de fama? Sei não… - descredibilizou Solie, ao lembrar o quão frio e indiferente o alpha é.

- Esse é o mundo dos alphas… - explicou Lissa - Todo mundo que dorme com um alpha, ainda mais se ele for muito cobiçado, normalmente faz questão de contar aos quatro cantos a

experiência, como forma de auto promoção… É escroto, mas é real!

- Uau! É explanado assim? - perguntou Alisson boquiaberto.

- Sim, é explanado assim! - concluiu Lissa - E pelo que você contou, ele nunca foi fixo com nenhuma parceira, correto? Sendo ele rico, bonito e bem sucedido, pode ter certeza que há uma horda de pretendentes na fila para pelo menos, dormir com ele uma vez!

- Eu como ômega, saí com vários alphas e nunca tive esse lance de explanar… - refletiu Solie - Mas também acho que nunca sai com ninguém tão bem sucedido… Ah! Ainda assim, não contaria.

- Você é o maior pegador! Nunca nem se inteirou direito da vida dos seus ficantes! - rebateu Lissa.

- Ahh! Acho que não quero saber de nada disso! - exclamou Solie resoluto - Já me basta achar ele gostoso o suficiente, ao ponto de acreditar que se ele dissesse sim, eu facilmente arrancaria as roupas e sentaria nele! Entãooooo… Saber de pormenores, pode estimular um tipo de curiosidade que não seria benéfica para mim, já que serão três anos de convivência - concluiu Solie - Estou tentando inocular esses pensamentos e manter o foco no teatro que precisamos desenvolver.

- Hummm, bom ponto - falou Morgan - E como estão as dinâmicas entre vocês?

- Não tão estranhas, mas ainda teatrais demais! Essa semana teremos outro jantar e no final de semana, vamos escalar.

- Cara, como vocês vão meter essa de adiantar a data do casamento com esse nível de interação zuada? - perguntou Alisson.

- Falei com ele que só aceito o adiantamento, se ele chegar ao nível de entendimento de que eu sou o ômega dele!

- …

- …

- …

- Que foi? - perguntou Solie, não entendendo o silêncio dos amigos.

- Sol, é pesado isso! - falou Morgan de forma considerada.

- Por que é pesado? Uma pessoa para querer casar com a outra, não tem que ter esse nível de interação?

- Sim, mas o lance de um alpha reivindicar alguém com “meu ômega”, é algo difícil de fingir se não for real.

- Não é só um lance de posse? - argumentou Solie, enquanto se perguntava se tinha ido longe demais.

- Tem posse sim, mas é um sentimento mais complexo do que isso - completou Morgan.

- Eu não posso falar sobre isso… Embora tenha me apaixonado um par de vezes, nunca tive essa profundidade de declarar alguma das minhas namoradas como minha ômega - falou Lissa, se eximindo da responsabilidade de dar sentido a frase, já que ela também era alpha.

- Uaaaaaaaau! É difícil assim? - falou Solie preocupado.

- Ué! E você, pode dizer com facilidade que ele é seu alpha? - desafiou Alisson.

- Hummmmm…. - refletiu Solie com a mão no queixo, enquanto criava um cenário.

Vivendo juntos, jantando juntos, ele o protegeria - mesmo não sendo tão frágil assim, a ideia era aconchegante -, pagaria suas contas… Tá, olhando bem, isso era mais como um Suggar Daddy, mas ele podia converter o sentido para “Meu alpha” facilmente.

- Acho que posso sim! - concluiu com um sorriso de êxito - Claro, nos meus termos. Com certeza, não é como o Morgan se sente em relação ao alpha dele, certeza que não… Mas posso falar facilmente se quiser.

- Uau! Sol, você realmente… - falou Lissa incrédula com a facilidade do amigo de transformar questões complexas em resoluções simples.

- Eu o quê?! O que eu quero mesmo saber, é que até hoje você não conseguiu o telefone daquele alpha maravilhoso que tive que abandonar na boate por sua causa!!!

- Por que ainda lembra disso? - perguntou Lissa, fugindo da responsabilidade - Você nem pode mais sair com ninguém! Daqui a três anos eu te dou o número!

- O quê? Você conseguiu? Quem disse que não posso?

- Ahhhhhhhh vocês!!! Chega de homens, alphas e ômegas!!! - gritou Alisson - Vamos mudar de assunto - falou pegando o tablet - Fizemos uma programação de postagens de outfits para Solie montar, ralamos muito semana passada, publicamos três muuuuito legais e não entendo esse monte de hate insano nas publicações.

- Ninguém gostou? - perguntou Morgan achando estranho.

- Não é que ninguém gostou… Logo assim que postamos, houveram várias interações positivas e até dois pedidos de orçamento de personal, mas horas depois, começou uma onda de hate que dominou as postagens!

- Não tem sentido isso! - exclamou Lissa.

- Mas já vem acontecendo desde antes… Aliás, foi exatamente por isso que eu acabei ficando mal… Enfim… - falou Solie cabisbaixo.

- Sim, então… Fiz uma pesquisa nos perfis e em desde quando isso está rolando, e vi que começou do nada, há uns quatro meses para ser mais exato - falou mostrando as anotações - Daí, parou há um mês e agora voltou com as novas postagens.

- Podemos denunciar? - perguntou Morgan.

- Será que Carlos, o amigo de Ricardo, pode nos ajudar nisso? Pagando a assessoria dele, é claro… - adicionou Solie.

- Acho interessante ver se ele pega esse tipo de caso - falou Lissa - Precisamos saber como lidar, senão todo nosso esforço será desperdiçado.

- Mas ainda assim, fechei os dois contatos de personal Solie! - confraternizou Alisson - Vou agendar as visitas para semana que vem.

- Acho que não rola semana que vem, terá que ser depois do casamento. Tenho que montar os looks, meu e do Ricardo… - falou animado - Quero tirar fotos icônicas!

- Mas não será só no cartório? - perguntou Lissa.

- Sim, mas quero tirar fotos como um arsenal a ser usado para mostrar ao chefe e ao povo dele depois. E para isso, temos que estar lindíssimos! Becadíssimos!

- Achei que você ficaria chateado com esse lance de adiantamento, mas parece bem animado… - falou Morgan, olhando Solie com desconfiança.

- Olha, fiquei animado quando pensei que ia sair dessa com a proposta de casamento do chefe dele, mas… Não rolou, muito pelo contrário, ainda sobrou para mim, então, resolvi relaxar e só seguir o fluxo!

- Olha, mesmo sabendo do contrato e tudo mais, realmente entendo seu pai quando ele diz que não tem sentido você fazer isso - falou Morgan mais uma vez.

- Sim, não tem sentido. Eu só vou cumprir o que acordei e pronto.

.
.
.

Naquele mesmo dia, final da tarde, Ricardo e Solie se reuniram mais uma vez no escritório de Carlos e alteraram o contrato de experiência para um com validade de três anos, adicionando todas as regras e novas cláusulas já acordadas.

Com a data do casamento agendada para duas semanas à frente, uma avalanche de tarefas e preparativos inundaram a mente de Solie.

- Carlos… Será que poderia tirar uma dúvida com você? Não tem nada a ver com o contrato ou Ricardo, é sobre meu trabalho.

Ricardo que estava se preparando para sair, se interessou pela conversa.

- Então, é possível processar pessoas ou perfis online que fazem hate contínuo?

- Hummm, o primeiro passo é denunciá-los, mas dependendo do conteúdo do hate, você pode entrar com alguns recursos.

- Ah que bom! E você faz esse tipo de trabalho? Claro que vou te pagar por isso.

- O que está acontecendo? - perguntou Ricardo preocupado.

- Ah, meu perfil está há meses sendo continuamente atacado - falou Solie cabisbaixo - E foi isso inclusive, que me deixou mal e depressivo anteriormente. Eu produzia, produzia conteúdo e não

via resultado devido a quantidade de hate.

- Hummmm… - murmurou Ricardo ao enfim, descobrir por que Solie tinha se tornado temporariamente aquela persona perdida e soturna.

- Eu e meus amigos, estamos desenvolvendo projetos e quando divulgamos os looks, eles recebem uma enxurrada de hate insano… Isso altera a percepção das pessoas sobre meu trabalho, e detona completamente a fluidez do projeto.

- Acho que Bae e equipe podem descobrir quem são essas pessoas, não acha Ricardo? Aí, descobrindo quem são, podemos processá-las.

- Sim, vou designar uma equipe para ver isso - falou Ricardo já pegando o telefone.
- Oh não Ricardo! Não quero te alugar com isso! - interrompeu Solie.

- Ei! Deixe seu marido fazer o papel dele e resolver isso para você! - falou Carlos rindo e piscando de forma sarcástica.

- Marido??? - perguntou Solie atordoado, voltando o olhar para Ricardo, também congelado pelo momento.

- Não acha que está na hora de se acostumar com isso? Em duas semanas vocês serão marido e marido… Hummm, esposo e marido? Ou esposo e esposo? - brincou Carlos fingindo refletir sobre a expressão apropriada - Sei lá! Vocês entenderam!

- …

- …

Mesmo para Solie que era descolado e se modulava facilmente dentro das situações, ter “um marido” soava profundamente estranho. Já Ricardo… Para ele tudo era estranho. Mas qual a novidade nisso?

28. Uma noite quase tranquila…

Ao saírem do escritório de Carlos, ainda compartilhavam um silêncio constrangido. Nenhum dos dois rebateu ou contestou a expressão usada pelo advogado amigo.

Tal atitude fazia parte de uma digestão lenta e difícil sobre o tema. Os dois precisavam se acostumar com as particularidades de uma relação.

No elevador, alpha e ômega aguardavam a chegada ao subsolo, quando Solie resolveu quebrar o clima estranho.

- Ah! Quase ia esquecendo, vou desenhar e mandar fazer nossas roupas para o dia do casamento, ok?

- Você acha realmente necessário isso? - sem pensar, argumentou já que não entendia o propósito.

- Não acha importante exibir fotos do dia do casamento? - perguntou a fim de fazê-lo refletir sobre a questão - Você está casando com um estilista, nada mais natural do que eu fazer nossas roupas e ainda querer exibir.

- Ah sim… Desculpa, sempre esqueço isso…

- É importante começar a se lembrar, se não quiser deixar lacunas perante as pessoas que deseja enganar.

- … - Ricardo ficava continuamente abismado com a sutil habilidade de Solie, em lhe dar uma lição sem ofendê-lo diretamente, mas ainda assim, o fazendo com maestria.

Como não tinha o que responder, resolveu engatar outra questão.

- Há tempo suficiente para fazer as roupas?

- Se você permitir que eu tire suas medidas hoje, dá sim.

A questão era, depois de seu episódio de explícita ignorância anterior, podia Ricardo escolher dizer não?

- Tudo bem, vamos fazer isso em casa rapidamente. Hoje preciso sair - falou caminhando em direção ao carro que já os aguardava.

Ok, Solie tinha entendido. Era a noite dos feromônios.

.
.

- Um momento, vou pegar a fita! - gritou Solie enquanto subia as escadas correndo.

- Não precisa correr! Podemos fazer isso com calma! - falou Ricardo, percebendo a agitação do ômega em não querer atrasá-lo.

Nervoso, Solie chegou ao quarto e primeiro, procurou seus inibidores. Tomou dois. Fechou os olhos e respirou fundo para se acalmar. Ele já tinha divagado diversas vezes sobre o momento

em que media aquele homem, milímetro a milímetro, com sua mente pornograficamente criativa.

Já tinha visualizado os ombros, as coxas tonificadas, o tórax e tudo mais que poderia imaginar de forma livre e expandida… Agora, toda aquela viagem se tornou realidade, e ele não podia se perder na própria luxúria perante o alpha sabor montanha.

“Esse é o primeiro passo, dos muitos que iremos ter dentro da nossa intimidade, entãoooooo, tenho que aprender a tornar a situação, a mais trivial possível”, pensou para si mesmo tentando se acalmar, enquanto infiltrava seu tesão com racionalidades.

“Sim, eu sou capaz! Não sou um animal no cio!”, buscou se auto convencer. Finalizada a sessão de auto reforço, buscou sua caixa de costura, seu caderno de anotações, lápis, caneta e borracha e desceu novamente.

Enquanto bebia água, Ricardo observou Solie descer com pressa as escadas.

- Não se apresse, está tudo bem!

- Não quero atrapalhar! Vamos! - exclamou abrindo a caixa.

- Acha melhor fazermos no quarto? - perguntou enquanto considerava se a sala seria um ambiente confortável para Solie.

- Não! A sala está ótima! - respondeu imediatamente rejeitando a ideia de um ambiente mais intimista do que o necessário.

- O que faço? - perguntou Ricardo tirando o paletó - Preciso tirar a camisa?

Equações, conjunções e possibilidades preencheram a mente conturbada de Solie, enquanto ele refletia sobre o simples ato de tirar uma blusa.

Sim, seria o ideal. Concluiu.

- Não, não é necessário - foi o que saiu.

- Ok.

De posse da fita métrica, caderno e lápis, Solie se aproximou do homem de quase dois metros sem paletó, que exalava um leve aroma de floresta.

- Por favor, vire de costas…

Ricardo virou. Estendeu a fita de um ombro a outro, se espantando com as medidas.

“Uaaaau! Eu sabia que eram largos, mas não tinha ideia de que era tanto!”, pensou enquanto anotava em seu caderno.

O abraçando por trás, sentiu seu rosto quase tocar as costas tonificadas do alpha, enquanto circulava a fita em sua cintura. Parou e anotou.

Ainda que não quisesse olhar, não pode evitar escanear as nádegas definidas, delineadas pela calça de corte reto. Resolveu pedir ajuda, caso contrário, encostaria todo o corpo nas costas do alpha, na tentativa de circular seu quadril.

- Ricardo…

- Sim!

- Toma, segure a fita na frente do seu quadril para eu possa medir.

Em verdade, normalmente se media pela frente, mas resolveu fazê-lo por trás, para não ficar cara a cara com o membro do alpha. Não sabia se seria capaz de desviar o olhar.

Quadril anotado, partiu para o tórax.

- Vire e abra os braços por favor…

“Oh céus! Que merda!”, surtou ao dar de cara com o peito estendido. Sentiu o ímpeto de roçar o rosto no peitoral a sua frente e inalar todo aquele odor refrescante e convidativo.

Mantendo a calma, circulou e anotou as medidas. Repetiu a ação medindo mais abaixo.

- Pode baixar os braços - falou sem olhar o alpha diretamente.

De olhos fechados, Ricardo inspirava o aroma de flores, que ora ficava mais forte devido à proximidade, ora se tornava difuso conforme a distância. Aquele era um fator positivo em Solie que o agradava, seu buquê de flores em forma de feromônios realmente o relaxava.

Lembrou também, que há algum tempo não ia ao jardim fazer uso de sua espreguiçadeira.

Excessivamente focado em seu trabalho, mediu os braços e o pescoço com ajuda de Ricardo devido à altura, chegando nas pernas, indo para a lateral, evitando aproximação desnecessária em relação ao quadril do homem. Depois, largura da coxa, seguido pela panturrilha.

Foi difícil, mas terminou mantendo a postura e distância necessárias com sucesso, como o bom profissional que era.

- Finalizamos!

- Foi rápido - concluiu Ricardo, vestindo o paletó e se preparando para sair novamente.

- Sim, obrigada! Vou começar a desenhar os modelos ainda hoje! - falou Solie animado.

- Ok, tenho certeza que ficará bom. Estou saindo. Precisa de algo? - perguntou cordialmente.

- Não, obrigada. Tenha uma boa noite - se despediu enquanto arrumava sua caixa e guardava as anotações.

- Obrigada, você também.

.
.

Saiu de casa diretamente para seu apartamento na praia.

Diante das seguidas situações estressantes dos últimos dias, mais do que liberar feromônios, Ricardo queria espairecer.

Chegou ao apartamento mobiliado de forma simples e minimalista, se livrou da roupa de

trabalho, tomou uma ducha fria, colocou uma calça de moleton, uma blusa confortável e desceu.

Era uma noite agradável com um clima ameno. Tirou os chinelos e caminhou próximo a água, refletindo sobre todos os recentes acontecimentos.

Sentindo o frescor da água e o vento acolhedor enquanto caminhava entre suas divagações, concluiu que mesmo diante de todas as dinâmicas e variáveis, tudo tinha fluído bem até agora, pelo simples fato de Solie ser a pessoa despachada que era. Até mesmo ele, tinha sido um entrave até alguns dias atrás.

Se sentiu agradecido pela sorte de encontrar o ômega ideal, desejando que desenvolvessem uma amizade duradoura pelos próximos três anos.

Aquele era um momento raro na rotina de Ricardo. Ele dificilmente se permitia relaxar ou não fazer nada. Sua mente estava sempre ocupada com uma infinidade de metas, progressos, análises, escalas e horários preenchidos por compromissos. Era um workaholic.

Talvez, caso não houvesse a necessidade biológica de liberar feromônios, não estivesse ali. Porém, mesmo sentindo que seu corpo precisava liberar as tensões sexuais, hoje não estava disposto a chamar alguém para compartilhar a cama.

Havia uma grande quantidade energia a ser liberada, mas pela primeira vez, Ricardo resolveu tentar gastar aquele combustível de outra forma.

Voltou ao apartamento, trocou sua roupa para uma de banho e desceu novamente, agora para a piscina. Pulou na água fria e nadou, nadou, nadou até esquecer que estava nadando, se tornando um dentro do fluxo contínuo entre inspirações, expirações, braçadas e resistência aquosa.

O exercício respiratório, associado ao gasto físico, lhe proporcionou uma sensação de leveza. Todo o peso tinha ficado na água. Estava relaxado.

Voltou ao apartamento do hotel residência, pediu ao serviço de quarto um jantar simples, já que o local oferecia uma gama de conveniências aos moradores.

Revigorado, tomou um banho para fechar o rito de relaxamento e se jogou na cama, após vestir uma roupa de dormir. Uma sensação de alívio e calmaria se espalhou ao mesmo tempo que uma leve ereção, agora pelo prazer de se sentir bem.

Alcançou o cós da calça e começou a alisar seu membro já completamente de pé. Com a mente em branco, desfrutou da sensação de sobe e desce, aumentando a velocidade. Era algo instintivo, um tesão interno e grosseiro, com o único objetivo de se libertar da pressão interna.

Não demorou muito para que chegasse ao clímax, enquanto soltava um som gutural de liberdade.

Estava tão relaxado, que quase caiu no sono de imediato, mas resolveu limpar a bagunça que tinha feito no próprio abdômen, enquanto esperava a comida.

Foi uma noite realmente relaxante e libertadora, como há muito não tinha. Será que essa seria uma boa solução, gastar toda energia na água e depois se auto estimular? Quanto tempo duraria o equilíbrio de seus feromônios fazendo dessa forma?

Enquanto fazia votos de que aquela fosse uma nova fase, a campainha tocou. Já limpo e

arrumado, sentia fome de algo bom e delicioso.

- Boa noite - cumprimentou cordialmente abrindo a porta e deixando espaço para entrarem com o serviço.

Enquanto a funcionária arrumava a louça na mesa, correu para alcançar sua carteira, a fim de dar uma gorjeta à pessoa que trouxe sua comida, voltando em seguida para a sala.

Ao voltar, sentiu uma nuvem densa de feromônios doces e instantaneamente se sentiu tonto e nauseado.

Abrindo o jaleco que a cobria, uma morena pequena, de cabelos castanhos curtos na altura do pescoço, olhos amendoados e lábios grossos, murmurou:

- Ricardo… Me ajude… Por favor… - falou choramingando, deixando o jaleco que vestia, cair ao chão, ficando somente de sutiã e calcinha de renda branca.

Estava vestida e nua ao mesmo tempo, já que a renda era fina o suficiente para deixar toda sua intimidade exposta. Ela era linda. Seios médios empinados, cintura fina, bunda lisa e avantajada, pernas torneadas… Um delírio de mulher.

Diante daquela visão, Ricardo sentiu sua mente nublar. Seu alpha dominante interno só queria consumir aquela pele, seios e se enfiar ardentemente naquelas entranhas entre as pernas.

Sua ereção dura e latejante era visível, tal como seu torpor mental. Não tinha tido sexo aquela noite e não liberou toda a furia sexual que normalmente o consumia.

Enquanto tentava desesperadamente controlar seus instintos, foi atingido com mais uma rajada de feromônios doces. Se sentiu tão intoxicado, que começou a sufocar.

Era um aroma insuportavelmente doce, ao ponto de deixá-lo enjoado. O desconforto, fez com que conseguisse reassumir sua consciência.

Embora sua aparência fosse escultural, seus feromônios, personalidade e atitudes eram insuportáveis para Ricardo.

- Se vista Hanna! E saia daqui! - gritou ele, já totalmente desperto.

- Não vou sair! Estou no cio e preciso de você! - gritou avançando em direção ao alpha.

- Não sou responsável por isso! É um problema seu! - gritou irritado.

Em dois passos, Ricardo alcançou o jaleco no chão e o enrolou nos braços brancos e curtos que foram em sua direção, a deixando presa sem machucá-la. Não queria ser acusado de qualquer tipo de agressão mais tarde.

- Ahhhhhhhh!!! Me solta! Me solta!!!

Enquanto segurava os braços enrolados para que não se soltasse, a puxou até o banheiro mais próximo e pegou um roupão embalado. Abriu a embalagem às pressas e a cobriu por completo, dando um nó apertado para que não soltasse.

- Me solta! Me solta!

- Escuta! - retendo seus feromônios o máximo que podia, Ricardo falou sério olhando profundamente em seus olhos - Já prendi suas mãos e também o resto do corpo! Se não parar de gritar que nem uma louca, vou colocar uma mordaça nessa sua boca!

Completamente fora de si, de repente, uma chave virou na mente de Hanna, ao se imaginar presa e amordaçada por Ricardo. Logo seus feromônios se intensificaram ainda mais, deixando explícita sua excitação.

- Ricardo… - falou se esgueirando - Me amordaça… Me amordaça e depois me fode… Por favor… Eu quero seu pau! Eu vi agora há pouco, ele é tão, tão grande… Eu quero…
- O quê?! - gritou a afastando.

Imediatamente a arrastou para dentro do banheiro próximo e a trancou lá dentro.

Entre gritos e batidas na porta, ligou para Bae, para que viesse resolver a situação. Agora sua urgência era lidar com os próprios feromônios descontrolados.

29. Contenção…

- Merda! Merda! - gritava Ricardo irritado enquanto caminhava pelo corredor do hotel residência, quando de repente parou.

Quanto tinha se distanciado de seu apartamento? Cinco, dez metros? E ainda eram fortes os feromônios nauseantes de Hanna.

Buscando pensar de forma o mais lógica possível, atentou para o fato de que, independente de ser Hanna ou não, ele não podia deixar uma ômega no auge do cio sozinha no local. Com certeza, aquela densidade de feromônios espalhados pelo andar, chamaria a atenção de um par de alphas, dos bons aos inescrupulosos.

Deu meia volta, pegando o celular e fazendo contato com Bae mais uma vez.

- Bae, é melhor você não vir! - gritou Ricardo ofegante - Chame Tom, preciso dele para removê-la daqui. E peça que traga um inibidor potente em forma de injeção com ação rápida!

- Irmão! Já estou a caminho! Mas vou ligar para Tom! - respondeu Bae preocupado.

- Não! Não suba! - ordenou Ricardo.

- Por que não?

- O andar inteiro está cheio dos feromônios dela! Se você entrar em rut por causa disso, será mais um para me dar trabalho, ou esqueceu que é um alpha?

- …Mas e você?

- Os feromônios dela não me afetam, quer dizer, só me sinto enjoado…

A verdade, era que Ricardo tinha um tipo de sensibilidade rara que poderia ser chamada de ‘Memória Olfativa de Feromônios’. Dependendo da interação social desenvolvida com certos alphas e ômegas, ele podia associar seu desgosto, desprezo ou sua admiração e afeição, ao aroma da pessoa.

Toda relação entre alphas e ômegas na sociedade, era permeada, mesmo que sutilmente, por seus feromônios e a clara intenção expressa por eles.

Diante disso, caso alguém lhe deixasse uma impressão negativa, ele naturalmente desenvolvia certa aversão ao aroma da pessoa em questão, diferente de outros alphas, onde a simples percepção do cheiro de um ômega, os levava à um estado de excitação quase imediata.

Ainda assim, preferiu não entrar no quarto novamente, optando em ficar do lado de fora da porta, enquanto aguardava a chegada de Tom.

- Ah! E ligue para o pai dela!

Irritado, extremamente puto, tais expressões não podiam definir o atual estado de Ricardo. Por isso, pediu à Bae que ligasse para o Sr. Bardon. Pensou que caso ele mesmo o fizesse, poderia falar palavras indevidas ao velho sem escrúpulos.

“Merda! Como ela descobriu esse lugar? Como?”, se perguntava enquanto andava de um lado para o outro em frente a porta de seu apartamento, ainda ouvindo os gritos, choramingos e desvarios de Hanna.

“Ahhhhh, merda! Esqueci de trocar de carro quando saí de casa!”.

Há mais de um mês, Ricardo tinha comprado dois novos carros baratos e totalmente escuros. Um ficava na garagem de um prédio ao lado de seu escritório e o outro ficava na garagem de casa.

Toda vez que saía para seu apartamento na praia, descia de elevador até certo andar, depois pegava as escadas e saia pela saída de emergência do prédio, já disfarçado. E Bae ou Tom, levavam seu carro para casa.

Era uma baita trabalheira e uma dor de cabeça constante, mas era a única forma de manter a própria privacidade longe de olhos alheios.

Não era a primeira, nem a segunda vez que fazia tais estratégias. Na época de seu avô, fugir e despistar, eram uma constante e mesmo depois de sua morte, vira e mexe, sempre havia alguém interessado em sua rotina por motivos escusos.

Era muito cansativo viver dessa forma.

Normalmente, Tom ou alguém da equipe estavam à espreita e acompanhavam de perto aqueles que pretendiam segui-lo, mas hoje tudo saiu fora dos padrões, pois, mais cedo, Ricardo pediu à Tom para montar uma equipe de recursos tecnológicos, com objetivo de averiguar a situação das redes de Solie.

Fora isso, o homem da moto da semana anterior ainda estava sendo monitorado. Enfim, era um momento onde nuvens nebulosas pareciam se acumular e aproximar cada vez mais de Ricardo.

Do outro lado do corredor, Ricardo avistou um senhor baixo, com um semblante preocupado correndo em sua direção.

- Senhor Ricardo! - exclamou colocando-se a sua frente - O que está acontecendo, como posso ajudar? - perguntou o gerente do hotel residência, angustiado devido a estranha movimentação e agitação daquele andar.

- O senhor é beta, certo? - perguntou apenas para confirmar, pois não viu o gerente ser afetado pela densa nuvem de feromônios ômegas que pendiam no local.

- Sim sou! Algum problema?

- Sim, preciso que o senhor evacue o máximo possível de alphas desse andar. Tem uma ômega no cio no meu apartamento e não desejo que aconteça um acidente desnecessário.

- Senhor, desculpe abordá-lo com a questão, mas se tem uma ômega no cio em seu apartamento, não é sua responsabilidade acalmá-la?

- O senhor acha que eu a trouxe para cá? - perguntou irritado - O seu serviço de quarto a deixou entrar no meu apartamento, com o pretexto de servir o jantar que tinha pedido!!! - gritou esbravejando, fazendo com que o gerente entrasse em pânico.

- O quê? Ela é uma de nossas funcionárias? - questionou aturdido.

- Não! Ela provavelmente subornou uma de suas funcionárias e ocupou o lugar dela, com o objetivo de me assediar - concluiu quase rosnando de raiva, pela situação ter chegado àquele ponto.

- Oh! Ohhh! Senhor! Me perdoe! - falou o homem em pleno desespero - Céus! Isso, isso nunca aconteceu! Nossa segurança está sempre em alerta! Temos câmeras em todos os lugares!

- Nada disso importa agora, o que importa, é evitar um acidente maior, como um monte de alphas em rut ao mesmo tempo. Isso sim, seria um desastre!

- Sim! Claro! Com certeza! Mas, mas e o senhor?

- Você acha que eu estaria aqui na porta se tivesse algum efeito sobre mim?

- Ohhh! Isso é muito es-estranho, mas também é bom!

- Enfim! Preciso de uma pessoa da sua gerência que seja beta - falou mais calmo - Daqui a pouco, vai chegar alguém da minha equipe e quero que essa pessoa acompanhe a retirada da ômega.

- Sim senhor! Com licença, vou isolar esse andar imediatamente e averiguar o que aconteceu.

Enquanto o homem se afastava correndo, Ricardo ligou para Carlos.

- Que porra! Você não dorme?! Por que está me ligando essa hora?

- Preciso que faça uma declaração urgente.

- Ahhhh, o que foi agora? - respondeu Carlos impaciente por ter sido acordado por seu amigo problemático.

- Hanna me atacou no meu apartamento enquanto estava no cio - informou de forma objetiva.

- O quê?! Que merda Ricardo e o que você fez? - gritou dando um salto da cama, caminhando para seu armário a fim de trocar de roupa.

- Não fiz nada. A tranquei no banheiro e estou do lado de fora do apartamento fazendo escolta, para que nenhum alpha babaca entre e faça um estrago - relatou aborrecido.

- Wooow, mas e você? E os feromônios?

“Ahhhhhhh! Que saco”, pensou Ricardo por ter que mais uma vez explicar que eles não o afetavam.

- Eles não me afetam! Mas isso não é importante agora! - gritou dando um ponto final em questões desnecessárias ao momento - Assim que Tom chegar, vou levá-la para um pronto socorro de ômegas.

- Pronto socorro de ômegas? Por que não para casa?

- Por que antes de ir para casa, ela vai fazer um exame de corpo delito e assinar a declaração que você irá fazer, de que não fiz mal algum a ela.

- … - Carlos estava estarrecido com a frieza, objetividade e clareza de Ricardo - Ok, entendi.

- Quero que você também faça outra declaração, onde ela assume que invadiu meu apartamento e me atacou com seus feromônios. Junto com essa declaração, irei anexar fotos e vídeos do resgate dela, quando Tom chegar com a equipe.

- O-ok! Vou fazer agora mesmo e daqui mais ou menos uma hora, chego aonde você estiver, só me mande o endereço.

- Ah! E quero que você dê entrada num processo com pedido de Medida Restritiva de Aproximação.

- OoooooK! Já entendi! Vou correr aqui. Desligando!

Vrrrr
Vrrrr
Vrrrr

Ricardo olhou para seu celular tocando, enquanto piscava o nome da pessoa que o chamava - "Sr. Bardon" -, e recusou a chamada. Para que não fosse perturbado, o bloqueou temporariamente.

E logo Tom chegou, trazendo todo o material que Ricardo havia solicitado por mensagem.

Juntaram-se à equipe como testemunhas mais três pessoas, o gerente, uma camareira beta e a serviçal também beta, que havia sido abatida por Hanna, tendo sua roupa roubada, enquanto a ômega mal intencionada tomava seu lugar.

Antes mesmo de entrarem no apartamento, Tom começou a filmar toda situação com zoom e detalhes, cobrindo todo o procedimento de acesso até Hanna. Ricardo aplicou de forma grosseira a injeção na perna da ômega, que se debatia e gritava, enquanto a camareira e a serviçal a seguravam, afinal, ela estava no auge do cio e completamente fora de si.

Foi levada numa ambulância para um pronto socorro de ômegas e lá Ricardo solicitou os exames.

Enquanto Ricardo e Bae aguardavam os resultados no corredor, Carlos chegou trazendo um calhamaço de declarações, desde as solicitadas e incluindo outras não solicitadas.

- Oi! - falou Carlos ofegante.

- Oi… - respondeu Ricardo, exaurido.

- Trouxe tudo que pediu e mais outras necessárias.

- Ótimo - respondeu se levantando - Posso deixar isso com vocês? - perguntou Ricardo para Bae e Ricardo.

- Você não vai ficar até o final? - indagou Carlos.

- Daqui a pouco o pai dela deve chegar, e eu realmente não quero vê-lo hoje, pelo bem dos meus projetos.

- Sim, acho melhor lidarmos com isso - falou Bae tomando a frente - Tudo que podia fazer, foi feito do apartamento até agora.

- Preciso tomar um banho e me livrar desses feromônios insuportáveis - falou Ricardo.

- Oh sim! - falou Carlos, ainda abismado por Ricardo não ter reagido ao intenso aroma de uma ômega no cio - Vá embora! Irei recolher o resultado dos exames, anexar as declarações e colher as assinaturas de Hanna e do Sr. Bardon.

- Fez para ele também? - perguntou Bae curioso.

- Sim, e também para as testemunhas e gerente do hotel residência.

- Bom, muito bom - falou Ricardo cansado - Obrigado Carlos… E Bae.

- Que isso irmão! - falou Bae, feliz por receber o reconhecimento de seu irmão, mesmo tendo feito quase nada, além de ter sido protegido.

- Nada! Vai descansar! - exclamou o amigo advogado.

Exaurido, Ricardo entrou de forma automática no carro em que Tom o aguardava.

- Para onde senhor?

- Para casa.

Depois de quase duas horas segurando seus feromônios e resistindo ao enjoo contínuo, Ricardo estava em branco, tão cansado, que pensar parecia lhe tomar uma grande quantidade de energia. Fechou os olhos e se manteve calado durante o trajeto.

Entrou em casa e manteve as luzes apagadas para não perturbar Solie.

Subiu as escadas passando pela porta do ômega, que ainda estava acordado cantando uma música suave, enquanto executava alguma tarefa. Provavelmente algo relacionado às roupas do casamento, já que tinha dito mais cedo que começaria fazê-las de imediato.

Chegando em seu quarto, foi direto para o box e lá tirou toda roupa fedorenta. Tomou um bom banho quente por tempo suficiente para relaxar seus músculos.

Limpo e liberto do aroma nauseante, vestiu um pijama composto por uma calça larga e uma blusa. Caminhou pelo quarto ainda secando os cabelos curtos e se sentou na beira da cama.

Estava tão, tão cansado daquelas perseguições… Olhando o teto escuro, sentiu seu peito pesado e triste… Se sentiu só.

Desde sempre se sentia solitário e à parte do mundo. Com exceção de seus pais, seu irmão Bae e seu único amigo Carlos, era muito difícil interagir com as pessoas.

Seu cansaço, não era exatamente físico, era mais como uma exaustão emocional, que o levava a se sentir um tanto triste e perdido de si mesmo. Era uma estranha sensação de inadequação.

De forma automática, se levantou e saiu do quarto, descendo em direção ao Jardim, seu lugar de paz.

Descalço, caminhou pela grama cuidadosamente aparada, chegando a sua espreguiçadeira. Sentou em sua beirada e respirou fundo, buscando o aroma das flores que a rodeavam, observando o céu estrelado.

Alcançou uma margarida em plena floração e delicadamente a desconectou do caule levando ao nariz, inspirando o aroma leve.

- Ricardo?

- …- estava tão imerso no ato que não pode notar a presença de Solie, que o observava de longe - Sim, sou eu… - respondeu virando para encontrar o ômega o olhando com surpresa.

- Oh, desculpe incomodar, ouvi um barulho estranho e desci para ver o que era - falou Solie escondendo o objeto pontiagudo que carregava para se defender.
- Sem problemas…

- Não ia passar a noite fora? Aconteceu alguma coisa? - perguntou preocupado, sentindo uma aura estranhamente triste no alpha.

- Posso te pedir um favor?

- Claro… - respondeu enquanto se aproximava.

- Você pode soltar um pouco dos seus feromônios? - pediu num tom baixo, quase como um murmúrio.

- Meus feromônios? Por que? - indagou não compreendendo a finalidade do pedido inusitado.

- Seus feromônios… Me lembram as flores que minha mãe gosta de espalhar pela casa - esclareceu baixando a cabeça como se boas lembranças o tomassem - É só um pouco… Não fique preocupado, não vou fazer nada.

Sem contestar, Solie caminhou até a espreguiçadeira, sentou próximo à cabeceira e longe o suficiente de Ricardo.

- Entendo… Tudo bem… - respondeu soltando uma leve onda de feromônios com intenção relaxante.

Em silêncio, Ricardo se deitou estendendo seu corpo ao longo da espreguiçadeira, encaixando a cabeça no colo de Solie.

Espantado com a atitude suave e íntima do alpha, Solie o observou fechar os olhos e instantaneamente pegar no sono.

30. Inacreditável, absurdo e odiável.

A claridade incomodava seus olhos, mas ainda assim, o leve aroma calmante o prendia naquela posição incômoda.

Lenta e delicadamente Ricardo levantou, constatando que havia dormido no colo de Solie boa parte da madrugada até o amanhecer. Olhou para o ômega adormecido, que apoiava o tronco de forma desajeitada na cabeceira da espreguiçadeira. Provavelmente, para não incomodar seu sono ao mudar de posição.

Levantou de forma suave, se aproximou do Solie adormecido e o pegou no colo.

Era a segunda vez que o carregava e ainda era tão leve quanto a primeira. O colocou na cama, cobriu e saiu do quarto silenciosamente.

Ainda de pé na porta do ômega, se perguntava se tinha excedido limites ao pedir que Solie soltasse seus feromônios. Estava tão fora de si, que não considerou o peso do pedido.

Mas, era fato que se sentia revigorado, mesmo não tendo a quantidade mínima de sono de acordo com sua rotina.

Respirou fundo caminhando para o próprio quarto. Com certeza, aquele seria um dia cheio, e não de uma forma boa.

.
.

Estranhando o conforto da cama, Solie despertou sentindo um incômodo nas costas. Tinha dormido sentado enquanto acomodava Ricardo.

Ainda sonolento, se sentou refletindo sobre a madrugada.

Estava desenhando as roupas do casamento, quando ouviu barulhos estranhos na casa. Imediatamente colocou seu cinto, pegou um compasso de forma automática e desceu as escadas escuras. Se assustou ao perceber que a porta que dava para fundos da casa, estava aberta. Ficou ainda mais alerta.

Vasculhou toda sala e cozinha, em busca de vestígios de invasão, até que resolveu ver o lado de fora. Assim que trespassou o batente, sentiu os feromônios que o atraíram.

Ficou um tempo observando aquele homem enorme se esmerando em cheirar uma pequena flor, como se fosse algo muito precioso. Era uma visão realmente bonita, ao mesmo tempo que estranha, dado o contraste com a frieza usual que aquele alpha exalava.

Mas, mais estranho ainda, foi Ricardo sem maiores explicações, pedir para que soltasse seus feromônios, alegando que lembravam sua mãe.

Solie ficou tão chocado com o pedido, enquanto era envolvido por seu aroma verde profundo, que não refletiu sobre e simplesmente acatou, para em seguida, ver o alpha desmoronar em seu colo.

Ricardo ressonava alto, demonstrando o quão profundo estava dormindo, relaxado ao ponto de

liberar uma nuvem de feromônios, provavelmente acumulados, pois tomaram todo jardim.

Não era uma experiência excitante, como Solie havia tido várias vezes.

Imerso naquela nuvem intensa, era como se tivesse sido transportado para dentro de uma densa floresta profunda, fria e vazia. As sensações antes refrescantes, agora proporcionavam calafrios. Pode sentir a tristeza em cada folha e o cansaço expresso no peso do ar.

Nunca tinha tido uma experiência tão impressionante e vívida como aquela, onde os sentimentos eram tão fortes. Ainda agora, sentado em seu quarto, podia sentir seu peito apertar e a vontade de chorar que vinha desse peso, mas era algo de Solie, não dos feromônios de Ricardo.

Se sentia realmente triste por uma pessoa carregar tal qualidade de sentimentos com tamanha opressão. Nem ele como ômega, tendo que viver sempre pronto para se defender, compartilhava aquela forma de prisão. O que o fez refletir e se perguntar, o que teria acontecido?

.
.
.

Antes de ir para o trabalho, Ricardo resolveu passar na Academia de um conhecido.

- Ricardo, meu querido! Como está você, grande homem! - brincou seu antigo colega de faculdade, que abriu mão da administração de empresas, para gerir seu pequeno negócio de lutas e boxe.

Era usualmente chamado por seu apelido, Thor.

- Tudo bem - respondeu seco.

- Estou sempre falando com Bae, mas nunca com você! O que manda?

- Você tem aquela sala disponível hoje?

- Oh! Se você está pedindo a sala especial, bem não tá! - falou rindo - Sim, ela está disponível. Troque de roupa que vou ligar o exaustor, senão você mata todo mundo aqui dentro! Hahahahahaha!

A academia de Thor era um espaço de lutas e treinamento de equipe para todos os fins.

Tinha como diferencial, uma sala hermeticamente fechada, com um saco de areia de material quase indestrutível no centro, que servia para quando alphas, geralmente dominantes, precisavam extravasar sua raiva.

Além de ser bem vedada, para que os fortes feromônios não vazassem, tinha um potente exaustor que puxava toda toxicidade expelida, descartando tudo pela chaminé no topo do prédio, evitando assim, que qualquer pessoa pudesse ser afetada.

Pow
Pow
Pow
Pow
Pow

Pow

…

- Uaaau!!! Algo realmente o irritou dessa vez - falou Thor observando pela janela de vidro duplo, os quinze socos seguidos e a expressão raivosa de Ricardo, que deixava claro que ele estava longe de acabar.

Depois de quase uma hora socando sem parar, sua raiva diminuiu. Socou Hanna, seu chefe e cada uma das pessoas que o perseguiu e atrapalhou seus planos ao longo dos anos, incluindo seu avô, o pior deles.

Ele sabia que isso não resolvia as questões, mas o deixava mais estável, já que liberava uma grande quantidade de feromônio e muita energia era gasta no processo.

Já recomposto e banhado, foi se despedir do colega e pagar pelo serviço.

- Obrigada - falou enquanto entregava o cartão.

- Ricardo, por que não volta a fazer alguns treinamentos de judô e boxe? Seria bom para você!

- Não, prefiro outros esportes agora - falou pegando o cartão de volta - Bae, falou sobre o treinamento de novas pessoas?

- Falou. Já tenho uma equipe avançada em segurança e vigilância, me mande o orçamento.

- Ótimo! Só falar com Bae e ele agiliza - completou se despedindo - Tchau.

.

.

Ricardo já tinha recebido as notícias por Bae e Carlos que, Sr. Bardon, tinha se negado a assinar as declarações, e da mesma forma, proibiu sua filha de fazê-lo.

Exatamente por isso, passou na academia para deixar o ódio que o consumia sair, pois sabia que o velho o abordaria na empresa.

Sem nem mesmo conseguir colocar a pasta em cima da mesa ao chegar em sua sala, viu seu chefe entrar como um furacão batendo a porta atrás de si.

- Por que não atendeu minhas ligações ontem e hoje? Aliás, por que me bloqueou, na verdade?! - falou o homem em um tom quase alto, que parecia se conter para não gritar.

- … - Ricardo respirou fundo olhando o homem à sua frente, tentando encontrar as palavras certas.

- Estou falando com você! - gritou o homem.

- Primeiro lugar, por que está falando comigo dessa forma? - falou Ricardo, o olhando de forma séria e fria, expressando em seus feromônios a irritação iminente.

- Ah! Não foi minha intenção! - falou o homem exasperado, buscando deliberadamente diminuir o tom, se sentindo intimidado pela qualidade dos feromônios de Ricardo.

Nunca em cinco anos de convivência diária, ele tinha compartilhado tal aspecto com o alpha a

sua frente.

- Estou tentando desesperadamente falar com você desde ontem! Isso me deixou fora dos eixos - tentou se explicar.

- Eu não tinha, como ainda não tenho nada a falar com o senhor.

- O quê?! Não! Temos muito o que conversar! - exclamou novamente.

- Não temos - retrucou Ricardo secamente - A única pessoa que o senhor tem que falar é meu advogado.

- Isso é um absurdo! - gritou o homem.

- … - sem responder, Ricardo o observava de forma fria e inabalável.

- Ricardo, que coisa é essa de declaração? E o que é isso de Ordem de Restrição de Aproximação em relação a minha filha? Vamos resolver entre nós! Prometo que ela não fará isso novamente!

- Sr. Bardon… Eu trabalho aqui, gosto de trabalhar aqui e realmente gostaria de continuar, aliás, tenho grandes planos para os próximos meses - deu uma pausa, enquanto inspirava profundamente e continuou - Mas acho que, como o senhor não compreende a gravidade da situação, penso que nossa relação se tornará difícil.

- Não vejo por que você pensaria dessa forma! Tudo continua igual! Gosto muito do seu trabalho, além de ser o número um da empresa. Não está nos meus planos perdê-lo!

- Entendo… Se é dessa forma para o senhor também, vamos parar com essa conversa entre nós. Assinem as declarações, você e sua filha e o resto é com meu advogado.

- Ricardo! O que você não escutou? Não vou assinar nada, nem minha filha!

- Tudo bem. Então só esperem as notificações judiciais.

- Ahhhhhhhh não é possível!!! Por que você está levando as coisas tão longe? - gritou o velho irritado.

Ricardo tirou seu celular do bolso da calça, clicou algumas vezes e após encontrar o conteúdo desejado, deu play e virou a tela para o homem que o observava incrédulo.

Uma verdadeira gritaria tomou conta da sala e logo o velho reconheceu sua filha, praticamente nua e descontrolada, chutando, xingando e se debatendo enquanto desconhecidos tentavam contê-la.

- Você está me ameaçando? - falou o velho, olhando Ricardo com raiva.

- Não sei com que tipos de pessoas o senhor anda para pensar dessa forma, mas eu, não sou esse tipo de pessoa - respondeu objetivo - Mesmo que vocês não assinem as declarações, esse vídeo, os exames que solicitei e as testemunhas, irão entrar no processo contra sua filha - explicou enquanto guardava o celular - E agora, mais do que nunca vou levar isso adiante…

- Por que você está fazendo isso dessa forma? - perguntou o velho com raiva.

- Por que a sua filha não tem noção de limites - falou olhando o velho diretamente - E por que o

fato do senhor vir aqui, me pedir que tire o processo, só confirma o quanto ela continuará sem limites... Já que ela não tem uma figura com autoridade suficiente para ensiná-la, a polícia e a justiça farão esse papel.

- Você está me afrontando, dizendo que não posso controlar Hanna?!

- E pode? Ela vem me perseguindo há meses! O senhor a controlou, por um acaso? Em uma das vezes, ela esbofeteou uma de minhas acompanhantes sem motivo algum e quem lidou com isso? O senhor? Não! Fui eu! Eu paguei o médico e a indenizei por danos!

- Por que esse estardalhaço todo? Foi só um tapa!

- … - era inacreditável e odioso ouvir aquilo, Ricardo queria estraçalhar a garganta daquele velho absurdo.

Na juventude, quando tinha seus quinze anos, Ricardo recebia uma pequena mesada de seus pais, que era propositalmente insuficiente para suas despesas. Ela cobria o valor das passagens de ida e volta da escola, nem mais, nem menos. Se ele fosse irresponsável e gastasse com outras coisas, certamente ficaria sem ter como ir à escola, porque seu pai jamais lhe daria um tostão a mais e sua mãe, nunca o contrariaria.

Em contrapartida, eles o incentivavam a fazer pequenos trabalhos como passear com cachorros, lavar carros ou tomar conta de crianças, e às vezes, de idosos. Trabalhos simples e rápidos que não afetavam seus estudos. Com isso, ele podia comprar lanches, quando não queria levar a comida de casa, jogos e bancar seus hobbies.

Nesse período, aprendeu a economizar e guardar o dinheiro que ganhava.

Mais velho, depois de terminar o ensino médio e antes de entrar na faculdade ao fazer dezoito anos, seus pais o levaram para sucessivas viagens ao redor do mundo, enquanto faziam negócios. E em cada país que se estabeleciam, seu pai, além de não dar nenhum tostão, lhe arrumava empregos. E assim, trabalhou numa diversidade dos chamados “subempregos”, atuando como garçom, recepcionista de lanchonete, camareiro de hotel de beira de estrada, virando cimento em obra, carregando caminhões de entrega, entregador, entre outros.

Essa experiência, fez com que toda sua arrogância juvenil e a ilusão de uma vida rica, cheia de privilégios e sem desafios, se auto transformassem em respeito às pessoas invisibilizadas, que giram e sustentam as engrenagens da sociedade com seu suor, sem qualquer reconhecimento ou bônus pelo esforço diário.

E foi nesse momento, que ele então decidiu mais uma vez, não desistir de seus planos, e ainda adicionou a eles, sair e deixar aquela empresa às minguas, para quem sabe, esse senhor entender o valor da vida e das pessoas. Ainda assim, Ricardo acreditava que mesmo se estivesse na miséria, esse homem não seria capaz de se auto transformar em alguém humano. Mas pelo menos, seria menos uma pessoa podre, com poder na mão.

Como ponto final naquela conversa infrutífera e odiosa, Ricardo propôs:

- Então Sr. Bardon, já que não é nada… E se eu tirasse o processo da sua filha, em troca de um tapa na sua cara, aqui e agora?

31. O Jantar 2

Sem respondê-lo, Sr. Bardon saiu da sala com ódio nos olhos.

Se pudesse, Ricardo queria sair daquele escritório e passar o dia trabalhando em outro local. Mas sua agenda de compromissos, não ligava se ele estava disposto ou não.

MENSAGEM
SOLIE BIAN: Bom dia, está confirmado o jantar hoje?

RICARDO: Bom dia, está confirmado.

SOLIE BIAN: Ok.

RICARDO: Desculpe meu pedido de ontem e ter feito você dormir de mal jeito. Estava exausto e não pensei bem.

SOLIE BIAN: Não tem problema. Aconteceu alguma coisa?

RICARDO: Mais tarde falamos sobre.

SOLIE BIAN: Ok.

RICARDO: Tenha um bom dia.

SOLIE BIAN: Igualmente.

.
.
.
.

O dia transcorreu conforme a agenda de Ricardo, enquanto Solie finalizou os desenhos, fez os moldes e os cortou. Agora só faltava escolher os tecidos, orçar, comprar e levar para a costureira. Pretendia fechar esse ciclo no dia seguinte.

Era sua vez de escolher e dessa vez, queria um local mais informal, onde pudessem compartilhar a mesma comida.

Tinha avisado a Ricardo para se vestir de forma casual, pois iriam à um local simples. E ali estava ele, de calça jeans e blusa branca.

“Como pode uma pessoa ficar, tão ou mais bonita, em roupas casuais quanto num terno?”, pensou Solie consternado, enquanto apreciava de forma furtiva os peitorais delineados pela blusa e as coxas sobressaltadas pela calça levemente apertada.

- Pizza? - perguntou Ricardo.

- Sim, vamos rachar uma pizza! Tem um local que adoro e faz diversos sabores diferentes.

- Solie…

- Sim!

Se sentindo culpado e desconfortável, Ricardo não sabia como abordar a situação. Optou por uma postura direta.

- Desculpe ter pedido para soltar seus feromônios ontem e por ter dormido daquela forma.

Solie não estava preocupado ou incomodado, seus feromônios foram tão honestos sobre como ele se sentia, que o levaram compreender por que tinha se comportado daquela forma. Ele simplesmente desabou.

- Já falei que tudo bem e você disse que vai explicar o que houve, então vamos.

Dentro da garagem, Solie seguiu Ricardo até o carro guardado no canto do estacionamento no subsolo e saíram do condomínio por um portão desconhecido no fim de uma das ruas.

“Por que uma pizzaria com tanto lugar bom?”, sem poder emitir sua opinião ou questionar, Ricardo só pediu:

- Coloque o endereço no GPS - falou parando o carro, esperando a orientação.

- Tá bom… - respondeu Solie, digitando o endereço no aparelho, em seguida voltando seu olhar para o alpha que o aguardava - Humm… Queria te perguntar, por que estamos saindo nesse carro hoje?

- Para fugir de pessoas indesejadas…

- Tem alguém te seguindo? - perguntou Solie assustado.

- Hanna e seu pai vem fazendo isso há meses.

- Foi isso que te deixou chateado ontem?

- Foi mais que isso... Ela me seguiu e invadiu meu apartamento enquanto estava no cio.

- Oh Céus! - gritou Solie colocando a mão na boca, escondendo o quão boquiaberto tinha ficado com a situação - Então, vocês, vo-vocês…

- Não. A tranquei no banheiro e fiquei do lado de fora. Quando Bae chegou, apliquei um inibidor injetável e levei para o pronto socorro de ômegas.

- Mas! Mas como você resistiu? Isso é possível? Ahhhhhh, claro que é possível! Você acabou de falar isso! - falou, pensou alto e respondeu, ainda estarrecido.

- Os feromônios dela não me afetam, eles me enjoam.

- Uaaau! Que doido isso! Mas bom também, seria muito ruim para você se algo acontecesse, não?

- Muito ruim.

- Que mulher doida! Como pode ainda usarem esse recurso hoje em dia, isso dá cadeia!

- Entrei com um pedido de Restrição de Aproximação.

- Isso é o mínimo!

- Não posso processá-la porque é filha do meu chefe, teria que abandonar tudo que fiz até agora, então manter a distância pode ajudar.

- Noooossa! Estou realmente chocado com o quão longe ela foi! - de repente, uma avalanche de pensamentos e conjecturas encheram a mente de Solie - O que ela vai fazer quando souber que você casou comigo?

E essa era a pergunta que Ricardo esperava não ter que responder, mas lá estava ela.

- Nada. Não se preocupe.

- Você já lidou com pessoas doidas? - perguntou Solie olhando fixamente para Ricardo enquanto dirigia.

- A pior delas foi meu avô - respondeu Ricardo sem pestanejar.

- Então você sabe, que pessoas doidas não desistem facilmente… Para ela ter feito isso ontem, cooooom certeza, precisa de um remedinho! Se não for usuária de ilícitos…

Uma luz se acendeu na mente de Ricardo e logo agradeceu internamente: “Obrigada pela dica Solie…”.

- Não se preocupe, ela não pode fazer nada.

- Se você diz… Então vou acreditar - respondeu rindo por dentro, se perguntando se aquele circo teria novos espetáculos após o casamento.

De qualquer forma, Solie estava preparado para o que viesse. Fugir nunca foi uma opção em nada na sua vida, sempre enfrentava tudo de frente. No máximo, uma depressãozinha? Que foi extirpada com maestria por seus amigos.

- Chegamos!

Era um pequeno restaurante com uma aparência de negócio de família. Com pequenas mesas em madeira, cobertas por toalhas quadriculadas vermelhas, lembrando o estilo Italiano.

Receberam o cardápio, escolheram suas bebidas, Solie pediu um refrigerante, enquanto Ricardo escolheu um suco.

- O que vai querer? Vamos pedir uma família meio-a-meio - indagou Solie passeando com os olhos pelo cardápio.

- Porque uma família? Uma média dá para nós dois.

- Não, quero levar pizza para casa. Uma parte a gente come aqui e outra lancha no café da manhã ou lanche da tarde - falou sorrindo demonstrando o quanto a ideia de comer pizza o satisfazia.

- …

- Oh! Tem gigante? - perguntou Solie ao atendente, logo recebendo uma resposta afirmativa - Então vamos de gigante!!! Já escolheu o seu? - perguntou se voltando para Ricardo - Eu quero a de mix de cogumelos! - perguntou e respondeu animado.

- Ainda não… - falou olhando a infinidade de sabores. Eram tantos que o deixavam confuso,

optou pelo simples - Mussarela.

- O quê?! Com esse monte de sabores, você quer mussarela? De jeito nenhum! Por favor, escolha outro! - falou indignado, enquanto o atendente os olhava com curiosidade.

- Qual o problema de ser Mussarela? Nunca provei o queijo daqui - argumentou Ricardo.

- Não. Nós viemos aqui para aprendermos o gosto um do outro e para dividir um prato, não faz sentido você escolher um que não diz nada sobre você! - retrucou Solie aborrecido, por mais uma vez ter que lidar com a preguiça do alpha.

- Hum… - respondeu voltando a pesquisar o cardápio.

Pizza de manga, fettuccine, bolonhesa… De lasanha? Como seria uma pizza de lasanha? Pensou Ricardo estranhando a combinação. Pizza de filé mignon, frango empanado, peixe sem espinhas… Até que encontrou!

- Pizza de camarão marinado…

- Não podemos, sou alérgico a camarão. É comer e ir para o hospital.

- Ok, bom saber… - respondeu voltando ao cardápio e completou - Só para saber, não sou alérgico a nada.

- Que bom! Hummm… Ah, lembrei! Você gosta de frutos do mar!

- Sim, bastante.

- Frito, cozido, assado ou refogado?

- Estando bem temperado, de todas as formas.

- Entendi, que tipo de tempero? Simples, forte, cítrico, picante…

- Gosto de tempero que realça o sabor da carne seja ela qual for. Sim, gosto de comidas picantes também.

- Show! Nisso combinamos! Amo de paixão comidas picantes! - concluiu entusiasmado - Decidiu?

- Pizza de Costela desfiada… - falou esperando o feedback de Solie.

- Hummm, parece bom! Vamos pedir então!

Enquanto aguardavam a pizza, Solie falou sobre os desenhos das roupas de casamento e o processo de criação e confecção. Ricardo ouvia interessado, refletindo a respeito do quanto de trabalho era necessário para que tudo ficasse pronto. Era realmente trabalhoso, mas Solie parecia fazê-lo com seriedade e paixão, como se cada etapa concluída, o preenchesse de auto realização.

E logo seu pedido chegou. Era uma pizza realmente grande.

Solie imediatamente atacou seu lado, comendo dois pedaços seguidos, degustando o sabor, enquanto Ricardo ainda cortava seu primeiro.

- Hummmmm, deliciosa!!! - falou feliz de satisfação, cortando mais um pedaço - Aqui! - estendeu o braço oferecendo a Ricardo.

- Obrigada, eu posso me servir.

- Ricardo! - falou sério olhando o alpha.

- … - Ricardo se assustou com o tom inesperadamente sério, tirando sua atenção do prato de pizza para Solie.

- Casais apaixonados dão comida na boca um do outro! Então, abra a boca… - falou Solie entre os dentes, quase perdendo a paciência com aquele alpha tonto.

De forma quase robótica, Ricardo abriu a boca, para em seguida receber o pedaço cheio de cogumelos macios. Era realmente gostoso, mais até do que sua pizza de costela, mas Ricardo mastigava mecanicamente, cumprindo seu papel naquele teatro pseudo romântico.

- Agora corte um pedaço da sua e me dê… - falou o ômega em tom de desafio.

Calmamente, calculando a quantidade adequada para que tudo coubesse na pequena boca de Solie, Ricardo cortou e arrumou, inseguro sobre deixar a comida cair até chegar ao outro.

- Pare de fazer essa cara… - falou Solie enquanto recebia o pedaço.

- Que cara? - perguntou Ricardo sem entender.

- Toda vez que falo para fazermos algo, você faz uma cara estranha do tipo, “por que tenho que fazer isso?”. Isso é irritante.

- Não sei que cara é essa…

- Me dê outro pedaço, mas agora com emoção, como se estivesse alimentando um bichinho seu…

- …

- Aí!!!! Essa cara! Essa cara! - falou apontando para o rosto de Ricardo.

- Você fala coisas embaraçosas, como quer que eu reaja?! - argumentou Ricardo indignado.

- Oh! Você não é nenhum menino virgem e nem eu, como isso seria embaraçoso?! - falou se exaltando - Ricardo, casais chupam a língua um do outro, se abraçam e se pegam, dar comida na boca um do outro, é alimentar a pessoa que te dá prazer. Você acha que fazer isso de forma mecânica, como está fazendo passa alguma credibilidade?

- …

- Então, hoje vamos nos alimentar dando comida na boca um do outro, até nos satisfazer ou até que você tenha um olhar mais… Hummm… Menos estranho e robótico.

- …

- Não faz essa cara!

- Que raios! Que cara você quer que eu faça?!

- Eu tenho que responder essa pergunta? Sério mesmo? - falou irritado mais uma vez - Vamos criar um código para toda vez que você fizer essa cara… Na verdade, eu preferia algum tipo de punição, tipo um choque… - falou rindo internamente.

- Você é algum tipo de sádico? - perguntou Ricardo aborrecido com a postura do ômega.

- Não, mas você parece não entender que tem que se esforçar e sair da sua zona de conforto - falou sério, continuando - Essa sua postura, faz com que toda vez, eu seja o chato da relação, por que sempre sou eu que tenho que ficar correndo atrás e te repreendendo, como se fosse uma criança. Então, se estou lidando com uma criança… Quando ela não faz o que deveria, é punida… Normalmente tiramos o que ela mais gosta… Mas, como não sei o que você mais gosta, só me resta usar outros métodos.

- … - Estava mais uma vez estarrecido com aquele ômega abusado e cheio de justificativas plausíveis e irrefutáveis. Mais uma vez ele o reduziu a um idiota mimado - Ok, me desculpe. É uma reação automática, devagar vou mudando.

- Devagar não vai funcionar, vou adiantou o casamento, lembra? Você precisa dar um jeito de virar a chave aí dentro.

- Ok, entendi. Vamos comer… Toma… - seguindo as ordens de Solie, cortou o pedaço, arrumou e o alimentou.

- Gostei mais do meu - falou Solie de boca cheia.

- Eu também… - concordou Ricardo.

Já satisfeitos, comida embalada para viagem, saíram do restaurante.

- Vamos caminhar um pouco para fazer a digestão? - perguntou Solie.

- Tudo bem… - respondeu enquanto atravessavam a rua em direção ao parque.

- Me dê sua mão - falou Solie, buscando a mão de Ricardo e continuando a andar tranquilamente, agora de mãos dadas.

- … - Só o seguiu lado a lado, sem resistir, tentando perceber se tinha feito a tal “cara estranha”.

- Por que você é tão avesso à intimidade? - indagou Solie sem olhá-lo.

- Não sei… - respondeu enquanto refletia.

- Isso é estranho… Você é um alpha. Alphas normalmente são descolados e mais invasivos que o normal.

- Seria melhor se eu fosse invasivo, então?

- Não, não gosto de pessoas invasivas. Estou só contextualizando um tipo de atitude comum entre os alphas.

- Talvez, esse seja o ponto. Convivi minha vida toda com pessoas invasivas que buscavam intimidade, sem tentar conquistá-la… Penso que, talvez, isso tenha me feito ficar mais arredio…

- falou refletindo sobre a questão - Ou talvez seja só minha personalidade mesmo…

- Pode ser um mix… De repente, você tem uma personalidade mais fechada, e acabou ficando ainda mais com essas experiências.

- Hummm… faz sentido - falou pensando o quanto Solie tinha facilidade em compreender e resumir questões - Sempre escuto Carlos e outras pessoas falarem que não entendem como posso ser tão fechado, sendo meus pais pessoas sociáveis e versadas na diplomacia.

- Não entendo de diplomacia, mas acho que você não precisa ser ‘oba oba’ para ser sociável, existem várias formas de interagir.

- …

- Mas, dos seus casos, ninguém nunca te interessou para que tivesse vontade de interagir de forma mais íntima? - perguntou Solie, especialmente curioso sobre a questão.

- Não… Na verdade, acho que criei um modus operandi de fugir de qualquer intimidade… E isso está entranhado dentro de mim.

- Eu acho que sim… Por que, pensa, cada pequena coisa que tentamos, bate num muro aí dentro.

- … - refletindo sobre as questões, resolveu expor seus pensamentos - Quando fiz a proposta, nunca me passou pela cabeça, que seria algo difícil, ou que eu teria essas resistências.

- Sinceramente? Na maioria das vezes, parece até que fui quem fez proposta e você está cumprindo contra sua vontade! Hahahahaha - falou rindo.

- Desculpe… - falou timidamente, dando um sorriso singelo de vergonha.

“Óhhh! Ele sorriu!”, pensou Solie encantado, com o primeiro sorriso daquele alpha introvertido.

32. Tudo muito estranho…

- Garota burra!

- Não me chame de burra! - gritou Hanna aborrecida.

- Falei para ficar quieta e esperar, mas o que você fez? O atacou com seu cio! Isso não é burrice? - esbravejou seu pai.

- Nenhum alpha resiste ao cio de uma ômega!

- Nenhum? Nenhummm? Você tem certeza? Então por que seu plano, além de não ter dado certo, só piorou a situação? Me responde! - gritou Sr. Bardon impaciente.

- Não sei… Não sei por que não deu certo, pai… - respondeu choramingando.

- Ele, é um alpha no mínimo, diferente! Não pode ser persuadido como os outros! Percebeu agora??? - gritou, enquanto andava de um lado para o outro.

- Mas pai, ele ainda é um alpha… - falou murmurando, demonstrando que estava prestes a chorar.

- Você não me ouviu ou o quê? Aliás, você nunca me ouve! Desde o início, te falei para não o seguir, que ele é muito reservado e que se fosse pega, tudo estaria arruinado. E o que você fez? Exatamente tudo ao contrário!!!

Hanna começou a chorar compulsivamente.

- Mas eu o amo! Não vou perdê-lo! Não podia ficar parada esperando, e se ele se apaixona por uma daquelas mulheres sujas? - gritou entre lágrimas.

- Ahhhhhhhhhhh! - suspirou Sr. Bardon, já sem paciência, pois parecia que nada do que falava, era ouvido por sua filha.

- Sabe aquela acompanhante que você bateu? Ele sabe sobre isso!

- Ahn? Como você deixou isso acontecer? - gritou com raiva do próprio pai.

- O quê?! Como assim, eu deixei isso acontecer? - perguntou incrédulo pela falta de noção dos próprios atos de sua filha.

- Você deveria ter dado um jeito nela! - gritou Hanna, jogando a responsabilidade em seu pai.

- Você! Você! Você está proibida de sair desse quarto!!! - vociferou, se encaminhando para sair do recinto.

- Não! Não! Tenho que ir falar com Ricardo! Tenho que me explicar para ele!!! - gritou chorando.

- Está maluca?! Ele entrou com um pedido de Restrição de Proximidade contra você! Quer ser presa? - falou seu pai entre os dentes.

- Hã? O que é isso? O que é isso, pai? - choramingou mais uma vez.

- Você está proibida de chegar perto dele, sob pena de ser presa por assédio! - gritou com raiva.

- Não, não, não, não, não, não, não… Pai, tira isso agora!!! Preciso falar com Ricardo! Preciso falar com ele! - gritou desesperada.

- Se você ousar sair desse quarto, vou te mandar para algum lugar fora do país, até que entenda a gravidade da situação, ou, vou sedá-la e te colocar numa instituição, até que seu cérebro funcione - alertou sério, a olhando no fundo dos olhos, de uma forma que nunca tinha feito antes e continuou - Se, eu perdê-lo como funcionário, por causa dessa sua loucura, você nunca mais vai ver um tostão meu!!! Entendeu?

- Mas pai, por que está fazendo isso comigo? Você disse que ia garantir, que eu casasse com ele, você disse… - murmurou, sem entender por que estava sendo punida.

- Isso, foi antes de você arruinar tudo, com essa sua impulsividade. Não posso perder meu melhor gerente por sua causa - e saiu do quarto, deixando dois seguranças na porta.

Desde que saiu da sala de Ricardo, Sr. Bardon estava furioso com o alpha, por acusá-lo de não ter controle sobre sua filha. Mas, mais do que isso, estava com medo de perder sua “galinha dos potes de ouro”.

Ricardo era a prata da casa. Desde que entrou na empresa, alavancou altos investimentos em Capitais de Risco que renderam milhões, elevando sua empresa a um novo patamar.

O plano de torná-lo seu genro, era só mais uma forma de manter Ricardo ao seu lado, já que estava a par das inúmeras propostas que vinha recebendo de outras agências ao longo dos anos.

Agora, depois daquele incidente desastroso e infeliz de sua filha, precisava administrar a situação, da forma mais racional possível.

Aquela sugestão ofensiva de Ricardo, de trocar o processo de sua filha por um tapa, além de ferir seu orgulho de alpha, quebrou a harmonia da relação que vinham construindo ao longo dos anos, como chefe e subordinado.

Agora, precisava refletir sobre como reconduzir os negócios, para que tudo voltasse aos eixos novamente, descartando momentaneamente, a ideia de fazê-lo seu genro.

Mas, o algo o incomodava. No último mês, segundo as informações que vinha recebendo, Ricardo não tinha encontrado com nenhuma de suas acompanhantes regulares. Esteve sempre indo e voltando, de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

E ainda, no dia da reunião, também notou algo estranho. Sua aparência, roupas e estilo estavam de alguma forma diferentes, ao ponto de toda empresa comentar. Estava mais alinhado, ainda mais chamativo e com um semblante diferenciado.

Com isso, várias perguntas tomavam sua mente: ‘Porque ele mudou tão de repente?’, ‘Como estava liberando o acúmulo de feromônios, sem seus encontros regulares?’, ’Mas… Se não estava liberando, como estaria tão estável nos últimos dias?’, ‘E, se estava acumulado, como resistiu ao cio de sua filha?’, aliás, essa era uma questão inexplicável para ele: Como ele foi capaz de resistir a uma ômega tão linda e perfeita como sua filha, em pleno cio?

Aquele era um alpha realmente único! Para além de todas as qualidades e circunstâncias que o

faziam um alto partido.

De repente, se perguntou: “Será que Ricardo está levando alguém para sua casa? Mas… Esse não era seu modus operandi…” refletiu, acreditando que conhecia profundamente as particularidades e necessidades do jovem alpha dominante.

Tudo, tudo estava muito estranho. E, querendo sanar a própria curiosidade e sua extrema necessidade de controle sobre a situação, começou a planejar como colocaria alguém dentro do condomínio de Ricardo, a fim de monitorá-lo.

.
.
.

E por falar em estranhezas… Há quatro dias, Solie vinha se sentindo estranhamente observado, ao ponto de deixá-lo em alerta, extremamente estressado e ansioso.

Por mais que procurasse de forma sutil descobrir quem o estava seguindo, ainda não tinha conseguido perceber de onde vinha a sensação sinistra de ser constantemente observado.

Pow!
Pow!
Pow!

- Direita!

Pow!

- Esquerda!

Pow!

- Esquerda! Esquerda!

Pow! Pow!

- Direita, quadril, pernas e rosto!

Pow! Pow! Pow!

Seguia com maestria os comandos do seu treinador, chutando com a firmeza e agilidade que lhe eram particulares.

Aquele estresse, levou Solie a frequentar sua academia todos os dias, com o objetivo de se preparar para uma luta iminente.

Mesmo que estivesse sendo seguido conforme desconfiava, era pouco provável descobrirem que, aquela escolha multilíngue que frequentava regularmente, era na verdade, uma fachada bem montada de uma academia de luta para ômegas.

Olhando para trás, naquele antigo formato de sociedade, dominada por alphas, ômegas que sabiam se defender, eram aniquilados.

Por isso, ainda hoje, mesmo diante das inúmeras mudanças, leis e regras vigentes, aquela

academia especializada, se mantinha em segredo, permitindo que somente ômegas especialmente indicados, mediante voto de sigilo, fossem aceitos.

Já Solie, tinha crescido naquele ambiente que ensinava golpes fatais, de forma limpa e rápida, aprendendo a dominar diversas técnicas de ataque de defesa. Embora fosse pequeno e sem tantos músculos, tinha a seu favor a leveza e a velocidade.

Era considerado um exemplo a ser seguido por outros ômegas, tanto iniciantes, como os já veteranos, pois há anos, se mantinha como o número 1, tendo atingido a graduação máxima da hierarquia interna: o Nível Assassino.

No passado, quando a sociedade era comandada por alphas que escravizavam ômegas à revelia, aquela mesma academia, treinava e formava equipes de ômegas especializadas em atacar de forma silenciosa e rápida, alphas que constantemente ameaçavam sua existência.

Com o passar dos anos, e com as mudanças e leis implementadas, tal formação perdeu sua função e sentido, já que agora, todos tinham sua liberdade assegurada.

Porém, a autodefesa, ainda era uma ferramenta necessária e vital, para qualquer ômega com o mínimo de auto percepção das próprias fragilidades, já que, muitos alphas ainda carregavam antigos hábitos nocivos e outros tantos, se recusavam a atender às novas regras de boa convivência.

Fora isso, Sara, mãe de Solie, foi uma das melhores integrantes de uma dessas equipes. Logo, além do papel de mãe, ela também foi sua Mestra, o ensinando de forma particular, a desenvolver as habilidades que hoje lhe conferiam o título de número 1.

Também tinha aprendido que, o fato de saber se defender, não era algo do qual se orgulhar e sim uma ferramenta de sobrevivência. Sendo assim, como regra de auto preservação, nenhum ômega deveria exibir ou expor em público suas habilidades, principalmente, quando se tratavam de alphas com algum tipo de poder ou influência.

Mas, caso não tivessem escapatória, esconder a própria identidade era vital.

- Nuca, Plexo e centro!

Pow! Pow! Pow!

- Mais rápido! Nuca, plexo e centro!

Pow! Pow! Pow!

- Eeee foi! Muito bem! Você está de volta à sua boa forma!

Exausto, Solie foi para o vestuário para se trocar, enquanto refletia sobre os últimos dias.

“Devo avisar a Ricardo? Será que seu chefe descobriu sobre seus planos de casamento comigo e está me monitorando? Será que é a ômega doida?”, refletia enquanto tomava seu banho. “Mas, como vou falar sobre algo que não tenho certeza… Até o momento, é só uma sensação sinistra de estar sendo seguido ou observado, sei lá… Daí, se eu falar, posso preocupá-lo em vão…”, se questionava sem saber qual atitude seria melhor.

- Lissa! Vou falar com Lissa! Pronto! - decidiu, falando em voz alta para si mesmo.

Ainda que tivesse todas as habilidades e técnicas necessárias para se defender, Solie aprendeu cedo com sua mãe, que uma rede de apoio era essencial. Afinal, ninguém é invencível.

Enquanto se vestia, Solie voltou seus pensamentos para as roupas do casamento. Estava muito eufórico de poder criar, desenhar e dar vida às suas ideias do início ao fim, uma criação 100% sua.

Estava gostando tanto da sensação, que começou a cogitar a ideia de ter sua própria marca, mas aquele ainda era um sonho muito além de suas possibilidades atuais.

.
.
.

No escritório de Ricardo, tudo parecia ter voltado ao normal.

Há alguns dias não via seu chefe, o que era bom.

- Já está na hora? - perguntou Ricardo.

- Sim, já reservei a sala de reuniões - respondeu Bae.

- Certo. Me fale desse cliente, antes de irmos.

- É uma grande empresa do ramo de Beleza. Entraram em contato há uma semana, querendo estudar alguns investimentos de alto risco.

- Certo. Tudo bem, vamos lá.

Na sala de reuniões, Ricardo e Bae aguardavam o cliente, enquanto discutiam alguns planos de investimento disponíveis.

- Sr. Ricardo, a cliente chegou - avisou a recepcionista.

- Mande entrar.

Acompanhada de dois secretários, Susan Benefit, entrou na sala buscando o olhar do alpha dominante a sua frente.

- Olá Sr. Ricardo Hullen.

- …

Há mais ou menos um ano, Susan e Ricardo se conheceram num bar.

Ela, 27 anos, beta, loira de cabelos compridos, com seus 1,77 de curvas perfeitas, se encantou com aquele alpha sério e extremamente bonito, bebendo sozinho no fundo do bar de forma reclusa.

Ao abordá-lo, trocaram cumprimentos e pequenas formalidades gentis. Entre um drink e outro, entremeados por um bate papo superficial, não precisou de muito, menos de uma hora depois, estava nua numa cama de um hotel, com aquele homem perfeito.

Foi uma noite tórrida, com um alpha insaciável, que voltou a se repetir várias vezes ao longo dos

meses, sempre de forma aleatória e superficial.

- Ouvi falar muito bem do seu trabalho, então resolvi contactá-lo para que possa me orientar sobre boas oportunidades…

Ela, era CEO de uma empresa de beleza famosa e tinha decidido investir no Capital de Risco…

Sim, Ricardo se lembrava vividamente de Susan… Dentre todas as mulheres que dormiu, ela foi a única, que ele repetiu várias e várias vezes.

33. Aliviando a pressão

Seguindo cegamente sua rota de fuga pré planejada, Ricardo saiu do trabalho, direto para um hotel nas proximidades. Ligou para a agência de acompanhantes e aguardou a chegada da ômega com ansiedade.
Sem nem mesmo perguntar seu nome, a devorou com ímpetos animais.

Dessa vez, ao contrário das outras, pediu uma ômega ao invés de uma beta. Diante de tudo que havia acontecido recentemente, seu acúmulo de feromônios estava quase em nível de descontrole.

Mas, mesmo já num estado meio irracional, devido ao acúmulo da tensão sexual que fluía por todo corpo, considerou que uma beta sofreria muito naquela noite.

Para potencializar, seu rut estava próximo e isso fazia com que o acúmulo de feromônios, ficasse ainda mais denso.

Não menos importante, tinha acabado de encontrar Susan, uma beta ninfomaníaca. Uma das poucas betas que pôde aguentar seus ímpetos selvagens, deixando um gosto de sexo desvairado, regado a noites intermináveis, cheias de orgasmos múltiplos.

Ela não tinha limites ou barreiras sexuais. Desde socar em sua boca até transbordar, comê-la por trás no banheiro de um restaurante, até alternar entre anal e vaginal sem restrições dentro do carro, tudo era possível.

Num dia comum, isso não faria diferença. Mas hoje, estava em total desvantagem e quase à mercê do desejo em reviver aquelas noites quentes, estimulado pela própria memória do quanto compartilharam. Ela era de fato uma transa fantástica. A qualquer hora, e em qualquer lugar.

Nunca tiveram conversas sobre vida pessoal ou profissional, nem mesmo compartilharam qualquer ideia ou problema, era uma questão simples de tesão com química, e só.

Entre todos os seus contatos recém excluídos, o dela, foi o único no qual Ricardo levou alguns segundos a mais para apagar.

Como nunca trocaram informações de qualquer espécie, ficou estupefato, ao recebê-la em seu escritório e ainda mais, em descobrir que ela era uma herdeira da mais alta estirpe e CEO de uma empresa de Beleza famosa. Nunca teria imaginado.

Porém, passado o espanto inicial, se colocou como o profissional que era, escutando suas solicitações, tirando dúvidas e colhendo as informações que precisava para atendê-la da melhor forma possível. Afinal ela estava ali como cliente, e assim seria tratada.

Diante de toda sua experiência e história pregressa, seria inocência de Ricardo, cogitar a ideia de que aquele encontro tinha sido apenas uma coincidência. Ele sabia que não.

Pensando nisso, após a reunião discutiu com Bae, quais opções seriam mais viáveis de acordo com o que foi pedido, e deixou aquela conta sob sua responsabilidade.

- É um cliente muito grande! Por que não vai gerenciá-lo? - perguntou Bae.

- Ela é um ex caso meu. E desconfio que não veio aqui exatamente por causa dos investimentos.

- Aquela mulher linda, herdeira e CEO, foi um caso seu? - perguntou Bae boquiaberto.

Bae conheceu vários dos casos de Ricardo, sem que ele soubesse.

Embora nunca tenha sido apresentado, ou nem mesmo Ricardo tenha comentado sobre. O acontecia era que, na maioria das vezes, quando Ricardo não as atendia, elas buscavam uma forma de contatá-lo e isso sempre acabava no telefone de Bae.

Mesmo Ricardo, tendo a nobre intenção de evitar compartilhar suas trocas de feromônios pessoais para não sobrecarregar Bae, de nada adiantava.

Ele era seu secretário e irmão, logo, a forma mais próxima e rápida de se aproximar daquele alpha escorregadio, era importunar Bae.

Morenas, loiras, negras, ruivas… Das altas, baixas, quer fossem ômegas, betas ou mesmo algumas poucas alphas… Ele já tinha visto de tudo.

Quase sempre eram mulheres lindas. E sempre, sempre Bae se questionava como era possível seu irmão não se apaixonar, ou mesmo se deixar envolver por alguma delas.

E agora tinha acabado de descobrir, que aquela mulher rica e deslumbrante, também tinha sido caso de seu irmão.

Começou a ficar realmente preocupado com Ricardo e sua dificuldade real em se relacionar.

E ainda tinha o tal casamento falso. Seu irmão criou mais motivos para fugir da intimidade… De repente, sentiu uma certa urgência em conhecer pessoalmente o ômega que o ajudaria nessa saga de relacionamento de mentira.

Recentemente, Ricardo enfim lhe contou que na verdade, eles tinham se conhecido num bate papo e que assinaram um contrato, onde ambos eram beneficiados nessa farsa. Ficou alguns dias chocado com a frieza e a tenacidade de seu irmão, em levar as coisas até tal ponto.

Mas, não era seu objetivo questioná-lo diretamente. Até porque, sabia que de nada adiantaria. Ricardo simplesmente não era uma pessoa aberta a questionamentos quando tomava uma decisão, e se ele o fizesse, possivelmente seria banido de participar, ajudar ou resolver qualquer questão relacionada.

Sabendo disso, guardou as próprias objeções para si próprio, até que conseguisse encontrar Carlos, e depois Solie.

.
.

Foi uma noite satisfatória. Já livre do excesso de feromônios, e como ainda estava relativamente cedo, resolveu tomar um banho e ir para casa.

Ao chegar em frente à porta de sua residência, notou vozes do lado de dentro. Será que Solie estava brigando com alguém? Se apressou em abrir a porta, temendo pela segurança no ômega.

Deu de cara com a TV da sala de estar, sintonizada num canal infantil, transmitindo um desenho

animado.

- Eeeeee! Caiiiiiiu! - falou Solie para a criança sentada em um tapete infantil esticado em frente a mesinha de centro.

- Ricardo! - exclamou surpreso - Você não ia passar a noite fora? - perguntou pegando a criança no colo.

- I-ia, mas como terminei cedo, então resolvi vir para casa - respondeu - Quem é essa criança? - perguntou curioso.

- Ah! Esse é o bebê Morgan! - respondeu Solie sorrindo - Diga olá, para o tio Ricardo! - falou pegando a mãozinha do pequeno, acenando roboticamente.

- Entendi… Morgan seu amigo?

- Sim… Uma por vez na semana, eu, Lissa e Alisson, nos revezamos em cuidar do bebê, para que Morgan e seu marido possam sair e curtir uma noite à dois - explicou enquanto balançava a criança de um lado para outro - Desculpe, normalmente o levo para minha casa, mas como você avisou que estaria fora, resolvi ficar por aqui.

- Sem problemas - respondeu aliviado, deixando seu paletó e maleta no sofá.

- Se quiser, posso levá-lo para o meu quarto, daí não te perturbamos.

- Não precisa, tudo bem - falou se aproximando da criança.

- Ok, então…

- Qual nome dele? - perguntou Ricardo, segurando o dedinho do pequeno, que o olhava com curiosidade.

- Joonie, mas o chamamos de pequeno Jo!

- Olá, Jo! - cumprimentou a criança que imediatamente estendeu os braços para que Ricardo o pegasse.

- Não, deixe o tio Ricardo, ele acabou de chegar e está cansado - falou Solie carinhosamente ao pequeno, que ainda jogava seu corpo em direção ao alpha.

- Não tem problema, posso pegá-lo um pouco, só vou lavar as mãos antes - respondeu indo em direção ao lavado, localizado no canto da sala.

- Sério? Não precisa! Não quero incomodá-lo! - retrucou Solie, espantado com a atitude pró ativa do alpha, em relação à criança.

- Sério… - falou já de mãos limpas, estendendo os braços.

- Da da da da - balbuciou o pequeno apalpando o belo rosto do alpha alto.

- Oh! Ele gosta de você! - se espantou Solie.

- E por que não gostaria? - perguntou Ricardo sério, ajeitando a criança em seus braços fortes.

- Ele é muito exigente e não vai no colo de qualquer um!

- Esse é o lado bom das crianças, elas são diretas e honestas - respondeu acariciando a cabeça do bebê, que o olhava encantado.

Solie estava estupefato com aquela visão. Nunca imaginou que aquele alpha pudesse segurar tão bem uma criança, muito menos que expressaria alguma forma de carinho em relação à uma.

- Sim, elas são. Mas, acho que ele gostou do seu cheiro - concluiu Solie.

- Ele é ômega? - perguntou Ricardo curioso.

- Não, é um pequeno alpha…

- Daaaaaaaaa… - grunhiu bebê Jo, segurando o rosto de Ricardo com suas pequenas mãos.

- Não te incomoda? - perguntou Solie, ainda incrédulo com a situação.

- Não. Gosto de crianças e da leveza que elas transmitem. É um toque sem intenção - respondeu enquanto olhava o bebê, que sorria ao brincar com suas bochechas definidas.

- Oh, entendo… Então, posso aproveitar que está com ele, para esquentar a papinha? - perguntou ainda inseguro.

- Claro… - respondeu sentando no sofá e acomodando o pequeno em seu colo.

- Ok… - respondeu ainda desconfiado, indo para a cozinha.

Bebê Jo conseguiu fazer com aquele alpha, o que ninguém conseguia: pulou em seu colo, babou sua blusa tentando comer o botão, engatinhou entre suas pernas, agarrou seu cabelos milimetricamente arrumados e os bagunçou da forma que queria e quando Solie voltou com a comida, deu de cara com o bebê alpha agarrado ao pescoço do homem, normalmente sério e sisudo, que fazia carinho em sua cabeça.

- Hahahahaha - riu Solie se divertindo com a aparência desgrenhada do alpha, que o olhava sem entender o motivo da graça.

- O que é engraçado? - perguntou sério.

- Ahhhhhh, eu deveria tirar uma foto disso! - falou deixando o recipiente em cima da mesinha, com o objetivo de pegar o celular.

- Não se atreva!!! - falou Ricardo sério - Qual a função disso?

- Ué! Rir! - respondeu brincando.

- Você quer rir de mim? - perguntou aborrecido.

- Não de você, mas da situação. Você é sempre tão sério… É engraçado vê-lo tão descontraído.

- Mas isso não é motivo para tirar foto e fazer chacota! - retrucou.

- Tá bom! Tá bom! Vou respeitar seus limites - respondeu ainda entre gargalhadas.
- …

- Bebê Jo, vamos comer! - falou se aproximando - Vamos, deixe o tio Ricardo descansar agora… - tentou argumentar com a criança, que se segurava fortemente na gola blusa do alpha.

- Nah nah nah naaaaaaaaahhhhh!!! - segurando a blusa de Ricardo, já toda amarrotada, bebê Morgan se recusava a sair de seu colo.

- Me dê! - falou Ricardo estendendo a mão em direção ao recipiente.

- Não, pode deixar que eu o alimento, vai descansar, você já me ajudou ficando com ele um pouco.

- Não estou cansado, me dê ou você vai fazê-lo chorar - completou pegando tigela das mãos de Solie.

- Eu vou fazê-lo chorar? E mesmo que chore, ele não vai morrer! - exclamou aborrecido.

- Se podemos evitar, para quê aborrecê-lo? - falou sério, tomando para si a comida.

Ricardo sentou a criança em seu colo e começou a alimentá-la com uma pequena colher, que lembrava uma estrela cadente.

- Você tem que limpar a boca dele, senão fica mais comida fora, do que dentro… - sugeriu Solie, ao observar o quão sem jeito o alpha era.

- Hum… Como faz? - perguntou Ricardo.

- Assim… - Solie pegou a colher de sua mão e a utilizou para raspar as sobras em volta da boca da criança, até enchesse a colher, para em seguida alimentá-lo novamente.

- Entendi… Me dê.

E assim, o alpha alimentou bebê Jo até o final, ficando com ele em seus braços até que adormecesse.

E lá estavam os dois na sala, jogados lado a lado do sofá, alternando entre dormir e vigiar a pequena criança espalhada entre os dois, enquanto a TV sem áudio, transmitia mais um desenho animado aleatório.

34. Frenesi…

- Como assim você já acabou… De novo? - perguntou Ricardo indignado.

- Ah, desculpe, me empolguei e fui subindo!!! Quer que eu te espere então?! - indagou Solie ofegante, mas ainda cheio de energia.

- Não, pode descer… - respondeu virando a cabeça para o outro lado, em busca de um novo obstáculo que pudesse encaixar o pé.

- Vou descer e subir pelo outro lado! - falou enérgico.

- Não precisa! - retrucou Ricardo.

Estava ali há quase quarenta minutos pendurado nos cabos, subindo com a maestria construída pelos anos de prática, que já lhe era pertinente e ainda assim, aquele ser pequeno e que, aparentemente, não dominava a técnica, havia subido e descido ao pico duas vezes.

E agora segundo ele, faria a terceira subida pelo lado oposto, a etapa difícil daqueles obstáculos.

- Qual o sentido de praticar um esporte juntos, se você não vai me acompanhar?

- Oh! Claro! Claro! - exclamou Solie parando de descer e voltando a escalar, a fim de alcançar Ricardo novamente - Você está certo, vou ficar aqui te esperando.

Incrédulo, Ricardo olhou para aquele ômega pequeno, que o olhava com sincera simpatia, enquanto ele se sentia envergonhado e ultrajado pela própria demora.

Qual situação seria pior? Vê-lo subir e descer várias vezes, expondo sua lentidão, ou, ficar parado esperando, reforçando sua falta de agilidade?

- Você disse que nunca tinha feito escalada. Como está subindo e descendo tão rápido? Você treinou? - perguntou curioso.

- Nah! Nada demais! Só um pouco! - respondeu Solie, como se não fosse nada.

Mas sim, ele treinou. Não só treinou, executou e repetiu a técnica até levar seu corpo à exaustão, ao ponto de quase não conseguir caminhar apropriadamente. Essa era sua forma de treinar qualquer técnica desde a juventude.

Na mente de Ricardo, aquilo não fazia sentido. Uma pessoa inexperiente, mesmo com o mínimo de resistência corporal, principalmente nas pernas e mãos, não conseguiria passar dos primeiros obstáculos. Mas ali, ele não só chegou no topo rapidamente, como subiu duas vezes seguidas.

Ricardo era grande e pesado, ainda que fosse experiente, era difícil para ele fazer o trajeto mais de uma vez, sem que levasse um tempo consideravelmente longo para concluir o caminho.

Enquanto Solie, pequeno e leve, tinha resistência suficiente para fazê-lo com maestria e agilidade. Algo definitivamente não se encaixava.

Aos seus olhos, o ômega era relativamente fraco e muito provavelmente, como anfitrião, teria que ajudá-lo. Porém, agora parecia o contrário.

“Pensando bem, ele parece mais magro…”, refletia buscando respostas.

Há menos de dois meses quando se conheceram, Solie estava um pouco mais rechonchudo, agora, parecia mais esguio. Como tinha conseguido emagrecer tão rápido?

- Você pratica algum esporte de resistência? - perguntou desconfiado.

- Não é um esporte, faço musculação e alguns treinos... Por que?

- Só isso? - indagou sem acreditar.

- Oh, preciso de mais? Só porque subi mais rápido que você? - falou Solie sorrindo.

- Não só isso… É necessário um nível alto de resistência para subir uma vez, que dirá duas! - falou alcançando mais um obstáculo, ao encaixar o pé.

- Como disse, treinei um pouco para não passar vergonha. E também, sou mais leve que você, então, me movimento mais rápido - justificou Solie, tentando convencê-lo.

- Ainda assim… É estranho… - concluiu sem olhá-lo.

- Estranho?! - se espantou - Como assim, estranho?

- Seu corpo não é o de uma pessoa nem mesmo mediana em resistência, caso contrário, estaria morrendo só de subir uma vez.

- Isso é ruim?

- Nem bom, nem ruim, só estranho…

- Hummm… Acho que você está chateado porque fui melhor que você na atividade, então! - falou em tom de provocação.

- Não é isso! - retrucou Ricardo.

- Estou ferindo seu orgulho de alpha? - falou tirando sarro do outro, que ainda pendia frente a dois obstáculos para acabar.

- … - sério, Ricardo o olhou com desaprovação - Não sabia que estávamos competindo…
- Não estamos, mas você está incomodado porque fui melhor e mais rápido.

- Ahhhhhhhhhhh… Sério isso?

- Você que está criando ideias aí! - retrucou dando uma risada.

- Ah, deixa pra lá!

Concluiu a subida e desceu junto com o ômega, que o acompanhou lado a lado.

- E aí? Vai subir de novo? - perguntou Solie, curioso.

- Não sei… - respondeu Ricardo, olhando os trajetos enquanto considerava - Você queria fazer o módulo do canto, certo?

- Ah sim! Aquele! - apontou para o trajeto mais difícil dentre os percursos.

- Ok, vamos lá então…

- Ah, um momento, quer água? - perguntou se desfazendo do equipamento, com intenção de buscar combustível líquido para os dois.

- Por favor… - respondeu Ricardo, aproveitando para descansar no chão, enquanto aguardava.

- Já volto… - saiu em direção ao corredor que dava acesso a uma máquina de lanches.

Ao chegar no recinto envidraçado, com plena visão do Grande Jardim recreativo oferecido pelo local, avistou várias pessoas.

Distraído e contemplando a movimentação, viu pessoas segurando rebatedores, enquanto uma outra parecia concentrada em retocar a maquiagem do homem sentado ao centro da confusão organizada.

“É um ensaio fotográfico?”, se perguntou.

“Oh… Tão lindo…”, concluiu, ao avistar o homem rodeado de profissionais.

Assim que a profissional saiu completamente do seu campo de visão, pode conferir aquele espécime de homem, provavelmente um alpha: alto, cabelos compridos, peito nu deixando a mostra seus peitorais e braços definidos, de onde se estendiam lindas tatuagens e aqueles olhos afiados que o fitavam diretamente com interesse.

“Oh! Oh! É… Ele… Eu o conheço!”, concluiu nervosamente.

- Oh, merda! - exclamou, sem saber o que fazer - Merda! O que eu faço?

Envergonhado, virou de costas, fugindo do olhar hipnótico do homem.

“O que vou fazer? O que vou fazer?”, pensava Solie em ansiedade.

- Ah, a água, preciso comprar a água! - lembrou, tentando se organizar mentalmente.

Colocou o dinheiro na máquina com as mãos trêmulas e selecionou as águas. Já de posse das duas garrafas, olhou novamente para o local de forma sutil e confirmou que o homem ainda o olhava fixamente.

Saiu do recinto retornando ao encontro de Ricardo, que o aguardava já de pé.

Ofereceu a garrafa em silêncio, enquanto seus pensamentos se perdiam nas lembranças daquela noite na boate.

Em qualquer outra ocasião comum, Solie abriria a porta de vidro e arremataria, no mínimo, o telefone do homem. Mas como poderia ter tal atitude atrevida, diante da presença de Ricardo?

No entanto, o interesse em escalar tinha se esvaído completamente e agora sua mente estava presa naqueles lábios que o pressionaram de forma única.

- Vamos? - perguntou Ricardo em direção à Solie, constatando que outro ainda não tinha tocado na própria água - Você não estava com sede? Não vai beber?

- Ah sim! - exclamou, voltando sua atenção à garrafa em sua mão.

De uma só vez, bebeu todo o conteúdo sob os olhos atentos do alpha.

- Então, vamos! - falou colocando a garrafa vazia na lixeira e se encaminhando para a trilha escolhida.

Rapidamente reconectou os cabos e acessórios necessários e logo começou a subir.

- Não vai me esperar? - perguntou Ricardo ainda buscando apoio.

- Oh, claro, desculpe! - respondeu constrangido, voltando a si mais uma vez.

- O que houve? Você está bem? - falou o alpha em tom de preocupação, já que o ômega estava agindo de forma completamente estranha.

- Estou sim!

- Ok…

Começaram a subir juntos, porém, logo Solie avançou distraidamente, deixando Ricardo mais uma vez para trás. Ao chegar ao topo, olhou para trás e viu o homem enigmático no canto da sala de treinos, o observando.

“Ahhhhh, merda! Não quero perdê-lo mais uma vez!”, pensou Solie, enquanto decidia o que fazer.

Ricardo que subia explorando a trilha, abriu mão de se chatear ao perceber que o ômega mais uma vez, subiu direto e sem olhar para trás.

- Ricardo… - falou descendo de encontro ao alpha, que ainda estava focado em encontrar os locais apropriados para avançar.

- Sim… - respondeu sem olhar.

- Hum, se importa se eu sair primeiro? - perguntou nervoso.

- Por que? Aconteceu alguma coisa? - indagou indiferente.

- Quero ir ao banheiro e também… Encontrei um amigo que não via há muito tempo. Gostaria de falar com ele. Você se importa? - perguntou inseguro sobre como o alpha reagiria.

- Não, tudo bem. Pode ir… - concluiu observando o ômega se desvencilhar com facilidade e descer.

- Obrigada!!! Então, nos vemos em casa!

Sim, Ricardo viu o alpha tão alto quanto ele, entrar na sala de treinos parecendo procurar alguém, para logo trocar olhares com Solie. E não, não parecia ser exatamente um amigo.

De forma alguma, uma situação dessa fugiria aos seus instintos afiados.

Mas aquele dia já estava sendo estranho o suficiente, já que mais uma vez estavam sendo seguidos, mesmo tendo trocado de carro, como vinha fazendo ultimamente.

Ao ver Solie sair correndo do ambiente, Ricardo pegou seu celular e pediu a Tom, já a postos,

que o monitorasse à distância, a fim de protegê-lo.

Nervoso, o pequeno ômega pegou sua bolsa no armário, se sentindo parcialmente culpado por deixar Ricardo sozinho.

Ao sair do banheiro especialmente voltado para ômegas, deu de cara com aquele homem que exalava sensualidade, encostado na parede à sua espera.

- Mesmo não querendo saber, devo perguntar quem é aquele alpha? - falou de forma direta e maliciosa.

- Não… - respondeu Solie ruborizando.

- Ok… Existe alguma possibilidade, que eu tenha problemas? - fez questão de confirmar.

- Nenhuma - respondeu com um sorriso.

- Ok. Então, vamos sair daqui - falou tomando a frente do caminho.

Solie o seguiu em silêncio até o carro sport de luxo, ainda nervoso e culpado, porém, não conseguia desistir de obter pelo menos seu telefone.

O homem destravou o carro automático à distância, e os dois entraram, saindo do local.

- Você… Você lembra de mim… - falou Solie envergonhado.

- Como não lembrar? Você me deixou em maus lençóis aquele dia… - falou rindo, enquanto dirigia.

- Desculpe, minha amiga teve um problema urgente e tive que acompanhá-la.

- Tudo bem, acontece… Onde vamos?

- Não posso demorar… - respondeu sabendo que não seria adequado se perder com o alpha, tendo deixado Ricardo sozinho numa situação onde os dois tinham um acordo em papel a cumprir.

- Hummm… Ok. Entendido - respondeu, girando o volante numa rua lateral afastada com pouca movimentação.

Numa ação rápida e coordenada, parou, desligou o carro e puxou Solie para seu colo.

- Ohhh! - exclamou ao tomar um susto pelas atitudes rápidas e pró ativas do alpha.

- Você disse que não tínhamos tempo - sussurrou enquanto preenchia os lábios do ômega, ainda assustado em seus braços.

Era um homem realmente alucinante. Lindo, grande, forte, cheiroso e com um volume que mais uma vez pressionava Solie, o fazendo gemer sem nem mesmo terem feito nada avançado.

Aquele beijo era altamente erótico e faminto. Há muito tempo não desejava uma pessoa tanto assim, fato esse que, diante da dinâmica de vida atual de Solie, era realmente um problema.

Com mãos grandes, o homem segurou seus cabelos com a pressão e força ideais para deixá-lo

excitado e com a outra, pegou no meio de sua bunda, maliciosamente pressionando sua entrada com o dedo médio, enquanto fazia o quadril de Solie ir e vir, criando um atrito entre os dois membros.

“Ah, porra! Eu vou gozar! Muito tempo que não faço nada!”, pensou Solie perdido nos lábios do alpha, sentindo seu canal se contrair desejando ser preenchido.

E assim, os dois gozaram juntos, levados pelo tesão da situação.

- Ah ah ah - ofegantes… Os dois estavam ofegantes.

- Preciso ir - falou Solie envergonhado pela urgência em se despedir.

- Ok…

- Seu número? - perguntou voltando ao assento do carona, enquanto buscava o celular.

- Não seria interessante meu nome primeiro? - falou alcançando os lábios de Solie com seus longos dedos e limpando a saliva deixada pelos dois.

- “Sr. Tatuado”, pronto, já coloquei seu nome - respondeu Solie, dando a entender que seria melhor não trocarem maiores informações.

- Você que manda… - respondeu o alpha, entendo seu papel.

E pouco depois, se sentindo extremamente culpado e envergonhado, Solie entrou em casa, rezando para que Ricardo estivesse em seu quarto.

- Você chegou! - cumprimentou o alpha, enquanto colocava os pratos na mesa - Achei que estaria com fome… - falou, percebendo a inadequação do outro - Mas, seria melhor tomar um banho antes, para tirar esses feromônios…

35. Situações Inusitadas!

- Como estão as coisas? - perguntou Ricardo.

- Eles entraram numa rua e pararam o carro, senhor - respondeu Tom.

- Ainda sendo seguidos? – perguntou Ricardo.

- Sim senhor, uma moto, como daquela vez. Mas não é o mesmo homem, agora é um jovem - relatou Tom.

- Ok, mantenha a distância e só observe - ordenou.

- O senhor quer alguma foto ou vídeo?

- Do motoqueiro sim.

- E do rapaz Solie?

- Não, é a privacidade dele. Só monitore a situação, caso haja algum problema entre ele e o alpha ou o motoqueiro, intervenha.

- Sim, senhor.

Era uma situação simples e complicada ao mesmo tempo. Simples por ser algo natural, Solie encontrar alguém do seu interesse, enquanto estavam juntos. Ricardo já previa que um dia, mais ou cedo mais tarde isso aconteceria.

Conforme tinham acordado previamente, era algo pessoal e íntimo, tal como ele também tinha suas parceiras de noites de feromônios.

Como bônus, havia conhecido uma outra faceta do ômega: seu nervosismo ao encontrar alguém do seu interesse.

Mesmo tendo tomado o inibidor, assim que Solie voltou com as águas, notou um leve aumento em seu aroma de flores, ainda que não conseguisse distinguir a qualidade.

Quando compreendeu o contexto de flerte e nervosismo do ômega sutilmente corado, refletiu que, muito provavelmente, caso não houvesse a barreira química, poderia sentir algum tipo de excitação no ar.

Eram pequenos detalhes, mas considerava importante conhecê-los, a fim de poder gerir melhor situações futuras.

Enquanto pedia a comida a ser entregue, pensou ser aquele um bom timing para que tal tipo de ocorrência viesse à tona. Muito provavelmente, teriam que ingressar num outro tipo de diálogo, sobre como lidar com essas questões.

Novas dinâmicas vinham surgindo continuamente nos últimos dias, e os dois caminhavam em constante modulação para que tudo se ajustasse.

Seu telefone tocou, interrompendo as reflexões.

- Senhor, o rapaz Solie e o alpha estão indo embora - reportou Tom.

- Já? - indagou Ricardo surpreso.

- Não olhei atentamente, respeitando a privacidade como o senhor ordenou, mas acho que eles não… - Tom não sabia como concluir a frase.

- Eu entendi. Tudo bem. Só acompanhe Solie e faça com que chegue seguro - ordenou mais uma vez.

- Sim, senhor. Ele está descendo numa estação de metrô agora.

- Hummm, então não vai deixar o alpha saber onde mora. Entendi. E o motoqueiro?

- Seguindo ainda.

- Mande a outra equipe monitorar esse cara e ver se fazemos algum link com algum contato anterior.

- Entendido.

.
.
.

Ricardo não tinha como hábito se divertir com tais situações, mas foi relativamente engraçado assistir a expressão do ômega tentando entrar de forma sorrateira para que não fosse percebido, tal como uma criança que havia feito algo errado.

Mas, o que realmente o incomodou, foi a densa nuvem de feromônios alpha que o circundava. Os inibidores que tomava, eram para inocular somente feromônios ômega, não tinham qualquer ação contra a densidade alpha.

Pela primeira vez, pode compreender o que significava um alpha delimitar algo como seu, ou mesmo, seu desejo em obtê-lo, deixando um rastro descarado e afrontoso, para que outro não chegasse perto.

Refletindo sobre, achou um recurso desnecessário, já que ele não tinha qualquer desejo ou interesse em Solie, mas ainda assim, era um comportamento irritante.

E agora também entendia, por que Solie tinha pedido para que sintetizasse seus feromônios. Futuramente, ele precisaria deixar esse mesmo rastro de possessividade quando fossem aos eventos sociais.

- Voltei! - falou Solie com uma expressão constrangida, já limpo e sem feromônios alphas.

- Fome? - perguntou Ricardo.

- Sim…

- Vamos comer então, a comida chegou - falou puxando a cadeira e se acomodando.

- Hum… Queria pedir desculpas por ter te deixando sozinho hoje… - falou Solie.

- Não estou chateado, acho que em algum momento isso aconteceria.

- Sério? - perguntou Solie surpreso e aliviado.

- Sim… Não faz sentido qualquer aborrecimento da minha parte, mas acho importante aproveitarmos para falar sobre, o que acha?

- Acho bom! - respondeu entusiasmado.

- Você decidiu como irá lidar com seus parceiros? - perguntou Ricardo diretamente.

- Não… Sinceramente, ainda não sei o que fazer sobre isso.

- Não? E como passará seu cio? - perguntou curioso.

- Oh! Eu não passo o cio com ninguém.

- Como? - indagou sem entender - Desculpe, mas os ômegas não precisam de um alpha ou alguém para passarem juntos?

- Geralmente sim, mas eu recebi uma educação diferente.

- Isso significa que você tem parceiros, mas nunca passou um único ciclo de cio com nenhum deles? - perguntou incrédulo.

- Exatamente. Gosto de sair e transar. Mas o cio, é coisa minha.

- …

- Você nunca passou seu rut sozinho?

- Nunca.

- Nem uma única vez?

- Nunca.

- Uaaaaau! Enfim… Bom… Pelos parâmetros normais, eu é quem estou fora da curva e você dentro dela… Hahahahahahhaa.

- Mas por que não passa seu cio com ninguém? Não consigo entender.

- Por que os ômegas viram bestas sedentas por sexo, incapazes de dizer não. E nesse período, não são capazes de distinguir entre uma relação indesejada ou não. Além de correr o risco de ser marcado e acabar com a minha liberdade.

- Ah… É verdade… Entendo… - falou Ricardo, refletindo sobre o tema.

Ele como um alpha em seu rut, também virava uma besta sedenta por sexo, mas, estava do lado que subjugava e nunca o contrário. Por isso, era difícil compreender de imediato, o ponto vista do outro.

- A verdade é que, a maioria dos ômegas são violados quando estão no cio e poucos passam com as pessoas que gostam ou aceitam como parceiro. Sendo assim, desde o meu primeiro ciclo, aprendi a passar sozinho.

- Hummm… Bom, já que é dessa forma, acredito que você deva ter algum local onde se refugia nesse período, certo? Seria bom se eu soubesse para onde levá-lo, caso alguma situação ocorra.

- Foi bom você falar nisso… Se algum dia isso acontecer e eu virar uma besta, implorando para você transar comigo. Por favor, eu te peço, resista e não ceda.

- Ok, fique tranquilo. Estamos acordados - respondeu Ricardo sério.

- Um dia, quando eu tiver um parceiro que eu ame de verdade e seja igualmente correspondido, farei essa escolha por mim mesmo e não por que o feromônio escolheu por mim.

- Entendo. E respeito - respondeu, assentindo em afirmação.

- E quanto a situação de hoje, não acontecerá novamente - falou Solie sério - Fui pego desprevenido pela surpresa do encontro… Mas isso não irá se repetir. Mas quanto a você?

- Eu, em relação a quê?

- Seu rut… O que faço se acontecer?

- Me joga num hotel qualquer e chama alguém da agência de acompanhantes. Vou te passar o contato depois, para mantê-lo em seu celular.

- Ok! Acordados.

- E se, um desses alphas vier reivindicar você? Como iremos fazer?

- Por que raios um alpha, que não tem nada sério comigo, me reivindicaria?

- Pelo menos motivo que um acabou de te encher de feromônios para me afrontar…? - retrucou Ricardo.

- Oh! Estava desse jeito? A-afrontoso? - perguntou Solie, sem jeito.

- Estava. É um pouco… Indigesto por sinal - falou incomodado.

- Desculpe… Isso também não irá acontecer novamente. Tomei dois inibidores hoje, não percebi que estivesse tão forte. Mas, de qualquer forma… Durante esses três anos, você será meu marido, certo?

- E?

- E se algum alpha vier falar alguma coisa, você é meu marido, oras! E fim de papo! E eu vou fazer a mesma coisa, se alguma acompanhante sua vier tomar satisfação, vou vestir o manto do marido e pronto!

- Ok então.

- Mudando de assunto, as roupas do casamento ficarão prontas amanhã - falou entusiasmado - Vou buscá-las para provarmos, e se não houver nenhum ajuste, estaremos prontos.

- Ótimo.

.

.
.

Atolado pelas sacolas que continham as roupas do casamento, Solie caminhava pela rua, enquanto acompanhava de canto de olho a van preta que o seguia.

.
.

- Senhor, tem uma van seguindo o rapaz Solie - relatou Tom.

- O quê??? Não uma moto, mas uma van? - gritou Ricardo, levantando da cadeira de seu escritório, surpreendendo Bae, que aguardava suas ordens.

- Sim… Estão a distância, mas cada vez mais próximo. Já chamei a equipe para vir para cá…

- Tom, você sabe o que significa uma van, certo? - falou Ricardo em tom áspero.

- Sim senhor, por isso chamei a equipe.

- Talvez não dê tempo de chegarem, se aproxime e impeça qualquer ação.

- Sim, Senhor… Mas… - de repente Tom ficou mudo ao telefone.

- O que houve?! O que houve?!- gritava Ricardo do outro lado da linha.

- Rapaz Solie, sumiu… Não… quero dizer… Acho que entrou numa loja de departamentos… Vou averiguar de perto, senhor!

Tom, chegou próximo ao local onde Solie estava minutos atrás e não encontrou vestígios, porém, era a entrada de uma grande e famosa loja de departamentos.

Se mantendo a distância, enquanto monitorava o espaço, relatando a posição da van e tudo que acontecia ao redor, Tom vê quando uma pessoa, de tamanho mediano toda de preto, vestindo boné com uma espécie de touca e máscara também pretos, sai de um beco lateral à entrada da loja e vai em linha reta, em direção a van que estava sendo observada.

Num movimento único e de forma decisiva, a pessoa abre a porta da van, parecendo surpreender os homens sentados dentro dela, e logo em seguida entra na van, aparentemente sob protestos, fechando a porta atrás de si.

- Senhor… Algo muito estranho aconteceu… - relatou Tom.

36. Missão Cumprida.

Sem qualquer tipo de hesitação, abriu a porta da van com a certeza de que estaria destrancada e se catapultou para dentro, desviando de forma automática de um chute dado pelo homem que sentava na entrada.

Contou cinco homens fortes e musculosos sentados atrás, mais o motorista, provavelmente divididos entre alphas e betas.

Desviando de uma confusão generalizada de tapas e socos desferidos em sua direção, sacou o spray de pimenta, acertando os olhos dos dois homens sentados na frente, logo golpeando seus pontos vitais no plexo e garganta.

Tinha no máximo, dois minutos para derrubar os cinco.

Enquanto os da frente se contorciam dos golpes, ainda sufocados, jateou os dois de trás, ganhando tempo para se apoiar no encosto da frente. Alavancou sua perna e os chutou com a agilidade e destreza que lhe pertenciam, acertando pontos na cabeça e nuca com o salto e bico de sua bota, os deixando desacordados.

O último e maior, que se exaltava entre chutes e socos aleatórios tentando passar para frente, recebeu um golpe em seu ponto vital na nuca, perdendo os sentidos imediatamente.

Girou sob os pés e lançou um tapa na lateral do olho do motorista, que ficou tonto, seguido de um soco, o nocauteando.

Rapidamente sacou suas faixas de contenção em PVC, e de forma rápida e treinada, prendeu os pés e mãos dos cinco e os encapuzou com sacos pretos, dando um furo atrás para que não sufocassem.

O melhor ataque, é aquele que o inimigo não espera.

O efeito do ataque surpresa, fez com que seus adversários não estivessem suficientemente preparados mental, emocional, nem fisicamente para se defenderem.

Pulou para o banco do motorista, pegando seu telefone.

- Mestre! Estão todos presos!!!

- Confirme quem mandou - falou o homem do outro lado da linha.

Segurando a cabeça do motorista que acordava, mas ainda tonto do golpe, perguntou:

- Quem te contratou? - gritou.

- Grrrr….

- Fala! Senão vai ficar sem um de seus olhos! - ordenou apertando o canto do olho do homem, que se contorcia em dor.

- Mmmmmmm - murmurava.

- Fala!

- MY En…. - e desmaiou novamente pela dor.

- Mestre, é quem pensávamos!

- Vai pra lá! Consegue entrar sozinho? - perguntou o homem objetivo.

- Sim!

- Mandarei reforços…

Dirigiu para o endereço que sabia de cabeça. Parou na porta e abandonou a van trancada, para que ganhasse tempo.

Como um robô, seguiu em frente, entrando no prédio em plena luz do dia.

Se direcionou para as roletas de acesso, enquanto todos o olhavam assustados, mas ainda sem encontrar qualquer obstáculo.

Com um salto, pulou a roleta, chamando atenção do segurança, que correu para impedi-lo.

Tap
Tap
Tap

Três golpes, três pontos vitais. Segurança abatido.

Entrou no elevador do canto do corredor, que dava acesso ao andar que pretendia chegar e apertou o botão, deixando para trás uma horda de seguranças que corriam para alcançá-lo.

Aguardou com paciência o andar desejado, enquanto se alongava.

Se preparou para ser recebido. Se escondeu na lateral do elevador e assim que as portas abriram, três seguranças se jogaram para dentro.

Agachado e de canivete em punho, girou entre os pés dos homens cortando seus calcanhares de forma limpa, rápida e quase invisível.

Saiu do elevador e travou sua descida, deixando os homens aos gritos sem que pudessem sair do lugar.

Calmamente chegou à recepção, onde uma jovem tremia ao recebê-lo.

- Seu chefe, onde está? - perguntou para a moça.

Chorando, apontou para sala no final do corredor, de onde saia um senhor mal encarado.

- Quem é você? Por que está aqui? - gritou o velho.

- Não te interessa - respondeu frio.

O homem que também era versado em artes marciais, se armou para o golpe.

Notando a postura do velho a sua frente, aumentou a velocidade dos passos, jogou uma perna na parede, ganhando impulso para saltar em sua direção. O velho tentou acertá-lo, porém, teve sua têmpora golpeada pelo bico da bota, desmaiando imediatamente.

Mais uma vez, pegou seu canivete e se encaminhou para a sala que o esperava.

Uma nuvem de feromônios densos e furiosos preenchiam o ambiente, enquanto um alpha alto e bruto andava de um lado para o outro.

De terno cinza alinhado, cabelos e olhos pretos e semblante pesado, Paul Norman ficou paralisado ao avistar o homem todo de preto, que agora adentrava seu espaço.

- Quem é você? Como conseguiu entrar aqui? - berrava irritado.

Sem uma única palavra, correu ganhando velocidade em direção ao alpha, que o acertava com ondas de feromônios.

Puxando o chicote que trazia preso em sua cintura, lançou diretamente na garganta do bruto, criando um contrafluxo entre ele e a pressão do chicote, e se lançou num salto, caindo atrás do homem.

Com técnica, rapidez e maestria, furou a pele atrás da nuca do alpha usando cortes precisos e arrancou sua glândula de feromônios fora.

Soltou o aperto do chicote, segurou a glândula e a destruiu em pedaços.

Aos gritos e derrotado, o alpha ajoelhado e com a mão na nuca em busca de seu órgão, urrava de dor e desespero.

- Isso é para que você aprenda que ômegas, não são brinquedos ou objetos humanos. Foram 14 ômegas mortos por suas mãos e mais de 10 desaparecidos.

Com os olhos em sangue, o alpha o olhava em horror.

- Não tente saber quem sou, caso contrário, volto e corto suas bolas fora. A morte, é uma punição muito leve para você.

Saiu da sala, entrou no elevador já vazio, deixando para trás os seguranças que se arrastavam no chão da recepção e desceu.

Encontrou o saguão livre. Trabalho da equipe de apoio que o esperava.

- Missão cumprida.

37. Descontrole

[NOTÍCIA URGENTE!!!
Após quase quinze anos inativa,
A FRPO - Frente de Resistência e Proteção à Ômegas -
Fez uma ofensiva ao alpha multimilionário Paul Norman,
CEO da MY Entertainment.

Segundo carta publicada pela Organização Secreta,
foram mais 1000 denúncias feitas ao longo
dos últimos anos, todas ignoradas pelas autoridades.

Também foram divulgados os nomes de mais de 14 ômegas
mortos pelas mãos do alpha e vários ainda desaparecidos.

Em nota, a Organização esclareceu que nenhum dos
envolvidos durante o ataque, com exceção do alpha,
sofreu maiores danos.
Fotos e vídeos foram postados como prova da ação.

Sr. Paul Norman teve sua glândula alpha extirpada,
e encontra-se hospitalizado nesse momento.

Autoridades negam que tenham feito vistas grossas
as denúncias e informam que o alpha está sob investigação.

Diversas testemunhas e vítimas relatam que Paul Norman
agia livremente, sequestrando e mantendo em
cárcere privado seus alvos ômegas.]

.
.

Sentado no sofá da sala, Ricardo assistia ao noticiário.

Vrrr
Vrrr
Vrrr

- Sim… - respondeu sério, ainda olhando as imagens exibidas na TV.

- Ele está a caminho de casa senhor.

- Ok, entendi.

O tempo parecia ter parado e ele não ouvia mais as vozes que vinham da TV.

Sua mente estava em um turbilhão, repassando em um looping infinito os acontecimentos e as cenas.

Toda sua equipe tinha virado um caos ao perderem Solie de vista. Diversos homens o procuravam pela loja de Departamentos, enquanto Ricardo corria pelas escadas do prédio, sem

que pudesse esperar o elevador chegar.

Enquanto descia pulando degraus, teve um estalo ao lembrar das palavras do Sr. Gilbert Bian: “Minha esposa educou nosso filho com todas as ferramentas e técnicas possíveis, para lutar numa possível guerra apocalíptica de zumbis ou o que for… Como imaginei você não sabe onde está se metendo… Ele não te contou, não é?”

Entendeu instantaneamente, por que Solie pôde subir e descer os obstáculos com tanta facilidade repetidamente, eram anos de treinos.

Parou no meio da escada e ligou.

- Siga a van e me informe para onde ela está indo.

- Senhor, eu te ligar agora! Me dei conta que um dos homens que estava na van, foi o motoqueiro que o seguiu aquele dia no restaurante, e que descobrimos estar envolvido com a empresa de hate contratada pela MY Entertainment.

- Siga a van, provavelmente eles irão pra lá.

- E o rapaz Solie? Não temos que encontrá-lo?

- Não, é ele quem está na van.

- Como???

- Nos encontramos na MY! - finalizou se apressando em descer as escadas.

Logo atrás em seu encalço estava Bae, correndo para acompanhá-lo enquanto ligava para Carlos.

Seu prédio ficava a três quadras da sede da MY Entertainment. Foi correndo.

Ao chegar no local, avistou a van parada na porta e seus homens logo atrás.

- Senhor, o homem de preto entrou no prédio.

- Mande alguém tirar van daqui - falou correndo em direção ao prédio.

Chegou ao saguão abrindo espaço entre o burburinho de pessoas que se aglomeravam e avistou ao longe o homem de preto nocauteando o segurança.

- Esvazie o saguão! - gritou para Tom e seus homens.

- Mas e os seguranças do prédio, senhor?

Olhou o entorno e constatou uma horda de seguranças vindo ao seu encontro.

Furioso, caminhou a passos largos aspergindo grande quantidade de feromônios opressores, enquanto ordenava:

- Saiam daqui agora!

- Você não pode ent… Ah!!! - gritou o segurança chefe, tentando impedi-lo, para logo se contorcer de dor.

Em agonia os homens deram passos para trás, com medo de serem lobotomizados.

- Lide com eles! - ordenou Ricardo para Tom que estava a distância, tapando o nariz, a fim de se proteger da nuvem furiosa.

Foi para a recepção.

- Onde fica a sala de monitoramento de segurança? - perguntou a recepcionista atônita diante do caos instalado.

Tremendo de medo, apontou para porta que ficava na lateral posterior da recepção.

Ricardo correu, adentrando o local cheio de guardas em polvorosa.

- Saiam!!! - ordenou dando um comando vibratório feroz, direcionando seus feromônios.

Sem qualquer contestação de sua ordem, em instantes se viu sozinho na sala, frente a milhares de monitores.

Procurou um em específico e logo encontrou aquele que passava a imagem de um homem de preto se alongando num elevador.

- Idiota!!! A primeira coisa que você tem que fazer é destruir as câmeras e não produzir provas contra para si mesmo! - gritou para a pessoa na tela que não podia ouvi-lo.

Observou o outro se esconder, agachar e sequência de aniquilamento assim que a porta do elevador abriu.

Viu o homem sair do elevador por outra tela.

- A câmera! A câmera seu idiota!!! É sua primeira vez fazendo isso?

Técnicas de guerrilha, invasão e desmonte, Ricardo tinha feito vários desses treinamentos. Alguns quando estava no exército e outros como forma de exercício no México, África e outros países.

Ainda acompanhando o trajeto, testemunhou o embate com o senhor que tentou inutilmente impedir seu caminho. Perdeu seu rastro quando entrou na sala privativa.

Com ódio nos olhos, deu um soco na mesa de controle.

- Por que você entrou lá sozinho?!!! - gritou em fúria.

Sem poder fazer mais nada, rapidamente buscou os números das câmeras que continham as imagens reveladoras e retirou suas fitas.

Chamou Bae.

- Sim! - gritou Bae, chegando ao local ofegante, enquanto Ricardo recolhia seus densos feromônios.

- Apague tudo! Todo HD! Inclusive das câmeras de monitoramento externo - ordenou e saiu da sala.

- Ok! Onde você vai? - perguntou preocupado diante do estado de descontrole do irmão, enquanto apertava de forma automática vários botões que desligavam os monitores em sequência.

- Resolva isso rápido e não seja visto!

Saiu do recinto e avistou a chegada em comboio de uma equipe metodicamente organizada, trajando o mesmo tipo de roupa que o homem de preto, e se posicionando estrategicamente por todo saguão. Concluiu ser algum tipo de backup de segurança.

Saiu sorrateiramente pela lateral do prédio.

- Senhor! - gritou Tom.

- Espere Bae e depois deixe o local.

- E o rapaz Solie?

- Não há como subir e ele tem reforço. Vamos! - ordenou dando as costas enquanto guardava as fitas em seu bolso interno.

.
.
.

Ouviu o trinco da porta destravar e Solie entrar com um montante de sacolas.

- Oh! Ricardo! Você está em casa! Tão cedo! - falou sorrindo, depositando as sacolas no chão - Peguei as roupas do casamento, vamos experimentar? Se houver ajuste já levo amanhã…

Ao chegar mais próximo da sala de estar, se sentiu numa floresta densa, fria e escura que transmitia a nítida sensação de perigo eminente.

- Ri-Ricardo? Você está bem? - falou inseguro e receoso. Nunca tinha sentido aquela qualidade de feromônios em sua vida.

Levantando lentamente, Ricardo caminhou em direção a Solie. Sua respiração era pesada e profunda.

- Quem é você? - perguntou com uma expressão soturna, quase distorcida pelo excesso de auto controle, para que a raiva não o tomasse.

- Eu? Como assim, q-quem eu sou? - gaguejou Solie nervoso.

Num segundo Ricardo pulou o sofá, pousando na frente de Solie, lançando sua longa perna em direção às pernas do ômega, que automaticamente se esquivou saltando para trás.

- O que foi isso Ricardo? - gritou.

E logo viu o punho do alpha ir em sua direção, para mais uma vez ele girar para o lado, fugindo do golpe.

- P-por que você está fazendo isso? - gritou Solie, mais uma vez.

- Uma pessoa normal, seria capaz de ter esses reflexos, ao ponto de se esquivar com essa velocidade? Por que você não me contou? - gritou o homem furioso.

- Contar o quê? – perguntou sem entender.

- Você quer me fazer de idiota agora? - sua fala saiu entre os dentes, expondo a raiva que aumentava exponencialmente diante da negação de Solie.

Soturno e furioso, caminhou em direção ao ômega.

Mais uma vez o trinco da porta destravou, e Bae entrou correndo, seguido de Carlos.

- Ricardo! Ricardo! Se acalme!!! - gritava Bae, desesperado e temendo que seu irmão perdesse o controle.

- Me conta, quem é você?! - esbravejou cheio de raiva.

Atônito com a situação, Solie se refugiou no canto da sala, sem ter para onde fugir. Seu corpo estava fraco. Toda energia e estamina disponíveis, foram gastas nas lutas recentes. Por mais treinado que fosse, ele era um ômega e não dispunha de músculos e força bruta, tal como um alpha.

Não obtendo as respostas que desejava, sua raiva cresceu, a mente nublou e explodiu em uma rajada de feromônios sufocantes que tomaram o ambiente.

- Não!!! - gritou Bae, pulando em cima de Ricardo, para que ele voltasse a si, porém sem conseguir efeito algum.

Se encolhendo no canto da parede, Solie soltou um grito de agonia misturado ao choro explosivo.

- Ahhhhhhhhhhhhhhh!!!

Um aroma pungente de flores do campo completamente murchas e tristes, que exalavam um medo profundo, tomou o ambiente e num estalo, Ricardo acordou do seu transe e deu dois passos para trás, recolhendo seus feromônios.

- Por favor, não sinta medo de mim - falou se dando conta do estrago e se sentindo culpado, olhando para o ômega encolhido - Eu nunca vou lhe fazer mal.

Bae correu em direção a Solie.

- Ei, você está bem? - perguntou, segurando Solie e o levantando.

- Ricardo… - falou Carlos, ainda tremendo pelos efeitos dos feromônios dominantes, mas puxando o amigo para se sentar.

Aquela era uma nova faceta de seu amigo alpha dominante que ele nunca tinha visto: a besta.

Porém, ao chegar perto de Ricardo, viu seu amigo cambalear. Ricardo estava tonto.

- Ricardo! Ricardo! O que houve? - gritou Carlos, tentando segurar o homem de quase dois metros, que teimava em desabar.

- Me leve para um hotel… - falou o homem tentando se manter em pé.

- Hotel?

- Meu… Meu rut chegou.

38. Borrão

Assim que Bae levou Ricardo porta a fora, por algum motivo que Solie em seu desespero não conseguiu entender, ele subiu correndo para seu quarto e se trancou lá dentro.

Chorando e tremendo, se perguntava por que Ricardo tinha agido daquela forma? Quer dizer… Entendeu que ele estava aborrecido, por não ter contato sobre o fato de saber lutar, mas não compreendia o porquê de estar tão furioso, ao ponto de atacá-lo.

Toda a situação era uma confusão em forma de borrão em sua mente.

Arrancou a roupa com urgência ficando nu, entrou na banheira, sentou e abraçou as próprias pernas, esperando a água quente fazer seu trabalho de encher o reservatório ainda gelado.

Tudo doía. Seu corpo, seus olhos inchados pelo choro repentino e suas emoções emaranhadas.

Tinha sido o dia mais intenso de sua vida. Sua primeira missão, sendo que nunca havia treinado com tal intenção, simplesmente aconteceu.

Desde pequeno, guiado e incentivado por sua mãe, entendeu a necessidade de treinar lutas com o objetivo de autodefesa.

Sendo ômega, sua anatomia e fisiologia perante um alpha sempre estiveram em desvantagem, sendo assim, foi preciso construir resistência e desenvolver habilidades de acordo com suas particularidades.

Ainda que fosse graduado no nível mais alto da Escola de Luta de Ômegas, aprendeu desde cedo que, sem o fator surpresa, teria pouca ou nenhuma chance de inocular um alpha forte.

O fator surpresa, não se dá somente pelo ato de um ataque inesperado, mas também, pelo fato de um ômega ser capaz de se defender apropriadamente.

Porém, essa vantagem tem um tempo de validade. Dura somente alguns minutos, é o tempo necessário para que um alpha absorva a situação e consiga tomar o controle de volta. Seja com um ataque de feromônios, ou mesmo pela força bruta, sempre maior e mais feroz do que qualquer ômega, por mais treinado que ele seja.

Sabia o que sua mãe havia feito quando mais jovem. Mas, eram outros tempos, uma outra sociedade.

O mundo mudou desde então. Nunca acreditou que o mesmo tipo de ação por parte da Organização, seria necessária novamente.

Mesmo não tendo desenvolvido uma mentalidade de “combatente”, “agente”, ou algo do tipo, não foi difícil entender a urgência do momento e aceitar a Missão proposta por seu professor e Mestre.

Durante os últimos anos, a Organização sempre monitorou o ambiente e agiu de forma velada em pequenas situações, causadas pelo descontrole de alguns alphas. Mas nada tão grande.

Ultimamente, a Comunidade Ômega estava assustada. Casos de desaparecimentos vinham ocorrendo regularmente e nada era resolvido. Era como se ninguém se importasse, nem a Polícia

e muito menos as autoridades.

Tal inércia e acobertamento, levou a Organização a concluir, que havia alguém poderoso por trás. E foi assim, que começaram a investigar por si mesmos, tal como faziam antigamente.

No último ano, dois de seus colegas de luta desapareceram.

E ele mesmo, Solie, caso não tivesse sentido um estranho cheiro de sangue no ar e a densidade de feromônios mal intencionados no dia em que foi se reunir com Paul Norman, poderia ter sido uma de suas vítimas.

Ao relatar a situação estranha ao seu professor, tudo foi se encaixando.

Descobriram que, dos recepcionistas do prédio, aos seguranças, passando por seu secretário pessoal, todos sabiam que o alpha raptava ômegas, preferencialmente masculinos, e praticava atrocidades em seu escritório, em pleno Centro Empresarial.

Fazia tudo ali, às claras… E ninguém o detinha. Afinal, ele era um multimilionário, alguém com poder suficiente para se achar acima das leis.

Diante disso, denunciá-lo não teria efeito, pois muito provavelmente, toda cadeia de comando estava corrompida e comprada.

Era preciso algo drástico, para expor a leniência das autoridades diante de pessoas poderosas e escandalizar a sociedade, que até então, acreditava estar vivendo num mundo civilizado e com leis para todos.

Toda ação foi pautada em provas, que foram enviadas para as autoridades e veiculadas em canais próprios.

Eles queriam que todos aqueles que saíam da linha, fossem contidos e julgados, de acordo com seus atos.

Não era o objetivo da Organização fazer ‘justiça cega’, como também, não tinha como finalidade tirar a vida de pessoas, e fazer ‘justiça com as próprias mãos’.

Um mundo de pessoas ou organizações auto intituladas como “justiceiras”, se torna uma anarquia.

No meio de toda essa densidade de acontecimentos, Solie se viu convocado a se posicionar. E de todos, ele era o único que poderia fazer o que fez, da forma que fez. Então, aceitou a missão.

Seu telefone não parava de tocar, sua mãe, seu pai, Lissa e seu professor, todos queriam saber como estava. E ele só queria ficar quieto.

Mandou mensagem e tranquilizou a todos. Estava completamente exaurido física, mental e emocionalmente.

Toc
Toc

- Solie, sou eu, Carlos. Estou deixando uma bandeja com comida, aqui na porta. Por favor, coma… Se precisar de qualquer coisa, estou aqui pela sala, tá bom? - falou o homem suavemente

do outro lado da porta.

Esperou os passos se distanciarem, abriu a porta, pegou a bandeja e comeu. Vestindo um pijama de algodão, se refugiou embaixo das cobertas e travesseiros fofos que proporcionavam conforto e aninhamento.

E dormiu.

.
.

Zonzo pelo recente descontrole de feromônios, Ricardo sentia sua cabeça rodar. Estava tudo nebuloso.

Bae buscou o hotel cinco estrelas mais próximo possível e antes que chegassem ao local, reservou uma suíte apropriada para um alpha em rut, bem como uma acompanhante.

Ajudou Ricardo a sair do carro e o guiou espaço a dentro. Pegou as chaves na recepção e subiu com o irmão.

- Bae… - murmurou Ricardo.

- Sim.

- Eu fiz de novo… Eu perdi o controle. Perdi o controle Bae…

Bae se sentia triste pelo irmão.

Ele sabia que seu irmão super protetor, não sabia lidar com emoções extremas e que provavelmente, os atos de hoje iriam torturá-lo, o levando a um isolamento ainda mais profundo.

- Ricardo, vou te colocar na água fria - falou tirando o paletó do homem alto meio em transe e o colocou no chuveiro ainda vestido - Tire suas roupas e tome um banho - falou resoluto - Se apresse, a acompanhante já deve estar chegando… Estarei lá fora.

Era como estar num ambiente aquoso e denso. Tudo parecia pesado. Seus braços e pernas se moviam em câmera lenta.

Aquela estranha combinação de feromônios e raiva, culminando em seu rut, era uma sensação nova e incômoda.

Sua temperatura começou a aumentar, sintomas óbvios do rut que tomava conta de seus sentidos. Logo arrancou as roupas, buscando a água fria para se acalmar.

Ainda meio cambaleante, chegou no quarto nu e molhado, devido ao calor.

- Coloque pelo menos um roupão - falou Bae, abrindo a embalagem e cobrindo o homem já sentado na cama - Vou sair, precisa de mais alguma coisa?

- … - sua mente em branco era incapaz de formular qualquer necessidade.

- Estou saindo… Abra a porta quando a campainha tocar - E saiu, deixando o alpha sozinho.

Minutos depois a campainha tocou.

Sem ânimo, lentamente caminhou até porta e abriu.

Uma linda morena deu um sorriso, mas para Ricardo, não passava de um borrão.

- Olá - falou outra mulher atrás dela - Eu vou me encarregar dele - Abriu a bolsa tirando várias notas de grande valor e entregou à morena ainda em dúvida sobre o que fazer.

- Mas fui contrat…

- Estou te dispensando - falou a outra resoluta - Tudo bem Ricardo? - perguntou ao alpha, ainda parado sem reação.

Com um manejo de cabeça, Ricardo assentiu positivamente.

Entrou e fechou a porta.

- Oi… Você me reconhece? - perguntou Susan, caminhando em direção ao alpha enquanto se despia - Acho que não… - Concluiu com um sorriso gentil - Não tem problema… Vou cuidar de você, ok? - sussurrou, acariciando o rosto do homem que a olhava sem enxergá-la.

39. E foi assim…

Ricardo acordou nu na cama de hotel.

Todo quarto parecia uma loucura. Travesseiros e lençóis jogados ao chão aparentemente cheios de fluidos, objetos decorativos quebrados pelo caminho.

Se não tivesse a certeza que aqueles eram espólios do rut, poderia dizer que algo como guerra havia passado por ali.

Que dia era? Que horas seriam? Não se lembrava de nada. Sua última recordação era de Bae jogando o roupão em cima dele.

Nunca tinha tido um blackout total em um rut.

Andou pelo quarto revirando coisas em busca do próprio celular. Achou na mesa de cabeceira.

- Bae,,,

- Oi! Correu tudo bem?

- Não sei… Ligue para a agência e veja se está tudo bem com a acompanhante, o quarto está todo destruído… Não sei o que aconteceu.

- Não sabe o que aconteceu? Não lembra da pessoa, é isso?

- Não lembro de nada…

- Sério? isso já aconteceu?

- Não… Você pode ver se está tudo bem com quem me acompanhou?

- Ok, vou ligar!

Não tinha se passado muito tempo desde que acordou e já se sentia fodidamente patético.

Tinha vontade de sumir! Como assim não se lembrava de nada? Que merda de situação era aquela?

Sentia raiva de si mesmo, daqueles feromônios escravizantes e a tudo que estava sujeito por causa deles.

Ridículo, ele era um alpha simplesmente ridículo e patético.

Vrrr
Vrrr

Seu telefone tocou. Era Bae.

- Está tudo bem? - perguntou preocupado.

- Eles disseram que a acompanhante foi dispensada e outra pessoa ficou com você. E que inclusive você concordou.

- O quê?!

- Bem… Se você não lembra, o jeito é olhar nas câmeras do hotel para saber quem foi. Você vai ou eu vou?

- Eu vou! Merda! - xingou irritado.

O único pensamento que agora ocupava sua mente, é o profundo desejo de que não tivesse sido Hanna. Só em pensar na possibilidade de ter dormido com ela em seu rut e os frutos que isso poderia gerar, o enlouquecia.

- O que vou ter que fazer agora? - gritava enfurecido – Me trancar numa porra de um calabouço? Que merda!!! - irritado, chutou os itens já quebrados que ainda estavam no chão.

Respirou aliviado, mas ainda irritado, quando descobriu pelas câmeras que tinha sido Susan.

Estava aborrecido e também preocupado. O estado das coisas no quarto o levou pensar no quão violento havia sido.

- Alô… - atendeu Susan.

- Como você está? - perguntou tentando manter a calma.

- Não se preocupe, estou bem. Não foi nada que não tenhamos feito várias vezes antes.
- Você não deveria ter feito isso Susan, eu não estava em boas condições.

- Oh, desculpe! Não pude resistir a oportunidade de desfrutar do seu rut! - falou rindo ao telefone.

- Susan, isso é sério. Não podemos mais fazer isso, somos parceiros de negócios agora.
- Não vejo por que isso nos impediria… Você é um homem, eu uma mulher, e nossa química é ótima! Quanto aos negócios, nada muda.

- Não… Não será dessa forma. Essa foi a última vez. Não faça isso novamente.

- Então abro mão dos negócios!

- Ainda assim, foi a última vez - respondeu decidido.

- Por que está sendo tão sério? Você gosta tanto quanto eu!

- É diferente agora… Acabamos por aqui.
- …

.
.

Solie dormiu até de manhã, acordou, foi ao banheiro e dormiu de novo.

Acordou a tarde, comeu o lanche deixado na porta, dormiu novamente.

Despertou de madrugada com fome. Encontrou comida mais uma vez na porta do quarto e a comeu

Seu corpo estava realmente exausto. Mas não só. Sua mente, era uma confusão emaranhada de ações e acontecimentos simultâneos.

Depois de dormir tantas horas, estava num estado de letargia.

Pegou o celular e mais uma vez respondeu as mensagens de sua família e amigos preocupados com seu sumiço.

Deitado no sofá do quarto, começou a repassar todos os acontecimentos. A verdade, era que não conseguia lembrar com clareza ou detalhes tudo que havia feito.

No momento em que trocou de roupa e saiu para entrar na van, uma chave virou em sua mente. Era como tivesse se tornado um robô, não viu ou ouviu nada que não estivesse relacionado ao seu objetivo final. Todas as escolhas, sobre o que fazer ou para onde ir, se tornaram automatizadas, numa sequência reta e definida.

Tal como um efeito dominó, ele só as seguiu.

Toda ação tinha acabado quando foi deixado na Loja de Departamentos para se trocar, mas ainda estava ausente. Mesmo após chegar em casa e cumprimentar Ricardo, ainda se encontrava em modo automático.

Só despertou, quando se viu sendo confrontado, precisamente, quando Ricardo jogou uma perna em sua direção e depois o punho.

Era como se tivesse numa realidade paralela, e do nada, fosse solapado de volta à vida real. Mas, a realidade de agora, em nada se parecia com aquela na qual vivia antes.

O alpha polido e introvertido que conhecia, agora estava gritando com ele e avançava em sua direção, falando coisas das quais não entendia.

[Quem é você? Por que não me contou?], ele perguntava…

“Como assim quem sou eu? Contar o quê?”, pensou indignado.

E não só isso, depois de tentar acertá-lo duas vezes, jogou seus feromônios sufocantes em cima dele.

- Oh!!! Aquilo foi… Realmente, realmente aterrorizante! Pensei que ia morrer! - falou alto para si mesmo, sentado no sofá do quarto.

[Uma pessoa normal, seria capaz de ter esses reflexos, ao ponto de se esquivar com essa velocidade?], Ricardo também disse isso.

“Será que descobriu alguma coisa? Mas como? Não tem como!”, refletia tentando desvendar os motivos por trás das ações do alpha.

Por mais que pensasse tentando entender, nada fazia sentido.

E, onde ele tinha ido? E por que ainda não tinha voltado?

No meio de tantas dúvidas, pegou no sono novamente no sofá.

.

.

Um novo dia amanheceu e Solie enfim abriu a porta do quarto e saiu.

Foram quase 24 horas de sono. Seu corpo estava estranhamente dolorido, um misto do impacto das atividades de dois atrás, combinadas com a sequência de longas horas de sono.

Desceu as escadas e encontrou Carlos assistindo TV.

- Olá… - cumprimentou o amigo advogado - Você está bem?

- Sim… - respondeu Solie, se sentindo estranho.

- Comida? - indagou o homem levantando.

- Eu posso fazer, não se preocupe.

- Já deixei tudo pronto, é só esquentar, vamos lá - falou já a caminho da cozinha.

- … - sem contestar, Solie o seguiu como se fosse um convidado em uma casa estranha - Onde estão… - começou a falar, mas logo se calou.

- Ricardo e Bae?

- Sim…

Carlos deu um suspiro.

- Ricardo entrou em rut naquele dia, então Bae o levou para um hotel.

- Ah… Entendo… - falou mexendo a comida aleatoriamente.

- Solie…

- Sim - respondeu olhando para Carlos.

- Como você se sente em relação a Ricardo? - perguntou preocupado.

- Hum… Não sei… Na verdade, não sei por que ele agiu daquela forma.

- Oh! Você não sabe? - indagou surpreso.

- Não… - respondeu ainda perdido.

- Então, não tem ideia de que Ricardo estava monitorando quem seguia você?

- Ele estava? - perguntou surpreso - Ele nunca me disse.

- Ahhhhhh… Entendi… Um não fala e o outro não diz… - murmurou Carlos, pensando alto.

- Como?

- Nada! Pensei alto! Mas então… Ele estava… - falou pegando um biscoito para mordiscar - Na verdade, ele viu em primeira mão, todas as suas cenas de filme de ação.

Boquiaberto, Solie perdeu as forças na mão, deixando cair seu garfo no chão.

- O quê?! - gritou surpreso.

- Pois é… - respondeu se abaixando para pegar o talher, limpando os restos que caíram.

- Me desculpe a sujeira! Mas, mas… Como, como? - falou nervoso.

- Sabe aquele clichê do “é uma longa história…”? Algo tipo isso - falou Carlos em tom de deboche.

- … - Solie continuou olhando para ele incrédulo e envergonhado ao mesmo tempo.

- Vou fazer um resumão: Vocês estavam sendo seguidos quando foram jantar a primeira vez, Ricardo percebeu e colocou gente para seguir os caras, que seguiram vocês de novo não-sei-quando e aí, ele descobriu uma empresa de hate na internet, e mais a fundo, que a MY Entertainment era a contratante.

- Oh! - exclamou Solie, sem saber o que dizer.

- Ele colocou uma galera para te proteger, então, na hora que tudo aconteceu, eles viram a sequência das coisas, enquanto relatavam para Ricardo e daí em diante, foi só ladeira abaixo.

- …

Solie perdeu o apetite. Agora, faziam sentido aquelas perguntas.

Antes que pudesse digerir a informação, ouviu alguém entrando pela porta da rua e logo deu de cara com Ricardo.

Entrou indo direto até ele, mas mantendo certa distância.

- Você está bem? - perguntou ele sério.

- Sim - respondeu sem olhá-lo.

- Vamos conversar… - falou sentando no sofá.

Solie saiu da mesa de jantar e caminhou até a sala de estar, sentando em frente a Ricardo.

- Vou indo então! - falou Carlos.

- Não, fique aqui - falou Ricardo - Bae também.

- Ok… - respondeu Carlos sem entender, olhando para Bae, que parecia também não saber do que se tratava.

- Quero te pedir desculpas pelo meu comportamento inaceitável de dois dias atrás… - falou olhando diretamente para Solie - Embora esteja me desculpando, não acredito que haja qualquer tipo de justificativa para o que fiz. É algo completamente reprovável. Eu ultrapassei todos os limites.

- …

- E para que as coisas não fiquem mais estranhas e desconfortáveis entre nós, acho melhor cancelar o acordo.

- Hum?! Você vai cancelar o contrato? - perguntou Carlos surpreso.

- Sim… - respondeu para Carlos e voltou a olhar para Solie - Como não posso voltar atrás e mudar meus atos, gostaria que você aceitasse uma compensação de pelo menos um ano das mensalidades. E claro, não terá nenhum tipo de ônus pelo distrato… - fez uma pausa, dando um suspiro - Por favor, não pense que quero comprar seu perdão ou algo tipo… É só que… É a única forma que tenho de me redimir minimamente.

- …

Em branco, Solie não sabia o que falar. Estava imerso numa estranha sensação, de que seu mundo estava se retorcendo e virando do avesso, enquanto ele era só um mero expectador.

- Não tenha pressa em sair, faça tudo no seu tempo, estarei fora. Agradeço pela sua parceria, pela paciência comigo e pelo esforço em tentar levar adiante um projeto que nem era seu… E peço sinceras desculpas por ocupá-lo todo esse tempo.

Terminou de falar e se levantou.

- Carlos, garanta que tudo se encaminhe bem - falou e deu as costas caminhando para a saída novamente.

- O-ok… - respondeu Carlos, atordoado pela situação.

Antes de sair pela porta, Ricardo virou para trás e se despediu.

- Obrigado por tudo Solie - e saiu.

40. No final das contas…

Preocupado com a expressão atordoada de Solie, Carlos não sabia como proceder.

- Você quer que eu chame alguém? Lissa… Seus amigos? - perguntou Carlos.

- Não… Obrigado.

- Quer que eu fique aqui?

- Não… Obrigado por ter cuidado de mim - falou se levantando e subindo as escadas.

Entrou no quarto sentindo a força em suas pernas trêmulas se esvaírem. Sentou no chão, fraco.

Sentiu um aperto que causava uma dor estranha no peito, como se algo tivesse sido arrancado à força. Sem entender exatamente por que, lágrimas caíram de seus olhos.

O que estava acontecendo? Tinha sido liberado do contrato sem ônus e ainda com gratificação. Mas porque aquilo parecia tão triste e ruim?

Engatinhou até a cama, se enfiou embaixo das cobertas e deixou que o aperto em seu peito transbordasse em um choro convulsivo.

.

Acordou de manhã com o toque do telefone.

- Hum? - respondeu ainda com os olhos inchados fechados.

- Libera minha entrada aqui na portaria - ordenou Lissa ao telefone.

Após todo trâmite de liberação, recebeu sua amiga alpha na porta da casa.

- Por que você está aqui? - perguntou Solie.

- Isso não importa agora, vamos fazer suas malas.

.
.
.

Caminhando em silêncio ao lado de Ricardo, Bae esperava que seu irmão falasse algo.

- Bae…

- Sim…

- Encaminhe minha demissão ao Sr. Bardon.

- O que pretende fazer?

- Ainda não sei…

Uma coisa que Bae tinha aprendido, era que não adiantava contestar Ricardo em momentos como esse.

Por quê tinha feito… O que estava fazendo… O que ia fazer… Nada disso seria respondido. Muito provavelmente, porque nem ele mesmo saberia a resposta.

Mas, uma coisa Bae não precisava perguntar, pois já entendia. Por que ele terminou o contrato com Solie? Medo.

Primeiro, tinha de si mesmo e daquilo que não conseguia controlar. Segundo, não podia suportar a ideia de ter alguém vivendo ao seu lado, sob a sombra do medo de ser atacado novamente.

Ricardo não tolerava seu aspecto mais sombrio, logo, jamais poderia impor isso a quem quer que fosse.

Bae queria dizer a seu irmão que ele precisava aprender sobre as próprias emoções, pois é impossível controlar aquilo que não se conhece. E para isso, precisava fazer o que Ricardo tinha mais dificuldade: Se relacionar.

Se relacionar, errar e acertar. Se relacionar mais um pouco, errando e acertando um par de vezes. E dentro dessa flexão contínua entre relacionamentos e todas as emoções que eles trazem à tona, ficaria cada dia mais seguro, sociável e estável em seu auto controle.

.
.

Solie seguiu sua amiga em silêncio.

- Você gosta dele? - perguntou Lissa, sem rodeios.

- Não sei… Acho que não… - respondeu tentando encontrar respostas.

- Se não gosta, por que está acabado desse jeito? Isso é coisa de quem está apaixonado… - concluiu olhando seu amigo com curiosidade enquanto dirigia.

- Eu não sei, não sei!!! - respondeu confuso.

- Então tente descobrir… - sugeriu.

- Eu já estive apaixonado antes e não sinto por ele, nada do que senti.

- Hum… O que sente então?

- Não sei!

- Era para você estar aliviado…. Se livrou do contrato. Certo?

- Sim…

- Mas não parece que está…

- Acho que foi a forma como as coisas aconteceram… - falou com olhos lacrimejantes - Me sinto triste quando penso que… Que… Ele estava melhorando, ficando mais descontraído, mais como uma pessoa normal e menos reativo. Acho que eu queria vê-lo bem… Não sei…

- Parece que você está falando de uma pessoa doente…

- Não, não é assim! Ele é uma pessoa boa, mas muito fechado. Nunca tinha visto um alpha tão fechado.

- Hum… Você se apegou ao processo dele, então?

- Realmente não sei… Acho que me sinto triste por ter acabado assim.

- Bom… Se dê um tempo para você digerir esses sentimentos que não sabe explicar.

- O que será que ele vai fazer agora? - perguntou preocupado.

- Isso não importa mais, Sol. Entenda a si mesmo e siga em frente.

.
.

Na noite anterior…

- Desculpe pedir para encontrá-la uma hora dessas - falou Carlos enquanto encontrava Lissa num bar, após sair da casa de Ricardo.

Contou para a alpha amiga de Solie, tudo o que havia acontecido.

- Oh, que grande merda isso tudo!!! - falou irritada - Onde está Solie?

- Na casa, acho que ele precisa ficar sozinho essa noite. Ele parecia um pouco abalado, até eu fiquei.

- Quando fará o distrato?

- Hum… Não sei… Hummm… Lissa…

- Sim…

- Desculpe ser intrometido, não é nenhum tipo de cantada, mas, você já viveu algum relacionamento?

- Namoro? - perguntou curiosa.

- Sim.

- Já, vários… Por que pergunta?

- Então, meu amigo Ricardo nunca viveu nenhum…

- E? O que você quer dizer com isso?

- Não estou tentando justificar nada, só quero colocar que ele não é bom em se expressar por que nunca se abriu. Mas ultimamente, ele parecia mais curioso e até esforçado em desenvolver o relacionamento, mesmo que falso com Solie.

- Você não está querendo propor do meu amigo, ser um laboratório para curar as neuras do seu amigo, né?

- Não!!! É só que achei que talvez, Solie também estivesse envolvido e se isso for verdade…

Será que ele poderia pelo menos tentar ser amigo do Ricardo? Mesmo depois de acabar o contrato?

- Como ele vai ser amigo de uma pessoa que praticamente o expulsou?

- Ahhhh, desculpa… Você está certa…

- Mas qual é sua preocupação?

- Aquele doido, é um cara gente boa. Tão gente boa que ele faz merda e se isola das pessoas para não fazer mais merda e só piora a situação, por que não lida com o próprio rebosteio. Daí o chorume cresce, mas ele está tão absorvido na própria bosta, que não consegue sair do esgoto para entender que o problema não é fazer merda, mas sim aprender a limpar.

- Uau! Que situação escatológica!!! - falou Lissa rindo.

- É só para explicar, que ele na tentativa de não fazer mal aos outros, acaba se isolando e ficando cada vez mais inacessível.

- Entendo sua intenção, mas ele que lide com os próprios problemas. Terapia está aí para isso. Meu amigo, não é posto de reciclagem.

.
.
.
.
.
.
.
.

Uma semana depois…

Solie abriu a porta da casa e entrou devagar. Não tinha avisado que ia, só aconteceu, depois de muito andar pela rua sem rumo.

Ao longo dos últimos dias, foi se inteirando dos acontecimentos e montando o quebra cabeças a respeito de tudo que havia se passado.

Seus pés o levaram até a casa de Ricardo, de forma inconsciente e automática.

Nem tinha chegado na sala de estar e começou a sentir aquele aroma conhecido. Respirou fundo fechando os olhos e foi remetido aquela floresta profunda, triste, fria e isolada pela qual já havia passeado.

Era tão forte, que já estava chegando na porta de entrada.

Abriu os olhos e começou a caminhar pela sala com passos firmes, à procura do alpha, dono dos feromônios.

- Ei, você!!! O que pensa que está fazendo? - gritou Solie, ainda dentro da casa enquanto caminhava em direção ao Jardim de Flores, irritado.

De pijamas e sentado na grama, aos pés da espreguiçadeira, Ricardo olhou para trás, procurando uma voz que parecia vir da casa.

- Hum? Bae? - perguntou.

- Ei! - gritou Solie.

- Solie?! - se espantou.

Há mais de uma semana que não o via, nem se falavam.

- O que você pensa que está fazendo? - gritava o ômega, caminhando em sua direção.

- Hum? - se perguntou o que estava acontecendo…

- O que está fazendo aqui com esses feromônios tristes? Você não tem direito de ficar triste!!! - gritou de frente para o alpha, que estava assustado com o comportamento de Solie.

- O que houve? Aconteceu alguma coisa? - perguntou aturdido.

- Aconteceu! Aconteceu você parecendo um personagem de uma novela de drama, isolado, soltando um monte de feromônios fodidamente tristes!

- Estou relaxando na minha casa, não posso? Não sabia que você vinha!

- Eu nunca vi alguém relaxar parecendo que vai morrer! Recolhe esses feromônios!

- O quê???

- Recolhe!!! - comandou Solie, furioso com o alpha.

Sem questionar, Ricardo recolheu instantaneamente.

- Você… Você é um idiota!

- Hum??? - Ricardo estava perdido, diante da raiva do ômega que o atacava.

- O quê? Não sabe sobre o que estou falando? Não entende por que estou irritado? - perguntou em tom sarcástico.

- …

- Então agora, você sabe exatamente como me senti! E sim, você é um baita de um idiota!

- Por que você está me xingando? - perguntou já irritado.

- Por que, não posso? Vai fazer o quê? Jogar seus feromônios sufocantes em cima de mim de novo?

- Não… Nunca eu…

- Não vai mesmo! Escuta bem uma coisa, por que vou falar só essa vez! Nunca mais você vai jogar aquele tipo de feromônios em mim!!! Sabe porquê? Por que quando você achar que está começando a surtar, já vai estar desacordado!

- …

- Não acredita? - falou o desafiando.

- Eu não…

- Tenho mais de vinte formas de te nocautear, sem você nem perceber que isso aconteceu, então, não nunca mais tente tirar uma comigo. Não vou pensar duas vezes!

- E-eu nunca pensei em atacá-lo… Não foi intencional.

- Não importa! Se você não sabe se controlar, vou te ensinar da pior forma possível.

- …

- Você… Você é burro ou o quê? - falou olhando para Ricardo como se ele fosse uma pessoa estranha.

- Como? Por que você continua me xingando? Eu já pedi desculpas, até desfiz nosso contrato, o quê…

- Não quero suas desculpas! Pode jogá-las no lixo, junto com seus feromônios tristes!

- O que você quer então? Fala! Eu providencio! - respondeu indignado.

- Eu quero que você me fale o que fez… E por que fez…

- Hum???

- Você, mesmo aborrecido comigo, apagou as câmeras que me comprometiam… Meu professor disse - falou com a voz embargada - Que você enviou para a Organização, que aliás, ninguém nunca soube onde era, mas você sei-lá-como descobriu, todo arquivo de fitas dos últimos anos, com as provas dos ômegas que desapareceram.

- … - Ricardo que estava de pé, sentou na espreguiçadeira cabisbaixo.

- Ele disse, que quando chegaram lá, você já tinha levado a van e isolado o lugar com seus feromônios para que ninguém entrasse…

- …

- Meu professor também disse, que se não fosse você, estaríamos com muitos problemas... Ele, está profundamente agradecido a um alpha extremamente dominante, ter protegido a missão até o fim… - falou chorando.

- Por que você está chorando? - perguntou olhando para ômega a sua frente - O que queria que eu fizesse? Que deixasse você ser pego? Haviam muitas lacunas no planejamento de vocês…

- Obrigada… - falou Solie, olhando Ricardo nos olhos - E me desculpa, por não ter contato sobre mim… - falou entre lágrimas - Mas… Mesmo se eu pudesse voltar no tempo, ainda não teria contato. Não é simples, e não é só sobre mim.

- Tudo bem, eu entendo agora…

- Se você entende, por que teve que fazer as coisas dessa forma?! - se exasperou novamente ainda chorando.

- Por que não posso controlar quando perco o controle! - respondeu indignado - E não quero que você, nem nenhuma outra pessoa próxima, tenha medo de mim.

- Olha bem para mim e vê se estou com medo de você?!

- …

- Por isso, por isso que você é um idiota!

- Solie!!!

- Você, seu bobo, tem que aprender a lidar com esse seu super poder!

- Super poder? - perguntou Ricardo sarcástico.

- Uma pessoa que esvazia um saguão inteiro só com seus feromônios e comandos de voz, tem uma espécie de super poder. Ou você acha que qualquer alpha dominante tem isso?

- Não tem? - perguntou Ricardo curioso.

- Meu professor disse que não.

- Ahhhh…

- Você!!! Precisa ser punido por ter sido tão idiota!!!

- Hum??? Punido?! - falou com sua famosa expressão estranha, de quem não está entendendo nada.

Sem que o alpha esperasse, Solie se encaixou entre as enormes coxas de Ricardo e sentou de frente em seu colo.

- Sua punição, será ter que lidar com uma forma de intimidade mais invasiva… - falou olhando para ele e o abraçou enlaçando seus braços nas costas largas.

Estupefato, Ricardo ficou como uma estátua, imóvel e surpreso pelo ato inesperado.

- Vai me deixar esperando?! - falou com Solie com a voz anasalada que saia de boca encostada em seus ombros - Abaixa esses braços e me abraça!!! - ordenou.

De forma automática, Ricardo o abraçou, fechando seus braços envolta da fina cintura de Solie.

Frente ao tamanho de Ricardo, Solie sumia em seu tórax...

Conforme o abraçou e relaxou, deitou a cabeça no ombro do ômega, encaixando o nariz em seu pescoço. Inalou profundamente o aroma de flores que ali era mais forte.

- Vou falar com Carlos para colocar no contrato um adicional pelo uso dos meus feromônios!

- Tudo bem, eu pago… - respondeu Ricardo, sorrindo.

- Acho bom! - falou em tom de deboche, ainda abraçado ao alpha - Agora, vamos fazer aqueles velhos pagarem a língua deles!

- Vamos… - inebriado pelos feromônios que o acalmavam, só concordou.

Encostado na parede de dentro da casa, que dava para a porta dos fundos, estava Bae. Tinha chegado logo atrás de Solie. Não querendo atrapalhar, ficou ali ouvindo a briga maluca dos dois.

Feliz, ele sorria em silêncio pela situação.

“Ahhh… Mesmo não tendo nada, eles são lindos juntos!”....

41. Seguindo em frente…

“Merda! Merda!!! Por que eu sou assim? Sou um pervertido, isso que sou!”...

Após alguns minutos abraçado ao alpha, Solie levantou, seguido de Ricardo.

Para sua surpresa, o alpha vestia um pijama de cetim azul, com uma blusa gola em V que deixava parte do tórax robusto exposto e uma calça solta, que marcava o membro do homem, como ainda não vira antes.

Concluiu que o alpha estava sem roupa íntima, já que podia notar o órgão solto e grande o suficiente para chamar sua atenção de uma forma não recomendável.

Estimular sua imaginação numa situação daquelas, definitivamente não era algo desejável.

- E-então… Vou subir… - falou, contendo o próprio olhar que teimava em descer para as partes baixas de Ricardo.

- Você levou muitas coisas embora? Precisa de ajuda para trazê-las de volta? - perguntou Ricardo, o acompanhando de volta para dentro da casa.

Sentindo sua ereção dar sinais óbvios, já que a imagem impressa na calça do pijama não saía de sua mente, se apressou passando a frente do alpha, para não se fazer notar. Seria muito embaraçoso.

- Não se preocupe, não levei nada na verdade…

- Nada? - perguntou Ricardo surpreso.

- Nada! - exclamou subindo as escadas com pressa.

Desde a ausência de Solie, Ricardo não entrou em seu quarto, logo, não tinha noção se algo faltava em seu armário ou não.

- O que houve? Por que a pressa?

- Nada, só quero ir ao banheiro!

- Ok…

Entrou no quarto trancando a porta. Desde o dia em que foi pego se masturbando, procurava se manter seguro de possíveis situações desastrosas.

- O que está acontecendo comigo? Provavelmente é falta de sexo! - falava sozinho, notando o quanto estava duro e molhado.

- Tudo bem que ele é mais do que gostoso, mas esse tipo de reação é um pouco demais! - se auto repreendia em voz alta.

Foi direto para o box. E lá, já despojado das próprias roupas, buscou algum amante em seu arquivo mental, a fim de substituir a imagem do membro de Ricardo.

Não ia de forma alguma alimentar a própria luxúria, com algo que não estava a seu alcance e

ainda criar uma estranheza desnecessária no convívio, simplesmente por não ser capaz de conter a própria libido.

E assim, fez uso da lembrança de uma de suas transas aleatórias, estimulante o suficiente para levá-lo ao orgasmo.

A última semana havia sido, no mínimo, desafiante. Lutou entre o desejo de se livrar daquele contrato e a tristeza avassaladora que pesava em seu peito.

Nos primeiros dias, não tinha energia para pensar em nada e só se jogou na cama, matando o tempo com programas de TV aleatórios.

Havia uma gama de coisas a fazer em relação a seus projetos, porém, lhe faltava motivação.

No quarto dia, Alisson bateu em sua porta e o fez levantar contra a própria vontade e trabalhar a força. Sim, a vida continuava.

O fato é que, nem ele mesmo entendia sua tristeza. Racionalmente, dizia a si mesmo que tinha sido bom, pois agora estava livre, mas outra parte obscura, o puxava para baixo.

Ao contrário do que pensava, Carlos não o contactou para o Distrato.

Conforme os dias passavam e com a demanda de trabalho crescendo, se distraiu do próprio sentimento, até que seu professor o chamou para conversar e contou sobre tudo o que Ricardo havia feito.

Após a longa conversa, saiu da Academia de Luta atordoado. E caminhando a esmo, chegou na casa de Ricardo, logo tirando satisfações.

Agora, deitado na cama nu, após um orgasmo e banho relaxante, olhava para porta do quarto que dava para o corredor, refletindo sobre a própria escolha.

Ele cresceu sozinho treinando duro. Vivia sozinho, passava seu cio sozinho. Embora tivesse seus pais, amigos e amantes, nunca tinha tido uma convivência íntima com ninguém.

Se apaixonou diversas vezes, mas nunca teve alguém ao seu lado. Por que nunca de fato desejou ter alguém.

Depois de viver naquela casa por mais de um mês, se tornou extremamente aconchegante, saber que depois daquela porta que agora observava, tinha alguém com quem contar. Não estava sozinho.

Mas do que isso, a presença de Ricardo era reconfortante. Não era uma pessoa invasiva, controladora, nem mesmo tinha qualquer ímpeto de tolher sua liberdade.

Sim, ele tinha uns problemas de comunicação bem problemáticos, mas tinha que admitir que, após o período inicial de resistência, se tornou tão esforçado quanto.

Além disso, Solie se divertia toda vez que ele fazia aquela cara estranha ao ter seus limites testados. Só de pensar na cena, gargalhadas brotavam em seu peito. Como aquele alpha dominante conseguia ser bruto e inocente ao mesmo tempo?

O importante era que agora, se sentia mais em casa nesse espaço, do que naquele onde havia

passado a última semana.

.
.
.

Já Ricardo, depois de ficar uma semana fechado dentro de casa numa espécie auto reclusão, resolveu sair para se exercitar e espairecer jogando tênis, dando espaço a Solie.

E como sempre, seu amigo e advogado Carlos, foi lhe fazer companhia.

No vestiário, os dois se arrumavam para a atividade.

- Então, esse tempo todo, você não fez nada do que eu pedi para fazer? - perguntou Ricardo sério, abrindo o armário para guardar seus pertences.

- Culpa do Bae, ele que falou para não fazer nada e só esperar você voltar.

- Nem a demissão ele encaminhou, acredita? - falou Ricardo, aborrecido.

- Mas não foi bom? Te economizou um monte de dor de cabeça.

- Hum…

- Estava pensando aqui, será que Solie gosta de você? - perguntou Carlos, tirando a camisa social e vestindo uma blusa adequada ao esporte.

- O que te faz pensar isso? - perguntou Ricardo.

- Ele já estava livre do contrato e ainda com uma boa indenização… Voltar atrás… É estranho, não acha?

- Não. Pelo que entendi, ele se sente agradecido ou talvez em dívida…? Algo do tipo…

- Ahhhh… Sua ajuda no lance da MY?

- Sim…

- Ah, faz sentido… É, você é realmente um sortudo. Se fosse outro, com ou sem ajuda, aproveitava a deixa e metia o pé…

- …

- Você… Gosta dele? - perguntou sorrateiramente curioso, sentando para vestir a bermuda.

- Sim… E concordo com você, eu dei sorte - falou fechando o armário.

- Ahhhhh, ei! Perguntei se você gosta dele, além das cláusulas do Contrato...

- Romanticamente, você quer dizer?

- Sim! - respondeu impaciente.

- Não, de forma alguma - respondeu direto, sentando para amarrar o tênis.

- Uau! Que enfático! Então… O que você gosta nele como pessoa?

- Hummm… - respondeu refletindo - A sinceridade e a transparência. Ele é direto sobre o que gosta ou não, quando quer algo ou não e não é ganancioso em relação ao nosso relacionamento. Isso torna mais fácil a convivência.

- Hummm… Realmente, ele é bem direto… - completou meio decepcionado - Mas, não há como confirmar se ele é ganancioso ou não…

- Se ele fosse, eu já teria percebido - falou convicto.

- Ricardo, você é muito bom em diagnosticar negócios, oportunidades e o perfil de pessoas, mas intenções amorosas? Esse é um campo onde você é realmente deficiente.

- Você está errado. Percebo o interesse das pessoas, só não dou atenção a isso - retrucou levantando pronto para a atividade - Lido com todo tipo de interesse das pessoas sobre mim, há anos.

- Se você dia, quem sou eu para contestar…. E sobre beleza, você o acha bonito pelo menos?

- Sim, ele é bonito.

- Só???

- O que você quer ouvir? - perguntou Ricardo irritado.

- Que ele é lindo e gostoso para caralho!!! - exclamou.

- Você o vê assim? - perguntou Ricardo surpreso.

- Enxergo plenamente cada detalhe… E digo, se não fosse essa situação e o acordo de vocês, eu investiria pesado.

- Isso não é adequado - respondeu Ricardo sério.

- Vocês não vão se pegar nem nad-

- Ainda assim, não é adequado.

- Eu sei!!! Não estou dizendo que vou, só disse que se, seeeeeee pudesse, com certeza investiria…

- Não acho que ele combine com você… - falou, tirando Carlos de cima abaixo.

- Ei! Como assim? E por um acaso você sabe do que ele gosta? - indagou indignado ao se sentir discriminado.

- De caras tatuados, cabelos compridos, com cara de modelo e tão altos quanto eu - respondeu resoluto.

- Uau! Andou seguindo ele nesse período?

- Não, só aconteceu de esbarrar na pessoa…

- E? - perguntou extremamente curioso, sem obter qualquer resposta, continuou - Bom, enfim… Quem sabe quando vocês terminarem o contrato.

- Continuará não sendo adequado - falou colocando um ponto final na questão.

.

Após o tênis, sentado no carro, Ricardo refletia se seria importante ligar ou não.

“Na dúvida, melhor errar por perguntar, do que não falar nada”, diante da própria reflexão pegou o telefone.

- Solie…

- Oi! - respondeu o ômega alegre.

- Estou indo comprar as alianças… Você faz questão de ir ou posso comprar qualquer coisa? - perguntou em dúvida.

- Você nem tem minhas medidas e sim, quero escolher!!! - respondeu entusiasmado.

- Tudo bem. Te pego ou nos encontramos?

- Te encontro na loja.

Numa joalheria famosa de um grande shopping, eles se encontraram.

Solie vestia um macacão azul marinho solto, com bolsos largos estilizados, com uma blusa branca por dentro, cintos duplos e uma sandália aberta de salto. Simples e bonito.

“Ah, os macacões” pensou Ricardo, que antes tinha achado estranho um adulto ter vários no armário. Constatou duas coisas: primeiro, ele não entendia nada de moda, e segunda, o macacão realmente ficava bem em Solie.

- Olá! - falou Solie acenando.

- Oi… Vamos - respondeu entrando na loja.

Vendo a entrada dos dois, uma atendente se aproximou.

- Boa tarde, no que posso ajudar senhores?

- Queremos ver alianças.

- Oh! Sejam Bem vindos… Por aqui - e os guiou ao setor - Algum tipo específico?

- Diamante - falou Ricardo, enquanto Solie olhava o entorno da loja admirando as joias.
- Ok… - respondeu a moça pegando um mostruário com diversos pares.

- Pensei numa pedra grande para você… - falou Ricardo, apontando para uma joia com uma grande pedra de diamante reluzente.

- Hummm, acho que não - respondeu Solie.

- Não gosta de diamante? - perguntou Ricardo em dúvida.

- Gosto, mas prefiro algo mais simples e igual para os dois… - respondeu olhando a bandeja de alianças a sua frente.

- Esse aqui, não quer? - insistiu Ricardo, apontando para um modelo estilo “solitária”.

- É legal, mas acho mais bonito uma aliança toda cravejada de diamantes…

- Entendo… Ouro ou…

- Ouro branco - respondeu Solie ainda olhando os conjuntos.

- Fina, larga…

- Não sei… algo intermediário?

- E se tiver uma pedra pequena? - perguntou Ricardo, tentando convencê-lo de forma sutil a usar algo mais brilhante.

- Hummm… Não sei… - respondeu o ômega ainda distraído.

Num outro canto do balcão, Ricardo avistou um conjunto entrelaçado. Era em ouro branco, cravejado de diamantes e tinha uma pedra delicada.

- Aquele - falou apontando - Posso ver?

- Claro - respondeu a atendente.

Era um lindo par, diferente e único.

- O que acha? - perguntou Ricardo à Solie.

- Hahaha… Entendi… Você quer mesmo que eu use uma pedra… - falou sorrindo - E sim, esse é realmente lindo.

- Experimente… - falou Ricardo retirando do suporte e logo encaixando no dedo anelar de Solie
- Então? - perguntou, aguardando a aprovação de Solie.

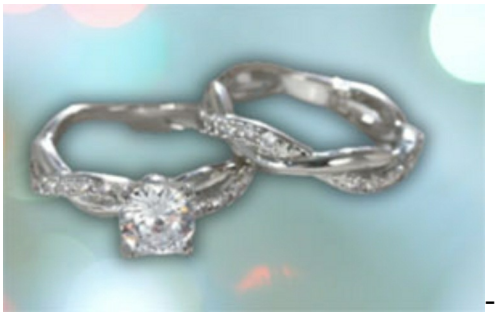
- Realmente lindo…

- Oh! - exclamou a atendente - De fato, realmente combina com você, aliás, o conjunto é lindo para o casal.

Solie olhou o lindo anel em seu dedo e se sentiu estranho.

- Gostei - respondeu buscando a expressão de Ricardo e alcançando o outro anel - Deixe-me ver… - e pegou a mão enorme do homem e o encaixou - É… Lindo mesmo - concluiu reflexivo.

- Esse então? - concluiu Ricardo.



- Sim… - respondeu ainda admirando a própria mão com a

pedra de diamante.

- Também quero aquele conjunto - falou Ricardo para a atendente.

- Oh, sim senhor - e buscou o mostruário com lindos pares de brincos e uma gargantilha que combinavam com a aliança.

- Já que você fez as roupas, eu colaboro com suas joias do dia do casamento, certo?

- …

42. Enfim, Casados!!!

Então, o dia chegou numa sexta-feira. Era hoje. Eles iam se casar. De mentira, mas realmente iam se casar. Mesmo depois de um tsunami de acontecimentos, ainda iam se casar.

Imerso na ansiedade e cheio de perguntas e reflexões, Solie vestia sua roupa.

Como seriam aqueles próximos três anos? Ainda não tinha decidido o que fazer com a própria libido… Como seria a dinâmica social no trabalho de Ricardo? E a interação pessoal deles no dia-a dia, ficaria melhor?

- Eu vou me casar… Caralho, eu vou me casar! É tudo mentira, mas ainda assim é um casamento - falava para si mesmo conferindo no espelho, o look que ele mesmo havia desenhado - Será que eu me casaria, se não fosse dessa forma?

Solie nunca almejou ou sonhou com a tal instituição do “Casamento”, nem nunca foi forçado ou cobrado sobre isso. No íntimo, achava algo chato e desnecessário. Mas agora estava ali, pronto para embarcar numa relação inexistente, porém, chancelada no papel.

Era uma mente em turbilhão. Cheia de dúvidas, receios, medos e incertezas, mas ainda assim, nada hesitante.

Estava pronto.

Toc
Toc

- Solie… - chamou Ricardo - Como eu encaixo esse negócio que parece gravata? - falou entrando no quarto do ômega.

- Ah, deixa que eu ajeito… - respondeu Solie, pegando a gravata estilizada e ficando na ponta do pé, para fazer os encaixes adequados - Como está se sentindo? - perguntou inseguro.

- Bem… - respondeu Ricardo - E você?

- Nervoso!

- Por que está nervoso?

- Mesmo falso, é um casamento. E ainda tem as fotos… E as roupas… Não sei se ficaram tão boas…

- Ah, as roupas? Achei meu conjunto muito bonito, diferente e também acho que combinou comigo. Mas ainda não vi a sua…

Solie tinha feito um conjunto de terno branco estilizado, justo e alinhado ao corpo definido do alpha.

No início, queria fazer o paletó todo com desenhado de belos galhos de árvore, mas achou que seria demais e não combinaria com a personalidade introspectiva de Ricardo. Sendo assim, decidiu colocar o detalhe na dobradura, dando um toque sutil e bonito.



ROUPA DE RICARDO

Já na própria roupa, não poupou detalhes.

Também todo de branco, com uma calça justa, quase no estilo bailarino, que marcava as belas linhas de seu corpo, fez um corpete fechado na frente com botões em brocado, porém, com uma linda transparência nas costas estilizada com desenho de flores. Era uma roupa justa, leve e simplesmente linda.



ROUPA DE SOLIE

- Oh…… - Ricardo olhou com atenção a roupa justa que Solie vestia, ainda de frente para o alpha - O que são esses desenhos no seu ombro?

- Ah, eles fazem parte do design das costas - e assim Solie virou, dando vistas a transparência em suas costas e as belas nádegas extremamente delineadas.

- …

- Não gostou? - perguntou inseguro, diante do silêncio de Ricardo.

- Não… Está muito, muito bonito… - falou ainda escaneando os detalhes da roupa do ômega - Nunca pensei que uma roupa de casamento pudesse ser assim… - respondeu surpreso pela beleza da roupa e pelo quão bem ela se moldava ao corpo de Solie, que nem mesmo ele fazia ideia ser tão bonito, o fazendo se lembrar das palavras de Carlos - Mas, existe algum paletó para colocar por cima?

- Por que haveria, se a beleza da roupa é a transparência com as flores?

Ricardo queria discordar, tão bonita quando as costas nuas, era a calça que marcava seu corpo.

- Brincadeira! - falou Solie rindo - Sim, tem um lindo paletó para jogar por cima… - esclareceu enquanto acabava de ajeitar a gravata do alpha.

- Hum, que bom… - respondeu voltando o olhar para a bagunça do recinto.

- Pronto, veja o resultado final - falou e puxou o alpha para a frente do espelho.

- Você não acha que estamos arrumados demais para um casamento falso no Cartório? - questionou Ricardo.

- Ei! As roupas não são para o Cartório, são para a sessão de fotos, esqueceu?

- Ah, é verdade…

Eles tinham agendado uma tarde de sessão de fotos para Noivos. Afinal, precisavam das provas daquele amor, mesmo que inexistente.

Chegaram ao Studio no início da tarde. Tinham umas três horas até o horário agendado no Cartório para assinarem os papéis.

Ricardo tinha contratado os serviços de um colega próximo, que era um renomado fotógrafo profissional. Construíram uma espécie de coleguismo, por dividirem a quadra de tênis quase toda semana. Além disso, também acumulava o cargo de ser seu cliente.

Emerson, era um fotógrafo badalado, sempre requisitado por estrelas e revistas. Não fazia álbum de casamento, mas aceitou o trabalho por se tratar de Ricardo, seu colega e agente de investimentos.

Trouxe a tiracolo como assistente, seu marido Nadam, grávido de três meses.

- Oláááá! Sejam Bem Vindos! - recepcionou Nadam, estendendo a mão em cumprimento a Solie, depois a Ricardo.

- Prazer Solie.

- Você é o Nadam, marido de Emerson? - perguntou Ricardo.

- O próprio! Emerson está preparando os equipamentos, então vim recebê-los - falou simpático, com um sorriso nos olhos - Uau! Vocês estão realmente lindos!!!

- Obrigada - respondeu Solie, pegando o elogio para o próprio trabalho.

- Vamos entrar, venham! - convidou Nadam, guiando o caminho.

Entraram num grande salão, cheio de figurinos e cenários variados, com uma porta de fundo que dava para um jardim, que também parecia conter seus próprios cenários.

- Ricardo! - cumprimentou Emerson, largando o tripé da câmera e caminhando para recebê-los - Que bom que chegaram! Já está tudo pronto! Olá, você é o noivo? - perguntou curioso para conhecer o parceiro de seu colega sempre fechado e de poucas palavras.

- Sim, Solie, prazer…

- O prazer é todo meu! Uau! Que dia feliz!!! - falou concluindo ser aquele um dia especial para os noivos, sem saber da falsa relação - Deixa eu explicar um lance, minha equipe está em um outro evento grande, então, para atender esse pedido especial de Ricardo, hoje seremos só eu e Nadam na produção… Mas, como ele está gravidinho, vamos fazer num ritmo um pouquinho mais lento, beleza? Ah, mas vocês sairão daqui na hora para o Cartório, fiquem tranquilos!

- Ah, parabéns pelo bebê! - exclamou Solie, surpreso.

- Obrigada… - agradeceu Nadam tímido - Não tem a menor necessidade de contar, até porque ainda nem está aparente, mas ele faz questão de espalhar para todo mundo sobre a gravidez… - falou dando um sorriso amoroso para o marido bobo.

- Diz aí, o que vocês querem fazer? - perguntou o fotógrafo.

- … - sem a menor ideia de como era uma sessão de fotos para noivos, Ricardo não tinha o que sugerir.

- Vamos com o tradicional, foto dando as mãos, alianças e tal. O básico mesmo! - explicou Solie, direcionando o rumo do trabalho.

- Beleza! Vamos para o Jardim então! - falou guiando os dois - Então, pedi um arco de flores para vocês, o que acham?

- Tudo bem… - respondeu Ricardo.

Depois de posicionar a câmera, encontrar o ponto de luz certo, posicionou Nadam segurando o refletor.

- Primeiro, lado a lado? - perguntou aos pseudo noivos.

- Ok, respondeu Solie puxando o braço de Ricardo, enquanto dava um leve sorriso para a câmera.

- Vamos lá Ricardo, sorria! - pediu Emerson.

- Não é necessário, assim está bom - retrucou Ricardo sério.

- Peloamor! Como não vai dar nem um sorriso? Você está casando com seu amor, cara! - exclamou Emerson, se divertindo com o alpha.

- Deixa de ser estranho e dá um sorrisinho de leve… - sussurrou Solie.

E assim, ele fez uma expressão que pretendia ser um “sorrisinho de leve”, mas que se assemelhava à ideia de ter comido algo estragado.

- Não, não, não… Ok, sem sorriso!!! - decidiu Emerson, diante do resultado desastroso.

Clack!
Clack!

E assim, fizeram a foto com Solie abraçando Ricardo e ele sério, tal como uma estátua.

- Próxima! Um de frente para o outro, olho no olho! Segurando as mãos!

Ainda debaixo do arco de flores, se viraram, um olhando nos olhos do outro.

Ricardo sério e tenso, parecia um robô. Solie observando aquele homem enorme, com aquela cara estranha numa sessão de fotos para noivos, não se conteve e começou a gargalhar.

- O que é engraçado? - perguntou Ricardo perdido.

- Você! Hahahahahahaha!

- Eu??? - perguntou, olhando o ômega se acabar de rir.

Diante da diversão de Solie, sua tensão se desfez e logo começou a achar graça, da graça de Solie, rindo juntos, ainda de mãos dadas.

Clack!
Clack!
Clack!

- Uaaaaaaau!!!! Até que enfim um sorriso natural. Essas ficaram ótimas!

- Ah! Tira uma foto mostrando a roupa transparente e florida do noivo, está tão linda! - sugeriu Nadam.

- Não precisa - falou Ricardo.

- E como podemos fazer? - perguntou Solie, entusiasmado e sem ouvir a resposta murmurante de Ricardo.

- Hummmm… - Emerson pensava como posicioná-los de forma harmônica, mostrando a beleza das costas do noivo ômega - Ricardo de frente, segura a cintura do noivo e Solie, você fica de costas, com sua mão direita no rosto de Ricardo, como se estivesse acariciando, enquanto os dois se olham.

Nadam caminhou até os dois, posicionando Solie com as costas de frente para a câmera, enquanto era guiado por Emerson que buscava o melhor ângulo.

Já Ricardo, achava que a bunda do ômega chamaria atenção na foto, por estar demasiadamente marcada pela calça justa. Mas, não sabia como se colocar sem soar piegas.

- Fique mais de lado - falou Ricardo.

- Como? - perguntou Solie.

- Mais lateralizado, é um ângulo melhor… - falou posicionando Solie na lateral do próprio corpo.

- Sim! Ficou ótimo dessa forma! Obrigado Ricardo! - respondeu Emerson, entendendo a intenção por trás dos atos do alpha - Agora se olhem com paixão!!!

- Ei! - falou Solie sussurrando - Pense em algo que você gosta muito e suavize esse olhar… Mas, olhe nos meus olhos. É uma foto de casamento, afinal!

Olhando um nos olhos do outro, Ricardo de forma inconsciente apertou a cintura do ômega, ao pensar no volume que estava logo abaixo dela.

Clack!
Clack!
Clack!

Sim, uma de suas taras, era por uma bela bunda e o sexo que ela proporcionava. Enquanto olhava Solie, sentiu o ímpeto de apertar a protuberância, para rapidamente se recompor do próprio devaneio.

O que era aquilo? Ele não era um animal…

Clack!
Clack!
Clack!
Clack!

- Nooooooossa!!! Que foto linda!!! - exclamou Nadam extasiado - Uau! Já vi muitos casais, mas vocês são… Lindos… Perfeitos… Não sei nomear de tão bonito!

- Oh… - respondeu Solie, envergonhado.

Como pode? Mesmo com tantos percalços e sem intimidade suficiente, como eles poderiam parecer algum tipo de casal perfeito?

- O que acham de pegar no colo agora? - perguntou Emerson.

- Não, essa não - respondeu Solie decidido.

- Por que não? É do combo básico essa - respondeu o fotógrafo.

- Não tem a ver com a gente, não somos esse tipo de casal.

- Ok, então… Próxima! Champagne? Bebendo nas taças?

- Ok - responderam os dois pretensos noivos.

Bebendo champagne, caminhando de mãos dadas, fingindo trocar alianças e muitas outras. Foram muitos olhares, mãos entrelaçadas e cinturas enlaçadas.

Em resumo, foi uma tarde exaustiva.

- Só mais uma para fechar! Beijo!

- … - ambos se sentiram constrangidos.

Inseguro por dentro, mas pró ativo por fora, Solie se aproximou de Ricardo falando baixo.

- Sem cara estranha, ok? Só visualize que sou… Sei lá… O Bae… E eu vou pensar que você é… - pausou fazendo uma busca em alguém que despertasse uma amizade sincera - Ah! O Alisson!

- E ele é bonito?

- O que isso tem a ver com a tentativa de dessensibilizar um beijo? Ohhhhhhhhhhhhhhhhh, não sabia que você era assim tão vaidoso, Sr. alpha dominante! - falou Solie provocando Ricardo - Não tem problema você personificar meu amigo, ele é um cara bonito.

Ricardo era vaidoso. Mas, era um tipo de vaidade construída pelos elogios externos. Se sabia bonito, porque outros sempre disseram que era.

Porém, sua relação com o espelho, sempre foi algo complexo. Ainda que se soubesse bonito, essa beleza o congratulava com um excesso de atenção indesejada, então, de certa forma, repudiava a si mesmo.

Era vaidoso? Era, mas de forma rasa e superficial. Era uma forma aprendida. No fundo, via a própria beleza, dominância e feromônios, mais como uma maldição, do que como algo positivo.

- Só um selinho, tá? - falou Solie para o fotógrafo, definindo os limites da interação, antes que as coisas se complicassem.

- Ok, se vocês são tímidos, a gente só respeita! - respondeu Emerson, achando a timidez do casal engraçada.

Puxando Solie pela cintura, Ricardo o enlaçou, apoiando a mão na nuca do ômega.

De olhos fechados, tocou os lábios de Solie de forma leve, sentindo a suavidade e calor que emanavam do toque íntimo, enquanto inspirava inalando os feromônios florais.

Clack!
Clack!
Clack!
Clack!

Tonto e sem ar, Solie viu seu mundo girar, num beijo, que não foi um beijo.

Muito bem!!! Acabamos!!!

.
.

Cansados e loucos para fechar o dia, chegaram no Cartório e foram recebidos por Carlos.

- Wooow!!! O que é isso?! Vocês estão uma combinação de outro mundo!!! Parabéns Solie, você é foda! - falou o amigo, dando um joinha.

- Obrigada! - respondeu Solie contente.

- Vamos acabar logo com isso, estamos cansados - falou Ricardo resoluto.

- Hum… - respondeu Carlos - Me sigam!

Se puseram atrás do advogado, caminhando pelos corredores do Cartório, até chegarem na porta do que parecia ser uma Capela.

- O que é isso? - perguntou Ricardo - É o tabelião?

- Então… - respondeu Carlos sem jeito - Eu sei que vocês não queriam, mas não pude evitar a situação.

- Como assim??? - perguntou Solie assustado.

Carlos seguiu em frente e os conduziu para dentro do recinto. E lá estavam vários não convidados, que se auto convidaram para uma cerimônia que antes não existia, mas que agora se fazia presente.

- Ricardo, meu lindo filho!!! - gritou Alexandra, mãe de Ricardo.

Se reuniam no ambiente, os pais de Ricardo, que conversavam alegremente com os pais de Solie. E mais Lissa, Alisson e Luna, Morgan e família, e Bae.

- Mãe! O que está fazendo aqui? Aliás, o que todos estão fazendo aqui?! - perguntou Ricardo, entre surpreso e irritado com a situação.

- Oh, vocês estão tão lindos! - exclamou a senhora entusiasmada, os rodeando em admiração aos trajes - Ah, eu e seu pai voltamos de viagem e por um acaso soubemos que vocês iam formalizar hoje, então resolvemos dar uma passadinha… Daí quando chegamos aqui, encontramos os pais de Solie, que por sinal, são uns amores de pessoa! - falou a senhora animada - Nos juntamos e ficamos esperando, quando vimos, todo resto chegou também! Isso não é ótimo?!

- … - sem palavras, Ricardo olhou para Solie, que também estava nervoso e tenso diante do quadro.

- Ah! Eu e seu pai estamos tão felizes!!! Acabamos com todos os negócios externos e agora enfim, voltamos para ficar de vez pertinho de você! Sem mais vídeo chamadas! isso não é maravilhoso?! Estou com tanta saudade! - despejou as notícias, abraçando Ricardo de forma calorosa.

- O quê????? - gritou Ricardo.

FIM DA PRIMEIRA TEMPORADA

EXTRAS

Extra 1 – Roteiro Original do Capítulo 36 – Missão cumprida.

Atolado pelas sacolas que continham as roupas do casamento, Solie caminhava pela rua.

- Senhor, tem uma van seguindo o rapaz Solie - relatou Tom.

- O quê??? Não uma moto, mas uma van? - gritou Ricardo, levantando da cadeira de seu escritório, surpreendendo Bae, que aguardava suas ordens.

- Sim… Estão a distância, mas cada vez mais próximo. Já chamei a equipe para vir para cá…

- Tom, você sabe o que significa uma van, certo? - falou Ricardo em tom áspero.

- Sim senhor, por isso chamei a equipe.

- Talvez não dê tempo de chegarem, se aproxime e impeça qualquer ação.

- Sim, Senhor… Mas… - de repente Tom ficou mudo ao telefone.

- O que houve?! O que houve?!- gritava Ricardo do outro lado da linha.

- Al-alguém saltou da van e pegou o rapaz Solie, senhor! E saiu em disparada! Foi, foi muito rápido!!!

- Siga eles agora!!! – gritou Ricardo exasperado.

- Senhor, um dos homens que o pegou, era aquele que o estava seguindo na primeira vez, então...

- Então, está a mando de alguém da MY! Ok, entendi... – concluiu Ricardo – Os siga e veja para onde estão indo... – falou pegando seu paletó, a fim de descer e encontrá-los.

.
.

Na van, Solie estava com as mãos presas, encapuzado e em silêncio. Tinha percebido a van, porém não contava em ser pego tão rapidamente. Procurou não se debater e esperar para ver onde iriam levá-lo.

Contava com ideia de que os outros o achavam fraco e indefeso por ser um ômega.

Ao contrário do que pensava, nenhum dos homens emitiu qualquer palavra, e se mantiveram calados por todo o trajeto.

Chegando ao destino, o retiraram da van e entraram no acreditava ser um prédio, depois um corredor e em seguida, um elevador.

Chegou a um local na qual já havia sentido aquele odor pungente e repugnante de sangue, além de feromônios desagradáveis.

Caminhou calmamente seguindo os homens até um recinto. Chegando ao local, retiraram seu capuz e soltaram suas mãos, e logo se retiraram fechando a porta atrás e si.

Uma nuvem de feromônios densos e furiosos preenchiam o ambiente, enquanto um alpha alto e bruto apertou algo como um controle remoto que, pelo que entendeu, travou a porta remotamente.

De terno cinza alinhado, cabelos e olhos pretos e semblante pesado, Paul Norman o olhava fixamente.

Definitivamente, algo de muito ruim estava a sua espera e ele tinha apenas alguns segundos para decidir sobre como deveria fazer para sair dali.

- Você, foi realmente difícil... – falou o homem andando de um lado para o outro.

- ...

“Não importa como entrei aqui, mas a forma na qual vou sair pode me incriminar, não importa o que eu faça...”, refletia Solie, reconhecendo a desvantagem, perante o alpha a sua frente que detia poder e dinheiro suficientes para complica-lo para o resto da vida, ainda que fosse um caso de auto defesa.

“O que devo fazer? Qualquer marca de luta que eu deixe nele, pode virar uma prova contra mim, então, lutar não é uma opção...”, refletia olhando a sua volta buscando soluções.

“O melhor seria a janela. Não há como incriminar um ômega que se joga da janela, qualquer um entenderia ser um caso de fuga e desespero, mas, não trouxe nada para me prender...”. Uma miríade de pensamentos e possibilidades se contorciam em sua mente naqueles milionésimos de segundos.

“É muito alto, só vou conseguir morrer se me jogar daqui...”.

A única solução era... Um único golpe, certo, direto, nocauteante e sem vestígios.

.
.

Um de seus homens foi a encontro de Ricardo, lhe entregou uma moto e logo ele estava a caminho do local, manobrando freneticamente entre os veículos.

Logo atrás em seu encalço estava Bae, correndo para acompanhá-lo enquanto ligava para Carlos.

Ao chegar no local, avistou a van parada na porta dos fundos do prédio e seus homens logo atrás.

Entrou pelo local indicado por Tom com seus homens a frente, abrindo caminho pelos corredores.

Chegou ao saguão por uma entrada que dava ao lado de um elevador exclusivo. Segundo o homem que interrogaram rapidamente, foi por ali que levaram Solie.

- Esvazie o saguão! - gritou para Tom e seus homens.

- Mas e os seguranças do prédio, senhor?

Olhou o entorno e constatou uma horda de seguranças vindo ao seu encontro.

Furioso, caminhou a passos largos aspergindo grande quantidade de feromônios opressores,

enquanto ordenava:

- Saiam daqui agora!

- Você não pode ent… Ah!!! - gritou o segurança chefe, tentando impedi-lo, para logo se contorcer de dor.

Em agonia os homens deram passos para trás, com medo de serem lobotomizados.

- Lide com eles! - ordenou Ricardo para Tom que estava a distância, tapando o nariz, a fim de se proteger da nuvem furiosa.

Foi para elevador.

.
.

Sem uma única palavra, Solie correu ganhando velocidade em direção ao alpha, que o acertava com ondas de feromônios, focado em estimular sua excitação e cio.

Não podia perder nem mais um segundo, ainda que tivesse tomado inibidor, aquela densidade de feromônios logo o afetariam.

Sem que o alpha esperasse qualquer reação do ômega, se lançou num salto, girou, caindo atrás do homem e golpeou sua glândula com a ponta do cotovelo, a atingindo profundamente, fazendo com que o alpha desmoronasse instantaneamente.

Pegou o controle e destravou a porta.

- Seu filho da puta! – grunhiu o alpha ajoelhado, ainda sentindo a dor alucinante do golpe.

Rapidamente se encaminhou para a saída, antes que o homem pudesse se recompor e detê-lo.

Abriu a porta e...

- Ricardo?! – se espantou ao dar de cara com o alpha.

- Vá embora! Bae está embaixo te esperando! – falou o alpha adentrando a sala raivosamente.

- Mas... – falou Solie atordoado.

- Só vai... Falamos depois – falou e fechou a porta na frente do ômega.

Raivoso, soltou uma onda de feromônios furiosos em direção ao alpha ainda abatido.

- Seu bastardo! – xingou Ricardo.

- Quem é você??? – perguntou Paul com ódio.

- Alguém com quem você não deveria mexer! Ou acha que está acima de toda lei?

- Que lei?

- Aquela que diz, que não se mexe com o ômega de um alpha!!!

- Ele não está marcado, logo, não tem dono! – gritou o homem.

- Ah, entendi, você é daqueles que ainda tem esse pensamento retrógrado de que ômegas são como gado e não pessoas... Então, já que você gosta de marca, vou deixar uma da qual nunca irá se esquecer pelo resto da vida!!!

Descontrolado pelo ódio do alpha, Ricardo direcionou seus feromônios dominantes, fazendo o homem que tentava se levantar e reagir, se contorcer em dor, enquanto seu cérebro derretia.

- Aaaaaaaaaaaahhhhhhhhhh!!!! Se-seu desgraçado!!! – grunhiu Paul, babando enquanto sentia sua mente perder a razão.
Seus neurônios tinham virado uma bagunça desordenada, enquanto seu sistema nervoso entrou em colapso, o levando a urinar e excretar como reação.

Se hesitar, Ricardo deu vasão à sua besta. Aquele aspecto de si mesmo completamente impiedoso e implacável. E mais uma vez, sua consciência estava livre de culpa ou remorso por inutilizar mais alpha repugnante daquela Sociedade que, com muito custo, tentava se harmonizar.

===
Esse era originalmente o roteiro do Capítulo de Luta.
Mas, depois de fazê-lo, resolvi implementar a ideia da Organização Secreta Ômega, dando ênfase e protagonismo à Solie.

Extra 2 - Ricardo e suas Comprinhas

Era estranho não ter nada para fazer. Há quase cinco anos, desde que entrou na empresa, Ricardo nunca havia tirado férias.

Há três dias estava em casa. Sem saber o que fazer ou qual caminho tomar, estava perdido dentro da própria decisão de abandonar seu emprego e clientes.

O que devia fazer? Dar prosseguimento ao seu projeto de Investimento solo? Abrir uma empresa ele mesmo, começando tudo do zero? Estudar uma das muitas propostas recebidas?

Não sabia o quê fazer, nem o quê queria fazer…

Em meio a tantas dúvidas, se contorcia num alto grau de impaciência, devido ao acúmulo de feromônios. Diante da quantidade de problemas dos últimos dias, não teve espaço para pensar em transar novamente, após o rut.

Fora o fato que, a possibilidade de passar a noite com alguém indesejado mais uma vez, o assombrava em um nível subconsciente.

Mesmo sentindo a necessidade latente, também não estava disposto a chamar alguém da agência para se aliviar.

Lembrando agora, tinha gostado da dinâmica de gastar energia e em seguida se masturbar. Se sentiu leve e equilibrado naquela noite, antes dos acontecimentos desagradáveis.

Sendo assim, por que não tentar e quem sabe até incrementar?

Deitado na cama refletindo sobre como proceder, decidiu levantar, trocar de roupa e procurar um lugar especializado em “brinquedos”.

Já que ia se masturbar com mais frequência, por que não tentar coisas novas?

Fez uma pesquisa sobre estabelecimentos não tão próximos, tinha receio de ser visto ou encontrar alguém conhecido.

Pegou seu carro e foi para um bairro vizinho.

Escolheu um estabelecimento que disponibilizava cabines exclusivas para os clientes. Não queria dar de cara com outras pessoas dentro do local. Afinal, era sua primeira vez fazendo aquele tipo de compra.

Escolheu uma sex shop dentro de um shopping.

De boné e máscara, entrou quase que disfarçado na loja.

- Boa tarde senhor, no que posso ajudá-lo? - falou a atendente de forma simpática.

- Quero conhecer os produtos. Vocês têm cabine exclusiva, certo? - perguntou a fim de se certificar.

- Sim, por gentileza, me siga - e assim, a moça simpática de cabelo colorido, o direcionou a um local fechado - Qual produto é do seu interesse? - falou mostrando um sofá confortável localizado no fundo da sala, para que ele se acomodasse.

Na frente do sofá, havia uma espécie de painel.

- Masturbadores? - falou baixo, meio inseguro sobre a nomenclatura adequada.

- Ah sim, um momento - com um controle remoto, a moça apertou alguns botões e logo o painel se acendeu, mostrando uma enorme variedade de imagens - O senhor sabe qual tipo mais lhe agrada? Simples, eletrônicos, com vibra, com formato de genitais femininos ou masculinos…

- Simples… - respondeu rápido, a fim de diminuir o próprio constrangimento.

- Certo… - respondeu selecionando uma das categorias na tela - Temos os de silicone com ou sem textura interna.

- O que é textura interna? - perguntou.

Surpresa com a pergunta, a atendente logo compreendeu que aquela era a primeira vez do homem, num local como aquele.

- Dentro do tubo de silicone, existem texturas em formatos que aumentam a sensibilidade, criando uma sensação de penetração mais próxima do ato real.

- Ah, entendo - respondeu refletindo - Posso vê-los?

- Claro! - selecionou na tela alguns modelos e momentos depois, eles estavam disponíveis num compartimento lateral - Aqui… tem os transparentes e os de cor dos dois tipos. Ah, o senhor vai precisar de lubrificantes, fica mais confortável usá-los dessa forma.

- E quais você tem? - perguntou constrangido, pela alusão da atendente ao seu uso.

Mais uma vez mudou a tela no painel, exibindo os itens.

- A base de água, a base de silicone, com sensações de quente ou frio, com sabores…

- Quero um de cada, com exceção dos de sabores - respondeu escolhendo todos, já que não sabia qual lhe agradaria, devido à falta de experiência.

Só conhecia os a base de água, pois sempre os usava quando tinha relações com companheiras betas.

- Ok, vou separar - falou anotando em seu tablet - Ah, também temos masturbadores em formato de ovo - falou já solicitando o item, pois tinha certeza da ignorância do homem em relação àquela categoria - Já solicitei para que possa ver.

Enquanto isso, Ricardo via com as mãos os itens dispostos à sua frente.

Era estranho. Apertou o item de silicone. Era mole. Colocou o dedo dentro, para experimentar a tal textura e logo se questionou sobre o tamanho da coisa, porém, não tinha coragem de perguntar à moça, se aquilo lhe caberia ou se haviam tamanhos específicos.

Como em local nenhum mencionava sobre essa particularidade, concluiu ser tamanho único.

Mais estranho ainda, era se imaginar inserindo o próprio pênis naquele objeto estranho.

Se sentindo patético, conscientemente afastou o auto julgamento, já que ele mesmo tinha se

proposto inovar, deixando o preconceito de lado.

Pegou outro item à sua frente, que tinha aspecto de um aparelho.

- Ah, desculpe, o senhor pediu o somente os do tipo simples, mas esse tem função vibratória com velocidades.

- Ele vibra no ato? - perguntou sem entender como acontecia.

- Sim… Com licença - falou a atendente, pegando o item de sua mão e apertando o botão lateral - Aqui… - mostrou a graduação no aparelho que agora fazia um barulho estranho - O senhor pode escolher qual nível de vibração mais lhe agrada.

- E não tem risco de levar choque na hora? - indagou assustado.

Contendo o próprio riso, para não deixar o cliente ainda mais constrangido diante da própria ignorância, respondeu de forma séria, sucinta e educada.

- Não há esse perigo. Todos os aparelhos passam por um longo período de testes, a fim de oferecer segurança para os clientes.

Se sentiu ainda mais patético, pelo total desconhecimento daquele universo. Onde sua mente estava até hoje, que nunca tinha tido sequer a curiosidade em saber sobre?

- Hum… Ok - respondeu ainda observando o objeto com curiosidade.

- Senhor, dos masturbares simples, temos os fechados e os abertos - falou mostrando a diferença.

- Entendo… - mas, de fato não tinha entendido.

Por que um era aberto e outro fechado, por que da diferença?

- Vou querer os dois… - respondeu, já que não tinha cara de perguntar. Iria experimentar por si mesmo e descobrir.

- Ok… - Anotou no tablet e em seguida pegou o “ovo” - Aqui… Essa é uma outra versão de masturbador em formato de ovo.

Esse item deixou Ricardo ainda mais cabreiro, pois não entendia como seu pênis largo e avantajado, caberia naquele objeto minúsculo.

- Existem várias cores e também têm textura interna.

- Só muda a cor?

- Sim.

- Ok, vou querer um desse - também não ia perguntar sobre aquele.

- Ah, senhor, há um masturbador que vem com vários tipos de texturas internas, onde o senhor pode escolher a que mais lhe agrada, de acordo com o uso… Posso solicitar para que conheça?

- Sim…

E mais uma vez o compartimento sinalizou a disponibilidade do item, que era muito parecido

com o masturbador que vibrava.

- Esse também vibra, além das texturas? - perguntou em dúvida.

- Sim, a vibração aumenta bastante a sensação de prazer - respondeu de forma simpática ao novato no mundo dos brinquedos.

- Vou levar…

- E em formato de genitais? Eles são ótimos e vendem muito! - sugeriu a moça.

- Posso somente conhecer? Não tenho intenção em comprar.

- Claro… Qual prefere? Vagina, ânus, os dois? Só o genital ou a peça com nádegas?

Eram muitas perguntas, e todas absolutamente constrangedoras para Ricardo.

- Urum… Só quero conhecer, pode ser qualquer um…

- Ok, vou pedir um de cada.

Chegados os itens, Ricardo ficou chocado com os formatos e texturas das peças que pretendiam fazer jus a coisa real.

Apertava e esticava os objetos, desacreditando que as pessoas fossem capazes de sentir prazer usando aquilo. Se sentiu inadequadamente preconceituoso e limitado.

Já a atendente o observava encantada com a beleza do homem, tal como seu explícito desconhecimento. Como era possível um homem lindo como aquele, nunca ter tido contato com nenhum daqueles itens?

Mantendo seu profissionalismo, guardou seus pensamentos para si, dando prosseguimento ao atendimento.

- Acho que o senhor não gostou? - perguntou.

- Realmente só queria saber como é. Obrigada - respondeu devolvendo os objetos. Já os tinha explorado o suficiente.

- Hummm… Posso sugerir algo? - perguntou solícita.

- Por favor…

- Tudo bem. Senhor, há um anel com vibra que é colocado perto da glande, que é muito solicitado pelos nossos clientes, deseja ver?

- …

“Anel na glande? Que vibra na glande? Mas como movimento com algo preso na glande?”, pensava suas inúmeras dúvidas, mas ainda sem coragem suficiente para perguntar.

- Ok…

E assim, Ricardo comprou uma grande quantidade de masturbares simples do tipo aberto e fechado, com função vibratória, lubrificantes, anel com efeito vibratório e até máscara, chicote e

algemas.

Tudo por que, diante do próprio desconhecimento, seguiu as sugestões da atendente e já que não conhecia nada, comprou todos para experimentá-los.

- Só mais uma coisa - falou antes de fechar a conta - Vocês têm velas aromáticas?

- Temos velas de todos os tipos: aromáticas, comestíveis e para brincadeiras BDSM.

- Só aromática… Com aroma de Flores do Campo…

- Sim, temos.

- Quero umas cinco unidades...

Entrou em casa com uma caixa enorme a tiracolo.

Chegando em seu closet, uma grande questão se fez presente: onde guardar tudo aquilo para que ninguém achasse?

Eventualmente, Bae acessava seu armário para pegar mudas de roupas quando necessário, até mesmo Carlos já tinha ido para socorrê-lo.

Não queria que os outros achassem seu arsenal de brinquedos. Não estava disposto a lidar com a chacota de seu amigo advogado, nem com a expressão espantada de Bae.

Então, onde guardar? Numa gaveta, tal como Solie fazia? Não, fácil de achar. No fundo do armário? Não, só de olhar, chamava a atenção e estimulava a curiosidade. Dentro do cofre? Era um pouco demais!

“Ah! Depois vejo isso!”, decidiu cansado, incapaz de pensar num local adequado.

Abriu a caixa e escolheu o item mais simples de todos: o masturbador de silicone, transparente e aberto.

- Vamos ver como é isso! - falou entusiasmado.

Procurou um dos muitos lubrificantes. O mais simples, à prova d’água.

Arrancou a roupa, tomou um banho e levou o masturbador junto para higienizá-lo, sabe-se lá quem havia pego naquilo.

Acendeu a vala aromática, colocou seu pijama confortável e deitou na cama, trazendo os itens consigo.

Emplastacou a mão de lubrificante e espalhou ao longo do próprio pênis, já duro.

Só a sensação do lubrificante gelado, associado ao fácil deslizamento, já o deixou mais excitado.

Encaixou o objeto de silicone, que cobriu metade do membro e começou um leve vai e vem explorando a sensação das texturas. Era uma experiência diferente, única e muito prazerosa, que foi se intensificando conforme o ritmo e a pressão de sua mão aumentavam.

Como não tinha tido relação sexual há quase uma semana, não demorou muito para chegar num

orgasmo intenso e libertador.

- Uau! Isso é bom! - falou em voz alta, ofegante diante das novas sensações.

E assim, ao longo daquela semana, fugindo da ideia de ter que tomar uma decisão sobre seu trabalho, se masturbou todos os dias.

Na verdade, foram mais de duas vezes por dia, enquanto liberava nuvens intensas de feromônios, sempre trocando os itens, experimentando lubrificantes quentes e frios, adotando a função vibratória como sua preferida naquele arsenal de auto estimulação.

De uma forma estranha e prazerosa, estava satisfeito consigo mesmo, já que havia enfim entendido sobre o valor de se dar prazer.

- Quero ver, quem você vai chamar de sexualmente limitado agora! - falou para si mesmo, se sentindo liberto e muito moderno, em alusão ao que seu amigo Carlos havia dito tempos atrás.

Extra 3 - Um dia antes do Casamento…

Tendo ficado mais de uma semana ausente do escritório, muito havia se acumulado, mesmo Bae resolvendo a maioria das situações urgentes.

Depois de dois dias intensos de trabalho árduo para colocar tudo em dia, Ricardo estava exausto e, por volta das 14 horas da quinta-feira, um dia antes do casamento, resolveu encerrar o expediente para descansar e se preparar para o dia seguinte. Queria banho e cama.

Entrou em casa e foi recebido por um delicioso aroma e uma música ambiente que ele não sabia bem distinguir qual era a cantora, mas o ritmo era um soul (ﷺ Sabrina Claudio - Stand Still ﷺ) que ele gostava. Vinha de cima do quarto de Solie.

“Melhor avisar que cheguei”, decidiu.

- Solie! - gritou na porta do quarto do ômega que estava aberta - Solie! - gritou novamente.

- Pode entrar! - respondeu lá de dentro.

- Podemos falar?

- O quê?

Resolveu entrar porque entendeu que ele não escutava nada do que dizia.
Pôde perceber agora que o aroma que sentia quando passava em frente ao seu quarto, era algo que vinha de um difusor de ambientes. Solie estava no banheiro que ficava à direita da porta de entrada, logo após o closet.

Foi entrando devagar até chegar ao espaço interno, quando de repente se deparou com Solie, somente de roupa íntima e com a cabeça toda marrom. Não era uma cueca box ou outra roupa mais composta, mas sim, algo como uma calcinha cavada que deixava suas belas nádegas de fora. E além disso, pode ver seus mamilos sobressaltados e pontiagudos, que eram indecentemente belos.

Numa mão, o ômega calçava uma luva transparente e na outra segurava um pincel embebido do que parecia ser tinta de cabelo.

Era a primeira vez que via Solie praticamente nu.

Ao se deparar com a visão, imediatamente Ricardo virou de costas, procurando não olhar, buscando a parede de fora.

- Meu Deus! Por que você não vai ao salão como as outras pessoas?! Não lhe falta dinheiro para isso!

- Isso não é uma questão de dinheiro!

- Então, qual é? Porque não consigo entender…

- Eu gosto dos rituais que crio para mim. E você, porque está se escondendo?

- Por que você está só de calcinha ou sei lá o que é isso!

- E daí?! Quem deveria se esconder seria eu, mas não tenho vergonha do meu corpo e além do

mais, vamos nos casar. Não acha importante nos acostumarmos com a nudez um do outro?

- Não dessa forma - respondeu Ricardo desconcertado.

A imagem das nádegas e mamilos do ômega, agora estavam em sua memória.

- Que forma pensa que é? Moramos na mesma casa e a intimidade é algo natural. Não tenho vergonha de você, aliás, não tenho vergonha.

Isso era meio verdade, meio mentira. Sim, Solie era tranquilo com seu corpo, mas ainda estremecia ao imaginar o corpo nu do alpha. E havia a expectativa sobre como reagiria, quando ou se isso acontecesse.

Já Ricardo, não esperava por aquilo, como também não esperava pela própria reação. Saiu de trás da parede e continuou a conversa, e num processo automático e natural, olhou o corpo do outro atentamente e sem pudor.

- Queria lhe falar.

- Diga! - respondeu Solie ainda fazendo retoques na raiz dos cabelos, dando um sorriso de consentimento através do espelho para que ele continuasse.

- Acho que mês que vem, ou melhor, início do mês que vem, temos um cocktail para ir.
- Ok. me avise a data certa depois.

- Tá certo - e já se virando pra sair, resolveu voltar e perguntar - Por que mesmo você gosta de fazer isso em casa?

- Pelo ritual de cuidado que crio comigo.

- Muitos gostam disso?

- Nem todos, a maioria não. É mais prático ir ao salão. Eu também gosto de ir ao salão, mas só para algumas coisas.

- Hum…

- É tão escandaloso eu fazer isso?

- Não sei. É algo que não esperava testemunhar, achei que 100% das pessoas prefeririam os salões.

- Nada é 100% e ainda mais quando se trata de seres humanos.

- É... pode ser - respondeu ele, se apressando em deixar o recinto.

Por mais que achasse estranho e invasivo, Solie tinha razão, era importante se acostumarem com a intimidade de ambos.

Na verdade, era algo inevitável.

Ufa!

Chegamos no Fim da Primeira Temporada!

Espero realmente que tenha se divertido com

Mais um Clichê de Omegaverse...

Só que Não!

Nos vemos na Segunda Temporada
com novas dinâmicas e tretas!

Obrigada por chegar até aqui!

Forte abraço!

Nick Blezeira